

CENTAUR

JÚLIO VERNE

Miguel Strogoff

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JULES VERNE

(1828-1905)

Michel Strogoff

Título original francês
MICHEL STROGOFF

1876

Júlio Verne

MIGUEL STROGOFF

Título original: *Michel Strogoff* (1876)
Tradução: Pedro Vidoeira (1834-1917)
2013 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE — O CORREIO DO CZAR

- Capítulo I — Um baile na Corte
- Capítulo II — Russos e tártaros
- Capítulo III — Miguel Strogoff
- Capítulo IV — De Moscovo a Nijni-Novgorod
- Capítulo V — Laconismo de um Edital
- Capítulo VI — Irmão e irmã
- Capítulo VII — A bordo do Cáucaso
- Capítulo VIII — A narração de Nadia
- Capítulo IX — A caminho da Sibéria
- Capítulo X — A trovoada
- Capítulo XI — Encontros imprevistos
- Capítulo XII — Uma provocação
- Capítulo XIII — O dever acima de tudo
- Capítulo XIV — Coração de mãe
- Capítulo XV — Sempre a galope!
- Capítulo XVI — Um derradeiro esforço
- Capítulo XVII — Versículos e canções

SEGUNDA PARTE — A INVASÃO

- Capítulo I — Um acampamento tártaro
- Capítulo II — Ivan Ogareff
- Capítulo III — As duas cativas
- Capítulo IV — Pena de Talião
- Capítulo V — O princípio da festa
- Capítulo VI — A sentença do Emir
- Capítulo VII — Um protetor inesperado
- Capítulo VIII — A passagem do Yenesei
- Capítulo IX — As apreensões de Nicolau
- Capítulo X — Um mártir da invasão
- Capítulo XI — A jangada
- Capítulo XII — Perigos e sobressaltos
- Capítulo XIII — Irkutsk
- Capítulo XIV — Um correio do Czar
- Capítulo XV — O prémio da traição
- Capítulo XVI — Conclusão

NOTAS

PRIMEIRA PARTE — O CORREIO DO CZAR

Capítulo I — Um baile na Corte

— Sire, um novo despacho.

— De que ponto?

— De Tomsk.

— O telégrafo já não trabalha para além dessa cidade?

— Desde ontem que está cortado, Sire.

— General, faça expedir telegramas para Tomsk de hora a hora e dê-me conta do que suceder.

— Assim se fará, Sire — respondeu o general Kissoff.

Eram duas horas da manhã quando, no meio da maior animação de um baile, se trocavam estas rápidas palavras.

Durante toda a noite as bandas dos regimentos de Preobrajensky e de Paulowsky não tinham cessado um instante de tocar o seu vasto repertório de polcas, valsas, mazurcas e scottischs. Nas salas, de uma riqueza oriental, sucediam-se e multiplicavam-se os grupos dos convidados.

O baile realizava-se no Palácio Novo, construído a curta distância da “velha casa de pedras” onde tantos dramas tenebrosos se tinham consumado noutros tempos.

O grão-marechal da corte não deixara de ter quem o auxiliasse no desempenho das suas elevadas funções. Os grãos-duques e seus ajudantes de campo, os camaristas e os oficiais-mores caprichavam em assistir pessoalmente à organização das quadrilhas. As grãs-duquesas, resplendentes de diamantes, e as damas da corte, com os seus trajos de gala, davam com desenvoltura o exemplo a todas as senhoras dos altos funcionários civis e militares, pertencentes à antiga “cidade de pedra branca”.

Por isso, quando chegou o momento de se dançar a polaca, era indescritível o efeito produzido por este passeio cadenciado, que nos atos solenes assume as

proporções de uma dança nacional. A agradável confusão de tantos uniformes aparatosos, de tantos vestidos de cauda e de tantas joias de preço formava um vistoso caleidoscópio, a que davam maior realce os lumes de cem lustres refletidos nos espelhos.

Era deslumbrante o quadro! O salão nobre por onde deslizavam os pares — o mais sumptuoso de todos os que há no Palácio Novo — servia admiravelmente de moldura a este cortejo de príncipes, embaixadores e damas vestidas com a mais assombrosa opulência. O seu riquíssimo teto, já com as douraduras suavizadas pela ação do tempo, parecia como que estrelado de palhetas luminosas. As cortinas e os reposteiros de brocado purpuravam-se dos tons quentes que as fartas pregas deste pesadíssimo estofo produziam.

A luz, coada pelos vidros, projetava-se como um reflexo de incêndio que viesse perturbar a profundidade da treva. Este contraste era tão intenso que atraía as atenções dos convidados que não dançavam. Se alguns deles se aproximavam das janelas, podiam distinguir ao longe, confusamente esfumadas na sombra, as torres das igrejas, destacando-se aqui e acolá os seus aprumados perfis. Se olhavam para baixo, viam, perpassando em silêncio e com a espingarda horizontalmente deitada sobre o ombro, as numerosas sentinelas, em cujos capacetes pontiagudos oscilavam como chispas as reverberações de milhares de luzes. Ouviam também o sussurro das patrulhas marcando melhor o passo sobre os passeios de laje que os pares, à mesma hora, sobre o pavimento das salas. De vez em quando, a voz das sentinelas, repetindo o grito de alerta, e o som longínquo do clarim, preludiando o toque da alvorada, vinham contrapor a sua nota aguda às doces harmonias das músicas festivas.

Em frente da fachada principal divisavam-se ainda outras massas escuras, tocadas levemente pelos cones luminosos que as janelas do Palácio Novo projetavam. Eram barcas voando ao sabor da corrente de um rio cujas águas, batidas pela frouxa luz de alguns candeeiros, vinham brandamente espreguiçar-se sob as muralhas do cais.

A principal personagem do baile, aquele que oferecera a festa e que o general

Kissoff designara por um tratamento só concedido a monarcas, trajava simplesmente um uniforme de oficial de caçadores da Guarda.

Não se apresentava assim por cálculo, mas por hábito de quem tinha em pouca monta a satisfação da própria vaidade. A sua farda contrastava com as fardas agaloadas dos que o cercavam, e esta simplicidade era raro desampará-lo, mesmo quando aparecia entre a sua escolta de georgianos, cossacos e lésguios, garbosos esquadrões sempre fardados com os mais belos uniformes do Cáucaso.

Este oficial de caçadores da Guarda, de estatura elevada, ar afável e fisionomia tranquila, se bem que pensativa, passava de um para outro grupo, falando pouco, parecendo reparar nas expansões ruidosas de muitos dos seus jovens convidados e nas frases palacianas dos diferentes diplomatas que representavam junto dele os principais estados da Europa. Somente dois ou três perspicazes homens políticos — fisionomistas por experiência — poderiam ter notado sobre a fronte do seu anfitrião alguns sintomas de estranho desassossego, mas nenhum se atrevia a interrogá-lo a tal respeito. Era manifesto que o oficial dos caçadores da Guarda não queria perturbar o baile com as suas íntimas preocupações, e, como ele fosse um desses poucos soberanos a cuja vontade todos se têm habituado a obedecer, os pares continuavam a doidejar nas salas, sem que as músicas afrouxassem as alegrias da festa.

Entretanto, o general Kissoff esperava que o oficial de caçadores da Guarda a quem entregara o despacho expedido de Tomsk lhe desse as suas últimas ordens.

Este, porém, continuava silencioso. Tinha aberto o telegrama e lera-o — e a sua fronte alta ainda mais se ensombrara depois da leitura. Chegou mesmo a levar maquinalmente a mão aos copos da espada, mas, levantando-a de pronto, tapara com ela os olhos um momento. Dir-se-ia que o brilho de tantas luzes lhe feria a vista e que procurava a obscuridade para melhor concentrar as suas ideias.

— É então verdade — disse ele, depois de ter conduzido o general Kissoff para o vão de uma janela —, que desde ontem não podemos corresponder-nos com o grão-duque meu irmão?

— É verdade, Sire, e chega a recear-se que dentro em pouco os despachos

não possam ir além da fronteira da Sibéria.

— Mas as tropas das províncias do Amur, de Yakutsk e da Transbaicál receberam ordem para marchar imediatamente sobre Irkutsk?

— Receberam, Sire. Foram prevenidas pelo último telegrama que se expediu em direção ao lago Baical.

— E conservamos ainda, como desde o começo da invasão, as nossas comunicações diretas com os governos do Yeniseisk, de Omsk, de Semipalatinsk e de Tobolsk?

— Todos esses governos têm recebido até agora os nossos despachos, e sabemos que, por enquanto, os tártaros ainda não avançaram além dos rios Irtyche e Obi.

— E que se sabe do traidor Ivan Ogareff?

— Nada, Sire — respondeu o general Kissoff. — O diretor da polícia não se atreve a afirmar se ele passou ou não a fronteira.

— Que sejam imediatamente enviados os seus sinais a Nijni-Novgorod, a Perm, a Ekaterinburgo, a Kassimow, a Tiumen, a Ichim, a Omsk, a Elamsk, a Kolyvan, a Tomsk, enfim, a todas as estações telegráficas onde o serviço ainda não esteja interrompido.

— Vão ser cumpridas as ordens de Vossa Majestade — respondeu o general Kissoff.

— Nem uma palavra a este respeito.

O general, fazendo um gesto de respeitosa aquiescência, afastou-se do seu interlocutor, confundindo-se por entre a multidão e desaparecendo rapidamente, sem que a sua ausência fosse notada.

O oficial de caçadores da Guarda, esse ficou ainda ali, absorto por alguns instantes, e quando voltou às salas, onde os militares e os políticos formavam diversos grupos, o seu rosto já tinha recuperado toda a serenidade que perdera. Contudo, o acontecimento grave a que aludira o recente e misterioso diálogo não era tão desconhecido como o oficial dos caçadores da Guarda e o general, Kissoff podiam suspeitá-lo. É certo que nada se dizia oficialmente, nem mesmo

oficiosamente, porque as línguas sabiam ser discretas quando não tinham licença para falar, entretanto, alguns homens de estado e alguns membros do corpo diplomático haviam já recebido informações mais ou menos exatas sobre o que se passava além da fronteira. O que, porém, eles só vagamente presumiam, o que eles não se arriscariam a avançar com fundamento, sabiam-no bem de perto — e disso davam testemunho numa conversação em voz baixa — dois modestos convidados, cuja presença neste baile não era assinalada nem por uniformes brilhantes nem pela mais simples condecoração.

Como, por que via e graças a que intervenção estes dois simples mortais se mostravam tão conhecedores de um assunto de que tantos homens importantes só possuíam ligeiras indicações? Ninguém poderia dizê-lo. Teriam eles o dom da presciência ou o dom da previsão? Disporiam, porventura, de algum sexto sentido que lhes permitisse ver além dos limites marcados a todos os olhares do homem? Seriam eles dotados de faro especial para desencantar as notícias de caráter reservado? Não faltavam realmente motivos para admitir semelhante hipótese.

Um destes homens era inglês, o outro francês, ambos altos e magros. O primeiro, ruivo como um gentleman do Lancashire, o segundo, moreno como um autêntico filho da Provença: O anglo-normando, frio, compassado, fleumático, sóbrio de gestos e palavras, parecia que só falava e gesticulava sob a pressão de alguma mola oculta. O galo-romano, pelo contrário, vivo, alegre, impetuoso, falava ao mesmo tempo com os olhos, com as mãos e com a boca, e tinha vinte maneiras de exprimir uma ideia, enquanto o seu companheiro só tinha uma, invariavelmente estereotipada no seu cérebro.

Estas desigualdades físicas teriam facilmente dado na vista do mais vulgar observador, mas um fisionomista que examinasse com atenção os dois estrangeiros acabaria por determinar o contraste fisiológico que os caracterizava, dizendo que se o francês era todo olhos, o inglês era todo ouvidos. De facto, o aparelho ótico do primeiro estava extraordinariamente aperfeiçoado pelo exercício.

Nele a sensibilidade da retina devia ser tão instantânea como a de certos prestidigitadores, que reconhecem uma determinada carta simplesmente por um rápido movimento do baralho, ou por qualquer outro sinal impercetível a todos que o observam. Este francês tinha, pois, desenvolvido em extremo o que se chama vulgarmente “a memória visual”.

O inglês, pelo contrário, parecia especialmente organizado para ouvir e compreender. Quando o seu aparelho auditivo era ferido pelo som de uma voz, podiam passar-se dez ou vinte anos depois disso que ele iria sem esforço reconhecer entre mil aquele som. As suas orelhas não tinham decerto a facilidade de se mover como as dos animais que dispõem de grandes pavilhões auditivos, mas, visto alguns homens de ciência já terem assentado que as orelhas humanas não são “totalmente imóveis”, era então lícito supor que as orelhas deste inglês, dobrando-se, torcendo-se e retesando-se simultaneamente, Pudessem absorver todos os sons, embora o meio para isso empregado fosse desconhecido dos naturalistas.

Convém notar que a perfeição da vista e do ouvido nestes dois homens auxiliava-os maravilhosamente nas suas ocupações, porque o inglês era correspondente do Daily Telegraph e o francês do... De que jornal ou de que jornais não o dizia ele, e, se alguém lho perguntava, respondia sempre, gracejando, que se correspondia com «sua prima Madalena». De resto, era muito fino e perspicaz este francês, mau-grado a sua aparência despreocupada. Falando atrevidamente a torto e a direito — talvez para assim poder melhor chegar aos seus fins —, nem por isso era capaz de dizer o que não queria. A sua própria loquacidade servia-lhe para se calar, e sabia ser mais discreto e reservado que o seu colega do Daily Telegraph.

E se eles assistiam a este baile, na noite de 15 para 16 de julho, era na sua qualidade de jornalistas e para maior edificação dos seus leitores.

Escusado será dizer que estes dois homens tinham verdadeiro amor pela sua profissão, que exultavam de alegria quando se viam obrigados a seguir o rasto de algum acontecimento importante, que nada os assustava para atingirem os seus

objetivos e que possuíam o imperturbável sangue-frio e a necessária tenacidade que devem ser o apanágio de um correspondente de jornal. Verdadeiros jóqueis deste novo *steeple-chase* — uma caça à informação —, galgavam as sebes, atravessavam as valas, saltavam as barreiras com o incomparável ardor desses cavaleiros entusiastas que desejam a todo o transe, nas corridas em que participam, chegar em primeiro lugar ou então morrer.

Além disso, as empresas dos seus jornais não lhes regateavam o dinheiro — o melhor, o mais rápido e o mais perfeito elemento de informações que se conhece. Deve-se ainda acrescentar, em homenagem aos seus sentimentos de delicadeza, que ambos respeitavam a intimidade do lar e que só se punham em campo quando se tratava de descobrir o fim intrincado de algum sucesso político ou social. Numa palavra, eram dois correspondentes aperfeiçoados, como os que modernamente se encontram, quer nas grandes capitais, quer nos grandes acampamentos.

Observando-os miudamente, apenas se lhes poderia notar uma singular maneira de encarar os factos e as suas consequências, por serem diferentes em ambos as qualidades de ver e apreciar.

Entretanto, como se não poupavam às mais espinhosas diligências para se tornarem dignos da confiança dos seus jornais, seria injustiça verdadeira não lhes aplaudir as respetivas aptidões.

Chamava-se Alcide Jolivet o correspondente francês. Harry Blount era o nome do correspondente inglês: Acabavam de se encontrar pela primeira vez num baile, cujos pormenores estavam encarregados de enviar às suas redações. A dissemelhança de caráter, aliada a uma certa rivalidade de profissão, devia torná-los pouco simpáticos um ao outro. Não sucedera assim, tinham até procurado aproximar-se para trocarem impressões sobre os acontecimentos do dia: Eram dois caçadores que caçavam sobre o mesmo terreno, empregando as mesmas armas. O que faltava a um podia ser vantajosamente compensado pelo outro, e o Próprio interesse lhes segredava que se pusessem de acordo.

Neste baile andavam ambos em observação. E havia motivos para isso.

Os dois correspondentes tinham, pois, começado a conversar, apenas se retirara o general Kissoff, se bem que, de parte a parte, com estudada reserva.

— Está animadíssimo o baile — disse com amabilidade Alcide Jolivet, encetando o diálogo por meio desta frase banal.

— Já telegrafei: «esplêndido!» — respondeu laconicamente Harry Blount, empregando este adjetivo especialmente consagrado para exprimir a admiração de todo o legítimo filho do Reino Unido.

— Contudo — acrescentou Alcide Jolivet —, julguei conveniente indicar a minha prima...

— Sua prima? — repetiu Harry Blount com ar de surpresa, interrompendo o seu colega.

— Sim — replicou Alcide Jolivet —, minha prima Madalena. É com ela que me correspondo pelo telégrafo.

A boa da senhora interessa-se muito por ser bem informada e depressa!... Como ia dizendo, julguei conveniente indicar-lhe que durante o baile a fisionomia do monarca parecia obscurecida por uma espécie de inquietação.

— Pela minha parte achei-o radiante — respondeu Harry Blount, que pretendia talvez ocultar a este respeito a sua verdadeira opinião.

— E naturalmente fê-lo também “radiar” nas colunas do “Daily Telegraph”!

— Decerto.

— Está lembrado, Sr. Blount — disse Alcide Jolivet —, do que se passou em Zakret em 1812?

— Como se lá tivesse estado — respondeu o correspondente inglês.

— Nesse caso — retorquiu Alcide Jolivet —, não ignora que, no meio de uma festa oferecida ao imperador Alexandre, vieram preveni-lo de que Napoleão acabava de passar o Niémen com a vanguarda do exército francês. O imperador nem por isso deixou a festa, e apesar da gravidade de uma tal notícia, que podia privá-lo de um Império, conservou nas aparências tamanha serenidade...

— Como o oficial que dá este baile quando o general Kissoff lhe veio dizer que estavam cortados os fios do telégrafo entre a fronteira e o governo de

Irkutsk.

— Ah! Então, pelo que vejo, teve notícia desse acontecimento?

— Tive.

— Também eu já o conhecia, visto o meu último telegrama ter ido até Udinsk — replicou Jolivet com certo ar de satisfação.

— E o meu até Krasnoiarsk — respondeu Harry Blount de um modo vitorioso.

— Então sabe também que se enviaram ordens às tropas de Nikolaevsk?

— Sei ainda mais: que os cossacos do governo de Tobolsk foram intimados a concentrar-se.

— Perfeitamente exato, Sr. Blount. Eram-me igualmente conhecidas essas disposições, e tanto assim que a minha adorada prima já deve amanhã estar ao facto delas.

— Como também os leitores do Daily Telegraph, Sr. Jolivet.

— Veja o que é uma pessoa ousar ver o que se passa.

— E ouvir o que se diz.

— Que excelente mina para explorar que se está aqui preparando, Sr. Blount.

— E hei de explorá-la.

— Nesse caso é possível que nos tornemos a encontrar sobre um terreno decerto menos plano que o sobrado destas salas.

— Menos plano, decerto, mas também...

— Menos escorregadio — acrescentou Alcide Jolivet, segurando o seu colega, que ia perdendo o equilíbrio no momento de se voltar.

Em seguida, os dois correspondentes separaram-se, satisfeitos por terem visto que um não excedera o outro.

Efetivamente estavam ambos em igualdade no que dizia respeito a informações.

Neste momento abriram-se de par em par as portas das salas contíguas ao salão nobre. Viram-se então, enfileiradas, extensas mesas, sumptuosamente preparadas para a ceia e profusamente guarnecidas de preciosas porcelanas e de

ricas baixelas de ouro. Na mesa principal, reservada à corte e ao corpo diplomático, refulgia, magnífico, um centro de mesa de valor inestimável, saído das ourivesarias de Londres, e em redor deste primor artístico e opulento brilhavam, à luz dos lustres, as mil diferentes peças do mais admirável, do mais rico serviço de loiça de Sèvres.

Os convidados do Palácio Novo começaram então a dirigir-se para os seus lugares.

Neste mesmo tempo o general Kissoff, que tornara a entrar, aproximou-se novamente do oficial de caçadores da Guarda.

— Que temos? — perguntou-lhe este com mal contida curiosidade.

— Sire, os telegramas já não chegam a Tomsk.

— Um correio, imediatamente!

O oficial deixou o salão nobre e dirigiu-se para um vasto compartimento que lhe ficava próximo. Era o seu gabinete particular de trabalho, situado num dos ângulos do Palácio Novo, guarnecido, com muita simplicidade por uma mobília de carvalho do Norte e apresentando pelas paredes diferentes quadros, em cujo número se contavam algumas telas de Horácio Vernet.

O oficial abriu apressadamente uma janela, como se o oxigénio lhe faltasse nos pulmões, e foi respirar, sobre uma espaçosa varanda, o ar puro daquela linda noite de julho. Lançando os olhos para baixo, viu, banhado pela claridade do luar, um recinto fortificado, no qual se erguiam para o céu duas catedrais, três palácios e um arsenal. Em redor deste recinto desenhavam-se ainda três cidades distintas: Kitai-Gorod, Beloi-Gorod e Zemlianoi-Gorod, formando três imensos bairros povoados de europeus, tártaros ou chineses, a que serviam de remate as torres e os minaretes de trezentas igrejas, com os seus zimbórios verdes sobrepujados por cruzes de prata. Um rio de curso irregular refletia num e noutro ponto os raios da Lua. Todo este conjunto formava um variado mosaico de casas diversamente coloridas que largamente se encaixilhava numa enorme moldura de dez léguas.

Este rio era o Moscova, a cidade era Moscovo, o recinto fortificado era o

Kremlin, e o oficial de caçadores da Guarda que, de braços cruzados e olhar cismador, prestava tão pouca atenção aos ecos daquela festa principesca era o czar de todas as Rússias.

Capítulo II — Russos e tártaros

Se o czar deixara tão inopinadamente as salas do Palácio Novo, quando mais brilhava a festa por ele oferecida à primeira sociedade de Moscovo, é porque se estavam passando grandes acontecimentos além das fronteiras do Ural. Já não restava a menor dúvida: uma tremenda invasão ameaçava subtrair à soberania da Rússia as províncias siberianas.

A Rússia asiática, ou Sibéria, abrangendo uma área de quinhentas e sessenta mil léguas quadradas e contando aproximadamente dois milhões de habitantes, dilata-se desde os montes Urais, que a separam da Rússia europeia, até ao litoral do oceano Pacífico. Ao sul, é o Turquestão e o império chinês que lhe servem de limites, seguindo uma linha de fronteira bastante indeterminada, ao norte, é o oceano Glacial, desde o mar de Kara, até ao estreito de Behring. Divide-se em cinco governos ou províncias, que são Tobolsk, Yeniseisk, Irkutsk, Omsk e Yakutsk, compreende dois distritos: os de Okhotsk e Kamtschatka, e possui dois territórios atualmente sujeitos ao domínio moscovita: o país dos quirguizes e o país dos tchuktchos.

Esta imensa região de estepes, contando mais de cento e dez graus de oeste a leste, é simultaneamente uma terra de deportação para criminosos e um lugar de exílio para aqueles que ucasse imperial sujeitou á expulsão.

Dois governadores-gerais representam neste vasto país a suprema autoridade dos czares. Um reside em Irkutsk, capital da Sibéria oriental, outro em Tobolsk, capital da Sibéria ocidental. O Tchuna, afluente do Yenisei, separa as duas Sibérias.

Nenhum caminho de ferro percorre ainda estas imensas planícies, entre as quais se notam algumas de extrema fertilidade. Nenhuma estrada especial auxilia o trabalho importante das minas, que tornam o solo da Sibéria mais rico nas camadas interiores do que na sua superfície. Em consequência disto, as viagens

ali fazem-se no verão em tarentass[1] e no inverno em trenó.

O único meio de comunicação que reúne as duas fronteiras, oriental e ocidental, é um fio elétrico medindo oito mil verstas de comprimento[2]. Este fio, partindo do rio Ural, passa por Ekaterinburgo, Kassimow, Tiumen, Ichim, Omsk, Elamsk, Kolyvan, Tomsk, Krasnoiarsk, Nijni-Udinsk, Irkutsk, Verkne-Nertschink, Strelink, Albazine, Blagowstenks, Radde, Orlomskaya, Alexandrowtskoe, Nikolaevsk e, pela transmissão de cada palavra até ao seu extremo limite, paga-se seis rublos e dezanove kopeks[3]. De Irkutsk segue uma ramificação deste fio para Kiatka, na fronteira da Mongólia, e dali o correio expede os despachos para Pequim, mediante trinta kopeks por cada palavra.

Era este fio, desde Ekaterinburgo até Nikolaevsk, que fora cortado, primeiramente adiante de Tomsk e algumas horas depois entre Tomsk e Kolyvan.

Aqui está porque o czar, depois da segunda participação que lhe fizera o general Kissoff, só tinha respondido por estas palavras: «Um correio, imediatamente!»

O czar havia alguns instantes que se conservava impassível à janela do seu gabinete, quando um dos guardas levantou o reposteiro para anunciar o grão-mestre da polícia.

— Entre, general — disse o czar com um tom de voz sacudido —, e diga-me o que sabe acerca de Ivan Ogareff.

— É um homem extremamente perigoso, Sire — respondeu o grão-mestre da polícia.

— Não tinha a patente de coronel?

— Tinha, Sire.

— Era oficial inteligente?

— Muito inteligente, mas de um génio indomável e com uma ambição que não recuava diante de nenhum obstáculo. Daí proveio envolver-se em maquinações secretas, que obrigaram Sua Alteza o grão-duque a destituí-lo do

posto que tinha. Pouco depois foi desterrado para a Sibéria.

— Em que época?

— Há dois anos. Seis meses depois do desterro, por graça especial de Vossa Majestade, tornou a entrar na Rússia.

— E desde então nunca mais voltou à Sibéria?

— Voltou, voltou, mas desta vez por vontade própria — respondeu o grão-mestre da polícia.

E acrescentou, baixando um pouco a voz:

— H ouve um tempo, Sire, em que não regressavam da Sibéria aqueles que para lá iam.

— Pois enquanto eu viver a Sibéria é e será sempre um país donde se possa regressar.

O czar estava em condições de poder pronunciar com orgulho estas palavras, porque tinha mostrado muitas vezes, pela sua clemência, que a justiça moscovita sabe perdoar.

O grão-mestre da polícia conservou-se silencioso, mas via-se bem que não era partidário de procedimentos brandos. Segundo a sua opinião, todo o homem que tivesse atravessado os montes Urais entre uma escolta de soldados não devia tornar a transpô-los. Não sucedia, porém, assim no novo reinado e o grão-mestre da polícia lastimava profundamente tal modificação. Pois não há de aplicar-se mais a pena de degredo perpétuo senão para os crimes de direito comum! Pois é crível que os deportados políticos possam regressar de Tobolsk, de Yakutsk e de Irkutsk!

O grão-mestre da polícia, habituado na verdade às decisões autocráticas dos ucasses que dantes nunca perdoavam, não podia conformar-se com esta maneira de governar. Calou-se, porém, esperando que o czar o interrogasse de novo.

Não se fizeram esperar as perguntas.

— É certo que Ivan Ogareff — prosseguiu o czar —, voltou uma segunda vez à Rússia depois dessa viagem às províncias da Sibéria, viagem cujo objetivo ainda está por conhecer?

— É certo.

— E desde que voltou a polícia perdeu-lhe o rasto?

— Não perdeu, Sire, porque um condenado nunca se torna tão perigoso como depois do u indulto.

A fronte do czar enrugou-se por um instante. Talvez que o grão-mestre da polícia tivesse motivo para lastimar o alcance das palavras que empregara — se bem que a sua obstinação igualasse o afeto que dedicava ao soberano. No entanto, o czar, desprezando as censuras indiretas em relação à sua política interna, levou por diante a série das suas perguntas.

— Onde estava ultimamente Ivan Ogareff?

— No governo de Perm.

— Em que cidade?

— Na própria capital.

— Que fazia lá?

— Nada que motivasse desconfianças.

— Nesse caso, não era vigiado particularmente pela polícia?

— Não era, Sire.

— E quando foi que saiu de Perm?

— No mês de março.

— Para onde?

— Ignora-se.

— E não se sabe o que foi feito dele desde esse tempo?

— Não se sabe.

— Pois sei-o eu! — ajuntou o czar. — Diferentes avisos anónimos, que não passaram pelas relações da polícia, me têm sido ultimamente dirigidas Em vista dos factos que se estão a passar além fronteiras, sou levado a crer que esses avisos dizem a verdade.

— Acreditará Vossa Majestade — replicou o grão-mestre da polícia — que Ivan Ogareff não é estranho à invasão dos tártaros?

— Acredito, general, e vou informá-lo agora do que não sabe. Ivan Ogareff,

depois de ter saído do governo de Perm, atravessou os montes Urais, penetrou na Sibéria, lançou-se nas estepes dos quirguizes e procurou ali, não sem êxito, sublevar as populações nómadas. Em seguida dirigiu-se mais para o sul e foi até o Turquestão livre, encontrando nos canados de Bucara, de Khokland e de Kunduza chefes dispostos a arremessarem as suas hordas tártaras sobre as províncias da Sibéria e a provocarem uma invasão geral por todo o império russo na Ásia. O movimento, preparado em segredo, acaba de explodir e, como primeira consequência, aí aparecem já cortados todos os meios de comunicação entre a Sibéria oriental e a Sibéria ocidental! Além disso, Ivan Ogareff, sequioso de vingança, deseja atentar contra a vida de meu irmão!

O czar animava-se à medida que ia falando e passeava agora a passos largos. O grão-mestre da polícia permanecia calado, mas dizia de si para si que os planos de Ivan Ogareff não poderiam ter sido levados a efeito se ainda se estivesse no tempo em que os imperadores da Rússia não costumavam indultar os deportados políticos.

Decorreram alguns instantes, durante os quais nem o czar nem o oficial quebraram o silêncio. Depois, o grão-mestre da polícia, aproximando-se do imperador, que se tinha lançado numa poltrona, disse:

— Vossa Majestade deu as ordens necessárias para conjurar quanto antes essa Invasão?

— Dei — respondeu o czar. — O último telegrama que pôde chegar a Nijni-Udinsk deve ter posto em movimento as tropas dos governos de Yeniselsk, de Irkutsk, de Yakutsk e as das províncias do Amur e do lago Baical. Ao mesmo tempo, os regimentos de Perm e de Nijni-Novgorod e os cossacos da fronteira caminham a marchas forçadas em direção aos montes Urais. Por infelicidade, ainda terão de decorrer muitas semanas antes que os meus soldados se possam encontrar frente a frente com as colunas dos tártaros!

— E o irmão de Vossa Majestade, Sua Alteza o grão-duque, presentemente isolado no governo de Irkutsk, não está em comunicação direta com Moscovo?

— Não está.

— Mas deve saber certamente pelos últimos despachos quais são as medidas tomadas por Vossa Majestade e quais os socorros que poderá esperar dos governos mais próximos de Irkutsk?

— Sabe-o, é certo — respondeu o czar —, mas o que ele ignora é que Ivan Ogareff, além de traidor, é seu Inimigo implacável.

Foi ao grão-duque que Ivan Ogareff deveu a sua primeira condenação, e o que há de pior é que o grão-duque não conhece esse homem. Ivan Ogareff tem por fim introduzir-se em Irkùtsk para, depois de lá estar, se apresentar ao grão-duque e oferecer-lhe os seus serviços debaixo de um nome suposto.

Conseguido isto, e logo que os tártaros comecem a sitiar Irkutsk, Ivan propõe-se entregar a cidade e com ela meu irmão, cuja vida se acha diretamente ameaçada. Aqui está o que eu sei pelas minhas informações, aqui está o que o grão-duque ignora e o que é urgentíssimo que ele conheça.

— E se houvesse um correio inteligente e corajoso...

— Sim...

— E que não perdesse tempo no caminho — acrescentou o grão-mestre da polícia —, pois seja-me permitido dizer a Vossa Majestade, que a Sibéria é uma terra bastante propícia para rebeliões.

— Suspeita, general, que os deportados façam causa comum com os invasores — replicou o czar, sem poder reprimir um movimento de cólera diante desta insinuação disfarçada do grão-mestre da polícia.

— Desculpe-me Vossa Majestade — respondeu, a balbuciar, o grão-mestre da polícia, pois com efeito fora esse o pensamento que lhe passara pela mente.

— Faço mais justiça ao patriotismo dos deportados.

— Não são unicamente deportados políticos os que se acham na Sibéria — esclareceu o grão-mestre da polícia.

— Alude aos criminosos? Ah!, general, esses entrego-lhos. São o refugo da espécie humana. Não pertencem a nenhum país. Mas a revolta, ou, para melhor dizer, a invasão não é feita contra mim, é contra a Rússia, contra a pátria, que os deportados ainda não perderam a esperança de tornar a ver e que hão de ver!

Não... não é possível, um russo jamais poderá ligar-se com um tártaro, quando dessa ligação resultasse o enfraquecimento, por uma hora que fosse, do predomínio moscovita.

O czar tinha razão para não descrer do patriotismo de todos aqueles que a sua política momentaneamente conservava afastados. A clemência, que era a base da sua justiça quando ele podia vigiar-lhe a aplicação, e a sensível brandura que adotara nos seus ucasses, tão diferentes dos anteriores, serviam-lhe de pleníssima garantia às palavras que proferira.

Admitindo, porém, mesmo que os deportados não auxiliassem a invasão, as circunstâncias nem por isso eram menos graves e ficava sempre de pé a desconfiança de que uma grande parte da população dos quirguizes se unisse aos invasores. Os quirguizes dividem-se em três hordas: a grande, a média e a pequena, e contam aproximadamente quatrocentas mil “tendas”, com uma população de dois milhões de almas. Destas diversas tribos, umas são independentes, outras reconhecem a soberania, quer da Rússia, quer dos canados de Khiva, de Khokhand e de Bucara, isto é, dos mais poderosos chefes do Turquestão. A horda média, a mais rica das três, é também a mais considerável, e os seus acampamentos ocupam todo o espaço compreendido entre as correntes do Sara-Su, do Irtyche, do Ichim superior e os lagos Hadisang e Aksakal. A grande horda, que ocupa as regiões situadas a leste da média, estende-se até aos governos de Omsk e de Tobolsk. Se todas estas populações se sublevassem, era, pois, inevitável a invasão Rússia asiática e sobretudo a falta absoluta de comunicações com toda a zona da Sibéria a leste do rio Yenisei.

Verdade é que os quirguizes, leigos na arte da guerra, estão mais aptos a pilhar caravanas e a fazer ataques noturnos do que a constituir um grupo de soldados regulares. Como bem disse Levchine, basta uma coluna cerrada ou um quadrado de boa infantaria para resistir a uma massa de quirguizes dez vezes maior, e basta uma peça de artilharia para lhes causar espantosa mortandade.

Mas para isso conviria que a coluna cerrada se achasse no país ameaçado e que as armas de fogo não estivessem ainda nos parques das províncias russas —

distantes do lugar da invasão perto de três mil verstas.

Ora, excetuando a estrada que liga Ekaterinburgo a Irkutsk, as estepes, repetidas vezes alagadiças, não se prestavam facilmente aos movimentos militares, e primeiro que as forças russas pudessem repelir as hordas tártaras, muitas semanas ainda teriam de decorrer.

Omsk é o centro da organização militar da Sibéria ocidental, que tem por fim conservar em respeito as populações dos quirguizes. Estes nómadas, guerreando contra a vassalagem que a Rússia lhes impõe, mais de uma vez têm atacado aquela cidade, e no Ministério da Guerra havia razões para supor que Omsk já estivesse correndo perigo. A linha das defesas militares, formada por diferentes postos de cossacos escalonados desde Omsk até Semipalatinsk, devia ter sido forçada em vários pontos. Finalmente, havia a recear que os “grandes sultões”, que governam os distritos quirguizes, se tivessem já, voluntária ou involuntariamente, deixado dominar pelos tártaros, muçulmanos como eles, juntando-se nesse caso ao ódio derivado da sua posição de vassalos da Rússia, o ódio resultante do antagonismo de duas religiões: a grega e a muçulmana.

Há muito tempo que os tártaros do Turquestão, e principalmente os que formam os canados de Bucara, de Khokhand e de Kunduza, procuravam afastar, tanto pela força como pela persuasão, as hordas quirguizes do domínio moscovita.

Algumas palavras acerca dos tártaros:

Estes povos compreendem especialmente duas raças distintas: a raça caucásica e a raça mongólica. A raça caucásica, que, segundo a opinião de Abel de Remusat, é considerada na Europa como o principal tipo de beleza humana, porque todos os povos desta região são dela descendentes, reúne debaixo da mesma designação os turcos e os indígenas de origem persa.

A raça puramente mongólica compreende os mongóis, os manchus e os tibetanos.

Os tártaros que ameaçavam agora o império russo eram de raça caucásica e habitavam mais particularmente o Turquestão.

Esta vasta região divide-se em diferentes estados, governados por cãs, donde procede a designação de canados. Os principais canados são os de Bucara, de Khiva, de Khokhand, de Kunduza, etc.

Neste tempo, o canado mais importante e mais para temer era o de Bucara. A Rússia já por várias vezes tivera de lutar com os seus chefes, que protegiam a independência dos quirguizes, unicamente com o fim de substituir pela sua a Preponderância moscovita. O chefe atual, Féofar-Cã, seguia nesse ponto a política dos seus antecessores.

O canado de Bucara estende-se de norte a sul entre trinta e sete e quarenta e um graus de latitude e de leste a oeste entre sessenta e um e sessenta e seis graus de longitude, isto é, ocupa uma superfície de dez mil léguas quadradas aproximadamente.

Há neste estado uma população de dois milhões e quinhentos mil habitantes, um exército de sessenta mil homens, que se eleva ao triplo em tempo de guerra, e trinta mil cavalos. É um país rico, varia nas suas produções animais, vegetais e minerais, e que se engrandeceu bastante com a aquisição dos territórios de Balkh, Aukoi e Meimaneh. Possui dezanove cidades consideráveis: Bucara, cercada de muralhas que medem para cima de oito milhas inglesas, flanqueada de torres, ilustrada pelos Avicena e outros sábios do século X, considerada como centro da ciência muçulmana e apontada entre as mais célebres da Ásia central, Samarcanda, defendida por uma forte cidadela e possuindo o túmulo de Tamerlão e o célebre palácio onde se guarda a pedra azul sobre a qual se sentam os novos cãs no ato da sua aclamação, Karschi, quase inexpugnável, com o seu tríplice contorno de muralhas, situada num oásis cercado por um pântano coberto de tartarugas e lagartos, Tscharui, defendida por uma população de perto de vinte mil almas, enfim, Katta-Kurgan, Nurata, Djizah, Paikanda, Karakul, Khuzar, formando um conjunto de cidades difíceis de conquistar. O canado de Bucara, protegido pelas suas montanhas, isolado pelas suas estepes, é, pois, um estado verdadeiramente perigoso, e a Rússia ver-se-ia obrigada a opor-lhe forças Importantes.

Ora, como se disse, era o ambicioso e feroz Féofar quem governava então este canto da Tartária. Apoiado pelos outros cãs, principalmente pelos de Khokhand e de Kunduza, guerreiros piratas e sanguinários, sempre inclinados a todas as empresas que pudessem lisonjear o instinto tártaro, e auxiliado pelos chefes que comandavam as hordas da Ásia central, Féofar-Cã sentia-se satisfeito por se pôr à frente desta invasão, de que Ivan Ogareff dirigia os fios. Este traidor, dominado tanto pelo ódio como pela ambição, combinara o movimento de maneira a poder cortar a principal estrada siberiana. Louco na verdade se pensava que era bastante forte para abalar o colosso moscovita! Debaixo da sua direção, o emir — é o título que tomam os cãs de Bucara — tinha lançado as suas hordas para além da fronteira russa. Invadira o governo de Semipalatinsk, e os cossacos, que não estavam em força neste ponto, tinham-se visto obrigados a recuar. Avançara para o lago Balrache, levando consigo as populações de quirguizes por onde passava.

Pilhando, devastando, alistando os que se submetiam, capturando os que se lhe opunham, tudo isto com a audácia de um moderno Gengis-Cã, era assim que o emir seguia a sua marcha, de cidade em cidade, acompanhado por um séquito de soberano oriental, composto de mulheres, fâmulos e escravos.

Onde estava ele agora? A que ponto já teriam chegado os seus soldados, quando se recebeu em Moscovo a notícia da invasão? Até onde as forças russas teriam sido obrigadas a recuar?

Ninguém o sabia. As comunicações estavam interrompidas. O telégrafo entre Kolyvane Tomsk teria sido cortado pelos exploradores do exército tártaro, ou o próprio emir estaria já nas províncias de Yeniseisk? Achar-se-ia a luta já dilatada a toda a Baixa Sibéria ocidental? Acaso a revolta já se teria estendido até às regiões de leste? Ninguém podia sabê-lo. O único agente que não teme o frio nem o calor, que nunca suspende a sua carreira, nem com os gelos do inverno nem com os ardores do estio, que voa e fende o espaço com a rapidez do raio, o fio elétrico, enfim, estava de todo mudo. Era, pois, impossível prevenir o grão-duque, encerrado em Irkutsk, do perigo iminente em que o havia colocado a

traição de Ivan Ogareff.

Só um correio poderia substituir o telégrafo, E se homem precisaria ainda assim de um certo número de dias a fim de vencer as cinco mil e duzentas verstas que separam Irkutsk de Moscovo. Para conseguir atravessar impunemente as fileiras dos rebeldes e dos invasores, ele teria de desenvolver uma coragem e uma inteligência fora do vulgar. Mas com uma cabeça para os grandes expedientes e um coração para os grandes lances, não há distância que se não encurte.

— Acharei eu esse coração e essa cabeça? — perguntava a si próprio o czar.

Capítulo III — Miguel Strogoff

A porta do gabinete imperial tornara-se a abrir para anunciar o general Kissoff.

— E o correio? — Perguntou com vivacidade o czar.

— Está lá fora, Sire — respondeu o general Kissoff.

— É homem de confiança?

— Respondo por ele a Vossa Majestade.

— Estava aqui de serviço?

— Estava, Sire.

— O general conhece-o?

— Perfeitamente, Sire, já tem desempenhado com êxito muitas comissões difíceis.

— No estrangeiro?

— Na própria Sibéria.

— De que país é ele?

— De Omsk. É siberiano.

— Tem sangue-frio, é inteligente e corajoso?

— Reúne todas as qualidades necessárias para uma empresa arriscada.

— Que idade tem?

— Trinta anos.

— É forte?

— Capaz de suportar até aos últimos limites o frio, a fome, a sede e a fadiga.

— Tem então um corpo de ferro?

— Tem, Sire.

— E o coração?

— De ouro.

— Como se chama?

— Miguel Strogoff.

— Está pronto para marchar?

— Só espera na sala dos guardas as ordens de Vossa Majestade.

— Que entre — disse o czar.

Passados alguns instantes o correio Miguel Strogoff entrava no gabinete imperial. Miguel Strogoff era alto, vigoroso, largo de ombros e de peito. A cabeça, bem desenvolvida, apresentava sinais característicos da raça caucásica. As pernas e os braços, ligados com solidez ao tronco, pareciam quatro alavancas mecanicamente dispostas para auxiliar todos os trabalhos que dependessem de força. Este garboso rapaz, bem acabado de formas, não era daqueles que facilmente se deixam mover contra sua vontade. Onde ele assentava os pés, dir-se-ia que criava raízes. Na sua cabeça, quadrada no alto, ampla na fronte, encrespavam-se, abundantes, os cabelos, caindo-lhe em anéis sobre as orelhas. O seu rosto, ordinariamente pálido, só se ruborizava quando o coração lhe batia fortemente ou quando o sangue, circulando com mais rapidez, lhe provocava a vermelhidão arterial. Os olhos de um azul-escuro em que se lia a franqueza e a lealdade, brilhavam sob o arco formado pelas sobrancelhas, cujos músculos, ligeiramente contraídos, exprimiam “a coragem sem cólera dos heróis”, segundo a expressão dos fisiologistas. O nariz, correto e largo na base, dominava um farto bigode, a que servia de complemento uma boca regular com os lábios salientes do homem bom e generoso.

Miguel Strogoff tinha o temperamento enérgico de quem não perde o tempo em combinações, de quem não se entrega às alternativas da incerteza, de quem sabia sem hesitar pôr em prática uma resolução. Sóbrio de gestos e de palavras, era diante de um superior impassível como um soldado, mas, se andava, a sua maneira de pisar denunciava grande desassombro e facilidade de movimentos, que punham em relevo a muita confiança e determinação do seu espírito. Era um destes homens cuja mão parecia estar sempre “cheia dos cabelos da oportunidade”, imagem um pouco forçada, mas que reproduz de um traço os homens de ação.

Miguel Strogoff vestia um elegante uniforme militar, muito parecido com o dos oficiais de caçadores a cavalo em campanha: botas, esporas, calça meio justa à perna, peliça bem guarnecida e bordada de cordão amarelo sobre fundo de cor castanha. Sobre o peito via-se-lhe uma cruz e muitas medalhas.

Miguel Strogoff pertencia ao corpo especial dos correios do czar e tinha o posto de oficial entre estes homens escolhidos.

O que se notava como particularidade no seu andar, na sua fisionomia, em toda a sua figura, o que também não passou despercebido ao czar, é que Miguel Strogoff era um homem feito para executar as ordens de um superior. Possuía, pois, uma das mais recomendadas qualidades na Rússia para, segundo a observação do célebre romancista Turguenev, se poder chegar às altas posições do império.

Efetivamente, se havia um homem com os requisitos necessários para esta viagem de Moscovo a Irkutsk, através de um país invadido, capaz de vencer obstáculos e de arrostar perigos, esse homem era, não havia dúvida, Miguel Strogoff.

Como circunstância favorável ao bom êxito da empresa, Miguel Strogoff conhecia a fundo o país que ia atravessar e compreendia os seus diferentes idiomas, não só por tê-lo habitado, como por ser também filho de pais siberianos.

O velho Pedro Strogoff, seu pai, falecido havia dez anos, residira na cidade de Omsk, e sua mãe, Marfa Strogoff, ainda lá vivia.

Fora naqueles sítios meio selvagens, naquelas estepes sem fim das províncias de Omsk e de Tobolsk, que o afamado caçador siberiano habituara o filho às duras provações da vida.

Pedro Strogoff era, como se disse, caçador de profissão. De verão e de inverno, tanto pelos calores sufocantes como pelos frios que descem muitas vezes a cinquenta graus abaixo de zero, Pedro Strogoff percorria a planície endurecida, as matas de larícios e de bétulas, as florestas de pinheiros, dispondo as suas armadilhas, espreitando a caça miúda de espingarda engatilhada e a caça

grossa de forquilha ou faca de mato.

E a caça grossa era nada menos que o urso siberiano, animal feroz e perigoso, cuja grandeza iguala a dos seus congéneres dos mares glaciais.

Pedro Strogoff matara mais de trinta e nove ursos, quer dizer que o último que faltava para os quarenta caíra também ferido por ele mortalmente — e, a dar crédito às lendas cinegéticas da Rússia, é raro que um caçador, quando chega a matar trinta e nove ursos, não tenha de sucumbir diante do quadragésimo.

Pedro Strogoff tinha, pois, ido além do número fatal sem receber sequer uma arranhadura. Desde então, seu filho Miguel, que contava só doze anos, não deixava de o acompanhar a estas caçadas perigosas, levando sempre a "ragatina", isto é, a forquilha, para com ela auxiliar o pai, armado só da faca.

Aos catorze anos, Miguel Strogoff já tinha morto, sozinho, o seu primeiro urso, o que não era pouco, mas, depois de arrancar a pele ao agigantado animal, levara-o de rastos até casa, o que denunciava no rapaz um vigor pouco vulgar.

Estes exercícios eram-lhe vantajosos e serviram-lhe para, quando chegou à idade de homem feito, poder suportar sem esforço o frio, a fome, o calor, a sede e a fadiga. Era, como o yakute das regiões setentrionais, um homem verdadeiramente de ferro.

Podia estar vinte e quatro horas sem comer, dez noites sem dormir, e tinha artes Para saber achar um refúgio no meio das estepes frias, em que outros menos previdentes se deixavam enregelar. Com os sentidos muito afinados, e graças a um instinto especial, nunca se enganava no caminho que tinha de percorrer, e sabia guiar-se através das brancas planícies, quer o nevoeiro intercetasse os horizontes, quer, nos países das elevadas latitudes, a noite polar se prolongasse durante dias intermináveis. Eram-lhe familiares todos os segredos de seu pai.

Aprendera a orientar-se nas estepes por meio de sintomas quase impercetíveis. A projeção das agulhas de gelo, a disposição dos mais pequenos ramos das árvores, as emanações trazidas dos confins do horizonte, o rasto dos animais na floresta, os sons vagos que atravessam o ar, as longínquas

detonações, a passagem das aves pela atmosfera caliginosa, todas estas particularidades finalmente lhe serviam de proveitoso indício no meio daqueles páramos sem fim. Além disso, ensopado muitas vezes pelas neves, de que lhe resultara uma têmpera semelhante à de uma lâmina de Damasco mergulhada nas águas da Síria, a sua saúde, como dissera sem favor o general Kissoff, era de ferro, e de ouro o seu coração.

A única paixão de Miguel Strogoff concentrara-se em sua mãe, a velha Marfa, que nunca tinha querido abandonar a antiga casinha dos Strogoff sobre as margens do Irtyche, onde ela e o falecido caçador siberiano haviam passado juntos os melhores dias da sua vida. Quando Miguel teve de a deixar, foi com as lágrimas da saudade que se despediu da boa mulher, prometendo-lhe ainda assim ir abraçá-la sempre que pudesse, promessa que o brioso rapaz não deixava de cumprir religiosamente.

Resolvera-se que Miguel Strogoff, aos vinte anos, fosse empregado no serviço particular do imperador da Rússia, alistando-se no corpo dos correios do czar. O moço siberiano, corajoso, inteligente, cheio de zelo e bem comportado, não tardou que mostrasse o muito que valia numa viagem ao Cáucaso, país naquele tempo ainda perigoso para transitar por causa dos irrequietos sucessores de Shamyl. Posteriormente, acentuara melhor os seus merecimentos noutra missão a Petropaulowsky, no Kamtschatka, último limite do império russo na Ásia oriental. No cumprimento destas melindrosas comissões mostrara tanta prudência e coragem que os seus chefes não se cansaram de o elogiar, tornando-se por isso rápida a sua promoção.

As licenças que lhe pertenciam por direito aproveitava-as sempre para visitar sua mãe, ainda que o inverno tornasse os caminhos intransitáveis ou fosse enorme a distância a que estivesse da casa materna.

Pela primeira vez, porém, depois de decorridos três anos — três séculos! —, não pudera cumprir a sua filial peregrinação, distraído pelo serviço do seu cargo, que o retivera no Sul do império.

A sua licença regulamentar ia-lhe ser concedida agora, e já tinha feito alguns

preparativos para a viagem a Omsk quando ocorreram os acontecimentos que chamaram o correio do czar ao gabinete do imperador. Miguel Strogoff, levado à presença do soberano, desconhecia completamente o que iam exigir dele.

O czar, sem lhe dirigir a palavra, fitou-o por alguns instantes com olhar penetrante. Miguel Strogoff conservava-se absolutamente imóvel.

Satisfeito deste exame, o czar aproximou-se da sua mesa de trabalho, indicando ao grão-mestre da polícia que se sentasse, e ditou-lhe em voz baixa uma carta que poucas linhas continha.

Concluída a carta, o czar leu-a com extrema atenção, assinando-a depois e fazendo preceder a sua assinatura das seguintes palavras: *Byt po semou*, que significam “Assim seja” e constituem a fórmula sacramental dos imperadores da Rússia.

Em seguida, a carta foi encerrada num sobrescrito, afixando-se sobre este o selo das armas imperiais.

O czar, levantando-se então, fez sinal a Miguel Strogoff, que se aproximou.

Miguel Strogoff deu alguns passos à frente e ficou novamente imóvel.

O czar tornou a fitá-lo ainda uma segunda vez, sem retirar os olhos de cima dos dele. Depois inquiriu em voz rápida:

— O teu nome?

— Miguel Strogoff, Sire.

— O teu posto?

— Capitão.

— Conheces a Sibéria?

— Sou filho dela.

— E nasceste?...

— Em Omsk.

— Tens aí família?

— Tenho, Sire.

— Que pessoas?

— A minha mãe.

O czar suspendeu por um momento a série das suas perguntas. Depois, mostrando a carta que tinha na mão:

— Vês este ofício? — disse ele. — Encarrego-te de o entregar em mão própria ao grão-duque meu Irmão. Em mão própria, percebeste?

— Entregá-lo-ei, Sire.

— O grão-duque está em Irkutsk.

— Irei a Irkutsk.

— Será preciso que atravesses um país agitado pelos rebeldes e invadido pelos tártaros, que teriam todo o interesse em intercetar este ofício.

— Não importa, Sire.

— Deverás sobretudo acautelar-te contra um traidor, Ivan Ogareff, que é de supor que venhas a encontrar no caminho.

— Estarei acautelado, Sire.

— Vais por Omsk?

— É o caminho mais direto, Sire.

— Mas em Omsk está tua mãe; se tu fosses vê-la poderias ser reconhecido. Convém, portanto, que não a vejas.

Miguel Strogoff, em presença desta nova recomendação, teve um segundo de hesitação.

— Deixarei de a ver, Sire.

— Jura-me que nada neste mundo te obrigará a dizer quem és, nem ao que vais.

— Assim o juro!

— Miguel Strogoff — disse então o czar, entregando-lhe o sobrescrito —, toma este ofício, de que depende a salvação de toda a Sibéria e talvez a vida do grão-duque meu irmão.

— Será entregue pessoalmente nas mãos de Sua Alteza.

— Contas passar as linhas dos insurretos?

— hei de passá-las ou ficarei morto no caminho.

— Quero que vivas.

— Pois viverei, sem deixar de cumprir as ordens de Vossa Majestade — respondeu Miguel Strogoff.

O czar pareceu satisfeito da serena e singela confiança com que Miguel Strogoff lhe respondera.

— Agora, a caminho, Miguel Strogoff, e que Deus proteja a Rússia!

Miguel Strogoff perfilou-se rigidamente, fez uma continência ao Imperador, saiu do gabinete e alguns instantes depois já estava longe do Palácio Novo.

— Parece-me que foi feliz a sua escolha, general.

— Assim o creio — respondeu o general Kissoff — e Vossa Majestade pode estar certo de que Miguel Strogoff há de fazer tudo quanto um homem enérgico e corajoso é capaz de fazer.

— É um homem, na verdade — concordou o czar.

Capítulo IV — De Moscovo a Nijni-Novgorod

A distância que Miguel Strogoff ia percorrer entre Moscovo e Irkutsk era de cinco mil e duzentas verstas. Enquanto o fio telegráfico não fora colocado entre os montes Urais e a fronteira oriental da Sibéria, o serviço dos despachos fazia-se por intermédio dos correios, gastando os que eram mais diligentes dezoito dias de jornada. Isto, porém, era a exceção, a viagem através da Rússia asiática durava ordinariamente quatro a cinco semanas, apesar de todos os meios de transporte que se punham à disposição destes funcionários imperiais.

Na qualidade de homem que não se arreceia do frio nem da neve, Miguel Strogoff teria preferido viajar na estação invernosa, por lhe ser mais fácil organizar o serviço de trenós em toda a extensão do percurso. No inverno as dificuldades inerentes aos diversos géneros de locomoção acham-se em parte diminuídas pelo nivelamento das neves sobre as extensas estepes. Não há correntes caudalosas a transpor. Vê-se de todos os lados um imenso lençol de neve, por onde os trenós deslizam com facilidade e rapidez. Existem, é certo, alguns fenómenos naturais, que são perigosos, tais como a permanência e intensidade dos nevoeiros, os frios excessivos, os ventos sinistros e glaciais, cujos turbilhões envolvem às vezes caravanas inteiras, fazendo-as sucumbir. Sucede também que os lobos, acossados pela fome, descem aos milhares às planícies. Ainda assim, Miguel Strogoff teria preferido correr todos estes riscos, pois a inclemência do tempo, obrigando os tártaros a irem aquartelar-se nas cidades, deixar-lhe-ia o caminho completamente livre de tropas e de exploradores. O correio do czar não estava, porém, no caso de poder seguir as suas preferências. O dever obrigava-o a partir sem demora, aceitando as circunstâncias tal como se lhe apresentavam.

Eis, portanto, a situação que Miguel Strogoff encarou desassombradamente, propondo-se arrostá-la com ânimo decidido.

Em primeiro lugar, ele não se achava precisamente nas condições ordinárias de um correio do czar. Convinha mesmo que na sua viagem ninguém pudesse suspeitar-lhe essa qualidade. Nos países Invadidos abundam sempre os espiões. Se, porventura, o reconhecessem, perder-se-ia de todo o fim da sua empresa. Por isso, o general Kissoff, quando lhe entregou uma vultosa quantia para as despesas da comissão que ia desempenhar, não lhe deu nenhuma ordem por escrito onde se lesse a fórmula "Serviço do Imperador", palavras singelas que tinham o condão de destruir todos os obstáculos. Miguel Strogoff ia munido somente de um podaroshna.

Este podaroshna era passado em nome de Nicolau Korpanoff, negociante de Irkutsk, e autorizava o portador a fazer-se acompanhar, caso fosse necessário, de uma ou mais pessoas. Além disso, graças a uma indicação especial, era válido mesmo quando o Governo moscovita, por qualquer razão, entendesse dever proibir aos seus súbditos que abandonassem a Rússia.

O podaroshna é uma espécie de licença ou autorização para se obterem cavalos de posta, porém, Miguel Strogoff só devia servir-se dele quando não corresse perigo de ser reconhecido. Daqui resultava que a licença lhe era unicamente proveitosa no território europeu, sucedendo que, ao penetrar nas províncias siberianas, cessava a faculdade de poder requisitar cavalos para seu uso nas estações de muda, ou qualquer outro meio de transporte que lhe desse vantagens especiais sobre o comum dos viajantes. Miguel Strogoff não devia, pois, esquecer-se que era simplesmente um negociante — Nicolau Kórpanoff —, que ia de Moscovo para Irkutsk, e, como tal, sujeito às eventualidades de uma viagem ordinária.

Transportar-se desapercebidamente, mais ou menos depressa, eis a que se resumia o seu programa.

Há trinta anos a escolta de um viajante de distinção compunha-se de duzentos cossacos a cavalo, duzentos soldados de infantaria, vinte e cinco cavaleiros baskirs, trezentos camelos, quatrocentos cavalos, vinte e cinco carros, dois barcos portáteis e duas peças de artilharia. Tal era o material indispensável

para uma viagem na Sibéria.

Miguel Strogoff, viajando mais modestamente, não tinha à sua disposição nem camelos, nem cavalaria, nem bocas de fogo, nem infantaria, nem bestas de carga. Restava-lhe o recurso, apenas, de ir a cavalo, de carro, ou mesmo a pé, se o caso assim o exigisse.

A distância compreendida entre Moscovo e a fronteira russa, medindo mil e quatrocentas verstas, não oferecia nenhuma dificuldade, porque não faltavam em toda a sua extensão caminhos de ferro, diligências, barcos a vapor e cavalos de posta.

Na manhã, pois, do dia 16 de julho, vestido simplesmente com um trajo russo — túnica unida ao corpo, a tradicional cinta do mujique, largos calções e botas apertadas na curva da perna —, sem o menor vestígio do seu uniforme, e com um saco de viagem preso aos ombros à guisa de mochila, Miguel Strogoff encaminhava-se para a estação do caminho de ferro, a fim de partir no primeiro comboio. Ostensivamente, não levava armas, porém, debaixo da cinta disfarçava-se um revólver e na algibeira dissimulava-se uma navalha, misto de faca e de latagã — arma apreciável e temível com que os caçadores siberianos abrem um urso sem lhe danificar a pele, de grande valor.

Havia muitos passageiros na gare de Moscovo. As gares dos caminhos de ferro na Rússia servem de ponto de reunião tanto para os que partem como para os que ficam. São uma espécie de clube, onde se colhem novidades e se estabelecem conversações.

O comboio em que entrou Miguel Strogoff devia largá-lo em Nijni-Novgorod.

Ali terminava nesta época a linha férrea que, ligando Moscovo a São Petersburgo, há de prolongar-se até à fronteira russa.

Era uma viagem de perto de quatrocentas verstas e o comboio percorrê-las-ia apenas em dez horas. Chegando a Nijni-Novgorod, Miguel Strogoff seguiria, conforme as circunstâncias, quer pela estrada ordinária, quer pelos barcos a vapor do Volga, a fim de se aproximar dos montes Urais o mais depressa que

pudesse.

Miguel Strogoff colocou-se, pois, a um canto da carruagem, como qualquer pacato burguês a quem os negócios não correm desajeitadamente e que busca matar o tempo chamando pelo sono.

Todavia, como ele não estava só, contentou-se em fingir que dormia, dispondo-se a ouvir tudo que se dissesse.

De facto, a notícia da invasão tártara e da revolta dos quirguizes tinha transpirado um pouco. Os passageiros que iam no mesmo compartimento de Miguel Strogoff já aventuravam algumas palavras a esse respeito, se bem que debaixo de certa reserva.

Estes passageiros, como quase todos os que iam no comboio, eram mercadores que se dirigiam à célebre feira de Nijni-Novgorod, grupo de indivíduos muito mesclado: judeus, turcos, cossacos, russos, georgianos e calmucos, mas que falavam, na maior parte, a língua nacional.

Discutiam eles os prós e os contras dos graves acontecimentos que se estavam passando além dos Urais e, na sua qualidade de mercadores, pareciam recear que o Governo russo se visse obrigado a tomar algumas medidas restritivas, sobretudo nas províncias situadas próximo da fronteira — medidas de que o comércio viria a ressentir-se com certeza.

Deve dizer-se que estes homens, egoístas, só encaravam a repressão da revolta e a luta contra a invasão do ponto de vista dos seus interesses ameaçados. A presença de um simples soldado envergando o seu uniforme — e todos sabem a grande importância que têm na Rússia os uniformes — bastaria para obrigar ao silêncio estes palradores casuais. Mas no compartimento em que ia Miguel Strogoff ninguém imaginaria a presença de um militar, e o correio imperial, empenhado em guardar o incógnito, não era homem capaz de se trair.

Ouvia pois.

— Diz-se que os transportes do chá subiram de preço — afirmou um persa, que se reconhecia facilmente pelo seu gorro debruado de astracã e pela sua túnica de cor castanha, de largas pregas, já desbotada pelo uso.

— Ora! O chá não tem nada a recear da baixa — informava um velho judeu mal encarado. — O que existe no mercado de Nijni-Novgorod expedir-se-á facilmente pelo oeste. Outro tanto se não poderá dizer dos tapetes de Bucara.

— Como assim?! Esperava alguma remessa de Bucara? — perguntou-lhe o persa.

— Esperava-a de Samarcanda, o que ainda é pior! Vá lá a gente fiar-se nas exportações de um país sublevado pelos cãs, desde Khiva até à fronteira chinesa.

— Bom! — respondeu o persa. — Se os tapetes não podem passar, também as letras não, portanto, não se aflija.

— E o que eu deixo de ganhar, Deus de Israel? O que eu deixo de ganhar, não se conta?

— Tem razão — disse um novo interlocutor —, os diferentes artigos da Ásia central podem de um momento para o outro faltar no mercado. O que se deu com os tapetes de Bucara talvez se dê também com as lãs, o sebo e os xales do Oriente.

— Tome cuidado, meu amigo — recomendou um passageiro russo, de aspeto jovial. — Olhe que assim corre o risco de engordurar os xales se os mistura com o sebo...

— O caso não é para rir — replicou acremente o mercador, que não folgara muito com o gracejo.

— E o que pode ganhar o senhor com essas lamentações? — Porventura pesam elas de alguma forma na balança dos acontecimentos? Tanto como na balança das suas mercadorias.

— Bem se vê que não é um mercador que está falando — resmungou o velho judeu.

— Não sou mercador, meu ilustre descendente de Abraão. Não vendo lúpulo, nem mel, nem cera, nem penas de aves, nem linho, nem linhaça, nem lãs, nem madeiras, nem carnes salgadas, nem conservas, nem fitas, nem peles, nem marroquins!...

— Mas talvez queira fornecer-se dessas cousas... — disse o persa,

interrompendo a interminável nomenclatura do alegre passageiro.

— O menos possível e unicamente para meu uso particular — respondeu este, piscando-lhe o olho.

— É um brincalhão — disse o judeu para o persa.

— Ou um espião — respondeu este, baixando a voz. — Cuidado com a língua! A polícia não é para graças e nós não sabemos com quem estamos.

Do outro lado da carruagem falava-se menos em assuntos mercantis e mais da invasão tártara e das suas desagradáveis consequências.

— Vão ser requisitados os cavalos da Sibéria — informou um passageiro — e consta que estão cortadas as comunicações com as províncias da Ásia central.

— Sempre será verdade — perguntou-lhe o companheiro — que os quirguizes da horda média fizeram causa comum com os tártaros?

— Assim se diz — respondeu o passageiro, baixando a voz. — Mas pode alguém saber o que se passa numa terra como a nossa?

— Ouvi falar em concentração de tropas na fronteira. Os cossacos do Don já estão reunidos no litoral do Volga e parece que vão marchar contra os quirguizes insurrecionados.

— Se os quirguizes seguiram o curso do Irtyche, o caminho para Irkutsk não deve estar lá muito seguro — acrescentou o primeiro. — Já ontem eu quis mandar um telegrama para Krasnoiarsk e não mo receberam. A ser certa a invasão dos tártaros, podemos contar como totalmente isolada a Sibéria oriental.

— Nesse caso, têm razão estes mercadores para se queixar do mau aspeto que vai tomando o comércio. Se vão ser requisitados os cavalos, não admira que depois se requisitem os barcos, as carruagens e todos os outros meios de transporte, ficando as gentes impossibilitadas de se moverem em toda a extensão do império.

— Parece-me que a feira de Nijni-Novgorod não há de acabar tão animada como principiou — respondeu o segundo interlocutor, abanando a cabeça. — Mas primeiro que tudo a integridade do território russo. Os negócios são uma coisa secundária.

Se neste compartimento o assunto das conversações oferecia pouca variedade, o mesmo sucedia nas outras carruagens. Entretanto, qualquer observador teria notado que em todas estas apreciações havia a mais discreta circunspeção. Quando algum dos passageiros se adiantava sob o domínio dos factos era sempre de maneira que não chegasse a criticar as intenções do Governo.

Foi por isso justamente que um dos passageiros duma carruagem da frente deu nas vistas.

Este passageiro, evidentemente de nação estrangeira, olhava para tudo com desusada atenção e a propósito de qualquer coisa fazia vinte perguntas, que só obtinham respostas evasivas. Debruçando-se a todos os momentos pela janela da carruagem, cuja vidraça conservava aberta, o que desagradava aos companheiros, não perdia um único pormenor do horizonte, à direita. Perguntava o nome das mais insignificantes povoações, a sua posição, qual o seu comércio, a sua indústria, o número de habitantes, a média da mortalidade por sexos, etc., e tudo isto ele apontava cuidadosamente num bloco-notas, já bastante recheado de outros apontamentos.

Era o nosso correspondente Alcide Jolivet, que, por entre as numerosas perguntas que fazia, esperava obter alguma notícia importante para transmitir a “sua prima”. Como, porém, o tomavam por espião, ninguém junto dele dizia uma palavra que se referisse aos acontecimentos do dia.

Assim, vendo que nada podia colher relativamente à invasão tártara, escrevera no bloco:

«Passageiros de uma discrição absoluta. Em política parecem-se com as armas enferrujadas: têm o gatilho muito perro.» E enquanto Alcide Jolivet apontava minuciosamente as suas Impressões de viagem, o seu colega, instalado, como ele, no mesmo comboio e viajando com um fito semelhante, dedicava-se, noutro compartimento, a idêntico trabalho de observação. À saída do comboio não se tinham visto na gare de Moscovo. Ignoravam, portanto, que cada um deles, por seu lado, tomara a resolução de partir para o teatro da guerra.

Havia, porém, uma diferença: é que Harry Blount, falando pouco e escutando muito, não tinha inspirado aos seus companheiros de viagem as mesmas desconfianças que Alcide Jolivet. Por isso, eles conversavam descuidadamente, chegando até a ir mais longe nos seus comentários do que a própria circunspeção lhes aconselhava. O correspondente do Daily Telegraph tinha, pois, sem dificuldade, podido observar como os últimos acontecimentos preocupavam em geral os passageiros e de que perigos estava ameaçado no seu trânsito todo o comércio com a Ásia central.

E então, Harry Blount não hesitou em lançar no seu livro de apontamentos a seguinte observação, a todos os títulos justa:

«Passageiros extremamente inquietos. Só tratam da guerra e falam sobre este assunto com uma liberdade pouco usual entre o Volga e o Vístula.» Os leitores do Daily Telegraph não podiam deixar de ser tão bem informados como a “prima Madalena” de Alcide Jolivet.

Demais a mais, como Harry Blount, sentado do lado esquerdo da carruagem, via uma parte da paisagem, que era muito acidentada, sem se dar ao incómodo de olhar para a do lado direito, formada de extensas planícies, não hesitou em acrescentar, com a fleuma de um bom inglês:

«País montanhoso entre Moscovo e Wladimir.» Entretanto, era manifesto que o Governo russo, em presença dos graves acontecimentos ocorridos, se propunha tomar algumas medidas preventivas, mesmo no interior do império. A insurreição ainda não tinha transposto a fronteira da Sibéria, mas as suas consequências podiam ser fatais em todas as províncias do Volga, tão vizinhas dos quirguizes.

A polícia também não tinha podido até agora descobrir o paradeiro de Ivan Ogareff. O traidor, ao chamar os tártaros para se vingar dos seus despeitos pessoais, estaria atualmente com eles, ou andaria fomentando a revolta no governo de Nijni-Novgorod, que nesta quadra do ano se compunha de uma população tão matizada de elementos diversos? Não haveria efetivamente entre estes persas, arménios e calmucos, que afluíam à grande feira, alguns agentes de

confiança encarregados de provocar um movimento no interior? Todas estas hipóteses eram admissíveis, sobretudo num país como a Rússia.

De facto, o vasto império moscovita, contando doze milhões de quilómetros quadrados, não pode ter a homogeneidade dos estados da Europa ocidental. Entre os variados povos que o compõem, existem forçosamente diferenças mais ou menos acentuadas. O território russo — na Europa, na Ásia e na América — prolonga-se desde o décimo quinto grau de longitude leste até ao centésimo trigésimo terceiro grau de longitude oeste e desde o trigésimo oitavo grau de latitude sul até ao octogésimo primeiro grau de latitude norte, quer dizer que se dilata numa extensão de perto de duzentos graus de longitude e de quarenta e três graus de latitude. Encerra uma população de mais de setenta milhões de habitantes e possui trinta idiomas diversos. A raça eslava é, sem dúvida, a que predomina, e compreende, além dos russos, os polacos, os lituanos e os curlandeses. Juntem-se a estes os finlandeses, os estónios, os lapões, os tcheremissos, os tchuvachos, os permiaks, os alemães, os gregos, os tártaros, as tribos caucásicas, as hordas mongóis, calmucas, samoiedas, kamtschadalas e aleutianas, e ver-se-á que a unidade de tão grande colosso, devida à elaboração do tempo e ao tino dos governos, há de ser sobremaneira difícil de sustentar.

O certo, porém, é que Ivan Ogareff tinha sabido até aqui furtar-se a todas as investigações, devendo naturalmente achar-se nos arraiais do exército tártaro. Entretanto, o comboio não parava em nenhuma estação sem que diversos agentes viessem, em nome do grão-mestre da polícia, revistar os passageiros com escrupulosa minuciosidade, a fim de ver se Ivan Ogareff se acharia entre eles. O Governo julgava-se habilitado a acreditar que este homem perigoso ainda não teria saído da Rússia europeia. Se, por consequência, algum passageiro se tornava suspeito, era logo levado, para confrontações, ao posto de polícia, e, entretanto, o comboio seguia a sua marcha, deixando para trás a vítima das desconfianças.

Com a polícia russa é escusado argumentar, porque não admite réplicas nem dilações. Os seus agentes, desfrutando de largos poderes, agem sob as regras

militares. Verdade é também que não há meio de reagir contra as ordens de um soberano que tem o direito de empregar à cabeça dos seus ucasses a fórmula seguinte: «Nós, por graça de Deus, imperador e autocrata de todas as Rússias, de Moscovo, Kief, Wladimir e Novgorod, czar de Kazan, de Astracã, czar da Polónia, czar da Sibéria, czar do Quersoneso Táurico, senhor de Pskof, grão-príncipe de Smolensko, da Lituânia, da Volínia, da Padólia e da Finlândia, príncipe da Estónia, da Livónia, da Curlândia e de Semigália, de Bialystok, da Carélia, da Hungria, de Perm, de Vlatka, da Bulgária e de muitos outros países, senhor e grão-príncipe do território de Nijni-Novgorod, de Tchernigof, de Riazan, de Polotsk, de Rostof, de Jaroslavk, de Bierlozersk, de Udoria, de Obdoria, de Kondinia, de Vitepsk, de Mstislaf, dominador das regiões hiperbóreas, senhor dos países da Ivéria, da Kamtalínia, da Gruzínia, de Kabardínia, da Arménia, senhor hereditário e suserano dos príncipes tcherkessos, dos das montanhas e outros, herdeiro da Noruega, duque de Schleswig-Holstein, de Stormarn, de Dittmarsen e de Oldemburgo.» Poderoso monarca na verdade aquele que apresenta por armas a águia imperial com duas cabeças, sustentando entre as garras um cetro e um globo! — águia a que formam cortejo os brasões de Novgorod, de Wladimir, de Kief, de Kazan, de Astracã e da Sibéria, e que tem a envolvê-la o colar de Santo André, encimado por uma coroa real!

Pela sua parte, Miguel Strogoff não tinha nada que recear da polícia, porque trazia em regra os seus poucos documentos.

O comboio parou na estação de Wladimir por alguns minutos, tempo que pareceu de sobra ao correspondente do Daily Telegraph para tirar um apontamento completo, do duplo ponto de vista físico e moral, acerca desta velha capital da Rússia.

Na estação de Wladimir entraram novos passageiros para o comboio. Entre eles via-se uma rapariga, que assomou à porta da carruagem onde ia Miguel Strogoff.

Diante do correio do czar achava-se um lugar vago. Sentou-se nele a recém-chegada, colocando ao seu lado um modesto saco de viagem de couro vermelho,

que parecia constituir toda a sua bagagem. Depois, baixando os olhos, e sem mesmo procurar ver os companheiros que a rodeavam, acomodou-se, disposta a continuar assim todo o caminho.

Miguel Strogoff não pôde esquivar-se ao desejo de examinar com atenção a nova passageira. Como o lugar que ela ocupava não fosse dos melhores, Miguel Strogoff ofereceu-lhe o seu, que foi delicadamente rejeitado.

A recém-chegada teria dezasseis para dezassete anos. A sua cabeça, realmente bela, apresentava o tipo eslavo em toda a sua pureza — tipo um tanto severo, que devia, passados alguns anos, quando as suas feições estivessem de todo acentuadas, torná-la mais formosa do que bonita. De uma espécie de toucado que trazia soltavam-se-lhe em profusão os finos cabelos cor de ouro. Os seus olhos castanhos exprimiam uma suavidade indefinida. O nariz, delicado e fino, prendia-se às faces pálidas por meio de asas que se moviam ligeiramente. A boca desenhava-se-lhe corretamente, mas parecia que tinha há muito perdido o hábito de sorrir.

Era alta e de formas graciosas, tanto quanto se podia julgar sob as dobras de uma ampla e simples peliça que a cobria. Se bem que fosse ainda uma “menina”, em toda a aceção do termo, a sua fronte desenvolvida e a parte inferior do rosto muito pronunciada denotavam nela uma grande energia moral, particularidade que não passou despercebida a Miguel Strogoff. De facto, esta rapariga devia ter tido um passado tormentoso e o futuro não se lhe apresentava talvez debaixo de cores auspiciosas, contudo, era também evidente que tinha sabido lutar e que saberia lutar ainda contra as adversidades da vida. Mostrava ter uma vontade decidida e firme e uma serenidade inalterável, capaz de resistir às próprias circunstâncias em que um homem se deixa abater ou irritar.

Tal era a impressão que produzia à primeira vista a recém-chegada. Miguel Strogoff, dotado de uma organização enérgica, devia sentir-se impressionado com as linhas características daquela fisionomia. E tanto assim foi que não pôde deixar de ir examinando a recém-chegada com visível interesse, procurando todavia não a importunar com a insistência do olhar.

A nova companheira de viagem trajava com tanta simplicidade como asseio. Não era rica, Isso logo se adivinhava, mas também seria inútil querer encontrar nas suas roupas o menor vestígio de desalinho. A sua bagagem limitava-se ao saco já descrito, que ela trazia fechado à chave e que, por falta de espaço, conservava sobre os joelhos.

A sua peliça, comprida, sem mangas, de cor escura e debruada de azul, abotoava-se-lhe graciosamente no pescoço. Por baixo desta peliça via-se uma meia saia, também escura, caindo sobre um vestido que terminava no artelho, e cuja barra era guarnecida de bordados pouco vistosos. Finalmente, calçavam-lhe os pés, bem feitos e pequenos, umas botinas de couro lavrado e de solas grossas, como se tivessem sido escolhidas com o fito de empreender uma longa e demorada viagem.

Miguel Strogoff pareceu reconhecer nesta maneira de vestir o trajo das livonianas, e pensou de si para si que a sua companheira de viagem devia ser filha das províncias bálticas.

Mas para onde iria esta rapariga completamente só e numa idade em que a proteção de um pai ou de um irmão se torna de todo indispensável? Viria ela já das províncias ocidentais da Rússia? Tencionaria ficar em Nijni-Novgorod, ou o termo da sua viagem só se completaria para além das fronteiras orientais do império?

Que parente ou que amigo estaria esperando por ela à chegada do comboio? E se nem parente nem amigo viessem procurá-la, que situação seria a sua num país desconhecido? Não se acharia então mais isolada do que dentro daquele compartimento, onde ninguém — devia assim julgá-lo — parecia interessar-se por ela? Tantas interrogações e tantas incertezas.

Contudo, nos movimentos da recém-chegada era fácil observar os hábitos contraídos numa vida de isolamento.

A maneira como entrou no vagão e se preparou para a viagem, o pouco ruído que fez em redor de si, o cuidado que teve em não incomodar os outros passageiros, tudo Isto indicava que aquela criança, feita mulher antes de tempo,

estava acostumada a viver só e só também a contar consigo.

Miguel Strogoff, que não cessava de a fitar com interesse, embora debaixo de toda a reserva, não tentou sequer um pretexto para lhe dirigir a palavra, e, contudo, deviam ainda passar-se muitas horas antes que o comboio chegasse a Nijni-Novgorod.

Só uma vez Miguel Strogoff interveio a favor da sua companheira de viagem. Foi quando um dos passageiros, aquele notável mercador que misturava tão imprudentemente os xales com o sebo, se deixara adormecer, ameaçando esmagar a pobre rapariga com o peso da sua volumosa cabeça, oscilante de um ombro para o outro. Miguel Strogoff, vendo isto, acordara-o desabridamente, fazendo-lhe compreender que devia conservar-se direito e ser mais atencioso.

O mercador, grosseiro por índole, resmungara algumas palavras contra aquele que se metera onde não era chamado. Miguel Strogoff encarou-o, porém, de tal forma que o mercador achou prudente calar-se, e, encostando-se para o lado oposto, deixou a jovem viajante liberta da má vizinhança que ele lhe fazia.

Esta olhou por um instante para Miguel Strogoff, como se lhe quisesse transmitir um agradecimento no seu mudo e singelo olhar.

Estava, porém, escrito que Miguel Strogoff poderia dentro em pouco formar uma ideia justa do caráter desta rapariga.

Doze verstas antes de chegar à estação de Nijni-Novgorod, no ponto onde a linha férrea fazia uma curva brusca, sentiu-se no comboio um choque violento.

Passageiros mais ou menos pisados e caídos, gritos e confusão dentro das carruagens, tal foi a primeira impressão do choque. Receando-se, porém, que algum sinistro maior sobreviesse, as portinholas das carruagens foram-se abrindo antes mesmo de o comboio parar, e todos, assustados, só tiveram um pensamento: abandonar o comboio e procurar um abrigo ao longo da linha.

Miguel Strogoff pensou, antes de tudo, na sua companheira de viagem, mas, enquanto os passageiros do compartimento onde ambos estavam fugiam, gritando e atropelando-se, ela, a formosa desconhecida, ficara tranquilamente sentada no seu lugar, apenas com o parecer alterado por ligeira palidez.

Ela parecia esperar, Miguel Strogoff também.

Ela não fizera um movimento para sair, Miguel Strogoff também não.

Ambos se conservavam impassíveis.

«Que energia a desta mulher!», pensava consigo mesmo Miguel Strogoff.

Entretanto, desaparecera o perigo. O choque resultara de se ter partido o aro de uma roda do vagão destinado às bagagens. O comboio parara em seguida, mas se, porventura, chegasse a descarrilar, ter-se-ia precipitado por um barranco. O atraso foi apenas de uma hora. Desembaraçada a linha, o comboio continuou a marcha e chegou à estação de Nijni-Novgorod às oito horas e meia da noite.

Ainda ninguém tinha saído das carruagens e já os agentes de polícia se apresentavam às portinholas para examinar os passageiros.

Miguel Strogoff, apresentando o seu podaroshna, passado em nome de Nicolau Korpanoff, não encontrou dificuldades em sair.

Quanto aos outros passageiros do compartimento, como ficavam todos em Nijni-Novgorod, não pareceram suspeitos à polícia, o que foi uma fortuna para eles.

Faltava a jovem desconhecida. Essa apresentou, não um passaporte, porque na Rússia já não se exigem passaportes, mas um documento selado com um selo especial, e que parecia destinar-se a um determinado fim.

Um inspetor da polícia leu-o com atenção. Depois, examinando escrupulosamente aquela cujas feições vinham descritas no papel:

— És de Riga? — perguntou ele.

— Sou — respondeu a rapariga.

— Vais para Irkutsk?

— Vou.

— por que estrada?

— Pela de Perm.

— Está bem — respondeu o inspetor. — Não te esqueças de visar este documento na estação de Nijni-Novgorod.

A rapariga baixou a cabeça em sinal de assentimento.

Miguel Strogoff, ouvindo as perguntas e respostas que acabavam de se trocar, teve ao mesmo tempo um sentimento de surpresa e de piedade. Seria possível que uma rapariga tão nova empreendesse sozinha uma viagem tão longa! E então naquele momento, em que aos perigos habituais vinham juntar-se também os de uma invasão! Como atravessaria ela a Sibéria, se acaso lá chegasse?

Concluída a inspeção, abriram-se as portas das carruagens e, antes que Miguel Strogoff tivesse tido tempo para se dirigir à jovem livoniana, já ela desaparecia por entre os grupos aglomerados à saída da estação.

Capítulo V — Laconismo de um Edital

Nijni-Novcood, ou Novgorod a Pequena, situada na confluência do Volga com o Oka, é a capital do governo do mesmo nome.

Acabava ali para Miguel Strogoff a viagem em caminho de ferro. A linha, que deveria chegar até à fronteira, não ia mais para diante neste tempo.

À medida, pois, que ele avançava, cada vez os meios de comunicação se lhe tornavam menos rápidos e seguros.

Nijni-Novgorod, que ordinariamente conta só trinta a trinta e cinco mil habitantes, possuía agora dez vezes esse número. Tamanho excesso de população provinha da célebre feira, que ali se faz todos os anos durante um período de seis semanas. Antigamente era Makariew que tirava o imenso proveito deste concurso de comerciantes, porém, desde 1817, a feira fora transferida para Nijni-Novgorod.

A cidade, geralmente silenciosa, apresentava, pois, uma animação extraordinária. Dez raças diferentes de negociantes europeus e asiáticos estavam ali reunidas fraternalmente sob a mágica influência das transações comerciais.

Se bem que já não fosse muito cedo quando Miguel Strogoff saiu da gare, ainda havia, contudo, grande movimento e animação nas duas partes da cidade, que a corrente do Volga divide, a mais elevada das quais, construída sobre um rochedo escarpado, apresenta para defendê-las um desses fortes que na Rússia se chamam kremlin.

Se Miguel Strogoff pretendesse demorar-se em Nijni-Novgorod, ser-lhe-ia difícil encontrar um hotel ou uma pousada onde pudesse alojar-se. Tudo estava cheio.

Porém, o seu plano era diferente.

Constando-lhe que no dia seguinte devia partir um vapor da carreira do Volga, dirigiu-se ao escritório da companhia a fim de lhe indicarem a hora exata

da sua partida. Soube aí com desgosto que o Cáucaso — era o nome do barco —, em viagem de Nijni-Novgorod para Perm, só largaria ao meio-dia. Dezassete horas de espera! Semelhante contrariedade não podia deixar de ser extremamente desagradável para um homem que não queria perder um minuto. Que devia, porém, fazer Miguel Strogoff senão esperar?

Demais, nas circunstâncias atuais, nenhuma carruagem, berlinda ou cabriolé de posta conseguiria transportá-lo com maior velocidade, quer para Perm, quer para Kazan. Era portanto preferível esperar pelo vapor, meio de transporte mais rápido que os outros e que lhe faria em poucas horas recuperar o tempo perdido.

Estava, portanto, Miguel Strogoff condenado a passear pelas ruas a sua ociosidade forçada, sem se preocupar muito com o local onde havia de pernoitar. E, se não fora a fome que principiava a importuná-lo, teria decerto continuado o seu passeio ao ar livre até romper a manhã. O que ele, pois, se decidiu a procurar foi mais uma ceia que uma cama. Ora, casualmente, achou ambas as coisas numa hospedaria que tinha por tabuleta: Cidade de Constantinopla.

Aqui, o hospedeiro ofereceu-lhe um quarto bastante decente, com pouca mobília, mas a que não faltava a imagem da Virgem nem os painéis de alguns santos emoldurados em papel dourado. Trouxeram-lhe para cear um pato com recheio de sabor picante e molho de creme, pão de cevada, leite coalhado, canela misturada com açúcar e uma caneca de kwass, qualidade de cerveja muito vulgar na Rússia. Nem tanto era preciso para constituir uma ceia abundante. Miguel Strogoff ceou, pois, fartamente e muito melhor que o seu comensal do lado, que, na qualidade de “velho crente da seita dos Raskolniks”, tinha feito voto de abstinência e tirava as batatas para fora do prato, privando-se também de beber o chá com açúcar.

Terminada a ceia, Miguel Strogoff, em vez de se ir deitar, preferiu continuar maquinalmente o seu passeio pela cidade. A multidão começava a dissipar-se, as ruas Iam pouco a pouco ficando desertas e cada um tratava de voltar para sua casa.

Porque seria que Miguel Strogoff não foi meter-se na cama, como é natural

que se faça depois de um dia inteiro passado num comboio? Pensaria ele na jovem livoniana que tinha sido durante algumas horas sua companheira de viagem? Pensava. Recearia ele que a pobre menina, perdida no meio daquela multidão, fosse vítima de algum insulto? Receava, e tinha razão para isso. Esperaria tornar a encontrá-la para, em caso de necessidade, se mostrar seu protetor? Não. Encontrá-la outra vez era difícil. E, quanto a protegê-la, com que direito?

«Só — refletia ele —, só no meio destes nómadas! E ainda os perigos de agora não são nada em vista dos perigos de amanhã! A Sibéria! Irkutsk! O que eu vou arrostar pela Rússia e pelo imperador vai ela tentar por... Por quem? Para quê? Traz uma guia que lhe permite transpor a fronteira. Com que fim? E além da fronteira o país está revoltado! Os tártaros correm pelas estepes siberianas!».

Miguel Strogoff parava por um momento e ficava pensativo.

«É de supor — dizia ele — que esta viagem a Irkutsk fosse projetada antes da invasão. Talvez a minha desconhecida ignore ainda o que se passa. Porém, não, toda aquela gente que vinha no comboio falou da revolta da Sibéria diante dela. E não pareceu assustar-se! Nem mesmo pediu o menor esclarecimento. Mas então sabia já o que a esperava e, mesmo assim, persiste em partir!... Pobre menina! Está provado que só um imperioso motivo a levaria a esta viagem. Mas, por mais corajosa que seja — e é corajosa, lá isso é! —, hão de escassear-lhe as forças no caminho, sem contar os perigos e os obstáculos que de todos os lados lhe surgirão. Oh! Não chegará, não poderá chegar a Irkutsk!»

Miguel Strogoff continuava sempre o seu passeio ao acaso, mas, como conhecia perfeitamente a cidade, não lhe era fácil perder-se nas diferentes ruas.

Depois de ter andado assim uma hora, foi sentar-se num banco encostado a uma grande barraca de madeira, levantada entre muitas outras sobre uma praça vastíssima.

Estava ali haveria cinco minutos quando sentiu que a mão de um homem se lhe apoiava com força sobre o ombro.

— Que fazes aí? — perguntou-lhe esse homem, de estatura elevada e voz

áspera, que Miguel Strogoff não vira aproximar-se.

— Estou descansando — respondeu Miguel Strogoff.

— Tencionarás tu passar a noite nesse banco? — ajuntou o desconhecido.

— Talvez, se isso me convier — replicou Miguel Strogoff com um tom de voz que desdizia do seu trajo de simples mercador.

— Aproxima-te. Quero ver-te a cara.

Miguel Strogoff, lembrando-se de que lhe convinha ser prudente primeiro que tudo, recuou instintivamente.

— Não preciso que me vejam — retorquiu.

E, com sangue-frio,. tratou de estabelecer um intervalo de dez passos entre ele e o seu interlocutor.

Observando melhor, pareceu-lhe então que o desconhecido era uma espécie de boémio, como os que se encontram pelas feiras, cujo contacto não se tornava agradável, nem física nem moralmente. E, olhando com toda a sua atenção, auxiliado pela claridade do luar, pôde distinguir, junto da barraca, um grande carro, morada habitual e ambulante destes zíngaros, ou tziganos, que se encontram por todos os pontos da Rússia onde haja alguns kopeks a ganhar. Entretanto o boémio avançara dois a três passos e dispunha-se a provocar mais diretamente Miguel Strogoff quando a porta da barraca se abriu. Surgiu uma mulher, que, adiantando-se, falou com vivacidade e num idioma bárbaro que Miguel Strogoff reconheceu como uma mistura de mongol e siberiano:

— Mais um espião! — disse ela. — Deixa-o lá e vem cear. O papiuka[4] está na mesa.

Miguel Strogoff não pôde deixar de sorrir do nome que lhe davam, quando ele, sobretudo, o que mais temia eram os espiões.

O boémio, respondendo na mesma linguagem, se bem que o seu modo de se expressar fosse diferente do da mulher, disse algumas palavras que significavam:

— Tens razão, Sangarra. Demais a mais, partimos amanhã.

— Amanhã? — replicou a mulher a meia voz, parecendo surpreendida com a

notícia.

— Sim, amanhã, Sangarra — respondeu o boémio. — É o Pai em pessoa quem nos manda... para onde nós queremos ir.

Depois disto, o homem e a mulher entraram para a barraca, sendo a porta logo em seguida cuidadosamente fechada.

— Bom! — comentou Miguel Strogoff. — Se estes boémios desejam falar de maneira que eu os não entenda, aconselho-os a que se sirvam de outra língua.

Efetivamente Miguel Strogoff, na sua qualidade de siberiano, e por ter passado entre as estepes os anos da infância, compreendia quase todos os idiomas usados desde a Tartária até o oceano Glacial. Quanto à significação precisa que poderiam ter as palavras trocadas entre o boémio e a sua companheira, mostrou-se absolutamente indiferente. Em que podia isso interessá-lo?

Como já fosse tarde, pensou em voltar para a hospedaria, a fim de repousar algumas horas. Seguiu depois o curso do Volga, cujas águas desapareciam sob a massa compacta das embarcações. E tomando-o como ponto de referência pôde então reconhecer qual era o sítio que deixava. Aquela aglomeração de carros e barracas ocupava precisamente a vasta praça onde todos os anos se efetua a grande feira de Nijni-Novgorod, o que explicava também o agrupamento dos pelotiqueiros e boémios, que se reúnem ali vindos de diferentes pontos do Mundo.

Uma hora depois Miguel Strogoff dormia, talvez um pouco agitadamente, sobre uma dessas camas russas que parecem tão duras aos estrangeiros. No dia seguinte, 17 de julho, mal rompia a manhã, já Miguel Strogoff estava acordado.

Tinha ainda de passar cinco horas em Nijni-Novgorod, o que para ele era um século. Para preencher a manhã só lhe restava o recurso de passear pelas ruas da cidade, como fizera na véspera. As suas ocupações até ao momento da partida limitavam-se a almoçar, a fechar o seu saco de viagem e a ir ao posto da polícia para visar o seu podaroshna. Como não era homem que ficasse na cama depois do Sol nado, levantou-se, vestiu-se, meteu cuidadosamente o ofício com as

armas imperiais no fundo de um bolso praticado entre o forro da véstia, apertou esta à cintura com a sua cinta de mujique e fechou o saco de viagem, tornando a prendê-lo aos ombros. Feito isto, e não querendo voltar à Cidade de Constantinopla, pagou a sua conta e saiu da hospedaria, dispondo-se a almoçar nas proximidades do cais de embarque.

Por excesso de precaução, Miguel Strogoff foi novamente informar-se no escritório da companhia se o Cáucaso partiria à hora já indicada. Lembrou-se então pela primeira vez que, visto a jovem livoniana seguir a estrada de Perm, seria muito possível embarcar ela também a bordo do Cáucaso, devendo nesse caso seguirem juntos na mesma direção.

A parte elevada da cidade com o seu kremlin, que tem duas verstas de circunferência e que se parece muito com o de Moscovo, estava a este tempo quase de todo abandonada. O próprio governador deixara de residir nela. Em compensação, a parte baixa apresentava o movimento e a vida que faltavam àquela.

Miguel Strogoff, depois de ter atravessado o Volga sobre uma ponte de barcos guardada por cossacos a cavalo, achou-se no mesmo lugar onde na véspera tinha tido o seu encontro com o boémio.

Era um pouco fora da cidade que se fazia esta feira de Nijni-Novgorod, com a qual não chega mesmo a poder competir a célebre feira de Leipzig. Numa vasta planície, situada além do Volga, levantava-se o palácio provisório do governador-geral, onde, por ordem superior, este alto funcionário tem de residir durante todo o tempo da feira, a fim de vigiar de perto os diversos elementos que a ela acorrem.

Esta planície estava agora coberta de casas de madeira simetricamente dispostas em ruas espaçosas para não embaraçar os movimentos da multidão.

Estas casas, de todos os tamanhos e de todos os feitios, formavam vários arruamentos, cada um deles, destinado a um género especial de comércio. Havia o arruamento dos tecidos, o arruamento das peles, o arruamento das lãs, o das madeiras, dos artigos de ferro, etc. Algumas destas casas ou barracas eram

mesmo construídas com materiais desusados: umas com pequenas caixas de conservas em forma de tijolos, e outras com grandes pilastras de carne salgada, isto é, com as variadas amostras dos diferentes produtos que os seus donos vendiam ao público. Singular maneira de fazer publicidade!

A afluência nestas ruas era já considerável, atendendo a que o Sol resplandecia desde as quatro horas da manhã. Russos, siberianos, alemães, cossacos, turcos, persas, georgianos, gregos, otomanos, índios e chineses — espécie de xadrez variado, composto de europeus e asiáticos — andavam havia muito discutindo e traficando. Tudo o que é suscetível de venda e de compra parecia estar empilhado nesta praça imensa. Moços de fretes, cavalos, camelos, burros, barcos e carroças, tudo que pode servir de transporte ás mercadorias, achava-se acumulado neste espantoso mercado. Pedras preciosas, peles, estofos de seda, caxemira das índias, tapetes turcos, armas do Cáucaso, tecidos de Esmirna e de Ispaão, armaduras de Tiflis, chá das caravanas, bronzes da Europa, relojoaria da Suíça, veludos e sedas de Lião, algodões de Inglaterra, molas e arreios para carruagens, frutos, legumes, minérios do Ural, malaquites, lápis-lazúli, plantas aromáticas, perfumarias, plantas medicinais, madeiras de construção, alcatrão, cordame, abóboras, melancias, etc., todos os produtos da Índia, da China e da Pérsia, os do mar Cáspio e do mar Negro, os da América e da Europa, estavam reunidos em comum sobre este ponto do Globo.

Era um movimento, um burburinho, um tumulto, e uma vozearia difíceis de descrever, e para o que tanto contribuía a animação ruidosa dos indígenas, como a nota discorde dos estrangeiros. Achavam-se ali mercadores da Ásia central, que tinham levado um ano para atravessarem longas planícies com as suas mercadorias e que, acabada a feira, passariam outro ano ainda antes de tornarem a ver os seus depósitos ou armazéns. Enfim, a importância desta feira de Nijni-Novgorod é tal que a cifra das suas transações não se eleva a menos de cem milhões de rublos.

Sobre as praças, contíguas aos arruamentos desta cidade improvisada, ficavam as diferentes barracas dos arlequins: eram saltimbancos e acrobatas,

ensurdecendo quem passava com as desafinações das suas músicas destemperadas e com a inferneira das suas buliçosas palhaçadas, boémias, vindas das montanhas, lendo a buena-dicha aos papalvos, que se sucediam, zíngaros ou tziganas — nome que os russos dão aos egípcios, antigos descendentes dos coptas — cantando as suas canções mais animadas e dançando as suas danças mais originais, comediantes de teatro de feira, representando os dramas de Shakespeare acomodados ao gosto do público, que afluía em massa. Depois seguiam-se, nas grandes avenidas, a exposição dos ursos, que trabalhavam em liberdade, e a exibição das feras, que atroavam os ares com os seus rugidos, estimuladas pelo chicote cortante ou pelo ferro em brasa do domador. Finalmente, no centro da grande praça, onde havia um quádruplo círculo de apreciadores de música, ouvia-se um coro imenso de “marinheiros do Volga”, sentados no chão como se estivessem a bordo dos seus botes — coro simulando a ação de remar, e que tinha a dirigi-lo um chefe de orquestra, verdadeiro timoneiro desta barca imaginária.

Por cima de toda a multidão agitada — costume caprichoso e encantador! — uma nuvem de pássaros, soltos das gaiolas onde os tinham trazido, cobria o céu de vez em quando. Em troco de alguns kopeks oferecidos caridosamente pelas boas almas, é uso antigo nesta feira abrirem os passarinheiros as portas aos seus alados cativos, que, vendo-se em liberdade, vão voando e chilreando nos seus gorjeios alegres. Tal era o aspeto da notável feira de Nijni-Novgorod, tal devia sempre conservar-se por espaço de seis semanas.

Acabado este período vertiginoso, todo o tumultuar cessa como por encanto, a parte da cidade alta reassume o seu caráter oficial, a parte baixa recai na sua monotonia ordinária, e daquela enorme afluência de mercadores e feirantes, pertencendo a diversos países da Europa e da Ásia central, não resta um só vendedor que tenha que vender, nem um único comprador que tenha que comprar.

Convém ainda notar que desta vez a França e a Inglaterra tinham tido como representantes na grande feira de Nijni-Novgorod dois dos mais distintos

produtos da moderna civilização: os Srs. Harry Blount e Alcide Jolivet.

Os dois correspondentes tinham vindo aqui buscar impressões em benefício dos seus leitores e empregavam da melhor forma que podiam as poucas horas de que dispunham, pois não restava dúvida de que eles também iam embarcar no Cáucaso.

Encontraram-se naturalmente nos arruamentos da feira, e não se maravilharam do encontro, uma vez que ambos tinham por fim andar colhendo notícias para os seus jornais. Desta vez, porém, não se demoraram a conversar, limitando-se apenas a trocar um ligeiro cumprimento.

Alcide Jolivet, otimista por índole, julgava que tudo corria regularmente, e, como o acaso lhe tinha feito encontrar cama e mesa sem dificuldade, anotou o facto na sua carteira com algumas frases muito lisonjeiras para a cidade de Nijni-Novgorod.

Harry Blount, pelo contrário, que não encontrara ceia nem cama, vira-se obrigado a passar a noite ao relento. Daqui resultou que ele encarava as coisas sob um aspeto menos benigno e já meditava num artigo furibundo contra uma cidade onde as hospedarias rejeitam os hóspedes, apesar de estes não se oporem a ser explorados material e moralmente.

Miguel Strogoff, com uma das mãos na algibeira e segurando com a outra o seu cachimbo de cerejeira, parecia ser o mais indiferente e o menos apressado de todos os homens. Contudo, certas contrações dos seus músculos superciliares revelariam a qualquer observador atento que ele dominava a custo a sua impaciência.

Havia perto de duas horas que percorria as ruas da cidade, para voltar invariavelmente aos arruamentos da feira.

Girando por entre os diversos grupos, tinha já notado visível inquietação em todos os feirantes vindos das regiões vizinhas da Ásia. O movimento comercial ressentia-se dessa inquietação. Que os pelotiqueiros, ginastas e equilibristas fizessem muita bulha para atrair concorrência, compreende-se, porque estes pobres diabos nada tinham que perder com o êxito bom ou mau do giro

comercial. Outro tanto não sucedia aos negociantes russos, cujas transações com os seus colegas da Ásia central corriam perigo de se anular por causa da invasão tártara.

Outro sintoma que não devia passar despercebido. Na Rússia, o uniforme militar aparece em toda a parte. Os soldados confundem-se voluntariamente com a multidão. Especialmente nesta feira de Nijni-Novgorod, os agentes da polícia são em geral auxiliados por numerosos cossacos, que, de lança em punho, mantêm a ordem nesta aglomeração de trezentos mil estrangeiros.

Ora, neste dia, os militares e cossacos não apareciam na feira. Prevendo-se talvez alguma ordem de marcha repentina, tinham ficado todos nos quartéis.

Contudo, se faltavam os soldados, sobravam os oficiais. Viam-se por todos os lados, e desde a véspera que os ajudantes de campo, saindo do palácio do governador-geral, se espalhavam em diferentes direções. Havia, pois, um movimento desusado, que só a gravidade dos acontecimentos poderia explicar. Os estafetas sucediam-se nas estradas da província, quer do lado de Wladimir, quer do lado dos montes Urais. A troca de despachos telegráficos com Moscovo e São Petersburgo era incessante: A situação de Nijni-Novgorod, pouco afastada da fronteira siberiana, exigia, portanto, sérias precauções. Era preciso não esquecer que já por duas vezes, no século XIV, a cidade fora tomada pelos antepassados destes mesmos tártaros que a ambição de Féofar-Cã arremessava em direção às estepes da Sibéria.

Um funcionário importante, não menos ocupado que o governador-geral, era agora o chefe da polícia. Tanto ele como os seus agentes, encarregados de manter a ordem, de atender as reclamações e de fiscalizar a fiel observância dos regulamentos, não descansavam um minuto. As suas repartições, abertas de dia e de noite, estavam constantemente cercadas, tanto pelos habitantes da cidade como pelos estrangeiros da Europa e da Ásia.

Sucedeu que Miguel Strogoff se achava precisamente na praça central quando correu o boato de que o chefe da polícia fora chamado à presença do governador da província.

Segundo se dizia, acabara de receber-se de Moscovo um despacho importantíssimo.

Efetivamente, o chefe da polícia fora chamado ao palácio do governo, e, como que por um pressentimento geral, começara a circular a notícia de que se iam tomar providências de grande alcance.

Miguel Strogoff ouvia todos os comentários que se faziam para deles tirar depois o proveito que pudesse.

— Diz-se que mandam desarmar a feira! — dizia um.

— O regimento de Nijni-Novgorod recebeu ordem para marchar — acrescentava outro.

— Parece que os tártaros ameaçam Omsk.

— Lá vem o chefe da polícia! — gritaram diferentes indivíduos ao mesmo tempo.

A vozearia que se levantara subitamente foi-se dissipando pouco a pouco, dando lugar a um silêncio absoluto. Era evidente que todos esperavam alguma comunicação grave por parte do Governo.

O chefe da polícia, precedido dos seus agentes, voltava do palácio do governador-geral. Acompanhava-o um destacamento de cossacos, que iam obrigando o povo a fazer alas à força de golpes de lança, tão energicamente distribuídos como resignadamente aceites.

O chefe da polícia chegou ao centro da praça e todos puderam ver que trazia um papel na mão.

Reinava o silêncio em toda a praça. Ele então, levantando a voz, leu pausadamente o seguinte:

EDITAL DO GOVERNADOR DE NIJNI-NOVGOROD

“Artigo 1.” Fica proibido a todos os súbditos da Rússia ausentarem-se desta província, seja qual for o motivo para isso alegado.

“Artigo 2.” São intimados todos os estrangeiros de origem asiática a saírem

da província no prazo de vinte e quatro horas.

Capítulo VI — Irmão e irmã

Estas medidas, prejudiciais para os interesses particulares, eram perfeitamente justificadas pelas circunstâncias.

“Proibição a todos os súbditos russos de se ausentarem da província” correspondia a impedir que Ivan Ogareff, dado o caso de ele ainda estar na Rússia, se pudesse reunir a Féofar-Cã, a não ser com grandes dificuldades, privando assim o chefe tártaro de um perigoso auxiliar.

“Intimação a todos os estrangeiros de origem asiática para saírem da província no prazo de vinte e quatro horas” equivalia a limpar completamente a província desses feirantes vindos da Ásia central e desses bandos de boémios, de egípcios e de tziganos, que sempre estão mais ou menos em contacto com as populações tártaras ou mongólicas. Tantos eram os indivíduos daquela raça, tantos poderiam ser os espiões. A sua expulsão, portanto, era um ato de justificada previdência.

Compreende-se, porém, o efeito que deveriam produzir estes dois artigos, em especial sobre a cidade de Nijni-Novgorod, mais diretamente lesada pelo rigor do edital.

Assim, pois, os nacionais que tivessem negócios a tratar para lá da fronteira siberiana viam-se impossibilitados de sair da província, pelo menos momentaneamente. A redação do primeiro artigo era formal. Não admitia a mínima exceção. O interesse dos particulares devia desaparecer em presença do interesse geral.

Quanto ao segundo artigo, as suas disposições eram também terminantes. Não abrangia outros estrangeiros que não fossem de origem asiática, mas para estes não se mostrara a menor contemplação. Urgia que emalassem as suas fazendas e que partissem de novo com elas a caminho de suas terras.

Para os saltimbancos e boémios, que tinham afluído em grande número e que

se achavam a mil verstas de distância da fronteira mais próxima, esta ordem de expulsão representava a fome e a miséria num prazo limitadíssimo.

Por isso, contra semelhante medida de rigor não faltaram murmurações e gritos de cólera, que só a presença dos cossacos e dos polícias conseguiu a custo reprimir.

Pouco tempo depois desta prevenção oficial, começava como por encanto o desmanchar de tão vastíssima feira. A lona que guarnecia as barracas era cuidadosamente dobrada; apagavam-se os fogões das improvisadas casas de pasto; as danças e os cantares cessavam de repente; desprendiam-se as cordas dos exercícios de ginástica; emudeciam os discursos dos palhaços palradores; os teatros dos arlequins desfaziam-se aos bocados, e os velhos e lazarentos cavalos, que puxam estas moradas ambulantes, saíam das cocheiras. Polícias e soldados, de chicote na mão ou espada em punho, não tinham escrúpulos em derrubar as barracas dos pobres saltimbancos, ainda antes de eles haverem entrouxado as suas roupas. Sob a influência destas enérgicas medidas era evidente que a feira de Nijni-Novgorod estaria levantada antes da noite, devendo ao movimento da turba suceder-se o silêncio da imobilidade.

Como consequência agravante da expulsão, acrescente-se ainda que os diversos grupos de nómadas se viam obrigados a emigrar, quer para o sul do mar Cáspio, quer para a Pérsia, para a Turquia ou para as planícies afastadas do Turquestão. As próprias estepes da Sibéria não lhes eram franqueadas!

Os postos militares do Ural e das montanhas, que formam como que um prolongamento deste rio, opor-se-iam à sua passagem. Era, pois, uma distância de mil verstas que estes desgraçados tinham de percorrer antes de pisarem um solo que lhes fosse mais hospitaleiro.

No momento em que o chefe da polícia acabava de ler o edital, Miguel Strogoff sentiu-se Impressionado por uma circunstância que subitamente lhe ocorreu.

«Singular coincidência — pensava ele —, entre esta intimação que expulsa os estrangeiros de origem asiática e as palavras trocadas a noite passada por

aqueles dois boémios de raça tzigana. «É o Pai em pessoa que nos manda para onde nós queremos ir», disse o homem à sua companheira. Mas esse Pai não pode ser outro senão o czar. É assim que lhe chamam entre o povo. Como podiam aqueles boémios prever a medida tomada contra a sua raça? Como foi que a conheceram com tamanha antecipação? Onde será que eles pretendem ir? Aqui está uma gente que não me parece andar de boa fé e que talvez lucre mais do que perca em ser expulsa da feira.»

Estas reflexões, que não deixavam de ser justas, foram contudo prejudicadas por outra, que avassalou o espírito de Miguel Strogoff. Esqueceu pois os tziganos, as suas ambíguas expressões da véspera e a estranha coincidência que daí resultava com a promulgação do edital. A lembrança da jovem livoniana viera apagar todas as outras impressões.

— Pobre criança! — exclamou ele de repente. — Como há de ela agora transpor a fronteira da Sibéria?

Efetivamente, a companheira de viagem de Miguel Strogoff era de Riga, na Livónia, e russa por consequência. Não podia, pois, abandonar o solo da Rússia. A guia que lhe fora concedida antes das recentes medidas já decerto não tinha validade. Os caminhos da Sibéria acabavam de lhe ser fatalmente fechados, e, qualquer que fosse o motivo da sua viagem a Irkutsk, semelhante viagem tornava-se de todo impraticável. Era nisto que estava pensando Miguel Strogoff.

Antes de se publicar o edital, Miguel Strogoff tinha-se habituado à Ideia de que, sem denunciar a sua verdadeira posição, sem prejudicar o fim delicado da sua empresa, poderia talvez prestar alguns serviços a esta corajosa rapariga. Conhecendo os perigos que pessoalmente o esperavam a ele, homem forte e vigoroso, num país que lhe era familiar, calculara os perigos ainda maiores que deviam cercar a pobre menina. Pois não ia para Irkutsk, vendo-se obrigada, como ele, Miguel Strogoff, a atravessar também territórios invadidos? E se trouxesse consigo apenas os recursos necessários para viajar em condições ordinárias, como chegaria ao seu destino, agora que as circunstâncias exigiam maior volume de despesas?

«Uma vez que toma a estrada de Perm, tinha dito Miguel Strogoff a si mesmo, é quase impossível que a não encontre no caminho. Poderei, portanto, vigiá-la a distância, sem lho dar a perceber. E como ela parece ter empenho igual ao meu em chegar depressa a Irkutsk, a sua presença não me causaria decerto a mínima demora.»

Tinham sido estes os cálculos que Miguel Strogoff fizera anteriormente. Ele vira a possibilidade de se tornar útil e servil, e desde este momento ficara esperando com impaciência que o acaso lhe deparasse o ensejo de praticar uma boa ação.

O primeiro artigo do edital, vindo agora cerrar à jovem livoniana as portas da Sibéria, tinha de todo prejudicado as íntimas combinações de Miguel Strogoff. Ele pendera a cabeça, triste e desanimado, sentindo com profunda mágoa o obstáculo que se levantava.

De repente, como que dominado por um novo pensa mento, começou a encarar a situação de modo inteiramente diverso.

«Mas agora reparo! — disse ele. — Tudo se pode conciliar ainda, e, apreciando melhor as nossas recíprocas condições, reconheço que preciso eu mais da formosa livoniana do que ela precisa de mim. A sua presença pode servir até para afastar todas as desconfianças sobre o verdadeiro fim da minha missão. No homem que fosse encontrado a percorrer sozinho as estepes siberianas era fácil suspeitar o correio do imperador. Mas se, pelo contrário, esse homem levar a seu lado uma companheira, quem deixará de ver nele o negociante Nicolau Korpanoff que o podaroshna menciona? É tão conveniente, pois, que a formosa desconhecida me acompanhe, como é necessário que eu a torne a ver sem demora. Não é natural que de ontem à noite para cá ela encontrasse alguma carruagem que saísse de Nijni-Novgorod. Procuremo-la, portanto, e que Deus me tenha na sua guarda.»

Miguel Strogoff deixou a praça principal da cidade, onde o tumulto, provocado pelas últimas medidas, tinha chegado ao auge. Era uma confusão espantosa! — gritos de feirantes e boémios, repentinamente proscritos,

Intimações de cossacos e polícias, que se viam obrigados a expulsá-los.

Davam nove horas neste momento e o vapor só largava ao meio-dia. Miguel Strogoff podia ainda dispor aproximadamente de duas horas. Era tempo de sobejo para procurar a jovem livoniana e convidá-la a ser sua companheira de viagem.

Atravessou de novo a ponte do Volga e penetrou nos bairros da outra parte da cidade, onde a concorrência não era tamanha. Percorreu cada rua de per si, introduziu-se nas travessas e entrou nas igrejas, refúgio natural de todos os que choram e padecem. Em nenhum destes pontos encontrou aquela que buscava!

«E, contudo — repetia ele —, é impossível que já tenha saído de Nijni-Novgorod. Continuemos a procurar.»

Miguel Strogoff andou assim ao acaso durante duas horas. Não andava, corria sem descansar, obedecendo a um sentimento imperioso que o impelia. Tudo sem resultado!

Lembrou-se então que a sua desconhecida talvez ignorasse ainda a publicação do edital, circunstância pouco admissível, porque os ecos daquela violenta e inesperada determinação deviam ter-se logo espalhado pela cidade. Interessada em conhecer as diversas particularidades que se prendessem com a sua viagem, como se poderia admitir que desconhecesse ainda as medidas tomadas pelo governador de Nijni-Novgorod, medidas que tão diretamente lhe diziam respeito?

Mas se, porventura, as ignorasse, era certo que se dirigiria dentro em pouco para embarcar, expondo-se nesse caso a que algum agente menos delicado lhe proibisse brutalmente a saída. Urgia, portanto, que Miguel Strogoff a encontrasse para lhe evitar aquele violento abalo.

As suas indagações foram, porém, inúteis, e não tardou que ele perdesse toda a esperança de a tornar a ver.

Davam então onze horas. Miguel Strogoff, atendendo a circunstâncias especiais em que se achava a cidade por efeito do recente edital, julgou conveniente ir apresentar o seu podaroshna à repartição da polícia. O edital não

podia entender-se com ele, visto que a sua missão estava acima de todos os editais, entretanto, quis certificar-se de que nenhum obstáculo se opunha à continuação da viagem.

Miguel Strogoff tornou, pois, à parte da cidade onde ficavam as repartições da polícia.

Havia ali grande afluência e confusão, porque os próprios estrangeiros, que deviam ausentar-se, eram previamente obrigados a um certo número de formalidades. Sem esta precaução, qualquer russo que estivesse mais ou menos envolvido na insurreição tártara, por meio de un disfarce, poderia atravessar a fronteira, o que o edital, sobretudo, pretendia evitar.

Expulsavam os estrangeiros, mas ainda assim era preciso que se lhes desse licença para saírem.

Os boémios, os zíngaros, os tziganos, os arlequins e os saltimbancos, juntamente com os mercadores da Pérsia, da Turquia, da Índia, do Turquestão e da China, inundavam, pois, a entrada e as escadas das repartições da polícia.

Todos se apressavam, porque os meios de transporte iam escassear decerto, em vista da sua imensa procura por parte destes proscritos de diversos países, e aqueles que não andassem com diligência corriam o risco de não se acharem em condições de sair da cidade dentro do curto prazo que lhes fora marcado, circunstância que decerto os exporia depois a alguma intervenção brutal por parte dos agentes da autoridade.

Miguel Strogoff, graças ao vigor dos seus pulsos, pôde atravessar sem muito custo a porta da entrada. Mas penetrar nas salas e chegar à fala com os agentes era operação muito mais difícil. Contudo, algumas palavras que disse ao ouvido de um polícia e alguns rublos oferecidos a propósito tiveram o condão de o deixar passar sem obstáculos.

O polícia, depois de ter introduzido Miguel Strogoff na sala de espera, fora prevenir um seu superior, não passaria, pois o correio do czar não passaria, .pois, muitos minutos sem que pudesse regularizar a sua identidade e seguir viagem.

Enquanto esperava, lançou os olhos em redor. E que viu ele?

Adiante de si, entregue a uma dor silenciosa, e mais desfalecida do que sentada sobre um banco, uma rapariga, de que só divisava o rosto, cujo perfil ia desenhar-se na parede.

Miguel Strogoff não se enganava. Tinha acabado de reconhecer nessa rapariga a jovem livoniana que procurava.

Ignorando as determinações do governador, ela viera à repartição da polícia para visar a sua guia! Não lha tinham querido receber. Era certo que esta guia autorizava a sua portadora a ir até Irkutsk, mas o implacável edital, anulando todas as autorizações anteriores, cortava à pobre livoniana os meios de se dirigir à Sibéria.

Miguel Strogoff, satisfeito do feliz encontro que tivera, dirigiu-se para ela.

O rosto desta iluminara-se de um fugitivo raio de luz ao tornar a ver o seu companheiro de viagem. Levantara-se como por instinto, e à semelhança dos náufragos que quando se julgam perdidos, lançam mão sôfrega de tudo para evitarem a morte, ela ia pedir auxílio a Miguel Strogoff, quando neste momento...

Quando neste momento o polícia que fora transmitir a recomendação de Miguel Strogoff, se aproximava dele, pondo-lhe a mão sobre o ombro:

— O senhor chefe está à sua espera.

— Bem — respondeu Miguel Strogoff.

E sem dizer uma palavra àquela que havia tantas horas procurava, sem a tranquilizar sequer por meio de um gesto ou sinal, que seria arriscar a posição de ambos em semelhante conjuntura, Miguel Strogoff apressou-se a seguir o polícia por entre a compacta multidão.

A jovem livoniana, vendo desaparecer o único homem em que poderia ter esperança de socorro, deixou-se cair novamente sobre o banco.

Não se tinham passado três minutos quando Miguel tornou a aparecer na sala, acompanhado de um polícia. Trazia na mão o podaroshna que lhe franqueava o caminho da Sibéria. Aproximou-se então da jovem livoniana e, estendendo-lhe a mão, disse:

— Minha irmã...

A desconhecida compreendera o alcance daquelas duas vrases! Levantara-se, portanto, sem hesitar, como se obedecesse a súbita inspiração.

— Minha irmã — repetiu Miguel Strogoff —, temos licença para continuar a nossa viagem até Irkutsk. Quer vir?

— Quero, meu irmão — respondeu ela, colocando a mão entre as de Miguel Strogoff. E ambos saíram da repartição da polícia.

Capítulo VII — A bordo do Cáucaso

Um pouco antes do meio-dia, a sineta do vapor atraía para o cais de embarque um numeroso grupo de pessoas. Esta multidão era formada tanto pelos que partiam como pelos que desejariam acompanhá-los.

As caldeiras do Cáucaso já tinham bastante pressão. Da sua chaminé saía apenas um fumo impercetível, em compensação, as válvulas de segurança e o tubo de descarga coroavam-se suavemente de um alvíssimo vapor.

Escusado é dizer que a polícia vigiava a partida do Cáucaso e que não tinha contemplações com os passageiros cujos documentos, por qualquer circunstância, deixassem de estar em forma.

Diferentes patrulhas de cossacos estavam de guarda ao cais, para, em caso de necessidade, auxiliarem o serviço dos polícias. Não foi, porém, necessário recorrer à força, porque tudo se passou sem a menor resistência.

À hora anunciada deu-se o último toque de sineta, largaram-se as amarras, puseram-se em movimento as possantes rodas do vapor, que fenderam as águas tranquilas com as suas pás articuladas, e o Cáucaso, logo em seguida, começou a navegar serenamente deixando atrás de si as duas margens da cidade banhada pelo Volga.

Miguel Strogoff e a jovem livoniana tinham seguido viagem a bordo do Cáucaso. O seu embarque realizara-se sem o menor inconveniente. Como se sabe, o podaroshna, passado em nome de Nicolau Korpanoff, dava autorização a este para levar na sua companhia as pessoas que julgasse necessárias. Eram, pois, dois irmãos que viajavam juntos sob a garantia da polícia imperial.

Ambos sentados na tolda, iam vendo desaparecer a cidade tão profundamente abalada pelo súbito encerramento da sua importantíssima feira.

Miguel Strogoff conservava-se calado, e ainda não havia dirigido uma palavra à sua companheira de viagem.

Por uma questão de delicadeza não queria ser o primeiro a encetar a conversação.

A jovem livoniana por enquanto só concentrava o seu interesse em se ver longe de uma terra donde não teria conseguido sair se não fora a intervenção providencial do seu inesperado protetor. Conservava-se também silenciosa, porém, o seu olhar, voltado para ele, traduzia profundo reconhecimento.

O Volga, o Rha dos antigos, que passa por ser o rio mais importante da Europa, tem um curso aproximadamente de quatro mil verstas de extensão. As suas águas, insalubres na parte mais alta da corrente, purificam-se em Nijni-Novgorod pelo concurso das do Oka, um dos seus afluentes, que nasce nas províncias centrais da Rússia.

Os diferentes rios e canais da Rússia têm sido, com propriedade, comparados, no seu conjunto, a uma árvore gigantesca, cujos ramos se espalham pelas numerosas províncias do Império. É o Volga que forma o tronco desta árvore, a que servem de raízes as suas setenta bocas disseminadas pelo litoral do mar Cáspio. Este rio principia a ser navegável em Rjef, cidade do governo de Tver: quer dizer que é navegável em quase todo o seu curso, Os vapores da companhia de transportes entre Perm e Nijni-Novgorod vencem com rapidez as trezentas e cinquenta verstas que separam esta cidade de Kazan. É verdade que a circunstância de seguirem a corrente do Volga dá-lhes mais duas milhas de velocidade do que a sua força ordinária. Só quando eles chegam ao ponto de confluência do Volga com o Kama, um pouco abaixo de Kazan, é que essa velocidade diminui, porque então, para tocarem em Perm, são obrigados a subir o curso deste último rio.

Feitas, pois, bem as contas, o Cáucaso, apesar da sua excelente máquina, não poderia deitar mais de dezasseis verstas por hora. Descontando ainda uma hora de escala em Kazan, a viagem de Nijni-Novgorod a Perm deveria andar aproximadamente por sessenta a sessenta e duas horas.

Este vapor estava muito bem dividido, e os passageiros, segundo a sua condição e recursos, ocupavam a bordo dele três classes distintas. Miguel

Strogoff mandara reservar dois camarotes de primeira classe, de sorte que a sua companheira de viagem poderia recolher-se quando bem lhe aprouvesse.

O Cáucaso ia completamente cheio de passageiros de todas as categorias. Grande número de mercadores asiáticos tinha julgado ser conveniente sair logo de Nijni-Novgorod. Na parte do vapor reservada à primeira classe viam-se arménios, de compridas túnicas e trazendo na cabeça uma espécie de mitra, judeus, fáceis de reconhecer pelos seus gorros de forma cónica, opulentos chineses, com o traje tradicional, composto de uma cabaia muito larga, azul-violeta ou escura, aberta adiante e atrás, sobre a qual descia uma segunda de fartas mangas, semelhante pela forma às túnicas dos sacerdotes russos, turcos, trazendo ainda o turbante nacional, índios, com o seu barrete quadrangular e um simples cordão a servir-lhes de cinta, entre os quais alguns há designados pelo nome de shikarpuris, que detêm na sua mão todo o comércio da Ásia central, e tártaros, finalmente, com os seus fatos cobertos de bordaduras no peito e as suas botas pespontadas de retroses de muitas cores. Todos estes negociantes se tinham visto obrigados a amontoar no porão e no convés extraordinário número de fardos, cujo transporte devia sair-lhes caro, visto que ordinariamente cada passageiro só pode levar consigo vinte libras de bagagem.

À proa do Cáucaso viam-se também numerosos grupos, que se compunham de estrangeiros expulsos de Nijni-Novgorod e de russos, a quem o edital não proibia que voltassem para as terras da sua residência:

Havia ali mujiques, vestindo camisas de quadradinhos por baixo das suas largas peliças, e camponeses do Volga, com calças azuis por dentro das botas, camisas de algodão cor-de-rosa, presas por uma corda, e bonés largos ou gorros de feltro. Algumas mulheres, com vestidos de ramagens, traziam aventais de cores brilhantes e, na cabeça, lenços de grandes barras encarnadas. Eram principalmente passageiros da terceira classe, a quem a perspetiva de uma viagem prolongada não causava inquietações. Esta parte do convés, que tinha por limites o tambor do leme, achava-se também literalmente cheia. Os passageiros da primeira classe não se atreviam a ir até ali para se não

envolverem com aqueles grupos de duvidosa confiança.

Entretanto, o Cáucaso continuava a vogar entre as duas margens do Volga com toda a velocidade das suas rodas. Cruzava-se repetidas vezes com outros barcos, que venciam a corrente do rio por meio de rebocadores e que transportavam diferentes géneros de mercadorias para Nijni-Novgorod. Depois, eram jangadas que passavam cheias de lenha, sucedendo-se umas às outras como essas intermináveis enfiadas de sargaços no Atlântico, mais além, bateiras custando-lhes a moverem-se e quase debaixo de água devido ao peso da carga. Viagens atualmente inúteis, porque a feira, apenas começada, acabara de se desmanchar por determinação superior.

Das margens do Volga, salpicadas pelas rodas do vapor, levantavam-se bandos de patos, que fugiam lançando gritos estrepitosos. Mais ao longe, sobre as planícies guarnecidas de amieiros, faias e salgueiros, destacavam-se as vacas de um vermelho-carregado, rebanhos de carneiros com os seus velos de cor castanha e varas de porcos e leitões, brancos e escuros. Alguns campos, semeados de mourisco e de centeio, estendiam-se até aos últimos planos das colinas meio cultivadas, sem oferecerem nenhum ponto de vista notável. Nestas paisagens o lápis do desenhador mal poderia encontrar um único sítio pitoresco digno de ser reproduzido.

Duas horas depois da partida do Cáucaso, a jovem livoniana, dirigindo-se a Miguel Strogoff, perguntou-lhe:

— Vais a Irkutsk, meu irmão?

— Vou — respondeu Miguel Strogoff. — Temos a percorrer ambos o mesmo caminho. Por conseguinte, onde eu chegar, hás de tu chegar também.

— Amanhã te direi, meu irmão, porque deixei as praias do Báltico para transpor os montes Urais.

— Nada te pergunto, minha irmã.

— Saberás tudo — tornou a livoniana, em cujos lábios se esboçou um sorriso amargo. — Uma irmã não deve ter segredos para seu irmão, Hoje, porém, não posso...

A fadiga e o desalento esgotaram-me as forças.

— Queres ir para o teu camarote?

— Quero, sim, e amanhã...

— Vem, pois, daí...

E Miguel Strogoff não acabou a frase, como se esperasse que a sua jovem companheira lhe dissesse o nome, que ele ignorava ainda.

— Nadia — acrescentou ela, estendendo a mão a Miguel Strogoff.

— Vem, pois, Nadia, e não poupes teu irmão Nicolau Korpanoff todas as vezes que precises dele.

E, dizendo isto, Miguel Strogoff acompanhou Nadia ao camarote que lhe fora destinado na câmara da ré.

Miguel Strogoff voltou depois para a tolda e, desejoso de colher Informações que poderiam talvez modificar o seu itinerário, confundiu-se entre os grupos dos passageiros, ouvindo o que diziam, sem tomar parte nas suas discussões. De resto, se as circunstâncias o obrigassem a falar, apresentar-se-ia como sendo o negociante Nicolau Korpanoff, que tomara passagem a bordo do Cáucaso para se dirigir à fronteira da Sibéria. Em caso nenhum se deveria suspeitar que ele tinha uma autorização especial para viajar.

Os passageiros que iam a bordo do Cáucaso conversavam só num assunto: o que se prendia com os últimos acontecimentos e suas consequências.

Esta pobre gente, mal refeita das fadigas de uma longa viagem através da Ásia central, vira-se de repente obrigada a voltar para os seus países, e se não manifestava claramente o seu despeito é porque temia que a estivessem observando. Uma respeitosa reserva lhe refreava a língua. Podia muito bem ser que alguns agentes de polícia se achassem disfarçados a bordo do Cáucaso para espiar os movimentos dos estrangeiros expulsos, e, no fim de contas, era muito melhor ter cobro nas palavras do que ver a pena de expulsão substituída por um encarceramento nas fortalezas do império.

Por isso os passageiros ou se conservavam calados ou sorriam com tamanha discrição que se tornava difícil poder por eles saber alguma coisa.

Mas se Miguel Strogoff perdeu por este lado o seu tempo, se chegou mesmo a suceder que muitas bocas se calavam quando ele se aproximava, porque, enfim, ninguém o conhecia, pôde contudo ouvir perto de si os sons abertos e rasgados de uma voz que não mostrava importar-se de ser ou não escutada.

O possuidor desta voz falava alegremente em russo, mas com acento estrangeiro, e a pessoa que lhe respondia Via-se também que se estava servindo de uma língua que não era a sua.

— Como assim! — dizia o primeiro. — Como é que venho encontrar a bordo do Cáucaso o meu caro colega, a quem tive o prazer de falar no baile de Moscovo e de cumprimentar na feira de Nijni-Novgorod?

— Coincidência de viagem — dizia o segundo, com um tom de voz extremamente frio.

— Palavra de honra! Não podia julgar que fosse seguido tão de perto pelo preclaro correspondente do Daily Telegraph.

— Eu não o sigo, Sr. Jolivet, precedo-o.

— Precede-me, precede-me! Convenha que vamos no mesmo passo, a par, como dois soldados de piquete. E para ser generoso, Sr. Blount, suponha, ao menos provisoriamente, que nenhum de nós leva a palma ao outro.

— Levo-a eu.

— Veremos, veremos, sobretudo quando nos acharmos ambos no teatro da guerra. Mas até lá, que demónio!, sejamos bons companheiros de viagem. Depois teremos tempo de nos tornarmos rivais.

— Rivais, não, inimigos.

— Pois seja, inimigos. O meu caro confrade tem nas suas palavras uma tal concisão que me é sobremodo agradável.

— Que mal há nisso?

— Nenhum. Agora permita-me, por meu turno, que lhe trate de definir a nossa situação.

— Defina.

— O Sr. Blount vai para Perm, como eu.

— Como o senhor.

— E de Perm naturalmente dirigir-se-á a Ekaterinburgo, visto ser o melhor caminho e o mais seguro que se encontra para atravessar os montes Urais.

— É possível.

— Passada a fronteira, estaremos na Sibéria, isto é, em frente mesmo da invasão.

— Perfeitamente exato.

— Pois bem, guardemos para então, e só para então, o momento de dizer: cada um por si e Deus por...

— E Deus por mim.

— E Deus pelo Sr. Blount, só pelo Sr. Blount! Concedido. Mas como ainda temos oito dias de paz adiante de nós, e como é de supor que as novidades não nos caiam do céu durante este período, sejamos amigos até ao momento de nos tornarmos rivais.

— Rivais, não, inimigos.

— É isso, é isso: inimigos. Mas até lá marchemos de comum acordo e não nos estejamos a odiar. De resto, eu prometo que guardarei só para meu uso tudo que o acaso me deixe ver.

— E eu tudo o que o acaso me deixe ouvir.

— Combinado?

— Combinado.

— A sua mão.

— Aqui a tem.

E a mão do primeiro interlocutor — cinco dedos francamente abertos apertou expansivamente os dois únicos dos que o segundo lhe estendeu fleumaticamente.

— A propósito — disse o primeiro —, telegrafei esta manhã a minha prima comunicando-lhe o edital do governador de Nijni-Novgorod.

— Também mandei igual telegrama para o Daily Telegraph.

— Eram dez horas e dezassete minutos quando fui ao telégrafo.

— Eram dez e catorze minutos quando eu de lá voltava.

— Bravo, Sr. Blount.

— Muito bem, Sr. Jolivet.

— Leva-me um ponto de ganho. Eu tirarei a desforra.

— há de ser difícil.

— Far-se-á a diligência.

E, dizendo isto, o correspondente francês cumprimentou familiarmente o correspondente inglês, que, sem perder a sua aprumada solenidade britânica, apenas retribuiu o cumprimento com um ligeiro aceno de cabeça.

As medidas restritivas do governador de Nijni-Novgorod não tinham abrangido estes dois caçadores de novidades, porque nenhum deles era russo ou estrangeiro de origem asiática. Se haviam saído da cidade é porque o seu instinto lhes aconselhara essa deliberação: Não era de estranhar, pois, que ambos adotassem igual meio de transporte e que ambos se propusessem seguir igual caminho para chegar à Sibéria.

Companheiros de viagem, amigos ou inimigos, tinham adiante de si oito dias antes que para eles começasse a “estação de caça”. Só passado esse período poderia cantar vitória o que se mostrasse mais hábil caçador. Até então, Alcide Jolivet propusera tréguas, e, apesar da sua frieza Harry Blount não as tinha rejeitado.

Nesse dia, à hora do jantar, o francês, sempre jovial, sempre falador, e o inglês, sempre grave, sempre circunspecto, comiam à mesma mesa bebendo um champanhe “autêntico”, a seis rublos a garrafa, generosamente fabricado com a seiva fresca das bétulas das cercanias.

Ouvindo assim conversar Alcide Jolivet e Harry Blount, Miguel Strogoff dissera de si para si:

«Aqui estão dois jornalistas, curiosos e indiscretos que eu hei de provavelmente encontrar no meu caminho. Será prudente que me conserve sempre a distância deles.»

Nadia não veio jantar. Estava a dormir no seu camarote, e Miguel Strogoff não quis acordá-la. A noite desceu, pois, sem que a interessante livoniana

aparecesse na tolda do vapor.

O crepúsculo prolongado impregnava a atmosfera de uma agradável viração, que os passageiros gozavam com avidez depois do calor excessivo do dia. Apesar de as horas irem correndo, ninguém pensava em voltar para os camarotes. Todos procuravam, sentados, respirar com delícia a brisa, que a velocidade do vapor mais aumentava. Nesta época do ano, debaixo desta latitude, o Sol poucas horas estava ausente, e o céu, alumiado pela luz crepuscular, permitia ao homem do leme governar sem custo o barco por entre as numerosas embarcações que passavam rio a baixo e rio a cima.

Contudo, das onze horas da noite para as duas da manhã, a escuridão tornou-se completa. Dormiam quase todos os passageiros da coberta, e o silêncio era apenas interrompido pelo ruído compassado das rodas do vapor.

Uma espécie de inquietação conservava Miguel Strogoff acordado. Passeava de um para outro lado na tolda do Cáucaso. De uma das vezes, porém, sucedeu-lhe passar para lá da câmara das máquinas: Achou-se então na parte do convés reservada aos passageiros de segunda e terceira classe.

Por ali dormia-se de todas as formas: sobre fardos, sobre as malas, e mesmo ao comprido sobre as pranchas. Só os homens de quarto se conservavam de pé no castelo da proa. Duas luzes, uma verde, outra vermelha, projetadas pelos faróis de estibordo e de bombordo, enviavam alguns raios oblíquos sobre a amurada do Cáucaso.

Era preciso andar com cautela para não pisar toda aquela gente, que dormia numa completa confusão e que se compunha na maior parte de mujiques, habituados a passar a noite ao ar livre e para quem as pranchas de um convés já representavam um conforto relativo. No entanto, nenhum deles teria recebido com um sorriso nos lábios o desastrado que por qualquer motivo o pisasse, mesmo sem querer.

Miguel Strogoff procurava, pois, com cuidado não se aproximar de nenhum deles. No seu passeio até à extremidade do vapor tinha tido só em vista afugentar o sono com a distração de um exercício mais prolongado.

Ora, numa dessas voltas, ia ele a subir a escada do castelo da proa quando ouviu falar junto de si. Parou.

As vozes pareciam partir de um grupo de passageiros, embuçados em xales e mantas, que as sombras da noite não deixavam distinguir. Sucedia, porém, que às vezes, quando a chaminé do vapor, por entre os seus rolos de fumo, se coroava de chamas avermelhadas, algumas fagulhas caíam em cima daquele grupo silencioso, como se milhares de lantejoulas subitamente brilhassem sob a influência de uma luz fantástica.

Miguel Strogoff pensava em ir para diante quando ouviu distintamente algumas palavras, pronunciadas na mesma língua extravagante que já na véspera o impressionara na feira de Nijni-Novgorod.

Ocorreu-lhe instintivamente a ideia de escutar. Protegido pela sombra do castelo da proa, ninguém podia ali descobri-lo. Quanto a ver passageiros que falavam, isso era-lhe também impossível. Teve, pois, de se contentar em ouvi-los.

As primeiras palavras que trocaram não tinham para ele importância, mas permitiram-lhe reconhecer perfeitamente as duas vozes, de homem e de mulher, que ouvira na feira. Tornava-se-lhe agora mais necessária toda a sua atenção.

Não era de estranhar que aqueles tziganos, a quem surpreendera algumas poucas frases, se achassem a bordo do Cáucaso. Proscritos, como todos os seus congéneres, seguiam a sorte deles.

Empregou bem a sua atenção porque foi distintamente que Miguel Strogoff ouviu formular em língua tártara a seguinte pergunta e a seguinte resposta:

— Diz-se que partiu de Moscovo um correio para Irkutsk?

— Assim se diz, Sangarra, mas ou esse correio chegará tarde, ou nunca poderá chegar!

Miguel Strogoff estremeceu involuntariamente. Não admitia dúvida que aquela resposta lhe dizia respeito muito de perto. Diligenciou ver se o homem e a mulher que acabavam de falar seriam os mesmos que ele supunha, mas a escuridão era grande e os dois vultos não se moviam.

Pouco depois Miguel Strogoff, sem fazer o menor ruído, voltava a sentar-se num banco da tolda e, com a cabeça entre as mãos, deixava-se ficar em perfeita imobilidade.

Quem passasse junto dele poderia suspeitar que dormia.

Não dormia nem sonhava. Estava meditando e, visivelmente preocupado, dizia consigo mesmo:

«Quem será aquela gente para quem a minha viagem já não é um segredo?»

Capítulo VIII — A narração de Nadia

No dia seguinte, 18 de julho, às seis horas e quarenta minutos da manhã, dava o Cáucaso entrada no ancoradouro de Kazan, que fica a dezassete distante da cidade.

Kazan está situada na confluência do Volga e do Kazanka. É capital de um governo importante, sede de uma universidade e de um arcebispado grego.

A população variada deste governo compõe-se de tcheremissos, de mordvianos, de tchuvachos, de volsalks, de vigulitchos e de tártaros, conservando esta última raça mais especialmente o caráter asiático.

Se bem que a cidade ficasse bastante afastada do ancoradouro, numerosa multidão se acumulava no cais. Vinham todos em busca de novidades. O governador da província tinha adotado providências idênticas às do seu colega de Nijni-Novgorod. Viam-se tártaros vestidos com o seu cafetã de mangas curtas e trazendo na cabeça chapéus de copa bicuda, capazes de competir na largura das abas com o tradicional feltro de pierrot. Outros, envolvidos nos seus largos casacões, ,tinham a cabeça coberta por pequenos gorros e pareciam judeus polacos. Mulheres, com vestidos bordados no peito a ouropel, traziam nos cabelos um diadema levantado em forma de crescente. Era geral a animação por entre os diversos grupos.

Agentes da polícia, movendo-se a custo nestas ondas da multidão, e alguns cossacos, de lança em punho, mantinham a ordem e davam lugar tanto aos que desembarcavam como àqueles que se dirigiam para bordo, não escapando à sua minuciosa fiscalização qualquer destas duas categorias de passageiros. Os que ficavam em Kazan eram mujiques pertencentes àquela cidade, os que iam para bordo eram asiáticos obrigados a sair do império, como sucedera aos que residiam em Nijni-Novgorod.

Miguel Strogoff observava com absoluta indiferença todo este movimento

particular que se nota num porto quando chega qualquer vapor.

O Cáucaso devia demorar-se uma hora em Kazan, o tempo necessário para encher os seus paióis de combustível.

Miguel Strogoff não pensava sequer em desembarcar. Que iria ele fazer a terra? Além disso, não desejava deixar só a bordo a formosa Nadia, que ainda não aparecera na tolda.

Os dois jornalistas, esses, tinham-se levantado ao romper do dia, como convém a todo o caçador diligente. Aproveitando a demora do vapor, meteram-se nos escaleres, e, chegados ao cais, cada um tomou por seu lado diferente. Miguel Strogoff pôde ver da tolda Harry Blount de carteira na mão, tomando notas ou esboçando alguns tipos, e Alcide Jolivet falando por quatro, certo de que a sua memória lhe não seria infiel em relação ao que ouvisse.

Por toda a fronteira oriental da Rússia corria já o boato de que a invasão e a revolta iam tomando gravíssima importância. As comunicações entre a Sibéria e o império de hora para hora se tornavam mais difíceis.

Foi isto que Miguel Strogoff, sem sair de bordo do Cáucaso, pôde saber por parte dos novos passageiros que chegavam.

Ora estas novidades não deixavam de lhe causar verdadeira inquietação e mostravam-lhe a necessidade imperiosa de transpor quanto antes os montes Urais, a fim de melhor poder apreciar a gravidade dos acontecimentos e de se prevenir pessoalmente contra eles.

Entre os passageiros que desembarcavam, Miguel Strogoff pôde reconhecer os bandos de tziganos que na véspera ainda figuravam na feira de Nijni-Novgorod.

Sobre o convés também se viam o boémio e a mulher que tratara por espião o correio do czar. Com eles, e talvez debaixo da sua direção, desembarcava igualmente um grupo de vinte raparigas dançarinas e cantoras, de quinze a vinte anos, envolvidas em velhas mantas, que lhes cobriam as saias de gaze, recamadas de brilhantes lantejoulas.

Estes fatos, sobre os quais batiam agora os primeiros raios de sol, lembraram

a Miguel Strogoff o efeito extravagante e fantástico que tinha observado a noite anterior. Fora toda aquela amálgama de trajos enfeitados com talcos e galões dourados que ele vira brilhar na sombra quando a chaminé do Cáucaso vomitava algumas faúlhas.

«É evidente — pensava Miguel Strogoff —, que este bando de tziganos, depois de ter passado o dia inteiro metido nas últimas cobertas, aproveitou as sombras da noite para vir acaçapar-se junto do castelo da proa. Que empenho teriam eles em não ser vistos? Semelhante afastamento não é muito próprio da sua raça!»

Miguel Strogoff não hesitou em acreditar que as palavras que ouvira durante a noite tivessem partido deste grupo negro, por momentos frouxamente iluminado com as faíscas do navio. Convenceu-se até de que os dois interlocutores deveriam ter sido o tzigano e a companheira, a quem ele dera o nome de Sangarra.

Miguel Strogoff, quase involuntariamente, dirigiu-se para junto do portaló na ocasião em que o bando de tziganos saía do Cáucaso para não tornar a ele.

O boémio achava-se ali numa postura humilde, que desdizia da petulância habitual dos seus congéneres. Dir-se-ia que procurava mais esconder-se que dar nas vistas. O seu coçado chapéu, com a cor perdida pelo sol de muitas estações, enterrava-se-lhe na cabeça, ocultando-lhe o rosto enrugado pelo tempo. Por debaixo de uma capa muito velha, em que se embuçava sofregamente, apesar do calor, denunciavam-se-lhe as costas extremamente arqueadas. Com este miserável vestuário seria tão difícil calcular-lhe a altura como observar-lhe as feições.

Junto dele caminhava, com passo decidido e soberbo donaire, a tzigana Sangarra, mulher de trinta anos, trigueira, alta, bem feita de corpo, olhos rasgados e louros cabelos.

Entre as dançarinas e cantoras algumas havia de notável formosura, sem contudo deixarem de apresentar as feições características da sua raça. As tziganas são tentadoras, geralmente, e não é raro ver alguns desses grandes

fidalgos russos, que fazem gala de competir em excentricidade com os ingleses, irem escolher entre elas as suas legítimas mulheres.

Uma delas ia garganteando uma canção de um ritmo desusado, cujos primeiros versos se podiam traduzir assim:

Os meus olhos cristalinos Roubaram do céu a cor,
E em meus lábios purpurinos Brincam sorrisos de amor.

A buliçosa rapariga continuou a cantar, mas Miguel Strogoff já não a ouvia.

Tinha-lhe parecido que a tzigana Sangarra não despregava os olhos dele. Dir-se-ia que esta boémia desejava gravar para sempre na memória as feições de Miguel Strogoff.

Alguns momentos depois Sangarra desembarcava atrás das suas companheiras, que na companhia do boémio já tinham ido para terra.

«Que mulher tão insolente! — disse para si Miguel Strogoff.

— Ter-me-ia reconhecido como o homem que ela alcunhou de espião em Nijni-Novgorod? As malditas tziganas têm olhos de gato, veem tanto de noite como de dia, e quem sabe se esta desconfiará...»

Miguel Strogoff esteve a ponto de seguir Sangarra, mas conteve-se.

«Não — pensou ele —, nada de passos irrefletidos. Se faço prender o leitor da buena-dicha e a sua companheira, corro perigo de denunciar o meu incógnito. Demais a mais já desembarcaram, e, antes que eles cheguem à fronteira, estarei eu longe do Ural. É verdade que podem tomar o caminho de Kazan a Ichim, mas a estrada é má e sem comodidades, e um tarentass, puxado por bons cavalos siberianos, sempre há de andar mais depressa que uma carroça de boémios. Vamos, vamos, amigo Korpanoff, não te inquietes sem motivo.»

Enquanto Miguel Strogoff fazia estas reflexões já o boémio e a sua companheira Sangarra tinham desaparecido na multidão.

Se chamam com justiça a Kazan “a porta da Ásia”, se esta cidade está considerada como centro do movimento em relação ao comércio siberiano e

bucariano, é porque se encontram nela duas estradas, ambas dando comunicação para os países além dos montes Urais.

Miguel Strogoff tinha, porém, escolhido com muito acerto a estrada que, passando por Perm e Ekaterinburgo, ia ter a Tiumen. Era a estrada principal do correio, que depois se prolongava desde Ichim até Irkutsk, onde o serviço das estações de posta por conta do Estado se achava completamente organizado.

É certo que uma segunda estrada, aquela de que Miguel Strogoff acabava de falar, evitando o pequeno desvio de Perm, liga da mesma forma Kazan com Ichim, passando por Ielabuga, Menzelinsk, Birsk, Zlatoústa, onde deixa a Europa, Tchelabinsk, Chadrinsk e Kurganna. Talvez seja até um pouco mais curta do que a outra, mas essa vantagem é destruída pela falta de estações de posta, pela raridade das aldeias e pelas más condições do terreno. Miguel Strogoff, como hábil conhecedor do país, tinha motivos para se aplaudir pela escolha que fizera. Se, como parecia provável, aqueles boémios seguiam a segunda estrada de Kazan a Ichim, era muito de supor que Miguel Strogoff chegasse primeiro do que eles.

Uma hora depois a sineta do vapor chamava os novos passageiros do Cáucaso e lembrava aos antigos que voltassem para bordo. Os paióis de combustível acabavam de renovar o seu abastecimento. As chapas das caldeiras estremeciam sob a pressão do vapor. O Cáucaso estava prestes a largar.

Os passageiros que iam de Kazan para Perm tinham já tomado os seus lugares.

Neste momento Miguel Strogoff observou que, dos dois jornalistas, só um — Harry Blount — voltara para bordo.

Não chegaria Alcide Jolivet a horas de alcançar o vapor?

Qual! Quando se largavam as amarras apareceu ele, correndo à desfilada. O vapor começava a mover-se, a prancha por onde tinham entrado os passageiros estava já levantada, porém, Alcide Jolivet, sem fazer caso disso, e dando um salto formidável com a ligeireza de um clown, deixou-se cair sobre o convés, mesmo nos braços do seu confrade britânico.

— Pensei que o vapor seguiria viagem sem o meu amigo — disse Harry Blount com um tom de voz agridoce.

— Era o que faltava! — respondeu Alcide Jolivet. — Ainda que eu tivesse de fretar um barco por conta de minha prima, ou tomar cavalos de posta a vinte kopeks por hora, creia, meu caro colega, que o havia de tornar a apanhar. Que quer? Do ancoradouro ao telégrafo a distância não é pequena.

— Pois foi ao telégrafo? — perguntou Harry Blount, mordendo os beiços.

— Fui — respondeu Alcide Jolivet, com extrema amabilidade.

— Funciona ainda até Kolyvan?

— Isso não sei eu dizer. Mas posso garantir-lhe que funciona perfeitamente de Kazan até Paris.

— Mandou então um despacho a... à sua prima?

— Pudera, não havia de mandar!

— E que novidades soube para transmitir?

— Olhe, paizinho, para falar como os russos — volveu Alcide Jolivet —, eu sou bom rapaz, e não quero ter segredos para o colega. Os tártaros, com Féofar-Cã à frente, já passaram além de Semipalatinsk e descem a corrente do Irtyche. Faça da notícia o uso que quiser.

Harry Blount ficara como petrificado! Uma notícia tão importante ignorada por ele! Era para perder a cabeça! E o seu rival, que a tinha colhido provavelmente em Kazan, telegrafara-a logo para Paris! O jornal inglês fora derrotado!

Harry Blount, cruzando as mãos atrás das costas, cabisbaixo, afastara-se de Alcide Jolivet, indo espairecer para longe o seu despeito.

Pelas dez horas da manhã Nadia deixara o seu beliche e subira para a tolda.

Miguel Strogoff, correndo para ela, estendeu-lhe a mão.

— Repara, minha irmã — disse ele, depois de a ter feito olhar pela proa do vapor.

E com efeito o local merecia a pena ser olhado com atenção.

O Cáucaso aproximava-se neste momento da confluência do Volga com o

Kama. Era ali que o barco ia largar o grande rio, que percorrera durante mais de quatrocentas verstas, para penetrar noutro, onde tinha de andar quatrocentas e sessenta verstas.

Neste ponto as duas correntes confundiam as suas águas de cor um pouco diversa, fazendo o Kama ao Volga, sobre a sua margem esquerda, o mesmo serviço de saneamento que o Oka lhe faz na margem direita, quando passa por Nijni-Novgorod.

O Kama rasgava-se aqui profundamente e as suas margens, cobertas de arvoredo, produziam, vistas de bordo do Cáucaso, um efeito encantador. Algumas velas sulcavam as suas límpidas águas, onde o sol se espelhava num círculo luminoso. As colinas, plantadas de faias e amieiros e ostentando nalguns pontos agigantados carvalhos, fechavam o horizonte por uma linha harmoniosa, que a esplêndida luz do meio-dia se encarregava de confundir com o fundo transparente do céu.

Porém, estas belezas naturais não pareciam desviar, nem por um instante, a formosa livoniana dos seus íntimos pensamentos. Ela só tinha um fito: chegar depressa a Irkutsk, e o Kama, com todos os encantos das suas margens, representava para ela unicamente um meio rápido de transporte. Os seus olhos, fixando-se com extraordinário brilho na direção oriente, pareciam querer penetrar os mistérios daquele cerrado horizonte.

Nadia conservava ainda a sua mão entre as de Miguel Strogoff, e, voltando-se para ele, perguntou-lhe:

— A que distância estamos nós de Moscovo?

— A novecentas verstas — respondeu Miguel Strogoff.

— E o que são novecentas verstas para sete mil que devemos percorrer! — murmurou Nadia por entre os lábios.

Era a hora do almoço, que fora anunciada por um toque de sineta. Nadia seguiu Miguel Strogoff à coberta da primeira classe. Não quis tocar nos diferentes pratos que guarneciam a mesa, como arenques cortados em postinhas,

caviar[5] e aguardente de centeio anisada, acepipes que se usam para provocar a vontade de comer em todos os países do Norte, tanto na Rússia como na Suécia e na Noruega. Nadia comeu pouco, talvez por querer poupar quanto possível os seus limitados recursos. Miguel Strogoff por seu lado, entendeu dever contentar-se com uma refeição igual à da sua companheira, isto é, um bocado de kulbat, espécie de empadão feito com gemas de ovos, arroz e carne desfiada, umas couves encarnadas com recheio de caviar e algum chá por única bebida.

O almoço não foi, portanto, nem demorado nem dispendioso, e apenas vinte minutos depois de terem ido para a mesa Miguel Strogoff e a sua companheira de viagem regressavam novamente à tolda do Cáucaso.

Então foram sentar-se à ré, e Nadia, logo em seguida, sem o mínimo preâmbulo, baixando a voz a ponto de poder unicamente ser ouvida por Miguel, falou:

— Meu irmão — disse ela —, sou filha de um deportado. Chamo-me Nadia Orlik. Minha mãe faleceu há um mês em Riga, e eu vou agora para Irkutsk, a fim de compartilhar com meu pai as penas do exílio.

— Vou também para Irkutsk — respondeu Miguel Strogoff — e tomarei como favor da Providência o poder entregar Nadia Orlik sã e salva nas mãos de seu pai.

— Obrigada, meu irmão.

Miguel Strogoff explicou então a Nadia que tinha obtido um podaroshna especial para entrar na Sibéria e que da parte das autoridades russas não podia sobrevir o menor Impedimento à sua viagem.

Era o que desejava Nadia. Na sua aproximação com Miguel Strogoff ela só vira um meio providencial para, utilizando os oferecimentos deste franco e bom rapaz, se aproximar mais rapidamente de seu pai.

— Tinha uma guia — disse ela —, que me autorizava a ir a Irkutsk, mas o edital promulgado em Nijni-Novgorod anulou-mo completamente. Se não foras tu, meu Irmão, ver-me-ia impossibilitada de continuar a minha viagem, e essa

grande fatalidade seria a morte para mim.

— E atrevias-te, Nadia — inquiriu Miguel Strogoff —, a realizar sozinha essa viagem?

— Era um dever.

— Mas acaso ignoravas que a Sibéria, invadida e revoltada, se tornava para ti “mais intransitável”?

— Quando saí de Riga ainda a invasão tártara não era conhecida. Foi só em Moscovo que me deram essa notícia.

— E apesar disso não desististe da tua ideia?

— Era um dever.

Estas simples palavras definiam o caráter enérgico da formosa livoniana. O que ela considerava como dever havia por força de cumprir-se.

Nadia falou então de seu pai, Wassili Orlik. Era um médico muito considerado em Riga. Exercia com fortuna a sua clínica e vivia feliz no meio dos seus. Um dia o Governo soube que ele fazia parte de uma sociedade secreta no estrangeiro, e isso bastou para que fosse deportado, não lhe deixando a escolta que o veio prender tempo sequer de dispor dos seus negócios.

Wassili Orlik mal pôde abraçar sua mulher, já enferma, e sua filha, que Ia ficar talvez desamparada, e, chorando pela sorte destes dois entes, que ele estremecia com tanto afeto, partiu imediatamente para Irkutsk.

Havia dois anos já que ele estava na capital da Sibéria oriental, exercendo quase sem proveito a sua profissão de médico. Ainda assim ter-se-ia considerado feliz, tanto quanto pode sê-lo um desterrado, se tivesse junto de si a família que perdera. Sua mulher, já bastante enfraquecida pela doença, não podia sair de Riga. Vinte meses depois do exílio de seu marido, morria ela nos braços de Nadia, que a fatalidade deixara só e quase sem recursos. Foi então que esta corajosa rapariga pediu e obteve licença do Governo russo para ir juntar-se a seu pai. Escreveu-lhe, prevenindo-o da sua resolução. Os meios não lhe sobravam para uma viagem tão longa, porém, não hesitou em efetuá-la. Pela sua parte, fazia o que lhe era possível!... Deus se encarregaria do resto.

Durante a narração de Nadia, o Cáucaso continuava a sua viagem rio acima. A noite começava a cair e o ar ia-se impregnando de uma suavíssima viração. Milhares de faúlhas se perdiam no ar, expelidas pela chaminé do vapor, e ao murmúrio uniforme das águas, rasgadas pela sua proa, respondia o rugido dos lobos que infestavam, entre as sombras, a margem direita do Kama.

Capítulo IX — A caminho da Sibéria

No dia seguinte, 18 de julho, o Cáucaso dava entrada no ancoradouro de Perm, ponto extremo da sua derrota no Kama.

O governo que tem Perm por capital constitui um dos mais vastos do império russo e, galgando os montes Urais, ainda se estende pelo território da Sibéria. Abundam nele as pedreiras de mármore, as salinas, os jazigos de platina e de ouro e as minas de carvão, tornando-se todas estas riquezas do solo elementos de grande atividade industrial. Todavia, enquanto Perm se não tornar pela sua posição um centro de primeira ordem, não passa de uma cidade sem recursos, muito suja e muito enlameada. Para quem do interior da Rússia se dirige à Sibéria torna-se indiferente semelhante circunstância, porque pode trazer nas suas malas tudo o que precisa um viajante. Mas para quem volta da Ásia central, depois de uma longa e penosa marcha, não seria desagradável que a primeira cidade da Rússia europeia, junto da fronteira asiática, se achasse mais abastecida de provisões e de conforto.

É em Perm que os viajantes se desfazem, por meio de venda, dos veículos mais ou menos deteriorados com que percorreram durante alguns meses as intermináveis estepes siberianas. E ali também que todos, que da Europa vão para a Ásia, costumam comprar os seus tarentass ou as telegas, se é de verão, ou os trenós, se é de inverno.

Miguel Strogoff já combinara o plano da viagem. Faltava-lhe só começar a pô-lo em prática.

Existe um serviço de mala-posta que atravessa rapidamente a cadeia dos montes Urais, mas, devido às consequências da invasão, esse serviço achava-se agora desorganizado. E ainda mesmo que o não estivesse, como Miguel Strogoff tinha empenho de ir depressa e sem dependências de quem quer que fosse, não era a mala-posta que ele escolheria com certeza. Era-lhe mais útil comprar um

carro e servir-se das estações de posta para mudar de cavalos, ativando o zelo dos postilhões, que neste país se chamam iemschiks, por meio de navodkou[6] suplementares.

Infelizmente, já tinha saído de Perm grande número de viajantes de origem asiática, em consequência das últimas medidas tomadas contra eles. Esta retirada imediata vinha dificultar muitíssimo a obtenção de meios de transporte. Miguel Strogoff via-se, pois, obrigado a lançar mão dos poucos recursos que porventura ainda houvessem na cidade.

Relativamente a cavalos, enquanto o correio do czar não penetrasse na Sibéria, bastaria apresentar o seu podaroshna para que todos os feitores de posta se empenhassem em servi-lo com zelo e diligência. Fora da Rússia europeia é que Miguel Strogoff só poderia contar com a influência dos seus rublos.

Que espécie de veículo, porém, deveria ele escolher? Uma telega ou um tarentass?

A telega é simplesmente um carro descoberto com quatro rodas, toscamente feito de madeira. Rodas, eixos, cavilhas, caixa e varais, todas as diferentes peças de um veículo, são as árvores mais próximas que as fornecem com largueza. Estas peças ligam-se umas às outras apenas por meio de grosseiras cordas. Nada mais primitivo e menos cómodo, mas também nada mais fácil de consertar se porventura ocorre algum acidente no caminho. Os pinheiros abundam em toda a fronteira oriental da Rússia, e os eixos de tais veículos crescem espontaneamente nas florestas. É por intermédio da telega que se faz o serviço da posta extraordinária, conhecido pelo nome de perekladnoi. Para a telega todas as estradas são boas.

Sucede às vezes, diga-se a verdade, que as cordas que prendem todo o maquinismo se partem e que o jogo dianteiro continua a sua marcha até à próxima estação de muda, enquanto o jogo traseiro fica atolado nalgum charco. Este resultado, porém, já deve considerar-se como regularmente satisfatório.

Miguel Strogoff ter-se-ia visto obrigado a recorrer a uma telega, se o acaso

lhe não deparasse, como felizmente lhe deparou, o achado de um tarentass.

Isto não quer dizer que o tarentass represente a última palavra do progresso na indústria das carruagens. Não tem molas como a telega e supre a falta de ferragens pela abundância da madeira. As suas quatro rodas, porém, com uma distância de nove a dez pés entre cada um dos seus dois eixos, garantem-lhe um equilíbrio relativo sobre estes caminhos muito pouco nivelados e bastante sujeitos a solavancos. Um guarda-lama protege os viajantes contra os atoleiros da estrada, e uma sólida capa de couro, que se pode fechar hermeticamente, coloca o tarentass em condições de poder resistir aos grandes calores e às grandes trovoadas do estio. Além disso, o tarentasse é tão fácil de consertar como a telega e não corre tanto perigo de deixar ficar uma metade pelo caminho.

Ainda assim, não foi sem descer a buscas minuciosas que Miguel Strogoff chegou a descobrir um tarentass. Pode-se mesmo afiançar que, se percorresse toda a cidade de Perm, não encontraria outro. Contudo, para melhor se compenetrar do seu papel de Nicolau Korpanoff, simples negociante de Irkutsk, julgou prudente regatear o preço por que havia de pagá-lo.

Nadia tinha acompanhado Miguel Strogoff nestas diligências à procura do veículo. Se bem que fosse diverso para cada um deles o fim desta viagem, todavia ambos mostravam igual empenho de a terminar e por consequência de a prosseguir. Parecia que a mesma vontade animava estes dois corpos.

— Lamento, minha irmã — disse Miguel Strogoff —, que não encontrasse carro melhor para te oferecer.

— E dizes-me isso, quando eu estava decidida a ir a pé, se assim fosse preciso!

— Não duvido da tua coragem, Nadia, mas há fadigas físicas difíceis de suportar para uma mulher.

— Suportá-las-ei eu, quaisquer que sejam — afirmou Nadia. — Se ouvires de meus lábios escapar um queixume, deixa-me no caminho e continua só a tua viagem!

Meia hora depois, graças à apresentação do podaroshna, eram atrelados três

cavalos de posta no tarentass comprado por Miguel Strogoff. Estes animais, de pelo comprido e abundantíssimo, pareciam ursos. Não eram grandes mas bastante fogosos, porque pertenciam à raça siberiana.

O iemschik, ou postilhão, tinha-os atrelado da seguinte maneira: o maior deles entre os dois compridos varais, que apresentavam na sua extremidade um arco, chamado duga, todo coberto de borlas e campainhas, e os outros dois presos simplesmente com cordas aos estribos do veículo: Como se vê, ausência completa de arreios e por guias, simplesmente uma corda.

Nem Miguel Strogoff nem a sua companheira traziam malas. As condições de rapidez que exigia a viagem do primeiro e os recursos mais que limitados da segunda tinham obrigado ambos a ser muito modestos na sua bagagem. Nas atuais circunstâncias fora proveitosa essa abstenção, em consequência de o tarentass, pela sua pequenez, não permitir o transporte simultâneo de malas e passageiros. A caixa do veículo apenas comportava duas pessoas, não incluindo o iemschik, que só por um milagre de equilíbrio conseguiria sustentar-se na almofada.

O iemschik é substituído em todas as estações de muda. O que tinha de guiar o tarentas durante a primeira corrida era siberiano, como os cavalos, e não menos guedelhudo do que eles. Trazia o cabelo comprido e cortado horizontalmente na testa, chapéu de abas reviradas, cinta vermelha, roupão de alamares sobre o peito, com botões em que se via cunhado o escudo imperial.

O iemschik, depois de atrelar os cavalos, lançara um olhar investigador sobre os viajantes. Nada de bagagens! E onde é que haviam de levá-las, ainda mesmo que as tivessem? As aparências, portanto, não eram lisonjeiras.

Isto bastou para que ele deixasse transparecer no olhar uma expressão desdenhosa.

— Corvos! — disse ele, sem se importar que o ouvissem. — Simples corvos a seis kopeks por versta!

— Dize antes águias — respondeu-lhe Miguel Strogoff, que percebia perfeitamente a gíria dos iemschiks. — Ouviste? Águias, que te darão nove

kopeks por versta, não contando com a gorjeta!

Um alegre estalar de chicote foi a resposta dada a estas animadoras palavras.

“Corvo”, na linguagem dos postilhões russos, significa viajante avarento ou pobre, que nas estações de muda só paga os cavalos à razão de dois ou três kopeks por versta. “Águia” é o viajante que não recua diante dos preços elevados nem das pingues gratificações. Por isso o corvo não pode ter pretensão de correr tão depressa como a ave imperial.

Nadia e Miguel Strogoff tomaram imediatamente lugar no tarentass. Algumas provisões de boca, pouco volumosas e postas de reserva no fundo da caixa, deviam habilitar os viajantes, se houvesse qualquer demora no caminho, a prescindirem das estações de posta, onde contudo não faltam comodidades, graças à fiscalização que exerce sobre elas o Estado.

Era meio-dia quando o tarentass, puxado pelos seus três impetuosos cavalos, saía de Perm, entre nuvens de poeira. Como o calor fosse insuportável, o veículo levava a capa fechada, para resguardo dos viajantes.

Outro qualquer que não fosse russo nem siberiano teria estranhado bastante a maneira extravagante como o postilhão ia guiando o tarentass. O cavalo do centro, um pouco maior que os outros, e que servia para regular a marcha, conservava imperturbavelmente um trote largo de perfeita uniformidade, fossem quais fossem os acidentes da estrada. Os outros seus companheiros, pelo contrário, parecendo apenas conhecer o galope como atributo da sua raça, iam exibindo uma coleção de saltos e curvetas que davam vontade de rir. O iemschik, também, não os castigava. Contentava-se em os incitar com os estalos do chicote dados no ar. Mas que prodigalidade de expressões quando os animais não afrouxavam na carreira! Até os nomes dos santos lhes eram aplicados! A corda que substituía as guias, pouca ou nenhuma ação poderia ter sobre cavalos quase desbocados, mas na pravo, para a direita, na levo, para a esquerda, palavras que ele pronunciava com voz gutural, produziam mais efeito que o melhor freio e o melhor bridão.

E que doçura de termos, segundo as circunstâncias!

— Vamos, vamos, meus pombinhos — repetia o iemschik. — Vamos lá, meus maganões, galguem-me essa ladeira! Para a frente, meu chibante da direita! Força nessas pernas, meu valente da esquerda!

Mas também que saraivada de impropérios se, porventura, os pobres animais diminuíam o andamento! Impropérios de que eles pareciam compreender o alcance.

— Então andas ou não andas, meu calaceirão do inferno! Leve-te a breca a ti, minha lesma de má morte! Deixa estar que te hei de esfolar vivo para te mandar de presente ao demo!

Esta maneira de guiar exige com certeza da parte dos iemschik mais força de pulmão do que vigor de pulso. Entretanto, corria a bom correr o tarentass, devorando em cada hora doze a catorze verstas.

Miguel Strogoff estava havia muito habituado a este género de condução, a este meio de transporte. Nem os saltos nem os solavancos chegavam a incomodá-lo. Ele bem sabia que os carros no seu país não evitam as pedras nem as covas, nem os barrancos nem os fossos, nem as árvores derribadas que obstruem os caminhos. Para eles não existem dificuldades. Nadia, por seu turno, também se não queixava, embora mais de uma vez os balanços do veículo a tivessem magoado.

Durante os primeiros momentos da viagem, ela viu-se arrebatada com tamanha velocidade que se conservou calada. Depois, voltando-se para Miguel Strogoff, sempre com a mesma preocupação de chegar depressa, disse-lhe:

— Percorremos já trezentas verstas. Não me enganaria na conta?

— Não te enganaste, minha irmã — respondeu Miguel Strogoff.

— Quando chegarmos a Ekaterinburgo, estaremos do lado de lá dos montes Urais, na sua vertente oriental.

— Quanto tempo será preciso para atravessar a montanha?

— Quarenta e oito horas, porque havemos de viajar de dia e de noite. Digo de dia e de noite porque não posso perder um instante para chegar a Irkutsk.

— Não serei eu quem te demore, meu irmão. Dizes bem, é preciso não parar

nem de dia nem de noite.

— E permita Deus que a invasão tártara nos deixe o caminho desembaraçado, porque, nesse caso, antes de vinte dias estaremos em Irkutsk.

— Não é já a primeira vez que fazes esta viagem? — perguntou Nadia.

— Não é.

— Se estivéssemos no inverno iríamos com mais rapidez e segurança, não é verdade?

— Com mais rapidez, decerto, o inverno, porém, seria para ti uma estação fatal por causa da intensidade dos frios e das neves.

— Que importa? O inverno é o amigo do russo.

— Assim será, Nadia, mas que robusta organização não é preciso ter para resistir a semelhante amizade! Já vi nas estepes siberianas a temperatura descer a mais de quarenta graus abaixo de zero! Já senti, apesar do meu fato de pele de rena[7], gelar-se-me o coração, inteiriçarem-se-me as carnes e enregelarem-se-me os pés, que estavam cuidadosamente envoltos em três pares de meias de lã! Já vi os cavalos do meu trenó cobrirem-se de uma camada de gelo e a sua respiração condensar-se num segundo. Já vi a aguardente do meu frasco transformar-se em pedra tão dura que uma faca não conseguia cortá-la! E contudo o meu trenó corria sempre tão veloz como o tufão. Os obstáculos desapareciam sobre a planície nivelada pela neve. Desapareciam as correntes sem que fosse preciso procurar-lhes os pontos vadeáveis. Desapareciam os lagos, que se atravessavam sem o auxílio de barcos. O gelo por toda a parte! Por toda a parte as estradas ermas, os caminhos desimpedidos! Mas porque preço de torturas! Porque preço de privações! Só poderiam descrevê-las os que lá ficam soterrados, tendo a neve por mortalha!

— Mas tu não ficaste lá, meu irmão.

— Não fiquei, porque desde criança me habituei às privações, acompanhando meu pai nas suas perigosas caçadas. Mas quando me disseste, Nadia, que mesmo durante o inverno te haverias posto a caminho, arcando peito

a peito com as inclemências do clima siberiano, pareceu-me ver-te perdida entre os gelos e caindo fatalmente para nunca mais te levantares!

— Quantas vezes tens percorrido as estepes no inverno?

— Três vezes, nas minhas viagens a Omsk.

— E que ias tu fazer a Omsk?

— Ver minha mãe, que esperava por mim.

— E eu vou a Irkutsk, onde meu pai também me espera. Vou levar-lhe as últimas palavras da santa que me morreu nos braços. É como se te dissesse que nada neste mundo me poderia desviar desta piedosa missão.

— Tens uma boa alma, Nadia — afirmou Miguel Strogoff —, e mereces que a própria divindade te não desampare no cumprimento de tão santo dever.

Durante este dia o tarentass andou com incrível rapidez, guiado pelos diferentes iemschiks, que se sucediam em cada estação de muda.

As águias das alturas não teriam de se envergonhar destas “águias” da estrada. O elevado preço por que se pagavam os cavalos e as generosas gratificações que Miguel Strogoff distribuía tornavam os viajantes merecedores de especial consideração. Talvez os feitores de posta achassem extraordinário que, depois das últimas restrições, um rapaz e uma rapariga, ambos evidentemente russos, pudessem atravessar com tanta liberdade os caminhos da Sibéria, fechados a todos os outros viajantes da mesma nação. Todavia, os seus documentos estavam tão em regra que não havia o menor pretexto para lhes dificultar a passagem. Por isso os marcos indicadores das distâncias percorridas iam constantemente ficando para trás do tarentass.

De resto, Miguel Strogoff e Nadia não eram os únicos a seguir a estrada de Perm a Ekaterinburgo. O correio do czar soubera nas primeiras estações que outro veículo precedia o seu. Mas que lhe poderia isso importar, quando ele ia sempre achando os cavalos de que precisava?

As pequenas paragens daquele dia, durante as quais o tarentass descansava, eram simplesmente destinadas às refeições dos dois viajantes. Nas estações de posta há sempre o necessário para comer e repousar. E, à falta delas, a habitação

do camponês russo não seria menos hospitaleira. Nestas aldeias, de aparência uniforme, todas com as suas paredes brancas e telhados verdes, o viajante pode bater a qualquer hora que nenhuma porta deixará de se lhe abrir. Apresentar-se-á o mujique com a sua franca e alegre fisionomia, estendendo a mão ao recém-chegado e oferecendo-lhe o pão, o sal e o samovar. O hóspede, desde esse momento, ficará ali como em sua casa. Para se lhe dar lugar sairá a própria família, se for preciso. O estrangeiro que chega a estas humildes casas é o parente de todos. É “aquele que Deus enviou”.

Quando se aproximou a noite, Miguel Strogoff, movido por uma espécie de curiosidade, perguntou numa estação de muda há quantas horas teria passado o carro que lhe levava a dianteira.

— Há duas — respondeu o feitor.

— E que espécie de carro é?

— Uma telega.

— Com quantos viajantes?

— Dois.

— E vão depressa?

— Como verdadeiras águias.

— A caminho, sem demora!

Miguel Strogoff e Nadia, que não queriam perder um só instante, continuaram a viajar durante a noite.

O tempo conservava-se ainda bom, mas adivinhava-se que a atmosfera, cada vez mais pesada, se ia saturando de eletricidade. Nenhuma nuvem intercetava a luz das estrelas e parecia que uma espécie de vapor se levantava da terra. Era para recear que se preparasse alguma dessas trovoadas que nas montanhas se tornam tão terríveis.

Miguel Strogoff, habituado a distinguir os sintomas atmosféricos, pressentiu iminente uma luta dos elementos, o que sobremodo o preocupou.

No entanto, a noite passou-se sem novidade. A capa do tarentass, meio levantada, permitia aos dois viajantes que aspirassem o pouco ar de que os seus

pulmões tanto precisavam no meio desta atmosfera sufocante.

Miguel Strogoff velou toda a noite com receio de que os iemschiks se deixassem adormecer sobre a almofada, o que não é raro suceder-lhes. Desta forma nem se perdeu um minuto nas mudas, nem um minuto na estrada. No dia seguinte, 20 de julho, pelas oito horas da manhã, desenhavam-se na direção de leste os primeiros contornos dos montes Urais. Contudo, esta enorme cadeia, que separa a Sibéria da Rússia europeia, achava-se ainda a grande distância e só para o fim da tarde se poderia lá chegar. A passagem dos Urais deveria, pois, efetuar-se na noite imediata.

Durante este dia, o céu esteve sempre coberto de nuvens, e, por consequência, a temperatura mais suportável, contudo, o tempo continuava a prometer trovoada.

Em vista destes sintomas, talvez fosse prudente não encetar de noite o caminho das montanhas. Isso teria feito Miguel Strogoff se, porventura, tivesse o tempo todo à sua disposição. Mas quando, na última estação de muda, o iemschik lhe disse que vira já cair alguns raios nas clareiras do bosque, limitou-se a responder-lhe:

— Há uma telega que vai adiante de nós, não há?

— Há.

— Que avanço nos leva?

— Talvez uma hora.

— Avante!, sem demora, e gorjeta triplicada se amanhã de manhã chegarmos a Ekaterinburgo.

Capítulo X — A trovoada

Os montes Urais, situados entre a Europa e a Ásia, dilatam-se por uma extensão de perto de três mil verstas. Quer se lhe dê o nome de Urais, que é de origem tártara, quer o de Poyas, que é denominação russa, esta dupla designação tem propriedade, porque em ambas as línguas significa “cintura”.

Os montes Urais, que nascem no litoral do Ártico, vão morrer no mar Cáspio.

Era esta a fronteira que Miguel Strogoff tinha a transpor na sua viagem da Rússia para a Sibéria. Tomando, como se disse, a estrada que ia de Perm a Ekaterinburgo, sobre a vertente oriental, Miguel Strogoff seguia nisso os conselhos de uma justificada prudência. Era o caminho mais fácil, mais seguro, e o que serve geralmente de trânsito ao comércio com a Ásia central.

Se não sobreviesse algum acidente, bastaria uma noite para atravessar estes montes. Por infelicidade, os primeiros estampidos do trovão anunciavam uma tempestade, que pelo estado particular da atmosfera prometia ser medonha. A tensão elétrica era tal que só um choque violento conseguiria dissipá-la.

Miguel Strogoff dispôs as coisas para evitar, quanto possível, todos os incómodos à sua companheira de viagem. A capa do tarentass, que a fúria do vento queria arrebatar, foi muito bem presa por meio de cordas que se cruzavam em todas as direções. Duplicaram-se os tirantes dos cavalos e, por excesso de precaução, o aro do cubo das rodas foi guarnecido de alha, tanto para assegurar a sua solidez, como para diminuir o efeito dos choques, difíceis de evitar numa noite tempestuosa e escura.

A dianteira e a traseira do tarentass, que estavam unidas à caixa por cavilhas, foram novamente ligadas uma à outra por meio de uma travessa de madeira apertada com parafusos. Esta travessa fazia o mesmo efeito da viga curva que nos antigos coches ligava o jogo dianteiro com o jogo traseiro.

Miguel Strogoff e Nadia tornaram a sentar-se nos mesmos lugares em que até ali tinham vindo. Da frente da capa do tarentass pendiam duas cortinas de couro, que, numa certa proporção, deviam resguardar os viajantes contra a chuva e as ventanias.

Duas enormes lanternas, colocadas do lado esquerdo da almofada do iemschik, iam lançando obliquamente sobre a estrada os seus baços clarões. Eram como duas luzes de farol, que, se mal dissipavam as trevas, serviam contudo para evitar o embate de qualquer outro veículo que caminhasse em sentido oposto.

Como se vê, tinham-se tomado todas as precauções, e, atendendo ao que se esperava, todas eram poucas.

— Está tudo já pronto, Nadia — anunciou Miguel Strogoff.

— Partamos — respondeu ela.

Deu-se ordem ao iemschik para seguir, e o tarentass pôs-se logo em movimento, começando a trepar as primeiras encostas em direção aos montes Urais.

Eram oito horas da noite, ia pôr-se o Sol. Apesar, porém, de o crepúsculo ser muito longo nestas latitudes, a atmosfera mostrava-se extremamente carregada. Não se via uma nesga de céu. Nuvens densas, que nenhum vento deslocava, pareciam prestes a abater-se sobre a terra. Todavia, se elas permaneciam imóveis na direção do horizonte, o mesmo já não sucedia na direção zénite-nadir — e a distância que as separava do solo diminuía visivelmente. Além disso, algumas das nuvens derramavam uma espécie de luz fosforescente e tomavam a aparência de arcos de sessenta a oitenta graus, que se estreitavam constantemente sobre o dorso da montanha, como se viessem acossadas por feroz tormenta desencadeada nas regiões superiores. A estrada confundia-se já com estes vapores chegados quase ao grau de condensação, e, se eles se não desfizessem, a cerração seria tal que o tarentass não poderia ir para diante sem correr perigo de cair nalgum precipício.

Contudo, a cadeia dos montes Urais não atinge grandes alturas. A elevação

do seu maior pico não excede cinco mil pés. As neves perpétuas são ali desconhecidas e as que o inverno siberiano acumula nos seus cumes derretem-se completamente aos primeiros raios de sol do estio. As árvores e as plantas suavizam a paisagem com a sua espessa ramaria e a sua opulenta folhagem. As minas de ferro e de cobre e os jazigos de pedras preciosas ocupam na sua exploração um grande número de trabalhadores, espalhados por muitas aldeias que se chamam zavody. A estrada aberta por entre os desfiladeiros é perfeitamente acessível aos trens de posta.

Porém, o que não oferece perigo à luz do dia e com bom tempo torna-se difícil e arriscado quando os elementos lutam com violência e os viajantes se acham no meio dessa luta.

Miguel Strogoff sabia, por experiência própria, o que era uma trovoada na montanha, e tinha razões para julgar este fenómeno atmosférico tão perigoso como os ventos glaciais que flagelam as estepes da Sibéria.

Quando o tarentass começou a correr, ainda a chuva não caía. Miguel Strogoff tinha levantado as cortinas de couro que protegiam a caixa e olhava para diante, sem deixar contudo de examinar as bermas da estrada, que a luz vacilante das lanternas enchia de sombras fantásticas.

Nadia, imóvel e com os braços cruzados, olhava também, mas sem se debruçar, enquanto o seu companheiro, com o corpo meio deitado para fora do veículo, parecia interrogar céu e terra ao mesmo tempo.

A atmosfera conservava-se absolutamente tranquila, mas de uma tranquilidade ameaçadora. Não se deslocava uma única molécula de ar. Dir-se-ia que a natureza, meio sufocada, não respirava, e que os seus pulmões, essas nuvens densas e sombrias, não podiam funcionar por se verem atrofiados. O silêncio teria sido absoluto sem a bulha das rodas, que trituravam o cascalho, sem o ranger dos cubos e das pranchas do veículo, sem a respiração cavernosa dos cavalos, que iam já sem fôlego, e sem o estrépito que eles faziam, ferindo lume com as suas ferraduras sobre as pedras da estrada. Esta estava completamente deserta. Não se avistava um só homem a pé ou a cavalo, não se

pressentia sequer o ruído de um só carro.

Pelos estreitos desfiladeiros reinava a imobilidade.

Nem uma fogueira de trabalhadores empregados na extração do carvão, nem uma simples cabana perdida por entre os cabeços! Só um desses imperiosos deveres, que não admitem hesitações ou delongas, poderia obrigar um homem a atravessar os Urais naquela noite assustadora.

Miguel Strogoff não hesitara. Não podia fazê-lo, nem lho consentia também o seu espírito animoso, E que viajantes seriam aqueles que o precediam numa telega? Que motivos especiais teriam eles para avançar com tempo tão mau? O correio do czar começava a sentir-se seriamente preocupado por semelhante mistério.

Entretanto Miguel Strogoff permanecia sempre de atalaia. Pelas onze horas os relâmpagos começaram sem interrupção a inundar o céu de clarões sucessivos e ruídos — graças aos quais se via aparecer e desaparecer o perfil dos grandes pinheiros, que se destacavam em diferentes pontos do caminho. Depois, quando o tarentass chegava a roçar a berma da estrada, profundos despenhadeiros, por seu turno, eram iluminados pelos mesmos clarões. De vez em quando um movimento mais surdo do veículo dava a perceber que ele atravessava uma ponte de grossos madeiros mal cortados, lançada talvez sobre algum abismo, em cujas entranhas o trovão repercutia os seus formidáveis rugidos. O espaço começava a encher-se de uns sons vagos e plangentes, cujo diapasão aumentava à medida que eles subiam para o céu. A estes surdos gemidos vinham juntar-se os gritos e as imprecações do iemschik, ora afagando, ora castigando os pobres animais, que se mostravam mais cansados pelos efeitos da atmosfera carregada do que pelas asperezas do caminho.

As campainhas dos varais já não conseguiam animá-los. Havia até momentos em que chegavam a cair extenuados.

— A que horas atingiremos nós o alto da estrada? — perguntou Miguel Strogoff ao iemschik.

— À uma hora da manhã, se chegarmos a deitar lá — informou este,

abanando a cabeça.

— É a primeira vez que a trovoada te colhe por estes sítios?

— Qual! E Deus permita que não seja a última!

— Tens medo, meu rapaz?

— Não tenho, patrão, mas parece-me que não foi acertado meter-se a gente ao caminho com a noite que está.

— Ainda teria sido pior ficar para trás.

— Upa, meus valentes! — replicou o iemschik, animando os cavalos, como homem que não viera ali para discutir mas sim para obedecer.

Neste momento fez-se ouvir ao longe um grande estrondo. Pareciam milhares de silvos agudos e penetrantes cortando a atmosfera. Ao clarão deslumbrante de um relâmpago, seguido quase instantaneamente do fragor do raio, Miguel Strogoff distinguiu alguns pinheiros colossais contorcendo-se desesperadamente sobre as alturas de um cerro. Era o vento que se desencadeava com fúria, revolvendo, por enquanto, só as altas camadas de ar.

Um estalar seco e repetido denunciava que as árvores mais decrépitas não tinham podido resistir ao embate do tufão. Troncos de todos os tamanhos, atravessando vertiginosamente a estrada depois de terem vindo a rolar de fraga em fraga, iam despenhar-se num precipício do lado esquerdo, aberto a duzentos passos do tarentass.

Os cavalos estacaram de repente.

— Então, meus tontinhos! Nada de esmorecer! — gritava-lhes o iemschik, juntando os estalos do seu chicote às detonações do trovão.

Miguel Strogoff apertava a mão de Nadia.

— Dormes?

— Não durmo.

— Pois prepara-te, que chegou o momento mais perigoso!

— Estou preparada, meu irmão.

Miguel Strogoff mal teve tempo de fechar as cortinas do tarentass.

O tufão aproximara-se, de facto, com todo o ímpeto da sua força destruidora.

O iemschik, saltando da almofada abaixo, pôs-se à frente dos cavalos para os segurar, porque um perigo imenso ameaçava então o veículo.

O tarentass chegara a uma volta da estrada pela qual a borrasca irrompia desenfreadamente. Era necessário conservá-lo com a frente para o vento, aliás, tomado de flanco, ter-se-ia voltado infalivelmente, indo precipitar-se numa voragem que ladeava a estrada. Os cavalos, sacudidos pelo tufão, empinavam-se, e o iemschik lutava inutilmente por contê-los em respeito. As expressões de afeto sucediam-se na sua boca, como as palavras furiosas. Era tudo perdido! Os pobres animais, deslumbrados pelas descargas elétricas, espantados pela voz rouca do trovão, forcejavam por desprender-se dos tirantes e fugir ao acaso.

O iemschik não podia ser senhor deles.

Miguel Strogoff, atirando-se de um pulo para fora do tarentass, acudiu em seu auxílio. Dotado de uma força prodigiosa, conseguiu, não sem custo, subjugar os cavalos.

Mas a fúria dos elementos recrudescia. A estrada neste sítio abria-se em forma de funil, deixando coar-se por ela o vendaval desenfreado.

— Mas não se pode ficar aqui por muito tempo! — disse Miguel Strogoff com impaciência ao iemschik.

— Não ficaremos, não — gritou este, assustado, e firmando-se com todas as suas forças contra semelhante deslocação de camadas de ar. — O furacão se encarregará de pregar connosco daqui abaixo. E não há de tardar muito.

— Segura no cavalo da direita, poltrão! Eu me encarrego do da esquerda.

Uma rajada fortíssima veio interromper Miguel Strogoff, que teria ido ao chão com o iemschik se ambos se não dobrassem rapidamente para lhe evitar o choque.

Mas o carro, apesar dos esforços dos dois homens e da resistência oferecida pelos cavalos, recuou bastantes passos, e sem um tronco providencial, que o susteve na carreira, ter-se-ia precipitado para fora da estrada.

— Não tenhas medo, Nadia — gritou Miguel Strogoff.

— Não tenho — assegurou a jovem livoniana sem que a sua voz atraiçoasse

a mínima comoção.

O fuzilar dos relâmpagos tinha cessado um instante, e a horrorosa trovoada, depois de passar por cima do tarentass, ia-se afastando pouco a pouco nas curvas da montanha.

— O patrão quer descer? — perguntou o iemschik.

— Não, é melhor ladear a estrada e ganhar o alto do desfiladeiro mais próximo, onde com certeza encontraremos um abrigo.

— Mas os cavalos recusam-se a andar.

— Faz como eu: puxa por eles.

— A tempestade ainda não está dissipada.

— Queres ou não obedecer?

— Quererei.

— É o Pai que o ordena! — afirmou Miguel Strogoff, que pela primeira vez invocava o nome do imperador, esse nome tão omnipotente sobre três partes do universo.

— A caminho, meus chibantes! — gritou o postilhão, segurando o cavalo da direita, enquanto Miguel Strogoff fazia o mesmo ao da esquerda.

Os cavalos, assim auxiliados, puseram-se novamente em movimento, se bem que a muito custo.

Desaparecera o receio de se lançarem para os lados, e o cavalo dos varais, desembaraçado agora dos encontrões dos seus companheiros, seguia pelo centro da estrada sem grande dificuldade. Entretanto, homens e cavalos, perseguidos pelo tufão, não avançavam três passos que não perdessem um pelo menos. Escorregavam, caíam, e levantavam-se para caírem de novo.

A continuar isto assim, corria perigo de se despedaçar o tarentass. A sua capa, se não fora tão solidamente presa, teria já ido pelos ares.

Miguel Strogoff e o iemschik, açoitados pelo vento, levaram mais de duas horas a subir uma distância apenas de uma versta. E o que lhes dificultava o caminho não era só a tempestade, era também, e principalmente, o imenso chuveiro de troncos e pedras que as altas montanhas sacudiam e arremessavam

contra eles.

De repente, à luz de um relâmpago, viu-se um desmedido penedo rolando com espantosa rapidez na direção do tarentass.

O iemschik soltou um grito. Miguel Strogoff quis obrigar os cavalos a avançar, fustigando-os com o chicote. Eles não se mexeram!

Miguel Strogoff anteviu que em menos de um minuto o carro seria colhido pela imensa pedra, e a sua companheira esmagada, sem tempo ter de lhe fugir.

Por isso, largando mão do cavalo da esquerda, com os ombros de encontro às rodas, e especando os pés no chão, obrigou o tarentass a avançar alguns metros para diante.

A iminência do perigo dotara Miguel Strogoff de novas forças! O penedo, na sua queda, roçou ao de leve pelo peito do generoso rapaz, cortando-lhe momentaneamente a respiração. Depois foi encravar-se no caminho, esmigalhando na sua passagem sílices, que feriram lume com o peso daquele choque.

— Que foi, meu irmão? — perguntou Nadia, que tinha presenciado tudo, com espanto, à luz de um relâmpago.

— Nada, não te assustes, minha irmã — recomendou Miguel Strogoff.

— Não é por mim que me assusto.

— Deus está connosco, Nadia.

— Comigo está, decerto, porque me fez encontrar em ti um protetor — murmurou Nadia em voz baixa.

O Impulso que Miguel Strogoff, por um supremo esforço, imprimira ao tarentass, não serviu só para salvá-lo da catástrofe, graças a este movimento, de um arrojo extraordinário, os cavalos, até ali paralisados, puderam continuar a sua marcha. Quase que arrastados por Miguel Strogoff e o iemschik, lá foram subindo a ladeira até chegarem ao extremo do desfiladeiro, onde uma cinta de alterosos rochedos reentrantes servia como que de resguardo natural contra as inclemências da tormenta.

O vento não fazia ali sentir o terrível efeito de seus turbilhões. Era um abrigo

relativamente benigno. Fora dele, nem homens nem veículos, expostos à violência do ciclone, poderiam conservar-se de pé.

E de facto alguns pinheiros, que naquele ponto se erguiam majestosos, tinham sido despojados das suas copas, como se uma foice enorme os houvesse querido pôr ao nível dos rochedos.

A procela ia chegando ao seu maior paroxismo. Os relâmpagos iluminavam a montanha e os trovões não cessavam de atroar o espaço. O solo sofria abalos e estremecia como se estivesse dominado por uma espécie de trepidação.

O tarentass fora abrigado numa quebrada, onde a tormenta o não fustigava com tanta força. Decorridos, porém, alguns minutos, as contracorrentes do tufão, que sopravam obliquamente, acabaram por alcançá-lo, atirando com ele de encontro a uma fraga, em risco de o fazer em pedaços.

Nadia viu-se, portanto, obrigada a sair dele. Miguel Strogoff, depois de lhe procurar outro refúgio à luz frouxa de uma das lanternas, descobriu enfim uma escavação, talvez feita pela picareta de algum mineiro, onde Nadia conseguiu a custo recolher-se.

Nesta altura, era uma hora da manhã, a chuva começou a cair torrencialmente, sem que a sua intensidade conseguisse apagar os clarões do céu. Estas complicações cada vez dificultavam mais a viagem.

Apesar, pois, de toda a impaciência de Miguel Strogoff, e pode-se imaginar se ele estaria ou não impaciente, foi preciso suspender a marcha até abrandar o mau tempo.

Apenas a tempestade consentisse que alcançassem de novo o alto da estrada de Perm para Ekaterinburgo, restaria só aos viajantes descer os declives dos Urais. Descê-los, porém, com a chuva e o vento pela frente e com o terreno alagado pelas numerosas enxurradas que vinham da montanha, seria expor a vida sem vantagem, seria correr de olhos fechados para um abismo.

— Esperar, contraria-me — disse Miguel Strogoff —, mas é sem dúvida o mais acertado para evitar riscos maiores. A própria fúria da tempestade faz-me crer que ela não poderá prolongar-se. Sendo três horas deve começar o dia a

romper, e o caminho, invisível com as trevas, tornar-se-á, depois do Sol nado, se não fácil, pelo menos praticável.

— Esperemos — concordou Nadia. — Mas que não seja por minha causa que tu adies o momento de partida. Bem sabes que não há perigos nem fadigas que me façam estremecer.

— Sei que és corajosa e resoluta, minha irmã, mas, se me fosse assim meter ao caminho, arriscava com isso mais do que as nossas vidas: arriscava o fim da minha viagem, o cumprimento do meu dever.

— O seu dever! — balbuciou Nadia.

Nesta ocasião um relâmpago descomunal rasgou o céu, como que parecendo volatilizar a chuva. Sentiu-se um estampido terrível. O ar impregnou-se de um cheiro sulfuroso, quase asfixiante, e um feixe de grandes pinheiros, atingido por um raio, a vinte passos do tarentass, incendiou-se, produzindo à vista o efeito de uma tocha gigantesca.

O iemschik, que ficara assombrado pelo choque, levantou-se, felizmente sem ferimentos.

Depois, quando os últimos ecos do trovão já se tinham apagado nas profundezas da montanha, Miguel Strogoff sentiu que Nadia lhe apertava a mão com força, segredando-lhe estas palavras, proferidas rapidamente:

— Escuta, meu irmão!

— Que tens?

— Não ouviste?

— O quê?

— Gritos lá ao longe! Que será?

Capítulo XI — Encontros imprevistos

Durante o pequeno intervalo que se sucedera à trovoada, tinham-se efetivamente ouvido uns gritos, que pareciam partir da parte superior da estrada, a pouca distância do ponto onde permanecia o tarentass.

Dir-se-ia que eram alguns viajantes perdidos no caminho, bradando por socorro.

Miguel Strogoff pusera-se a escutar.

O iemschik também escutava, mas abanando a cabeça, Como quem supunha ser impossível responder àqueles gritos.

— São viajantes que pedem auxílio — disse Nadia.

— Se contam com o nosso, estão servidos — volveu o iemschik.

— E porque não hão de contar? — respondeu Miguel Strogoff. — Acaso não devemos fazer por eles o que em idênticas circunstâncias eles talvez fizessem por nós?

— O patrão não vai decerto arriscar o carro e os cavalos.

— Irei a pé — atalhou Miguel Strogoff.

— E eu acompanho-te — declarou a jovem livoniana.

— Tu fica. O iemschik te fará companhia. Não quero deixá-lo só.

— Ficarei — aquiesceu Nadia.

— Suceda o que suceder, não te afastes deste local.

— Vai descansado, meu irmão.

Miguel Strogoff apertou as mãos à sua jovem companheira e, atingindo o alto do desfiladeiro, perdeu-se por entre as sombras.

— O patrão faz mal — afirmou o iemschik.

— Faz o que deve — respondeu Nadia.

Entretanto Miguel Strogoff caminhava rapidamente pela estrada. Se tinha pressa de ir em socorro daqueles que pareciam estar em perigo, também tinha

desejo de saber quem seriam os viajantes que assim se metiam a caminho com tão má noite. Inclinava-se a supor que talvez fossem os da telega, cuja passagem pela estrada os feitores de posta lhe haviam indicado.

A chuva continuava a cair e o tufão redobrava de violência. As vozes trazidas pelo vento cada vez se tornavam mais distintas. Do ponto onde Miguel Strogoff deixara Nadia e o iemschik, nada se podia ver. A estrada fazia diferentes curvas e o clarão dos relâmpagos só desenhava a crista dos rochedos. As lufadas violentas, que se quebravam nos ângulos da montanha, formavam diferentes redemoinhos difíceis de transpor e só a força prodigiosa de Miguel Strogoff conseguia resistir-lhes.

Tornava-se evidente que os viajantes não podiam achar-se longe. Se bem que Miguel Strogoff ainda não os visse, ou porque estivessem fora da estrada, ou porque a escuridão lhos ocultasse, as suas palavras, contudo, já se percebiam distintamente.

Miguel Strogoff ouviu, pois, o seguinte diálogo, que não deixou de o surpreender sobremaneira:

— Animal!, Voltas ou não voltas?

— hei de te mandar azorragar na primeira estação de muda.

— Tu ouves ou não ouves, meu postilhão do inferno!

— Aqui está como estes patifes servem os passageiros na Rússia!

— E aqui está ao que eles chamam pomposamente uma telega!

— Olá, refinadíssimo velhaco! E não vem! Parece que está caçoando connosco!

— Tratar-me desta maneira... a mim! Um inglês de categoria! hei de queixar-me ao embaixador e fazê-lo enforcar!

Aquele que se expressava assim via-se que tinha chegado ao auge da cólera. Mas de repente Miguel Strogoff pôde perceber que o segundo interlocutor tirava da situação o provento que podia, porque ouviu ecoar uma sonora gargalhada, seguida destas palavras:

— Sabidas as contas, isto tem graça! Tem muita graça, na verdade!

— E dá-lhe vontade de rir! — retorquiu com um tom sofrivelmente azedo o cidadão do Reino Unido.

— Decerto, meu caro colega. É o que tenho de melhor a fazer, e aconselho-o a que me siga o exemplo. Palavra de honra! Acho graça a tudo isto... mas muita graça!

Neste momento sentiu-se o ribombo de um formidável trovão, que os ecos da montanha foram repercutindo numa escala assustadora. Depois, quando o último som se perdia muito longe, tornou a ouvir-se a voz jovial de um dos dois viajantes:

— Então não tem muita graça? Isto não apanha uma pessoa em França.

— Nem em Inglaterra.

Sobre a estrada, iluminada pelos relâmpagos, Miguel Strogoff distinguiu a vinte passos de distância dois viajantes, empoleirados na parte traseira de um extravagante veículo, que parecia achar-se profundamente enterrado num atoleiro.

Miguel Strogoff aproximou-se dos dois viajantes, dos quais um continuava a rir e o outro a desesperar-se, e reconheceu neles os dois correspondentes de jornal que vira a bordo do Cáucaso e com quem fizera viagem desde Nijni-Novgorod até Perm.

— Bom dia, ou, para melhor dizer, péssima noite, meu caro senhor — gritou do seu posto o francês. — Folgo muito de o ver neste lugar. Conceda-me que lhe apresente o meu particular... inimigo, Sr. Harry Blount.

O jornalista inglês fez um cumprimento, e ia talvez por seu turno apresentar o colega Alcide Jolivet, conforme as práticas da delicadeza, quando Miguel Strogoff o interrompeu.

— É escusado, meus senhores: nós já nos conhecemos.

Viajámos juntos no Volga.

— Perfeitamente respondido, meu caro senhor... senhor?

— Nicolau Korpanoff, negociante de Irkutsk — respondeu Miguel Strogoff. — Mas poderei saber que circunstância extraordinária lhes sucedeu que tanto

penaliza um e tanto faz rir o outro?

— Eu lha conto, Sr. Korpanoff — volveu Alcide Jolivet. — Imagine que o nosso postilhão safou-se com metade da sua detestável caranguejola, deixando-nos aqui à chuva sobre a outra metade. Temos para os dois só meia telega, achamo-nos sem guia e foram-se-nos os cavalos.

Isto não será engraçado, imensamente engraçado?

— Qual engraçado! — resmungou o inglês.

— É que o colega não sabe encarar as coisas pelo seu melhor lado.

— E como poderemos nós continuar a viagem? — quis saber Harry Blount.

— Nada mais fácil — explicou Alcide Jolivet. — O colega vai puxar o que ainda nos resta do carro, eu tomo as guias, chamo-lhe "pombinho", como se fosse um verdadeiro iemschik, e continuamos deste modo a viagem com uma certa originalidade.

— Sr. Jolivet — redarguiu o inglês —, esse gracejo ultrapassa todos os limites, e...

— Descanse, meu caro colega. Quando estiver cansado, irei eu substituí-lo, e então ficar-lhe-á o direito de me chamar "sendeiro lazarento" se porventura o não levar de grande batida por estes caminhos fora.

Alcide Jolivet dizia tudo isto com uns modos tão prazenteiros que Miguel Strogoff não pôde deixar de rir.

— Meus senhores — disse ele Então. — Lembra-me um expediente melhor. Nós chegámos ao ponto culminante da cadeia dos Urais, portanto, só nos resta agora descer as vertentes da montanha. O meu tarentass acha-se a quinhentos passos daqui. Ceder-lhes-ei um dos meus cavalos, que será atrelado à caixa da vossa telega e desta forma, se não sobrevier algum novo contratempo, chegaremos amanhã todos juntos a Ekaterinburgo.

— Sr. Korpanoff, o seu oferecimento deixa-nos sobremaneira penhorados — respondeu Alcide Jolivet.

— Devo ainda acrescentar — ajuntou Miguel Strogoff —, que se lhes não digo que subam para o meu tarentass é porque ele só tem dois lugares e esses

estão ocupados por mim e por minha irmã.

— Ora essa, Sr. Korpanoff — respondeu Alcide Jolivet —, eu e o meu colega, com um cavalo e com a metade da nossa telega, somos capazes de ir até ao fim do mundo.

— Pela minha parte agradeço também muito o seu delicado obséquio — disse Harry Blount. — Quanto ao petulante do iemschik...

— Não lhe queira mal por isso — aconselhou Miguel Strogoff.

— Não é decerto a primeira vez que lhe sucede um caso destes.

— Mas porque não voltou ele para trás? O tratante bem devia saber que nos deixava no caminho.

— Não sabia, nem tal coisa lhe passou pela cabeça!

— Como assim? Pois aquele pobre diabo ignora que a telega se separou em dois bocados?

— Ignora, decerto, e é com a melhor boa fé deste mundo que ele continua guiando o seu jogo dianteiro até Ekaterinburgo.

— Não lhe dizia eu — replicou Alcide Jolivet para Harry Blount — que tudo isto era muito engraçado?

— Se, portanto, se decidem a seguir-me — ajuntou Miguel Strogoff —, vamos ter com o meu iemschik, e...

— Mas a telega? — objetou o inglês.

— Não receie que ela fuja, meu caro Blount — disse a rir Alcide Jolivet. — Está tão bem enraizada no solo, que, se a deixássemos ali ficar, deitaria rebentos para a próxima primavera.

— Então venham, meus senhores — convidou Miguel Strogoff. — Voltaremos depois aqui com o tarentass.

O francês e o inglês, apeando-se dos lugares que ocupavam no fundo da telega, os quais passavam a ser agora lugares da frente, seguiram Miguel Strogoff.

Mesmo a andar, Alcide Jolivet não perdia o costume de ir falando alegremente de tudo que lhe ocorria.

— Palavra de honra, Sr. Korpanoff — disse ele a Miguel Strogoff —, sem a sua valiosa intervenção não sei como havíamos de sair daqui.

— Fiz apenas — respondeu Miguel Strogoff — o que outro qualquer teria feito no meu lugar. De que serviriam as estradas se os viajantes não se protegessem uns aos outros?

— Se pela nossa parte lhe pudermos também ser úteis alguma vez, Sr. Korpanoff, se por acaso nos encontrarmos nas estepes da Sibéria...

Alcide Jolivet não perguntava de uma maneira direta a Miguel Strogoff qual era o seu verdadeiro destino, este, porém, não querendo parecer que dissimulava, respondeu prontamente:

— Vou para Omsk, meus senhores.

— E o Sr. Blount e eu — declarou Alcide Jolivet — vamos a caminho da Sibéria, sem saber ao certo para que ponto. Vamos talvez ao encontro das balas, mas com toda a certeza ao encontro das notícias.

— Dirigem-se então às províncias invadidas? — perguntou Miguel Strogoff com certa curiosidade.

— Precisamente, Sr. Nicolau Korpanoff, e é bem de supor que nos não encontremos por ali.

— Decerto — concordou Miguel Strogoff. — Sou pouco amigo de combates, e muito pacífico por natureza para me aventurar em sítios onde se precise de lidar com armas de fogo.

— Tenho pena, muita pena, de sermos obrigados a separar-nos dentro em pouco. Mas talvez que ao sairmos de Ekaterinburgo a nossa boa estrela nos permita ainda viajar juntos por algum tempo.

— Os senhores dirigem-se para Omsk? — perguntou Miguel Strogoff, depois de alguns momentos de reflexão.

— Ainda não sabemos — respondeu Alcide Jolivet —, mas é quase positivo que iremos diretamente a Ichim. Depois de lá estarmos, veremos o que os acontecimentos nos aconselham.

— Nesse caso — ajuntou Miguel Strogoff —, seremos companheiros de

viagem até Ichim.

Miguel Strogoff teria preferido ir só, mas, sem que desse nas vistas dos dois correspondentes, não podia sem justificado motivo separar-se deles, uma vez que todos tomavam a mesma estrada. De resto, como Alcide Jolivet e Harry Blount tencionavam ficar em Ichim, como nenhum dos dois seguia logo para Omsk, não havia o menor inconveniente em fazer na companhia de ambos uma parte da viagem.

— Portanto, meus senhores — disse ele —, está decidido, viajaremos juntos.

Depois, com o tom de voz mais indiferente, perguntou:

— Sabem os senhores, com alguns visos de verdade, em que estado se acha a invasão tártara?

— Sabemos apenas, Sr. Korpanoff, o que se dizia em Perm a esse respeito — respondeu Alcide Jolivet. — Constava ali que os tártaros de Féofar-Cã tinham invadido toda a província de Semipalatinsk e que seguiam a marchas forçadas o curso do Irtyche. Convém, pois, que se não demore, se deseja chegar a Omsk antes deles.

— Assim é — confirmou Miguel Strogoff.

— Acrescentava-se também que o coronel Ogareff tinha conseguido passar a fronteira disfarçado, e que não devia tardar muito a reunir-se com as forças do chefe tártaro, no próprio centro do país invadido.

— Mas como se pôde saber Isso? — perguntou Miguel Strogoff, a quem estas notícias, mais ou menos verdadeiras, interessavam diretamente.

— Ora! Como se sabem todas as coisas — explicou Alcide Jolivet. — São boatos que correm.

— E o senhor inclina-se a crer que o coronel Ogareff já esteja na Sibéria?

— Cheguei até a ouvir dizer que ele tinha tomado a estrada de Kazan a Ekaterinburgo.

— Ah! O Sr. Jolivet sabia isso? — interveio então Harry Blount, que pusera de parte o seu sistemático silêncio ao ouvir aquela resposta do correspondente francês.

— Sabia — respondeu com simplicidade Alcide Jolivet.

— E sabia também que esse tal Ogareff devia estar disfarçado de boémio?

— De boémio! — exclamou quase involuntariamente Miguel Strogoff, que se lembrou do seu encontro com o tzigano em Nijni-Novgorod, da viagem deste a bordo do Cáucaso e do seu desembarque em Kazan.

— Sabia-o tão bem que julguei o caso digno de ser relatado numa carta a minha prima — respondeu, sorrindo, Alcide Jolivet.

— Vê-se que não perdeu o tempo em Kazan! — retorquiu o inglês com ar de enfado.

— Meu caro colega, enquanto o Cáucaso renovava a sua provisão de combustível, eu, imitando-o, renovava a minha provisão de notícias.

Miguel Strogoff já não prestava atenção aos ditos mais ou menos repassados de ironia que Alcide Jolivet e Harry Blount se dirigiam mutuamente. Só pensava no bando dos boémios que vira a bordo, naquele tzigano, cujas feições não pudera distinguir, e na sua companheira, que não tirara os olhos dele quando ia a desembarcar. O correio do czar procurava reunir mentalmente os diversos pormenores daquele encontro, quando de repente se ouviu um tiro a curta distância.

— Ouviram, meus senhores?

E, dizendo isto, Miguel Strogoff deitara a correr na direção do som.

— E então! Para um negociante pacífico e pouco amigo de lidar com armas de fogo — comentou Alcide Jolivet —, não parece lá muito fugir delas.

E, acompanhado pelo seu colega Harry Blount, que não era homem para se deixar ficar atrás, Alcide Jolivet seguiu de perto as pisadas de Miguel Strogoff.

Poucos momentos depois achavam-se todos três no local do desfiladeiro onde se tinha abrigado o tarentass.

O feixe de pinheiros que o raio Inflamara ardia ainda. O caminho estava deserto. Contudo, Miguel Strogoff não se podia ter enganado. Fora decerto o detonar de uma arma de fogo que chegara até ele.

De repente ouviu-se um urro imenso juntamente com um segundo tiro, mais

perto ainda.

— Um urso! — exclamou Miguel Strogoff, que não podia iludir-se sobre a procedência daqueles sons rouquenhos.

— Nadia!

E, tirando a navalha da cintura, Miguel Strogoff precipitou-se com a ligeireza de uma corça para o lugar, já próximo, onde a sua companheira de viagem prometera ficar à sua espera.

Os pinheiros, envolvidos pelas chamas de alto a baixo, alumiavam o quadro com intensos clarões.

No momento em que Miguel Strogoff se aproximava do tarentass, recuava até junto dele um vulto de formas colossais.

Era um urso de enormes proporções. A tempestade tinha-o talvez afugentado dos bosques vizinhos, e ele vinha refugiar-se na mesma escavação, o seu covil naturalmente, onde Nadia agora estava.

Dois dos cavalos, assustados, haviam fugido, quebrando os tirantes. O iemschik, sem se importar com a sorte de Nadia, que ele deixava exposta em frente do animal, pensara só em correr atrás da parelha fugitiva.

A corajosa rapariga não perdera contudo o sangue frio. O animal, que a não vira de princípio, dispunha-se a atacar o cavalo preso ainda ao tarentass. Nadia, saindo então do seu abrigo, correra à caixa do veículo, empunhara um dos revólveres de Miguel Strogoff e, caminhando afoitamente para o urso, desfechara contra ele à queima-roupa.

O animal, ferido ligeiramente na espádua, voltara-se contra este imprevisto e repentino ataque. Nadia, entretanto, para se defender, pusera-se atrás do tarentass, do qual procurava loucamente soltar-se o terceiro cavalo.

Nadia, neste momento, pensando que a perda dos cavalos poderia prejudicar de todo a continuação da viagem, decidiu-se a enfrentar a fera e, com uma presença de espírito admirável, disparou segundo tiro, quando ela ia já a fender a cabeça do cavalo com as suas garras.

Era este segundo tiro que Miguel Strogoff acabava de ouvir a poucos passos

de distância. De um salto, colocou-se entre o urso e a valorosa livoniana. O seu braço fez apenas um rápido movimento de baixo para cima, e a enorme fera caiu no chão, rasgada inteiramente desde o ventre até à garganta.

Miguel Strogoff dera um desses admiráveis golpes com que os caçadores siberianos matam instantaneamente um urso, sem lhe danificar a preciosa pele, que eles costumam vender por alto preço.

— Não estás ferida, minha irmã? — perguntou Miguel Strogoff, aproximando-se de Nadia.

— Não estou.

Ao mesmo tempo chegavam os dois jornalistas.

Alcide Jolivet segurou o cavalo pela cabeça, e deve-se acreditar que tinha bom pulso, porque o animal não se mexeu mais. Tanto o francês como o seu companheiro tinham presenciado perfeitamente o rápido e hábil movimento de Miguel Strogoff.

— Vamos lá! — exclamou Alcide Jolivet —, para um simples negociante, o Sr. Korpanoff maneja perfeitamente uma faca de mato.

— Muito perfeitamente — acrescentou Harry Blount.

— Na Sibéria, meus senhores, temos necessidade de saber um pouco de tudo — respondeu Miguel Strogoff.

Alcide Jolivet olhou então para o valoroso rapaz.

Visto com a luz de frente, a navalha ainda em punho, tinta de sangue, o rosto enérgico e insinuante, e um dos pés descansando sobre o corpo da fera que acabara de prostrar, Miguel Strogoff tinha a beleza das grandes figuras esculturais.

— Um homem às direitas! — disse para si mesmo Alcide Jolivet.

E, avançando com o chapéu na mão, foi cumprimentar respeitosamente a suposta irmã de Miguel Strogoff.

Nadia respondeu com um ligeiro movimento de cabeça.

Voltando-se depois para o seu colega, Alcide Jolivet acrescentou:

— A irmã vale o irmão. Se fosse urso, havia de fazer toda a diligência por

nunca me aproximar deste par tão corajoso como simpático.

Harry Blount, direito como um fuso, conservava-se de chapéu na mão a alguma distância. O desembaraço do seu companheiro ainda punha mais em relevo a sua gravidade britânica.

Neste momento apareceu o iemschik, seguido dos cavalos, a que por fim conseguira deitar a mão. O seu primeiro impulso foi olhar com sentimento para o soberbo animal estendido a curta distância, que ele tinha de abandonar às aves de rapina, por não poder levá-lo no tarentass. Depois tratou de ir novamente aparelhar os cavalos.

Miguel Strogoff fez-lhe então conhecer a situação dos dois viajantes e a ideia em que estava de lhes ceder um dos cavalos.

— Como queira, patrão. Entretanto, dois serviços em vez de um...

— Exigem paga dobrada! — volveu-lhe Alcide Jolivet. — Fica descansado, hás de tê-la.

— Vamos a isto, meus pombinhos — exclamou o iemschik.

Nadia tornara a subir para o tarentass, que Miguel Strogoff e os dois correspondentes acompanhavam.

Eram três horas. A trovoada ia amainando, o tufão já não lançava por terra homens nem animais, e a distância do desfiladeiro para a estrada pôde percorrer-se com facilidade e rapidez.

Aos primeiros fulgores da aurora, achava-se o tarentass junto da telega, que, em boa verdade, ficara atascada até ao cubo das rodas. Compreendia-se perfeitamente, em vista daquela situação, que um arranco mais violento dos cavalos tivesse provocado a separação das duas partes do veículo.

Um dos cavalos do tarentass foi atrelado por meio de cordas à caixa da telega. Os dois jornalistas sentaram-se como puderam sobre esta metade de carro, e ambos os veículos partiram imediatamente. De resto, o caminho não oferecia agora dificuldades, porque se limitava a descer os declives dos Urais.

Seis horas depois o tarentass e a meia telega davam entrada em Ekaterinburgo, sem que nenhum inconveniente desagradável interrompesse esta

parte da viagem.

A primeira pessoa que os jornalistas viram à porta da estação de muda foi o seu iemschik, que parecia estar à espera deles.

O bom do homem, com a sua cara prazenteira e sem mostrar o menor receio, aproximou-se dos viajantes e, estendendo a mão, pediu-lhes a gorjeta.

A verdade manda dizer que o furor de Harry Blount não conheceu limites, e se o iemschik não toma a prudente resolução de se afastar podia ficar certo de que receberia a sua gorjeta sob a forma de um formidável murro, aplicado airosamente segundo todos os preceitos do boxe inglês.

Alcide Jolivet, observando estes ímpetos de cólera, ria de tão boa vontade que até lhe rebentavam as lágrimas.

— Mas o pobre homem tem razão! — exclamava o correspondente francês. — Tem carradas de razão, meu caro colega. Não foi por causa dele que nós deixámos de o seguir.

E, tirando alguns kopeks da algibeira:

— Aqui tens, rapaz — disse-lhe com bom modo. — Guarda para ti. Se os não ganhaste melhor, não foi por tua culpa.

Esta generosidade ainda mais aumentou a irritação de Harry Blount, que desejava voltar-se contra o feitor de posta e intentar-lhe um processo.

— Um processo na Rússia! — disse Alcide Jolivet. — Mas, se os costumes ainda não mudaram, o colega nunca chegaria a ver o fim do seu! Não sabe a história da ama russa que reclamava doze meses de criação da família de um menino que trouxera ao peito?

— Não sei.

— Então ignora também o que já era o tal menino quando os tribunais deram sentença a favor da ama?

— E o que era ele?

— Coronel dos hussardos da Guarda!

À vista desta resposta ninguém pôde deixar de rir.

Entretanto Alcide Jolivet, contente do efeito que produzira a sua anedota,

tirava a carteira do bolso e escrevia, numa das folhas, a seguinte nota, destinada a figurar num dicionário moscovita:

“Telega”: veículo russo, que tem quatro rodas quando começa uma viagem e só duas quando a acaba.

Capítulo XII — Uma provocação

Ekaterinburgo, geograficamente falando, é uma cidade da Ásia, porque fica situada além dos montes Urais, sobre os últimos pendores da serra. Contudo, faz parte do governo de Perm, e por consequência acha-se compreendida numa das grandes divisões da Rússia europeia. É, por assim dizer, um pedaço da Sibéria enxertado no tronco europeu do colosso moscovita. Esta disposição administrativa deve ter algum motivo que a justifique.

Nem Miguel Strogoff nem os dois correspondentes poderiam recear que lhes faltassem meios de locomoção numa cidade tão considerável, embora a sua fundação só date de 1723. É em Ekaterinburgo que existe a primeira casa da moeda de todo o império, é ali que se encontra fixada a Direção-Geral das Minas. Esta cidade é, pois, um centro industrial importante, onde abundam as forjas metalúrgicas e outros estabelecimentos destinados à lavagem de platina e de ouro.

Presentemente, a população de Ekaterinburgo estava muitíssimo aumentada. Grande número de russos e siberianos tinham afluído para ali, fugindo não só das províncias, já invadidas, como também de todo o país dos quirguizes, que se estende desde a parte sudoeste do rio Irtyche até às fronteiras do Turquestão.

Se, portanto, os meios de locomoção deviam ter escasseado para chegar a Ekaterinburgo, não sucedia assim para sair desta cidade. Nas atuais condições, poucos seriam efetivamente os viajantes que se aventurassem a percorrer as estradas da Sibéria.

Deste concurso de circunstâncias resultou que Alcide Jolivet e Harry Blount acharam sem dificuldade uma telega completa para substituir a meia telega com que tinham dado entrada em Ekaterinburgo.

A situação de Miguel Strogoff ainda era mais simples. O seu tarentass pouco tinha sofrido com aquela trabalhosa viagem nos montes Urais, e, para continuar

a correr até Irkutsk, só esperava que lhe atrelassem três novos e possantes cavalos.

Até Tiumen, ou, para melhor dizer, até Novo-Zaimskoé, a estrada para Irkutsk é bastante acidentada porque se estende ainda sobre as caprichosas ondulações de terreno em que assentam os declives dos Urais. Mas para lá de Novo-Zaimskóe começam as estepes infinitas, que só acabam nas proximidades de Krasnoiarsk, estendendo-se numa extensão de mil e setecentas verstas aproximadamente.

Era para Ichim, como se sabe, que tencionavam dirigir-se os dois correspondentes, isto é, para uma cidade que ficava distante ainda de Ekaterinburgo seiscentas e trinta verstas. Chegados ali, deviam informar-se do que se passava, a fim de penetrarem nas províncias invadidas, quer juntos, quer separados, conforme o seu próprio instinto lhes aconselhasse.

A estrada de Ekaterinburgo para Ichim, que depois segue para Irkutsk, era a única por onde Miguel Strogoff poderia continuar a sua viagem. Havia, porém, uma diferença entre Miguel Strogoff e os dois correspondentes: é que ele, como não corria atrás de notícias, estava bem decidido a não perder um só instante, evitando por todos os modos qualquer encontro com as forças invasoras de Féofar-Cã.

— Meus senhores — disse Miguel Strogoff aos seus novos companheiros —, ser-me-á muito agradável viajar na vossa companhia por mais algum tempo, mas devo preveni-los de que tenho imensa pressa de chegar a Omsk, onde eu e minha irmã vamos ver nossa mãe. Quem sabe até se não encontraremos a cidade já invadida pelos tártaros? Por consequência, não tenciono demorar-me nas estações de posta senão o tempo indispensável para mudar de cavalos, continuando a viajar de noite e de dia.

— Também nós temos as mesmas ideias — respondeu Harry Blount.

— Muito bem — acrescentou Miguel Strogoff. — Mas nesse caso conviria que alugassem ou comprassem um veículo mais sólido para...

— Para que as suas duas metades — atalhou Alcide Jolivet — possam

chegar a Ichim ao mesmo tempo.

Meia hora depois o jovial correspondente achava, sem grande dificuldade, um tarentass quase semelhante ao de Miguel Strogoff e para o qual tanto ele como o colega subiram imediatamente.

Miguel Strogoff e Nadia tomaram também lugar no seu veículo e ao meio-dia em ponto os dois carros saíam de Ekaterinburgo, um atrás do outro.

Nadia achava-se finalmente na Sibéria, percorrendo a imensa estrada que se estendia até Irkutsk! Que pensamentos deveriam então assaltar o espírito da jovem livoniana? Três cavalos, correndo à desfilada, iam de hora em hora encurtando a distância que a separava desse lugar de exílio, onde seu pai jazia tão longe da terra natal! A sua atenção mal se fixava nas imensas estepes que se desenvolviam diante dela. O seu olhar, penetrando muito para lá do horizonte, procurava com avidez o rosto venerando do exilado! Que lhe importava a estrada que ia percorrendo a uma velocidade de quinze verstas por hora? Que lhe importavam estas regiões da Sibéria ocidental, tão diversas daquelas onde nascera? O seu fito, o seu empenho, concentrava-se unicamente em se lançar dentro em pouco nos braços do estremecido pai.

Efetivamente o caminho percorrido não oferecia variedade à vista: os campos, na maior parte, sem cultura e o solo muito pobre à superfície, porque é só nas suas entranhas que ele encerra o ferro, o cobre, o ouro e a platina. Como se encontrariam braços para cultivar os terrenos, semear os campos, ceifar o trigo, quando é mais proveitoso o trabalho que extrai do seio da terra os seus metais preciosos? Aqui, o agricultor cedeu o lugar ao mineiro, o alvião substituiu a enxada.

Entretanto, o pensamento de Nadia afastava-se algumas vezes das longínquas províncias do lago Baical para se aproximar dos objetos que a rodeavam. A imagem do desterrado apagava-se então, e ela só via o seu generoso protetor, que encontrara pela primeira vez no comboio, em Wladimir. Lembrava-se das suas atenções durante a viagem, da sua aparição no gabinete do chefe da polícia em Nijni-Novgorod, da delicada simplicidade com que lhe falara, dando-lhe o nome

de irmã, do carinho que lhe prodigalizara a bordo do Cáucaso, e finalmente da generosa temeridade com que a defendera, mesmo a custo da própria vida, naquela noite de tempestade, ao passar os montes Urais.

Nadia pensava, pois, em Miguel Strogoff. Não podia deixar de atribuir a um desígnio providencial o seu encontro com ele, e do fundo do coração agradecia a Deus ter-lhe concedido um amigo tão discreto e previdente, um protetor tão nobre e decidido. Junto dele e sob a sua guarda, Nadia sentia renascer a confiança. Um verdadeiro irmão não teria tido para ela mais carinhos. A filha do pobre exilado, sem recear novos obstáculos, estava agora segura de realizar o fim que se propusera.

Miguel Strogoff, por seu lado, falava pouco e refletia muito. Agradecia também a Deus ter-lhe proporcionado, ao encontrar a jovem livoniana, o meio não só de ocultar a sua verdadeira identidade, como também de praticar uma boa ação. A sua alma varonil lisonjeava-se profundamente ao ver tão serena afoiteza numa rapariga de tão pouca idade. Porque não havia ela de ser de facto sua irmã? Pois não lhe dedicava ele já tanto respeito como interesse? tudo lhe dizia que estava ali um desses corações de fina têmpera em que se pode ter plena confiança.

Entretanto os perigos para Miguel Strogoff só principiavam realmente ao pisar o solo da Sibéria. Se os dois jornalistas se não enganavam, se Ivan Ogareff tinha atravessado a fronteira, convinha andar com a mais extrema circunspeção. As circunstâncias agora eram diversas, porque os espiões tártaros deviam encontrar-se a cada passo. Desde o momento em que o seu incógnito fosse denunciado, em que a sua qualidade de correio do czar fosse descoberta, a sua missão ficaria de todo sacrificada, e quem sabe mesmo se a sua vida!

Miguel Strogoff percebeu quão enorme era a responsabilidade que pesava sobre ele.

Enquanto Miguel Strogoff e Nadia iam assim divagando mentalmente, que se passava no segundo tarentass? Nada de extraordinário. Alcide Jolivet falava empregando muitas palavras, Harry Blount respondia-lhe apenas por

monossílabos. Ambos iam encarando as coisas a seu modo e tomando as notas que os incidentes de viagem lhes forneciam, incidentes na verdade pouco variados nestas primeiras províncias da Sibéria ocidental.

Em todas as estações de muda os dois correspondentes apeavam-se e iam ter com Miguel Strogoff. Quando não havia que tomar alguma refeição, Nadia deixava-se ficar no tarentass, e se, nas horas de almoço e de jantar, vinha sentar-se à mesa, mostrava-se extremamente reservada, evitando quanto possível conversas com os outros viajantes.

Alcide Jolivet, sem ultrapassar os limites de uma perfeita civilidade, tinha, porém, todas as devidas atenções com a jovem livoniana, que ele achava formosíssima. Sobretudo o que mais admirava nela o correspondente francês era a resignada energia com que suportava as enormes fadigas de uma viagem tão penosa.

As demoras indispensáveis, que ocorriam no caminho, contrariavam sempre bastante o correio do czar. Por isso não havia estação de muda onde ele não apressasse os trabalhos, animando os feitores de posta e indo pessoalmente auxiliar os iemschiks. Depois, mal acabava o almoço ou o jantar, refeições que decorriam com rapidez muito do agrado de Harry Blount, que era um comensal metódico, partia-se de novo, sendo os jornalistas, pela sua parte, conduzidos também como “águias”, visto pagarem generosamente e, segundo afirmava Alcide Jolivet, como verdadeiras “águias da Rússia”[8].

Escusado é dizer que Harry Blount não prestava a menor atenção à irmã do negociante com quem viajava.

Era um dos raros assuntos de conversação em que não discutia com o seu colega. Este ilustre cidadão mostrava a mais completa indiferença por tudo o que não se prendesse com a sua profissão de jornalista.

E uma das vezes, tendo-lhe Alcide Jolivet perguntado que idade supunha ter a formosa livoniana:

— De que formosa livoniana me fala? — respondeu-lhe Harry Blount com a

maior seriedade deste mundo, cerrando um pouco os olhos.

— Ora, de quem há de ser! Da irmã de Nicolau Korpanoff.

— Ah! É sua irmã?

— Não, é sua avó! — exclamou Alcide Jolivet, descoroçoado por tamanha dose de indiferença. — Quantos anos lhe dá?

— Se soubesse a data do seu nascimento poder-lhe-ia responder — replicou gravemente Harry Blount, como homem que não queria arriscar uma resposta positiva.

A estrada percorrida pelos dois tarentass apresentava-se quase deserta. O dia estava bom, o céu meio encoberto e a temperatura mais suportável. Se houvesse molas nos veículos, os viajantes não teriam motivo para se queixar do caminho. Entretanto, o que eles perdiam em comodidade ganhavam-no em ligeireza.

Mas se a estrada parecia deserta, dependia isso da invasão tártara. Nos campos mal se avistavam alguns desses aldeões de rosto pálido e olhar grave, que uma viajante célebre comparou, com propriedade, a castelhanos, menos na arrogância. Num ou noutro ponto viam-se algumas aldeias já abandonadas, o que indicava a aproximação das forças de Féofar-Cã. Os seus habitantes, levando adiante os rebanhos, os camelos e os cavalos, tinham-se refugiado nas planícies do Norte. Algumas tribos da grande horda dos quirguizes nómadas, que permaneciam fiéis à Rússia, também já tinham transportado as suas tendas para além dos rios Irtyche e Obi, a fim de se acautelarem contra a pilhagem dos invasores.

Por fortuna, o serviço de posta continuava a fazer-se com regularidade, bem como o serviço do telégrafo, nos pontos onde o fio não tinha sido cortado. Nas estações de muda, os chefes ainda apresentavam os cavalos que se lhes exigiam, e nas estações telegráficas os empregados ainda transmitiam os despachos recebidos, demorando-lhes apenas a transmissão quando se interpunham alguns telegramas oficiais. Resultava disto que tanto Alcide Jolivet como Harry Blount utilizavam largamente semelhante meio de comunicação para seu serviço particular.

Até aqui, portanto, a viagem de Miguel Strogoff ia-se efetuando em condições vantajosas. O correio do czar não tinha experimentado nenhum atraso, e se pudesse evitar qualquer encontro com as guardas avançadas dos tártaros até Krasnoiarsk era certo que chegaria antes deles a Irkutsk, vencendo tão grande distância no menor espaço de tempo que até então se tinha visto.

Pelas sete horas da manhã do dia seguinte àquele em que os dois tarentass haviam saído de Ekaterinburgo, entravam eles na povoação de Tuluguisk, depois de terem percorrido duzentas e vinte verstas sem que ocorresse Incidente digno de menção.

Em Tuluguisk demoraram-se os viajantes meia hora para almoçar. Feito isto, continuaram a viagem com tal velocidade que só a promessa de um certo número de kopeks, oferecidos aos iemschiks, poderia justificar.

À uma hora da tarde do mesmo dia 22 de julho, depois de vencidas mais sessenta verstas, os dois tarentass chegavam a Tiumen.

Tiumen, cuja população normal é de dez mil habitantes, contava agora o dobro. Esta cidade, primeiro centro industrial que os russos criaram na Sibéria, onde se encontram excelentes forjas metalúrgicas e oficinas para fundição de sinos, apresentava uma animação que lhe não era natural.

Os dois correspondentes puseram-se logo em busca de novidades. As que os fugitivos traziam do teatro da guerra não eram tranquilizadoras.

Dizia-se, entre outras coisas, que o exército de Féofar-Cã se aproximava rapidamente do vale do Ichim, e acrescentava-se que o chefe tártaro não tardaria a encontrar-se com o coronel Ivan Ogareff, se é que já se não tinha reunido a ele, pelo que se concluía que as operações militares visando a ocupação da parte oriental da Sibéria iam ser intensificadas. Em relação às forças russas, tinha sido preciso chamar à pressa as que permaneciam nas províncias europeias da Rússia, porém, essas tropas, achando-se ainda muito distantes, não podiam opor-se às primeiras consequências da invasão. Contudo, os cossacos do governo de Tobolsk dirigiam-se a marchas forçadas sobre Tomsk, a fim de intercetarem as colunas de Féofar-Cã.

Às oito horas da tarde, os dois tarentass tinham percorrido mais setenta e cinco verstas e davam entrada em Yalutorowsk.

Mudaram rapidamente de cavalos e, ao sair da povoação, atravessaram o rio Tobol numa barcaça. A corrente deste rio, muito branda, facilitou esta operação, que no decurso da viagem, e naturalmente em condições menos favoráveis, tinha de se repetir mais de uma vez.

À meia-noite, depois de terem andado mais cinquenta e cinco verstas, chegavam os viajantes à aldeia de Novo-Saimsk, ficando-lhes definitivamente para trás esse terreno acidentado, com colinas cobertas de arvoredo, que são por assim dizer as últimas raízes da cadeia dos Urais.

Era aqui, verdadeiramente, que principiava a estepe siberiana, essa imensa planície que se estende até próximo de Krasnoiarsk, esse vasto deserto ervoso em cuja circunferência a terra e o céu se confundem numa curva que parece feita a compasso.

A uniformidade da estepe só era interrompida pelos postes do telégrafo, cujos fios, ligeiramente feridos pela brisa, vibravam como se fossem cordas de uma harpa. Mesmo a estrada não se diferençava da planície senão pela finíssima poeira levantada debaixo das rodas dos tarentass. Sem esta fita esbranquiçada, que se estendia até perder de vista, poderiam os viajantes julgar-se num deserto.

Miguel Strogoff e os seus companheiros ainda caminharam com maior velocidade através da estepe. Os cavalos, excitados pelos iemschiks, devoravam o espaço. Os tarentass corriam em direção a Ichim, onde os dois correspondentes tinham a intenção de se apear, se algum acontecimento não viesse modificar o seu Itinerário.

Duzentas verstas separam Novo-Saizusk de Ichim. Esta distância devia e podia estar vencida no dia seguinte antes das oito horas da tarde se no caminho se não perdesse um só instante. Segundo a opinião dos iemschiks, se os viajantes não eram personagens de elevada posição, ou funcionários de primeira categoria, mereciam sê-lo decerto, visto a generosidade senhoril com que distribuíam as gorjetas.

No dia seguinte, 28 de julho, os dois tarentass achavam-se efetivamente a trinta verstas de Ichim.

Foi então que Miguel Strogoff distinguiu ao longe na estrada, entre rolos de poeira, um veículo caminhando adiante dele. Não lhe devia decerto ser difícil alcançá-lo, porque os seus cavalos, muito menos fatigados, corriam com maior velocidade:

Não era tarentass nem telega: era uma berlinda de posta extremamente empoeirada, que parecia vir já de muito longe. O postilhão fustigava sem descanso os cavalos, e só à força de pragas e chicotadas conseguia levá-los a galope. A berlinda não tinha com certeza passado por Novo-Saimsk, e para aparecer agora na estrada de Irkutsk é porque tomara naturalmente por algum atalho aberto na estepe.

Miguel Strogoff e os seus companheiros, vendo esta berlinda correndo precipitadamente para Ichim, tiveram logo o mesmo pensamento: passarem-lhe adiante, para que, chegando antes dela à estação de muda, pudessem lançar mão dos cavalos indispensáveis à continuação da sua viagem. Disseram, portanto, algumas palavras nesse sentido aos iemschiks, e estes não tardaram a aproximar-se da berlinda.

Foi o tarentass de Miguel Strogoff que primeiro chegou.

Ao mesmo tempo mostrou-se uma cabeça à portinhola da berlinda.

Miguel Strogoff mal teve tempo de a ver. Apesar, porém, da rapidez com que passou, ouviu distintamente estas palavras, que lhe foram dirigidas com ar imperioso:

— Pare já!

Como é bem de supor, a intimação não foi atendida, e não tardou que a berlinda ficasse para trás dos dois tarentass.

Estabeleceu-se então uma espécie de corrida entre os três veículos, e os cavalos da berlinda, excitados sem dúvida pela presença e ligeireza dos outros, cobraram ainda novo alento para correr por mais alguns minutos. Os três veículos desapareciam numa nuvem de poeira. No meio desta nuvem, que

deixava os objetos como que indefinidos, ouviam-se as Imprecações de raiva e os estalos dos chicotes dos iemschiks.

A vantagem de tal luta coube, porém, a Miguel Strogoff e aos seus companheiros, vantagem que podia ser importantíssima se a próxima estação de muda não estivesse bem provida de cavalos.

Meia hora depois a berlinda, que tinha ficado para trás, era quase um ponto invisível no horizonte da estepe.

Eram oito horas da tarde quando os dois tarentass chegavam à estação de muda de Ichim.

As notícias relativas à invasão cada vez tinham mais importância. A cidade estava diretamente ameaçada pela vanguarda das colunas tártaras, e havia dois dias que todas as autoridades se tinham retirado para Tobolsk. Em Ichim não se via um único empregado nem um único militar.

Miguel Strogoff, apenas chegou à estação, pediu logo cavalos para o seu tarentass.

Fora-lhe proveitoso chegar antes da berlinda. Só havia três cavalos que estivessem em condições de partir. Os outros, que voltavam de um serviço prolongado, estavam cansadíssimos.

O chefe de posta deu ordem para atrelar.

Os dois correspondentes, por seu lado, como não tencionavam seguir viagem imediatamente, não se preocuparam com a falta de cavalos, e mandaram guardar o seu tarentass.

Dez minutos depois, Miguel Strogoff era prevenido de que estava tudo pronto para marchar.

— Bem — respondeu ele.

Em seguida, dirigindo-se aos dois jornalistas:

— Meus senhores, é chegado o momento de nos separarmos.

— Pois quê, Sr. Korpanoff — disse Alcide Jolivet —, nem ao menos passará uma hora na nossa companhia!

— Não posso, meus senhores, e desejo até pôr-me a caminho antes que

chegue à estação de muda a berlinda que deixámos para trás.

— Receia, porventura, que aquele viajante lhe queira disputar os cavalos?

— Pretendo, sobretudo, evitar qualquer discussão a esse respeito.

— Nesse caso — volveu Alcide Jolivet —, só nos resta agradecer-lhe de novo, Sr. Korpanoff, o serviço que nos prestou e o prazer que nos concedeu viajando connosco.

— É possível — ajuntou Harry Blount — que dentro de alguns dias nos tornemos a encontrar em Omsk.

— Não digo que não — admitiu Miguel Strogoff —, uma vez que vou diretamente para ali.

— Portanto, boa viagem, Sr. Korpanoff — desejou Alcide Jolivet —, e Deus o livre de ser alguma vez obrigado a viajar em telegas.

Os dois correspondentes estenderam a mão a Miguel Strogoff, com a intenção de lha apertarem o mais cordialmente possível, quando se sentiu o rodar de um trem.

Quase de repente abriu-se a porta da estação e um homem apareceu à entrada.

Era o viajante da berlinda, indivíduo de quarenta anos, aspeto militar, alto, robusto, espadaúdo, cabeça levantada e grandes bigodes, que se iam prender a umas fartas suíças ruivas. Vestia à militar, mas sem insígnias, e pendia-lhe do lado esquerdo um sabre de cavalaria. Na mão trazia um chicote de rabo curto.

— Já, já, três cavalos! — disse ele, com a voz imperiosa de quem estava habituado ao comando.

— Não tenho cavalos disponíveis — respondeu o chefe de posta, inclinando-se respeitosamente.

— Não admito observações! Preciso deles imediatamente!

— É impossível!

— Impossível! A quem pertencem os que eu vi lá fora num tarentass?

— Àquele viajante — respondeu, apontando para Miguel Strogoff.

— Que lhos tirem — ordenou o recém-chegado com um tom de voz que não

admitia réplicas.

Miguel Strogoff adiantou-se também.

— Esses cavalos paguei-os eu — disse ele.

— Que me importa! Preciso deles! E depressa! Não tenho tempo a perder.

— Também eu não — replicou Miguel Strogoff, que já mal podia conter-se, apesar dos esforços que fazia para se conservar tranquilo.

Nadia estava junto dele, serena também, mas assustada interiormente pelas consequências que poderia ter aquele conflito.

— Basta! — ajuntou o desconhecido.

Depois, dirigindo-se ao chefe de posta com um gesto de ameaça:

— Tirem os cavalos ao tarentass, já disse, e atrelem-nos depois à minha berlinda.

Aquele, extremamente embaraçado, não sabia como obedecer, e olhava para Miguel Strogoff, a quem assistia evidentemente o direito de se opor a estas insolentes pretensões.

Miguel Strogoff hesitou um momento. Não pretendia fazer uso do podaroshna para não chamar sobre si as atenções, mas também não queria que a hora da sua partida fosse adiada pela cedência dos cavalos.

E, sobretudo, o que ele mais desejava era evitar qualquer conflito que desse a conhecer o fim da sua missão.

Os dois jornalistas olhavam para Miguel Strogoff, prestes a auxiliá-lo, se ele, porventura, o exigisse.

— Os cavalos hão de seguir com o meu tarentass — declarou Miguel Strogoff, mas sem levantar a voz mais do que convinha a um negociante de Irkutsk.

O desconhecido aproximou-se então de Miguel Strogoff, pondo-lhe descortesmente a mão sobre o ombro:

— Toma cuidado! — gritou ele com voz ameaçadora. — Não queres ceder-me os cavalos?

— Não quero.

— Pois nós veremos então qual dos dois há de ficar com eles. Defende-te, vilão, se não queres que te mate como um covarde.

E, acompanhando com o gesto a palavra, o desconhecido desembainhava o sabre e punha-se em guarda.

Nadia colocou-se adiante de Miguel Strogoff.

Harry Blount e Alcide Jolivet também correram para ele.

— Não me baterei — afirmou unicamente Miguel Strogoff, que, para melhor reprimir a sua indignação, cruzara os braços sobre o peito.

— Não queres bater-te?

— Não.

— Nem mesmo assim? — gritou o desconhecido.

E, antes que tivesse havido tempo de o segurarem, batia com o cabo do chicote sobre o ombro de Miguel Strogoff.

A este novo insulto, o correio do czar empalideceu horrivelmente. As suas mãos levantaram-se numa convulsão febril, como se quisessem esmagar de um só impulso o atrevido agressor.

Todavia, por um supremo esforço, conseguiu dominar-se. Um duelo era mais que um atraso, era talvez o malogro da sua missão. Antes perder algumas horas do que arriscar o bom êxito da viagem. Mas seria admissível que ele suportasse calado tamanha afronta?

— E agora quererás bater-te, miserável? — insistiu o desconhecido, ajuntando o tom desprezador àquela brutal provocação.

— Não quero! — respondeu Miguel Strogoff,. que se não movia, mas que devorava com o olhar as feições do desconhecido.

Este, então, gritou:

— Os cavalos pertencem-me!

E, dizendo isto, retirou-se rapidamente.

O chefe de posta saiu em seguida, encolhendo os ombros e lançando sobre Miguel Strogoff um olhar manifestamente desdenhoso.

O efeito que sobre os dois jornalistas produziu semelhante incidente não

podia ser favorável para Miguel Strogoff. O desapontamento destes era manifesto. Espantavam-se de ver um homem tão robusto deixar-se brutalmente insultar sem pedir satisfação da ofensa. Limitaram-se, pois, a cumprimentar Miguel Strogoff e saíram logo, dizendo Alcide Jolivet pelo caminho ao seu colega:

— Nunca esperei Isto da parte de um homem que rasga um urso com tanta perfeição. Será, pois, verdade que coragem também, como a fortuna, tem as suas horas propícias? É possível. Para compreendermos o caso, o que nos falta, talvez, é mentalidade de servo.

Alguns momentos depois, o rodar de uma carruagem e os estalos de um chicote indicavam que a berlinda, com os cavalos do tarentass atrelados, saía com toda a rapidez da estação de muda.

Nadia, impassível, e Miguel Strogoff, ainda trémulo de raiva, foram as únicas pessoas que se tinham deixado ficar no mesmo local.

O correio do czar sentara-se, conservando ainda os braços cruzados. Parecia uma estátua. Contudo, uma vermelhidão, que não era decerto a da vergonha, tingia-lhe o rosto profundamente.

Nadia estava, de si para si, convencida de que só motivos muito poderosos poderiam ter obrigado aquele homem a aceitar em silêncio semelhante humilhação.

Por isso, dirigindo-se para Miguel Strogoff, como ele se lhe dirigira a ela na repartição de polícia de Nijni-Novgorod, disse-lhe com voz afetuosa:

— A tua mão, meu irmão.

E ao mesmo tempo limpou, com um carinho quase maternal, duas lágrimas que borbulhavam nos olhos do seu protetor.

Capítulo XIII — O dever acima de tudo

Nadia tinha já percebido que um móbil oculto dirigia todos os atos de Miguel Strogoff, que este, por qualquer circunstância desconhecida para ela, nem dispunha da sua vontade nem das suas ações, e que se tivera o heroísmo de calar uma injúria tão grave é porque antepunha o dever aos seus próprios agravos.

De resto, Nadia abstinha-se de pedir explicações. A mão que estendera a Miguel Strogoff não correspondia antecipadamente a tudo que pudesse dizer-lhe?

Miguel Strogoff não proferiu uma palavra. Uma vez que o feitor só na manhã seguinte lhe podia fornecer cavalos, era evidente que tinha de se passar aquela noite na estação de posta. Em consequência desta demora imprevista, mandou preparar um quarto para Nadia repousar algumas horas.

A pobre menina teria preferido não desamparar Miguel Strogoff, mas, vendo que ele desejava ficar só, deliberou recolher-se ao quarto que lhe fora destinado.

Contudo, no momento em que ia a retirar-se, não se conteve e foi dizer adeus a Miguel Strogoff.

— Meu irmão... — balbuciou ela.

Um gesto imperioso de Miguel Strogoff não a deixou prosseguir. Foi com as lágrimas nos olhos que ela se separou do seu companheiro de viagem.

Miguel Strogoff não quis deitar-se. Poderia ele, porventura, conciliar o sono uma hora só que fosse? No sítio onde lhe tocara o chicote do brutal desconhecido, Miguel Strogoff sentia como que a impressão de um ferro em brasa.

— Pela Pátria e pelo Pai! — Murmurou ele por fim, ao acabar a sua oração da noite.

Entretanto, Miguel Strogoff ardia em desejos de saber quem fora o seu insultador, donde vinha ele e para onde ia. Quanto às suas feições, tinha-as por

tal forma gravadas na memória que era impossível esquecê-las jamais. Miguel Strogoff mandou chamar o chefe de posta.

Este, siberiano de antes quebrar que torcer, apresentou-se pouco depois, medindo com certa sobranceria o seu jovem hóspede e esperando que ele o interrogasse.

— És daqui? — perguntou Miguel Strogoff.

— Sou.

— Conheces então o homem que se apoderou dos meus cavalos?

— Não.

— Nunca o viste?

— Nunca.

— Quem supões tu que seja?

— Um militar valente, que sabe impor aos outros a sua vontade.

O olhar de Miguel Strogoff atravessou como um punhal o siberiano, porém, as pálpebras do chefe de posta não se cerraram.

— Julgas-te com o direito de me censurar? — exclamou.

— Julgo — respondeu o siberiano. — Há coisas que mesmo um comerciante, por mais modesto que seja, não deve receber sem logo lhes dar troco.

— As chicotadas?

— As chicotadas, pois então! tenho caráter e idade para te falar com esta franqueza. Quiseste ouvir-me, aí tens.

Miguel Strogoff aproximou-se do seu interlocutor e agarrou-o pelos ombros com as suas mãos hercúleas.

Depois, com um tom de voz perfeitamente sossegado:

— Deixa-me em paz — disse ele —, deixa-me em paz, se não queres que te desfaça.

O chefe de posta desta vez ficara convencido de que tinha diante de si um homem.

— Gosto muito mais de o ver assim.

E sem acrescentar uma palavra, retirou-se do quarto de Miguel Strogoff.

No dia seguinte, 24 de julho, ás oito horas da manhã, estavam atrelados ao tarentass os três vigorosos cavalos.

Miguel Strogoff e Nadia subiram para ele, e a cidade de Ichim, de que ambos deviam conservar tão cruel recordação, desapareceu rapidamente numa curva da estrada.

Nas diferentes mudas que houve naquele dia Miguel Strogoff pôde certificar-se de que a berlinda o precedia sempre na estrada para Irkutsk, e que o desconhecido, tão apressado talvez como o correio do czar, não perdia um só instante no caminho.

Às quatro horas da tarde, depois de setenta e cinco verstas de jornada, foi preciso em Abatskaia atravessar o Ichim, que é um dos principais afluentes do Irtyche.

A passagem realizou-se em condições menos favoráveis que a do rio Tobol. A corrente do Ichim era neste ponto fortíssima. Durante o inverno siberiano todos os rios e riachos, por apresentarem uma espessura de gelo de alguns pés, são perfeitamente acessíveis, e o viajante pode atravessá-los sem o saber, porque o seu leito desaparece debaixo do extenso e branco lençol em que a estepe está envolvida. No estio, porém, as dificuldades em transpô-los tornam-se graves na verdade.

Efetivamente, foram precisas duas horas para atravessar agora o Ichim, circunstância que bastante desagradou a Miguel Strogoff, muito mais por serem de mau caráter as novas que lhe davam os barqueiros, com referência à invasão dos tártaros.

Eis o que eles diziam:

Alguns exploradores de Féofar-Cã tinham sido já vistos sobre as duas margens do Ichim inferior e nas povoações meridionais do governo de Tobolsk. A cidade de Omsk estava seriamente ameaçada. Falava-se de um combate que se travara entre as forças russas e tártaras na fronteira do território dos quirguizes, combate que não fora vantajoso para as primeiras em consequência do seu

número limitado. Que a isto se seguira a retirada dos russos em boa ordem, e a necessidade de os homens dos campos se verem obrigados a emigrar para longe da província. Corria também que os invasores, segundo o seu bárbaro sistema de guerra, cometiam toda a casta de atrocidades: saques, roubos, incêndios e morticínios. Finalmente, era geral o terror, e de todos os lados se fugia diante da vanguarda de Féofar-Cã.

Em vista desta fuga precipitada, que deixava desertos os lugares e as aldeias, o maior receio de Miguel Strogoff era que lhe viessem a faltar os meios de transporte. Compreende-se, pois, que fosse grande o seu desejo de chegar a Omsk. talvez, ao sair desta cidade, se pudesse antecipar aos invasores tártaros, que, marchando pelo vale do Irtyche, lhe deixavam livre a estrada para Irkutsk.

No próprio lugar onde Miguel Strogoff e Nadia tinham atravessado o rio é que acabava, segundo a expressão militar, a cadeia do Ichim. Esta cadeia, formada por torres e fortins de madeira, ocupava, desde os limites meridionais da Sibéria até aqui, uma extensão de quatrocentas verstas aproximadamente. Antigamente eram os seus fortins defendidos por destacamentos de cossacos, que protegiam o país tanto contra os quirguizes como contra os tártaros. Mas tais obras de defesa, desguarnecidas desde que o Governo moscovita julgara estas hordas completamente pacificadas, achavam-se agora desmanteladas, justamente quando poderiam ser de maior utilidade. Muitas delas tinham sido ainda recentemente reduzidas a cinzas, e aquela fumarada que os barqueiros indicavam a Miguel Strogoff, levantando-se acima do horizonte, era sinistro prenúncio de que vinha já ali perto a vanguarda de Féofar-Cã.

Logo que a barcaça depôs o tarentass e os cavalos na margem direita do Ichim, tornaram os viajantes a desaparecer pela estepe com a maior velocidade.

Eram sete horas da tarde. O céu estava encoberto.

Caía repetidas vezes uma chuva de trovoada, que trazia a vantagem de assentar a poeira e tornar o caminho mais suave. Miguel Strogoff mantinha-se taciturno desde que saíra de Ichim. Contudo, não era menos cuidadoso por isso em evitar, quanto possível, à sua companheira de viagem as enormes fadigas

desta carreira sem tréguas nem descanso. Ela, porém, não se queixava. Por sua parte folgaria que os cavalos tivessem asas para correrem com maior ímpeto. Alguma coisa lhe dizia que o seu companheiro desejava, ainda mais do que ela, chegar depressa a Irkutsk.

E todavia quantas e quantas verstas ainda tinham ambos de percorrer!

Lembrou-se também de que se Omsk estivesse já em poder dos tártaros a mãe de Miguel Strogoff deveria achar-se talvez numa situação arriscada. Era, pois, natural que o filho mostrasse o maior empenho em chegar quanto antes a esta cidade.

Nadia julgou oportuno falar da velha Marfa e dos perigos que ela poderia correr no meio de tão graves acontecimentos.

— Nunca mais recebeste notícias da tua mãe desde que rebentou a guerra, meu irmão? — perguntou Nadia a Miguel Strogoff.

— Nunca mais. A última carta que tenho dela foi escrita há dois meses e só continha boas novas. Marfa é uma siberiana de rija têmpera, dotada de grande energia. Apesar dos anos, conserva ainda toda a sua força moral. Sabe padecer.

— hei de ir vê-la — afirmou Nadia com ar alegre. — Uma vez que me dás o doce nome de irmã, não é muito que eu também queira ser filha de Marfa.

E como Miguel Strogoff não lhe respondesse:

— Talvez — acrescentou ela —, talvez que tua mãe já não esteja em Omsk.

— É possível. A boa Marfa conserva pelos tártaros o velho ódio que não cansa. Sabe andar pela estepe, não é medrosa, e, arrumada ao seu bordão de viagem, é de supor que se tenha dirigido para Tobolsk. Não há um só lugar na província que lhe seja desconhecido. Quantas e quantas vezes andou a santa da mulher por todos os cantos do nosso país em companhia de meu velho pai! E quantas e quantas vezes os segui eu também, criança ainda, através do deserto siberiano! tens razão, Nadia, é impossível que minha mãe não tenha saído de Omsk.

— E quando esperas vê-la?

— Quando?... Na volta.

— Na volta! Mas, se ela estiver em Omsk, irás por certo abraçá-la?

— Não irei!

— Não irás?

— Não, minha irmã! — exclamou Miguel Strogoff, sentindo estalar-lhe o peito de dor e percebendo que não poderia continuar a responder por mais tempo às perguntas da sua companheira.

— Que dizes, meu amigo? Que motivo pode haver para que um filho deixe de abraçar sua mãe?

— Que motivo? Perguntas-me que motivo? — exclamou Miguel Strogoff, com voz tão profundamente comovida que Nadia estremeceu. — O mesmo que me obrigou a passar ontem por covarde diante daquele miserável que...

E não pôde acabar a frase.

— Tranquiliza-te, meu irmão — respondeu Nadia com toda a suavidade da sua voz. — Eu sei apenas uma coisa, ou, para melhor dizer, não a sei, adivinho-a. É que tens presentemente um dever imperioso a cumprir, um desses deveres mais fortes do que os laços afetuosos que prendem um filho a sua mãe.

Nadia calou-se, e desde então evitou cuidadosamente qualquer assunto que pudesse referir-se à especialíssima situação de Miguel Strogoff. Havia ali decerto um segredo a respeitar. Nadia soube respeitá-lo. No dia seguinte, 25 de julho, às três horas da manhã, o tarentass entrava na estação de posta de Tiukalinsk, depois de ter percorrido uma distância de cento e vinte verstas, desde que se afastara das margens do Ichim. O serviço de muda fez-se com prontidão, mas pela primeira vez o iemschik pôs dificuldades em partir, afirmando que alguns destacamentos tártaros já batiam a estepe e que viajantes, cavalos e veículos não deixariam de ser boa presa para tais bandidos. Miguel Strogoff só à força de dinheiro decidiu o iemschik a segui-lo. tanto nesta como noutras ocasiões anteriores não lhe conveio aproveitar-se do seu podaroshna. O último ucasse, transmitido pelo telégrafo, era conhecido nas províncias siberianas, e todo o russo que se apresentasse agora a viajar com uma permissão especial expunha-se, por isso mesmo, a chamar sobre si as atenções, o que Miguel

Strogoff queria evitar a todo o custo.

Quanto à repugnância do iemschik, seria porque ele desejava especular com a impaciência do viajante, ou porque na realidade receasse algum mau encontro no caminho?

Enfim, o tarentass partiu e andou com tal rapidez que às três horas da tarde passava por Kulatsinskoe, oitenta verstas adiante de Tiukalinsk. Uma hora depois chegavam os viajantes às margens do Irtyche.

Omsk ficava apenas a uma distância de vinte verstas.

O Irtyche, uma das principais artérias siberianas, é um grande rio, que dirige as suas águas para o norte da Ásia. Nascendo nos montes Altai, corre obliquamente de sudoeste a noroeste, e vai precipitar-se no Obi, depois de um curso de perto de sete mil verstas.

Nesta época do ano, que é a das cheias de todos os rios da bacia siberiana, o nível das águas do Irtyche era excessivamente elevado. Por consequência, a sua corrente impetuosa e torrencial não permitia que se passasse agora com facilidade de uma para a outra margem. Um nadador, por mais hábil que fosse, hesitaria em se abalançar a semelhante empresa e, mesmo com o auxílio de um barco extremamente sólido, essa passagem não deixava de oferecer sérios inconvenientes.

Miguel Strogoff nem por sombras imaginou que pudesse por esse motivo atrasar a sua viagem.

Contudo, pretendeu ser o primeiro a atravessar o rio com o tarentass e os cavalos, por temer que o grande peso destes tornasse o barco menos seguro. Depois de desembarcados os cavalos e o carro, voltaria a buscar a sua jovem companheira.

Nadia recusou. Esta dupla passagem levaria mais de uma hora, e ela não queria de forma alguma ser a causa involuntária de um novo atraso.

O embarque realizou-se a custo, porque as margens do rio, inundadas, opunham-se a que a barcaça encalhasse na areia para fazer assim um ponto de apoio.

Entretanto, passada meia hora de trabalhosa faina, os barqueiros conseguiram meter o tarentass e os três cavalos dentro da sua pesada embarcação, que largou apenas para ela entraram Miguel Strogoff, Nadia e o iemschik.

Durante os primeiros minutos foi tudo bem. A corrente do rio, cujo forte ímpeto era quebrado por uma língua de terra, formava uns turbilhões que o barco ia atravessando sem dificuldade. Os dois barqueiros serviam-se com muita destreza das suas compridas varas, porém, à medida que se avançava para o largo, o rio era cada vez mais fundo e as varas desapareciam, deixando apenas fora de água as suas extremidades. Os barqueiros não podiam, portanto, apoiar os ombros sobre elas. Esta circunstância tornava mais difícil e penoso o serviço.

Miguel Strogoff e Nadia, sentados à popa do barco, observavam com inquietação a manobra dos barqueiros, sempre receando que lhes sobreviesse algum novo obstáculo.

— Atenção! — gritou um deles para o outro.

É que o barco tomara de súbito uma nova direção, e, dominado pela força da corrente, descia agora o rio com incrível rapidez. tratava-se, pois, de manejar as varas com agilidade e acerto, a fim de inclinar o barco para a margem direita. Os barqueiros, metendo-as então nuns toletes que havia na borda do barco, principiaram a servir-se delas como de remos, conseguindo assim desviar-se pouco a pouco da corrente. Resultava disto que o desembarque só se poderia realizar cinco ou seis verstas a baixo do ponto de partida. Mas pouco importaria esse pequeno atraso se passageiros e cavalos chegassem a terra sem incidente. Os dois barqueiros, homens vigorosos e estimulados além disso pela promessa de uma boa paga, supunham acabar em breve o serviço que lhes fora destinado. Mas é que eles não contavam com uma circunstância difícil de prever, e que nem a sua habilidade nem o seu zelo poderiam debelar.

O barco achava-se então mais ou menos a meio do rio, pendendo já sensivelmente para a margem direita e correndo com uma velocidade de duas verstas por hora. Ao mesmo tempo, Miguel Strogoff, impressionado por um

certo rumor, punha-se em pé, e começava a olhar com excessiva atenção para a parte superior do rio. E que viu ele? Uma flotilha de barcas, movidas pela ação da corrente e pela força dos remadores, descia o rio.

O rosto de Miguel Strogoff contraiu-se de repente, saindo-lhe da boca um grito de raiva.

— Que é? — perguntou-lhe Nadia.

Mas, antes que Miguel Strogoff tivesse tido tempo de lhe responder, um dos barqueiros exclamava com verdadeiro terror:

— Os tártaros! São os tártaros!

Eram efetivamente diversas barcas tripuladas por tártaros, que seguiam rapidamente rio a baixo, e que não tardariam a estar junto da barcaça, muito pesada para lhes poder fugir com vantagem.

Os barqueiros, aterrados por esta aparição, puseram-se a gritar desesperadamente e largaram de mão as varas.

— Coragem, meus amigos! — exclamou Miguel Strogoff. — Coragem! Cinquenta rublos se chegarmos à margem direita antes de aquelas barcas nos alcançarem.

Os barqueiros, cobrando ânimo com estas palavras, deitaram-se novamente ao trabalho, continuando a lutar com a corrente, mas reconheceu-se bem depressa que seria impossível evitar a abordagem dos tártaros. Estes acaso passariam sem maltratar os passageiros? Não era muito provável. Devia-se, pelo contrário, esperar tudo que há de pior da parte de semelhantes bárbaros.

— Não tenhas medo, Nadia — recomendou Miguel Strogoff —, mas prepara-te para o que possa acontecer.

— Estou preparada.

— Mesmo a deitares-te ao rio, se assim for preciso?

— Sim, meu irmão.

— Tem, pois, confiança em mim.

— Tenho, decerto.

As barcas dos tártaros achavam-se apenas a trinta braças de distância.

Conduziam um destacamento de soldados bucarianos, que iam tentar um reconhecimento sobre Omsk.

A pesada barcaça ainda não chegara à margem direita, de que estava, contudo, próximo. Os barqueiros redobravam de atividade. Miguel Strogoff juntou-se a eles, e, pegando também numa vara, começou a servir-se dela com um vigor sobrenatural. Se o desembarque se fizesse de pronto e se o tarentass partisse logo a toda a brida, haveria ainda algumas probabilidades a favor dos viajantes, porque os tártaros não traziam cavalos a bordo. Mas estava escrito que deveriam ser baldados tantos esforços!

— *Saryn na kitchou* — gritaram os soldados da primeira barca.

Miguel Strogoff reconheceu este grito de guerra, espécie de intimação formal, que manda lançar por terra aqueles a quem é dirigido.

E como nem os barqueiros nem Miguel Strogoff tivessem obedecido a semelhante ordem, uma descarga cerrada caiu logo sobre eles, deixando feridos mortalmente dois dos cavalos.

Ao mesmo tempo sentiu-se um choque. Eram as barcas dos tártaros que abordavam a barcaça de través.

— Vem, Nadia — exclamou Miguel Strogoff, prestes a precipitar-se na água.

Nadia ia para segui-lo quando Miguel Strogoff, ferido por um golpe de lança, caiu no rio. A corrente arrebatou-o. Viu-se-lhe ainda uma das mãos agitando-se ao lume da água. Depois desapareceu de todo.

Nadia lançou um grito de aflição, mas, antes que tivesse tempo de se precipitar atrás de Miguel Strogoff, sentiu-se agarrada com violência por um soldado, que a passou para uma das barcas.

Momentos depois os barqueiros e o iemschik eram mortos barbaramente, a barcaça boiava sem direção à tona de água e os tártaros seguiam rio a baixo, alegres e contentes pela proeza que tinham cometido.

Capítulo XIV — Coração de mãe

Omsk é oficialmente a capital da Sibéria ocidental.

Não é decerto a cidade mais considerável do governo do mesmo nome: Tomsk excede-a em população e importância, contudo, é em Omsk que reside o governador-geral desta primeira metade da Rússia asiática. Omsk, propriamente falando, compõe-se de duas cidades distintas: uma, habitada pelas autoridades e pelos funcionários, outra, em que residem os comerciantes siberianos, embora este centro de população se não imponha pelo seu movimento comercial.

Esta cidade conta aproximadamente doze a treze mil habitantes. Cingida por uma cortina de muralhas e bastiões, mal podiam agora semelhantes obras de defesa, que são de terra, protegê-la contra as consequências da invasão. Os tártaros, que não ignoravam esta circunstância, procuraram tomá-la à força, e chegaram a consegui-lo, depois de alguns dias de cerco.

A guarnição de Omsk, reduzida a dois mil homens, resistira com a mais louvável energia. Mas, dominada pela superioridade das forças inimigas e obrigada a bater em retirada, tivera de abandonar a cidade baixa ou comercial, para se recolher à cidade alta. Era ali que o governador-geral, os oficiais e os soldados se haviam por último entrincheirado. Esta parte de Omsk achava-se transformada numa verdadeira cidadela. As casas e as igrejas tinham sido revestidas de ameias e a guarnição aguentava-se, por enquanto com vantagem, nesta espécie de kremlin improvisado, sem contudo esperar que a viessem a tempo socorrer. Efetivamente, as tropas tártaras, que se estendiam pelas margens do Irtyche, estavam a receber todos os dias novos reforços, e — circunstância mais grave ainda — tinham a comandá-las um oficial traidor ao seu país, mas homem de grande merecimento militar e de uma audácia extraordinária.

Era o coronel Ivan Ogareff.

Ivan Ogareff, tão déspota como esses chefes tártaros que ele atirava sobre as

províncias siberianas, era um cabo de guerra instruído. Correndo-lhe ainda nas veias sangue mongol, por parte de sua mãe, que era de origem asiática, Ivan Ogareff adorava a astúcia, deleitava-se em dispor os fios de uma emboscada, e não hesitava diante de nenhum meio quando queria surpreender um segredo ou armar uma cilada. Ardiloso por índole, recorria voluntariamente aos mais abjetos disfarces, e mostrava-se insigne e eminente na arte do embuste e da doblez. Como remate a qualidades tão repugnantes, era cruel e capaz até de se transformar em algoz se as circunstâncias assim o exigissem. Féofar-Cã tinha, pois, em Ivan Ogareff um lugar-tenente digno de o secundar nesta guerra de selvagens.

Ora, quando Miguel Strogoff chegou às margens do Irtyche, já Ivan Ogareff, senhor da parte baixa de Omsk, apressava, por todos os meios ao seu alcance, o assédio à parte alta da cidade, a fim de poder quanto antes marchar para Tomsk, onde o grosso do exército invasor se achava concentrado.

Tomsk tinha sido efetivamente tomada por Féofar-Cã havia já alguns dias, e era dali que o emir, senhor da Sibéria central, se propunha marchar sobre Irkutsk.

Esta última cidade tornava-se, pois, o verdadeiro objetivo de Ivan Ogareff.

O plano do traidor consistia em se apresentar ao grão-duque debaixo de um nome suposto, empregando depois todos os meios para lhe captar a confiança, a fim de entregar a cidade e o próprio grão-duque no momento que julgasse oportuno.

O plano era arrojado, temerário até, mas desde que tão importante cidade e tão importante refém caíssem em poder de Féofar-Cã não tardaria que toda a Sibéria se tornasse presa dos invasores. chegara ao conhecimento do czar, como se sabe, esta conspiração, e fora unicamente para fazê-la abortar que se tinha confiado a Miguel Strogoff o importante ofício de que ele era portador. Por igual motivo se tinham também dado importantes e severas instruções ao correio do czar para que ele atravessasse debaixo do mais rigoroso incógnito os pontos invadidos. Esta missão tinha-a Miguel Strogoff desempenhado até aqui religiosamente. Mas poderia ele agora levá-la por diante? O ferimento que

recebera não fora mortal. tentando sem que ninguém o visse, aproximar-se da terra, Miguel Strogoff pusera-se a nadar até à margem direita do rio, onde caíra desfalecido entre uma espessa moita de arbustos.

Quando voltou a si achou-se na cabana de um mujique caridoso, a quem o ferido devia o benefício de não estar morto. Há quanto tempo era ele hóspede deste bom siberiano? Como e quando fora recolhido na sua choupana? Miguel Strogoff não saberia dizê-lo. Ao abrir de novo os olhos à vida, viu diante de si a figura simpática de um velho de longas barbas que, inclinado sobre ele, o estava contemplando com ar afável e compassivo. Ia para perguntar o que lhe acontecera quando o mujique se lhe antecipou, dizendo:

— Não fales por enquanto, não fales. Achas-te ainda muito fraco. Eu te direi onde estás e o que se tem passado depois que vieste para aqui.

E o mujique explicou a Miguel Strogoff os diversos incidentes da luta que ele pudera presenciar da margem direita do rio: a abordagem feita pelas barcas tártaras, o roubo do tarentass e o morticínio dos barqueiros e do iemschik.

Mas Miguel Strogoff não o ouvia, e, levando a mão ao peito, encontrou o ofício imperial, que ainda se conservava no mesmo lugar. Respirou melhor. Havia, porém, outra coisa que também o afligia.

— Comigo vinha uma rapariga. Que lhe fizeram? — Perguntou ele ao mujique.

— Os tártaros não a mataram — respondeu este, procurando tranquilizar o seu hóspede, em cujo rosto se lia a mais cruel inquietação. — Levaram-na para uma das suas barcas e depois continuaram a descer o rio. É mais uma prisioneira para juntar às outras, que vão a caminho de Tomsk.

Miguel Strogoff não pôde responder. Levou a mão ao peito, como para reprimir as pulsações do coração.

Mas, apesar de tantas provações, o sentimento do dever ainda nele era superior a tudo.

— Onde estou? — perguntou.

— A cinco verstas de Omsk, na margem direita do Irtyche.

— Que ferimento recebi eu que assim me deixou sem alento? Foi algum tiro de espingarda?

— Não, foi uma lançada que já cicatrizou — elucidou o mujique. — Descansa agora alguns dias e poderás continuar depois o teu caminho. Caíste ao rio, o que foi para ti melhor do que se caísses nas mãos dos tártaros. Se aqueles bárbaros te recolhessem, não te deixariam decerto a bolsa que ainda conservas na algibeira.

Miguel Strogoff estendeu a mão ao mujique. Depois levantou-se com esforço e perguntou:

— Meu amigo, há quantos dias estou na tua cabana?

— Há três.

— Três dias perdidos!

— Três dias que se passaram sem tu dares acordo de ti.

— Tens um cavalo que me possas vender?

— Queres partir?

— Imediatamente!

— Não tenho cavalos, não tenho nada! Bem sabes que, por onde passam os tártaros, só fica a devastação e a miséria!

— Pois irei para Omsk mesmo a pé.

— Demora-te ainda algum tempo. Não vás expor-te assim a perderes no caminho as poucas forças que tens.

— Não posso perder um só minuto, meu amigo!

— Então acompanhar-te-ei — replicou o mujique, percebendo que nada ganhava em lutar contra a inabalável decisão do seu hóspede. — Vou eu mesmo contigo. Em Omsk ainda estão muitos russos e ser-te-á fácil passar despercebido entre eles.

— Deus te recompense o bem que por mim tens feito.

— Recompensas! Os loucos são os únicos entes que as podem esperar na terra! — acrescentou o mujique.

Miguel Strogoff saiu da cabana. Quando quis começar a andar, sentiu-se de

tal forma enfraquecido que, se não fosse o mujique, teria caído no chão. O ar livre conseguiu, porém, reanimá-lo dentro em pouco. Certificou-se então de que o golpe, o qual fora dirigido à cabeça, o teria talvez morto se o seu gorro de peles lhe não tivesse diminuído a violência. Dispondo da energia que se lhe conhece, Miguel Strogoff não era homem para se deixar abater facilmente. Um único pensamento se apossou dele: chegar a Irkutsk, embora a custo de mil sacrifícios. Mas para isso era-lhe necessário atravessar Omsk sem ali se demorar.

«Deus proteja minha mãe e Nadia — disse ele para si. — Por enquanto não me pertenço, não tenho direito de pensar nelas.»

Miguel Strogoff e o mujique não levaram muito tempo a chegar ao bairro comercial da cidade baixa, onde penetraram sem dificuldade, apesar de ela estar ocupada militarmente. As muralhas de terra tinham sido destruídas em vários pontos, que serviam agora de brechas pelas quais saíam para as suas correrias de pilhagem alguns dos soldados tártaros.

No interior de Omsk, pelas ruas e pelas praças, abundavam os militares do exército inimigo, mas percebia-se distintamente que mão de ferro lhes impunha o rigor da disciplina, a que não estavam habituados. Efetivamente, oficiais e soldados só andavam aos grupos e armados, a fim de se defenderem contra qualquer agressão.

Na praça principal, que fora transformada em acampamento, guardado por numerosas sentinelas, estavam alojados em boa ordem dois mil homens da cavalaria tártara. Os cavalos, presos a estacas mas selados, estavam sempre prontos para marchar à primeira voz.

Omsk não podia passar de uma estação intermediária para esta soldadesca, desejosa de se ver quanto antes no meio das ricas planícies da Sibéria oriental, onde as cidades são mais opulentas, os campos mais férteis, e por consequência a rapina mais proveitosa.

Na parte superior da cidade comercial estendia-se o setor de que Ivan Ogareff ainda não tinha podido assenhorear-se, apesar de sucessivos assaltos, tão vigorosamente lançados como corajosamente repelidos.

Nas suas improvisadas ameias flutuava ainda a bandeira nacional com as cores da Rússia.

Não foi sem um certo orgulho que Miguel Strogoff e o seu companheiro a saudaram intimamente, formulando os mais ardentes votos pelo seu triunfo.

Miguel Strogoff conhecia perfeitamente a cidade de Omsk, e, sem deixar de seguir o mujique, ia, contudo, evitando as ruas mais concorridas. Não era por medo de ser reconhecido. Nesta cidade, só Marfa Strogoff poderia chamá-lo pelo seu verdadeiro nome, ele, porém, tinha jurado não ver sua mãe, e havia de cumprir à risca o juramento que fizera. De resto, o mais natural era que Marfa Strogoff tivesse tido tempo de fugir de Omsk, o que seu filho bem desejava do fundo do coração.

O mujique, felizmente, conhecia um encarregado de posta que, mediante boa paga, não se recusaria a vender ou a alugar, quer um veículo, quer um cavalo. Restava só ver o meio de sair da cidade, porém, as brechas feitas na muralha deveriam auxiliar Miguel Strogoff nessa empresa.

O mujique ia encaminhando o seu hóspede para a estação de posta, quando, numa rua estreita, Miguel Strogoff parou de repente, obrigando o mujique a esconder-se com ele atrás de um muro.

— Que é? — perguntou o mujique, muito admirado deste rápido movimento.

— Silêncio! — apressou-se a responder Miguel Strogoff, levando à boca o dedo indicador.

Ao mesmo tempo desembocava da praça principal um destacamento de tártaros a cavalo, seguindo pela rua onde Miguel Strogoff e o mujique tinham estado momentos antes.

A frente do destacamento, composto por uns vinte soldados, cavalgava um oficial trajando com muita simplicidade. Se bem que fosse olhando para ambos os lados, era-lhe impossível decerto dar com Miguel Strogoff, que tivera tempo de se ocultar.

O destacamento e o seu comandante corriam a trote largo, sem fazerem caso das pessoas que passavam. Estas, para não serem atropeladas, apenas tiveram

tempo de se encostarem às paredes, ouvindo-se mal reprimidas vociferações, a que logo responderam as lanças dos soldados. Assim não causou estranheza que a rua ficasse desimpedida em pouco tempo.

Quando a escolta desapareceu, Miguel Strogoff, voltando-se para o mujique, perguntou-lhe, ao mesmo tempo que o seu rosto empalidecia mortalmente:

— Quem é aquele oficial?

— É Ivan Ogareff — respondeu em voz baixa e repassada de ódio o guia de Miguel Strogoff.

— Ogareff! — exclamou este com um acento rancoroso, que não pôde reprimir.

Acabava de reconhecer naquele oficial o desconhecido que o insultara na estação de Ichim.

E, fosse embora uma alucinação do seu espírito, aquele desconhecido que mal vira uma vez pareceu-lhe ser também o tzigano cujas palavras surpreendera na feira de Nijni-Novgorod.

Miguel Strogoff não se enganava. Aqueles dois homens formavam apenas um. Fora com o disfarce de tzigano que, envolvido no bando de Sangarra, Ivan Ogareff conseguira sair de Nijni-Novgorod, aonde tinha ido procurar, entre aqueles diferentes estrangeiros da Ásia central atraídos pela feira, os confidentes indispensáveis para levar a cabo a sua obra maldita. Sangarra e as suas tziganas, verdadeiras espias pagas por ele, eram-lhe absolutamente dedicadas. Fora ele quem durante a noite pronunciara na feira aquelas singulares palavras, cujo sentido Miguel Strogoff compreendia agora perfeitamente, fora ele quem viera a bordo do Cáucaso com aquele grupo de boémios, fora ele, finalmente, quem pela estrada de Kazan a Ichim, através dos Urais, pudera chegar a Omsk, onde agora ditava a lei como conquistador.

Havia três dias que Ivan Ogareff estava em Omsk.

Se não se tivesse dado aquele funesto encontro em Ichim e aquele deplorável ferimento na passagem do Irtyche, Miguel Strogoff achar-se-ia primeiro do que ele no caminho que ia dar a Irkutsk!

E quantas desgraças se teriam talvez assim evitado no futuro! Em todo o caso, Miguel Strogoff precisava agora mais do que nunca tomar a dianteira a Ivan Ogareff, empregando todos os meios para não ser visto por aquele homem. Quando chegasse o momento de o poder defrontar cara a cara, ele saberia procurá-lo, ainda mesmo que a Sibéria inteira estivesse então em seu poder.

O mujique e Miguel Strogoff continuavam a atravessar as ruas de Omsk até chegarem à estação de posta. Sair de Omsk por uma das brechas, quando caísse a noite, não era difícil. Porém, comprar um veículo qualquer para substituir o tarentass, Isso é que era impossível. Em toda a cidade não havia um único transporte disponível. Mas que necessidade tinha agora Miguel Strogoff de um veículo! Não ia ele, infelizmente, continuar sozinho a viagem? Bastar-lhe-ia, portanto, um cavalo, e por fortuna pôde obtê-lo sem grande dificuldade. Era um cavalo de carreira, capaz de suportar grandes fadigas, e de que Miguel Strogoff, excelente cavaleiro, poderia tirar ótimo partido.

O cavalo foi pago por uma soma elevada e alguns minutos depois estava selado e pronto a partir.

Eram então quatro horas da tarde.

Miguel Strogoff, obrigado a esperar pela noite para transpor as muralhas e não querendo percorrer as ruas da cidade, deixara-se ficar na estação de posta, onde pediu que lhe trouxessem alguma coisa de comer.

Havia grande afluência na sala comum. Como nas gares das linhas russas, os habitantes de Omsk, ansiosos por notícias, vinham aqui saber o que se passava. Falava-se da chegada próxima a Tomsk de um corpo de tropas moscovitas, com o fim de reconquistar aquela cidade aos tártaros de Féofar-Cã.

Miguel Strogoff prestava a maior atenção ao que se dizia, evitando, porém, envolver-se nas conversações.

De repente, chegou-lhe aos ouvidos um grito que o fez estremecer, um grito que o penetrou até ao íntimo da alma, um grito que em poucas e rápidas palavras encerrava um mundo inteiro de afetos:

— És tu, meu filho!

Achava-se diante dele a velha Marfa. A extremosa mãe, trémula e comovida, estendia para ele os braços! Miguel Strogoff levantou-se. Ia também para abraçá-la...

Porém, o sentimento do dever e o perigo iminente que poderia resultar para ambos daquele deplorável encontro fizeram-no parar. E foi tal o domínio que teve sobre si mesmo que nem um só músculo do rosto se lhe contraiu.

Na sala de espera da estação achavam-se reunidas vinte pessoas. Entre elas talvez houvesse mais de um espião, além disso, não se sabia na cidade que o filho de Marfa Strogoff pertencia ao corpo dos correios do czar?

Miguel Strogoff não se moveu.

— Miguel! — exclamou Marfa Strogoff.

— Quem és tu e que me queres?... — balbuciou com esforço Miguel Strogoff.

— Quem sou eu, ainda mo perguntas?! Dar-se-á o caso, meu filho, que já não reconheças a tua pobre mãe?

— Enganas-te! — respondeu com afetada frieza Miguel Strogoff. — Alguma extraordinária semelhança te ilude.

A velha Marfa caminhou para ele e fitou-o de frente.

— Não serás tu o filho de Pedro e de Marfa Strogoff? — perguntou.

Miguel Strogoff daria todo o seu sangue para poder estreitar nos braços aquela que assim lhe falava. Mas, se o fizesse, perder-se-ia a si, sacrificando simultaneamente a sua missão, o seu juramento, a sua própria mãe!

Contendo-se a custo, fechando os olhos para não ver a angústia que se lia no rosto de sua mãe, e afastando-se rapidamente para não apertar nas suas as mãos convulsas que o buscavam, disse, recuando alguns passos:

— Não sei, na verdade, o que pretendes de mim, boa mulher...

— Miguel! — exclamou ainda a pobre mãe.

— Não sou Miguel. Nunca fui teu filho. Chamo-me Nicolau Korpanoff, negociante de Irkutsk.

E, dizendo isto, saiu da sala arrebatadamente, enquanto ressoavam ainda pela

última vez estas palavras:

— Meu filho! Meu filho!

Miguel Strogoff, quebrado de forças, afastara-se finalmente. Não teve, pois, possibilidades de ver a sua pobre mãe cair quase desfalecida sobre um banco. Porém, no momento em que o chefe de posta ia para socorrê-la, já ela estava de pé. Acabava de se fazer luz no seu espírito. Ela renegada por seu filho, podia lá ser! Também não era admissível que se tivesse enganado a ponto de tomar outro homem por ele. Não restava a menor dúvida de que tinha sido seu filho que lhe falara, e, se Miguel afirmara que não a conhecia, é porque não devia conhecê-la, porque tinha razões imperiosas que a isso o obrigavam.

E então, recalcando no fundo do coração todos os seus sentimentos maternos, só teve um único pensamento:

«Acaso perderia eu, sem querer, o meu pobre filho?»

— Sou uma louca! — disse ela aos que a rodeavam. — Aquele rapaz não é meu filho, não é, não pode ser meu filho. Enganaram-me estes meus cansados olhos. Nem a voz nem as feições eram as do meu Miguel. hei de acabar por ver em todos que encontro o meu filho. Saudades de mãe! Saudades! Tristezas da ausência!

Dez minutos depois apresentava-se um oficial tártaro na estação de posta.

— Marfa Strogoff? — perguntou ele.

— Sou eu — respondeu a mãe de Miguel Strogoff com tanta serenidade na voz e no olhar que todos os presentes dificilmente poderiam ver nela a mulher que tão pouco tempo antes quase desfalecera vencida pela comoção.

— Acompanha-me — ordenou o oficial.

Mara Strogoff, poucos minutos depois, achava-se no acampamento, em presença de Ivan Ogareff, a quem todos os pormenores da cena anterior tinham sido imediatamente relatados.

Ivan Ogareff, desconfiando da verdade, tinha querido interrogar pessoalmente a velha siberiana.

— O teu nome? — perguntou-lhe o traidor com modos ásperos.

— Marfa Strogoff.

— Tens filhos?

— Tenho um.

— O que é ele?

— Correio do czar.

— Onde está?

— Em Moscovo.

— E que faz?

— Não sei.

— Há quanto tempo não recebes notícias dele?

— Há dois meses.

— Quem era então esse rapaz a quem há pouco chamavas teu filho?

— Um siberiano que tomei por ele — respondeu Marfa Strogoff.

— Todos me parecem o meu Miguel!... É já a décima vez que julgo ver meu filho num estranho.

— Nesse caso, aquele homem não era Miguel Strogoff?

— Não era.

— Sabes que te posso obrigar a dizer a verdade mandando-te torturar.

— Disse-te só a verdade. Os teus suplícios não me assustam.

— Aquele siberiano não era, pois, teu filho? — perguntou pela segunda vez Ivan Ogareff.

— Não, não era meu filho, posso afirmá-lo — respondeu também pela segunda vez Marfa Strogoff. — Jamais poderia renegar um filho como aquele que a Providência me concedeu...

Ivan Ogareff deitou sobre a velha siberiana um olhar cheio de raiva, que esta suportou sem baixar os olhos.

E o traidor não duvidou de que a mãe de Miguel Strogoff tivesse reconhecido seu filho naquele negociante de Irkutsk. Ora, se o filho renegara a mãe e se a mãe agora renegava o filho é porque algum motivo poderoso os obrigava a esse procedimento.

Para Ivan Ogareff ficou, pois, assente que o pretendido Nicolau Korpanoff não era outro senão o próprio Miguel Strogoff, correio do czar, que se ocultava sob um nome suposto a fim de desempenhar alguma missão cujo segredo lhe era indispensável conhecer rapidamente.

Levado por esta convicção, deu ordem para que se fosse imediatamente no encalço de Miguel Strogoff. . Depois ordenou:

— Que esta mulher seja transferida para Tomsk — ordenou ele, apontando para Marfa Strogoff.

E enquanto os soldados a conduziam brutalmente, acrescentou por entre os dentes.

— Quando for tempo, eu te obrigarei a falar, minha bruxa do inferno!

Capítulo XV — Sempre a galope!

Miguel Strogoff tivera razão em se ausentar precipitadamente, depois daquele aflitivo encontro com sua mãe. Ivan Ogareff, para evitar que ele se escapasse de Omsk, mandara transmitir os seus sinais a todas as portas da cidade, a todos os chefes de posta. Mas quando se tomavam estas providências, já Miguel Strogoff tinha transposto uma das muralhas. O seu cavalo corria a bom correr pela imensidade da estepe. Como não fora imediatamente perseguido, havia agora todas as probabilidades de que não chegassem a alcançá-lo.

Eram oito horas da tarde de 29 de julho quando Miguel Strogoff saiu de Omsk. Esta cidade acha-se aproximadamente a meio caminho entre Moscovo e Irkutsk.

Para que Miguel Strogoff pudesse chegar a Irkutsk antes dos tártaros era preciso que realizasse o resto da viagem no espaço de dez dias. Evidentemente aquele deplorável acaso, que o tinha colocado em frente de sua mãe, denunciara-lhe o incógnito. Ivan Ogareff já não podia ignorar que um correspondente imperial acabava de passar por Omsk em direção a Irkutsk. Deviam ter extraordinária importância os despachos de que era portador este correio. Miguel Strogoff sabia, pois, que haviam de empregar todos os meios para se apoderarem dele.

Mas o que Miguel Strogoff não sabia, o que não podia saber, é que Marfa Strogoff se achava entre as mãos de Ivan Ogareff, e que talvez fosse pagar com a vida o grito de maternidade que não conseguira reprimir em presença de seu filho.

E bom era que seu filho ignorasse esta nova desgraça: Como teria ele ainda forças para resistir a tão cruel provação?

Miguel Strogoff incitava, pois, o seu cavalo, comunicando-lhe a impaciência febril que o devorava, para ver se assim poderia chegar mais depressa à primeira

estação de muda. O seu intento era comprar um veículo que lhe oferecesse melhores condições de rapidez.

À meia-noite já levava setenta verstas percorridas, quando chegou à estação de Kolikovo. Mas, como era de supor, não encontrou aqui nenhum meio de transporte. Os destacamentos dos tártaros, que atravessavam a estrada, iam roubando tudo o que havia, tanto nas aldeias como nas estações de posta. Miguel Strogoff apenas conseguiu, com dificuldade, que lhe cedessem algum alimento para ele e uma ração para o cavalo.

Convinha, por conseguinte, poupar este animal, uma vez que se não sabia ainda quando e como seria possível substituí-lo. Miguel Strogoff, desejando, porém, estabelecer uma grande barreira entre si e os soldados que Ivan Ogareff devia ter mandado no seu encalço deliberou não afrouxar a marcha. Descansou, pois, uma hora somente, finda a qual se pôs de novo a galopar.

Até aqui as circunstâncias atmosféricas tinham felizmente favorecido a viagem do correio do czar. A temperatura estava suportável. A noite muito curta, como todas nesta época do ano, e alumiada além disso pela meia claridade do luar, coado por entre as nuvens, tornava a estrada acessível.

Miguel Strogoff caminhava, de resto, como homem seguro de si mesmo, a quem nada neste mundo poderia afastar do cumprimento de um dever. Apesar dos pensamentos dolorosos que o assaltavam, conservava extrema lucidez de ideias e seguia em linha reta o fito que se propusera, como se o estivesse distinguindo no fundo do horizonte. Se se demorava alguns minutos nas curvas da estrada, era só para permitir que o cavalo tomasse fôlego, apeando-se para lhe dar algum descanso e pondo o ouvido no chão, à escuta, com o fim de verificar se os seus eventuais perseguidores já se teriam posto em marcha, através da estepe. Depois, satisfeito com a observação, continuava com mais confiança a interrompida carreira.

Ah! Se toda a região siberiana fosse agora invadida pela noite polar!... Por essa noite enorme, que se prolonga durante meses consecutivos! Miguel Strogoff chegava a desejá-la para poder transpor a estepe sem ser visto.

A 30 de julho, às nove horas da manhã, Miguel Strogoff passava além da estação de Turumoff e metia-se afoitamente pelos terrenos pantanosos da Baraba.

Dali por diante, num espaço de trezentas verstas, as dificuldades naturais iam tornar-se extremamente perigosas. Miguel Strogoff sabia-o, mas também sabia que havia de vencê-las.

Estes vastos pântanos da Baraba, que se estendem de norte a sul, entre o sexagésimo e o quinquagésimo segundo grau de latitude, servem de reservatório a todas as águas pluviais que não acham derivação para os rios Obi e Irtyche. O solo desta enorme depressão é completamente argiloso e por consequência Impermeável, de sorte que as águas depositam-se nele, transformando-o numa região dificílima de percorrer durante o estio.

É contudo por ali que segue a estrada para Irkutsk, e é por entre estes meandros de pântanos, lagoas, charcos e pauis, onde o sol provoca e desenvolve terríveis e insalubres exalações, que essa estrada se prolonga, para tormento e suplício dos viajantes que a seguem.

Durante o inverno, quando o frio solidifica as águas e a neve e condensa os miasmas, podem os trenós fácil e impunemente deslizar sobre a crusta endurecida da Baraba. Os caçadores aparecem então com assiduidade nestes sítios, abundantes de caça, em procura das martas, das zibelinas e dessas preciosas raposas, cujas peles são tidas em tamanha estimação. Mas durante a estação calmosa, quando o nível das águas está muito elevado, o terreno aqui torna-se lodoso, pestilencial e até mesmo inacessível.

Miguel Strogoff atirou com o cavalo por entre um campo turfoso inteiramente despido daquela relva meio rasa da estepe, que serve de única pastagem a todos os rebanhos da Sibéria. Já não eram as ilimitadas planícies que Miguel Strogoff atravessava, mas sim uma espécie de grande mata, composta de vegetais arborescentes.

A relva aqui eleva-se a cinco e a seis pés de altura.

As plantas gramíneas desapareciam para darem lugar às plantas paludosas.

Estas, auxiliadas pela humidade e pelo calor do verão, tomavam proporções extraordinárias.

Eram principalmente os juncos simples e os juncos floridos que formavam uma rede inextricável, um emaranhado labirinto, coberto de numerosas flores de admiráveis cambiantes, entre as quais brilhavam os lírios e as íris, casando os seus perfumes com os tépidos vapores que se espargiam da terra.

Miguel Strogoff, galopando entre estes juncais, não podia ser visto da parte dos pântanos que ladeavam a estrada. Havia ali plantas mais altas do que ele, e a sua passagem só era assinalada pelo voo de infinitas aves aquáticas, que se levantavam num e noutro ponto do caminho, sumindo-se nas alturas em bandos clamorosos.

A estrada, porém, continuava a desenhar-se com perfeita nitidez, dilatando-se aqui por entre uma compacta moita de plantas nocivas, contornando acolá as beiras sinuosas dos extensos pauis, em cujo número alguns há que, pelo seu comprimento e largura, já mereceram classificação de lagos.

Em vários sítios não era possível evitar as águas estagnadas, que o caminho cortava, não sobre pontes, mas sobre estrados de madeira, de duzentos e trezentos pés de extensão, sustidos por grossas camadas de argila e feitos de pranchas que oscilavam como se fossem ligeiras e frágeis tábuas lançadas por cima de um abismo.

A oscilação destes estrados é tal que produz em muitos viajantes de tarentass um enjoo igual ao que se sofre a bordo dos navios.

Miguel Strogoff, quer o terreno fosse firme, quer cedesse debaixo dos pés do seu cavalo, corria sempre sem parar, saltando as frequentes aberturas que nos estrados faziam as pranchas apodrecidas pelo tempo.

Mas, por mais acelerada que fosse a carreira, cavalo e cavaleiro não podiam esquivar-se às ferroadas violentas dos insetos dípteros, que assolam esta região paludosa.

Os viajantes que são obrigados a atravessar a Baraba no estio têm o cuidado de se prevenir com máscaras de crina e cotas de malhas de fio de ferro muito

delgado, que lhes caem sobre os ombros. Apesar de semelhantes precauções, poucos há que saiam destes pântanos sem trazer a cara, o pescoço e as mãos crivados de nódoas vermelhas. A atmosfera parece estar ali cercada de agulhas finíssimas, e poderia talvez supor-se que até uma armadura completa não bastasse para proteger quem a vestisse contra o ferrão destes insetos. Nesta sinistra região, o homem tem de lutar contra as moscas aquáticas, os mosquitos, os moscardos, os tavões e outros milhares e milhares de insetos microscópicos, invisíveis a olho nu, mas que se fazem sentir pelas suas intoleráveis mordeduras, a que os próprios caçadores siberianos, ainda os mais calejados, se não podem habituar.

O cavalo de Miguel Strogoff, perseguido por estes venenosos dípteros, pulava como se lhe estivessem cravando nos ilhais as rosetas de mil esporas. Louco de raiva e de desespero, o pobre animal corria, espumava, enfurecia-se, inflamava-se, e transpunha o caminho num galope vertiginoso, igual à velocidade de um expresso, fustigando com a cauda os flancos, e buscando na rapidez da carreira um alívio ao seu insuportável suplício.

Só um cavaleiro da força de Miguel Strogoff poderia resistir a estes saltos violentos, a estes súbitos sacões, sem ser cuspido da sela. Insensível às dores do corpo, como se estivesse debaixo da influência de uma anestesia permanente, vivendo unicamente pelo desejo imperioso de chegar ao termo da sua empresa, custasse o que custasse, Miguel Strogoff não podia ver senão uma coisa: a estrada ficando-lhe para trás neste galopar temerário.

Quem se atreveria a supor que a região da Baraba, tão insalubre durante o verão, servisse de asilo a criaturas humanas?

Pois servia. Alguns lugarejos se destacavam de longe a longe, entre estes extensíssimos juncais. Homens e mulheres, crianças e velhos, com o corpo coberto de peles, com a cara cheia de bolhas impregnadas de pez, pastoreavam enfezados rebanhos de carneiros. Esta miserável população via-se obrigada a conservar acesas dia e noite grandes fogueiras de troncos verdes, a fim de proteger com o acre fumo delas os seus rebanhos contra os ataques terríveis dos

insetos.

Quando Miguel Strogoff sentia que o seu cavalo, extenuado de fadiga, estava a ponto de cair, parava numa destas desgraçadas moradas, e ali, esquecendo o seu próprio cansaço, era ele em pessoa que ia curar as picadas do pobre animal, esfregando-lhas com unto quente, segundo a prática siberiana. Depois dava-lhe uma boa ração de forragem, e só, quando o deixava bem conchegado é que ia tratar de si, reparando as forças com um pedaço de pão, de carne e um copo de kzuass. Passada uma hora, o máximo duas, ei-lo que partia de novo à desfilada pelo caminho para Irkutsk.

Noventa verstas foram assim percorridas para lá de Turumoff, e no dia 31 de julho, pelas quatro horas da tarde, Miguel Strogoff, insensível a toda a espécie de fadiga, dava entrada em Elamsk.

Ali foi preciso sacrificar a noite ao repouso do cavalo. O corajoso animal dificilmente poderia continuar por mais tempo a galopar.

Em Elamsk, da mesma forma que nas outras povoações, escasseavam os meios de transporte. O receio da invasão ia despovoando completamente toda a imensa Sibéria.

Elamsk, pequena cidade que ainda não fora atacada pelos tártaros, achava-se quase deserta, em consequência de poder ser invadida pelo sul e dificilmente socorrida pelo norte. As estações de posta, as repartições públicas e o edifício dos correios estavam fechados por ordem superior, e tanto os funcionários como os habitantes em condições de emigrar já se tinham retirado para Kamsk, povoação que situa mesmo ao centro da Baraba.

Miguel Strogoff resignou-se, pois, a ficar aquela noite em Elamsk, a fim de o seu cavalo ter algumas horas de descanso. Passaram-lhe então pela memória as recomendações que lhe haviam sido feitas em Moscovo: atravessar a Sibéria incógnito, chegar por todos os meios a Irkutsk, mas de maneira que o bom êxito da empresa não fosse sacrificado à rapidez da viagem. Era por isso que ele se mostrava tão cuidadoso com o seu cavalo.

No dia seguinte, Miguel Strogoff saía de Elamsk justamente quando

principiavam a aparecer os primeiros exploradores tártaros a dez verstas de distância sobre a estrada de Baraba. O correio do czar lançou-se de novo a galope.

A estrada era plana, o que a tornava fácil, mas muito cheia de curvas, o que a tornava extensa. Sair dela para seguir em linha reta pela interminável rede de pântanos e juncais era impossível.

No dia 1 de agosto, ao meio-dia, depois de ter andado mais de cento e vinte verstas, Miguel Strogoff chegava ao lugar de Spaskóe, e às duas horas da tarde parava no lugar de Pokrowskóe.

O cavalo, obrigado a um esforço excessivo desde a sua saída de Elamsk, não se achava em condições de dar mais um passo.

Miguel Strogoff, em consequência desta demora obrigatória, teve de perder o resto do dia, bem como toda a noite, porém, na manhã seguinte, 2 de agosto, punha-se de novo a caminho, correndo sempre através de um terreno meio alagado. Às quatro horas desse dia, depois de vencidas mais setenta e cinco verstas, Miguel Strogoff chegava a Kamsk.

O terreno aqui mudava de aspeto. A pequena povoação de Kamsk é uma espécie de Ilha habitável e situada no meio de um país inabitável. Kamsk fica mesmo no centro da Baraba. Graças aos saneamentos que lhe advieram da canalização do Tom, afluente do Irtyche, que por aqui passa, as lagoas pestilenciais transformaram-se em ubérrimas pastagens. Entretanto, estes melhoramentos ainda não conseguiram triunfar completamente das febres que, durante o outono, convertem Kamsk numa residência perigosa. Ainda assim é neste ponto que os indígenas da Baraba costumavam refugiar-se quando os miasmas palustres os afugentam das outras localidades da província.

A emigração, provocada pela invasão tártara, ainda não tinha despovoado Kamsk. Os seus habitantes julgavam-se talvez em segurança no centro da Baraba, ou pensavam pelo menos que teriam tempo de fugir, se se vissem diretamente ameaçados.

Por maiores que fossem os seus desejos, Miguel Strogoff não pôde colher

aqui a mais insignificante informação. Seria pelo contrário a ele que se teria dirigido o governador, se, porventura, suspeitasse qual era a verdadeira qualidade do suposto negociante de Irkutsk. De facto, Kamsk, pela sua própria situação, parecia achar-se fora do mundo siberiano e dos graves acontecimentos que se estavam agora dando.

Miguel Strogoff também pouco se mostrou enquanto aí permaneceu. Passar despercebido já lhe não bastava, o seu desejo era tornar-se invisível. A experiência do passado obrigava-o a ser mais cauteloso no presente e no futuro. Por isso não pensou em andar pelas ruas da povoação, nem mesmo em sair da pousada onde se alojara.

Miguel Strogoff poderia ter achado em Kamsk um veículo para suprir o cavalo que vinha com ele desde Omsk. Mas, depois de aturada reflexão, receou que a compra de um tarentass pudesse chamar sobre si as atenções, e, enquanto não conseguisse atravessar a linha ocupada agora pelos tártaros, linha que cortava a Sibéria pouco mais ou menos pelo vale do Irtyche, era-lhe conveniente evitar desconfianças e suspeitas.

De resto, para realizar a difícil passagem dos terrenos pantanosos da Baraba, para correr por entre aquele enxame de charcos e de pauis, dado o caso de que algum perigo iminente o ameaçasse, para tomar dianteira aos destacamentos mandados em seu alcance, para se lançar, se assim fosse preciso, nas mais espessas moitas dos juncais, um cavalo faria evidentemente muito melhor serviço que um veículo qualquer. Quando estivesse além de Tomsk, ou mesmo de Krasnoiarsk, nalgum centro importante da Sibéria ocidental, então veria com mais sossego o que lhe convinha fazer.

Quanto ao seu cavalo, nem mesmo pensou em substituí-lo. Tinha-se habituado ao corajoso animal, e sabia o partido que poderia tirar dele. Aplaudia-se da aquisição que fizera, e agradecia também a Deus o ter-lhe deparado aquele generoso mujique, de quem dependera a continuação da sua viagem.

Além disso, se Miguel Strogoff se interessava já pelo seu cavalo, este parecia também conformar-se com as fadigas de semelhante carreira.

Desde que, no decurso do dia, lhe concedessem algumas horas de repouso, o seu cavaleiro podia estar certo de que tinha ali um animal para o transportar rapidamente além das províncias invadidas.

Durante a noite de 2 para 3 de agosto, Miguel Strogoff não saiu da pousada onde se recolhera à entrada de Kamsk, pousada pouquíssimo concorrida e por conseguinte completamente livre de importunos e curiosos.

Quebrado pela fadiga, Miguel Strogoff, depois de examinar se nada faltaria ao seu cavalo, foi deitar-se. Não conseguiu, porém, de modo algum conciliar o sono. Afligiam-no muitas inquietações e desgostos para que pudesse dormir tranquilamente. A imagem da sua velha mãe e a da sua jovem e intrépida companheira de viagem, entes queridos por quem ele agora não podia velar, passavam-lhe alternadamente por diante dos olhos, confundindo-se amiúde no mesmo pensamento.

Depois tornara a lembrar-se da missão de que jurara desempenhar-se. O que ele vira, desde a sua partida de Moscovo, mais lhe fazia sentir a importância desse encargo. O movimento das forças invasoras era extremamente grave e a cumplicidade de Ivan Ogareff ainda o tornava mais perigoso. E quando os seus olhos se fixavam sobre o ofício selado com as armas imperiais, ofício que seguramente encerrava o remédio de tantos males e a salvação de tão vasto país devastado pela guerra, sentia em si como que um desejo impetuoso de se precipitar pelas estepes fora, de transpor de um só movimento a distância que o separava de Irkutsk, de ser águia para se elevar acima dos obstáculos, de ser tufão para correr com a velocidade de cem verstas por hora, a fim de chegar instantaneamente à presença do grão-duque e de lhe dizer:

«Alteza, da parte de Sua Majestade o czar!»

Na manhã seguinte, às seis horas, Miguel Strogoff começou novamente a galopar com a intenção de percorrer nesse dia as oitenta verstas que separavam Kamsk do lugar de Ubinsk.

Para lá de uma distância de vinte verstas achou-se outra vez nos terrenos alagadiços da Baraba, que, por falta de escoadouros, se conservavam agora um

pé de baixo de água. A estrada dificilmente se conhecia, mas, graças à sua extrema prudência, Miguel Strogoff ia avançando por ela sem que algo lhe acontecesse.

Miguel Strogoff, apenas chegou a Ubinsk, deixou que o cavalo descansasse toda a noite, porque tencionava no dia seguinte caminhar sem repouso as cem verstas que ficam entre Ubinsk e Ikulskóe. Partiu, pois, ao romper da manhã, mas neste ponto, infelizmente, o solo da Baraba cada vez se mostrava mais intransitável.

De facto, entre Ubinsk e Kamakova tinham, algumas semanas antes, caído abundantissimas chuvas, que ainda se conservavam nesta estreita depressão, como que depositadas num recetáculo impermeável. Chegava a não haver solução de continuidade em tão extensa aglomeração de charcos, pântanos, lagoas e lagos. Um desses lagos, bastante considerável para merecer a sua admissão na nomenclatura geográfica, o Tchang, chinês pelo nome, teve de ser costeado com enormes dificuldades numa largura de mais de vinte verstas. Deste inesperado embaraço resultaram alguns estorvos, que Miguel Strogoff, por maior que fosse a sua impaciência, não pôde evitar.

Viu-se igualmente nesta ocasião que ele tinha feito bem em não mudar de meio de transporte quando saiu de Kamsk, porque o seu cavalo passava agora por onde nenhum trem poderia ter passado.

À noite, depois das nove horas, Miguel Strogoff chegava a Ikulskóe, onde se decidiu a pernoitar. Este lugar, perdido nos confins da Baraba, não lhe pôde fornecer a respeito dos tártaros quaisquer informações. A sua própria posição tinha-o até agora protegido contra os horrores por que estavam passando muitas outras povoações siberianas.

Entretanto, as dificuldades naturais iam finalmente diminuindo, e, se não surgisse algum novo obstáculo, Miguel Strogoff deveria no dia seguinte achar-se fora da Baraba. Depois a estrada tornar-se-lhe-ia favorável, logo que estivessem vencidas as cento e vinte e cinco verstas que ainda o separavam de Kolyvan.

Alcançada esta cidade, igual distância lhe ficaria ainda a percorrer para

chegar a Tomsk.

Era em Kolyvan que Miguel Strogoff poderia efetivamente saber se Féofar-Cã já estava em Tomsk, sendo muito provável, em caso afirmativo, que torneasse aquela cidade, para evitar quanto possível qualquer encontro com os tártaros.

Mas se lugares tais como Ikulskóe e Karguinsk, este último atravessado na manhã seguinte por Miguel Strogoff, se mostravam relativamente tranquilos, em virtude da sua posição na Baraba, que os protegia contra as manobras das colunas tártaras, poder-se-ia esperar a mesma tranquilidade sobre as férteis margens do Obi? Miguel Strogoff, livre por um lado de todos os obstáculos físicos, não teria de recear os obstáculos humanos? Era bem de supor que sim. Todavia, o correio do czar estava bem decidido, se a isso o obrigassem, a deixar a estrada de Irkutsk, embora tivesse de continuar a viagem através das estepes, onde evidentemente os recursos lhe faltariam. Efetivamente, nas imensas planícies da estepe nem havia caminhos traçados, nem cidades, nem vilas, nem aldeias. Apenas alguns casais de espaço a espaço, ou simples choças de pobres moradores, hospitaleiros decerto, mas onde a custo se poderia encontrar o necessário!

Miguel Strogoff, todavia, não teria hesitado, antes a estepe com as suas privações do que a estrada com os seus perigos.

Enfim, pelas três horas e meia da tarde, depois de ter atravessado a estação de Kargatsk, deixava de todo atrás de si as últimas depressões da Baraba, e debaixo dos pés do seu cavalo começava a ressoar o solo seco e duro do território siberiano.

Fora a 15 de julho que Miguel Strogoff saíra de Moscovo. Estava-se a 5 de agosto. Incluindo umas setenta horas perdidas na cabana do mujique, a sua viagem durava pois há vinte e um dias.

E, contudo, mil e quinhentas verstas separavam ainda o correio do czar de Irkutsk.

Capítulo XVI — Um derradeiro esforço

As extensas planícies situadas além dos pântanos da Baraba apresentavam alguns indícios que não podiam deixar de ser inquietantes para Miguel Strogoff. Os campos, em geral pisados pelos pés dos cavalos, denunciavam que os tártaros já tinham por ali passado, e, a respeito destes bárbaros, podia-se dizer o que se diz dos turcos: “por onde um turco passa nunca mais a erva cresce”.

Convinha, pois, que Miguel Strogoff tomasse as maiores precauções para se não encontrar com os invasores. Alguns rolos de fumo, levantando-se em espiral acima do horizonte, indicavam-lhe as aldeias e casais que ainda não tinham acabado de arder. Estes incêndios seriam obra unicamente dos exploradores do emir, ou do seu próprio exército, que tivesse avançado até aos últimos limites da província? Féofar-Cã achar-se-ia já em pessoa no governo do Yeniseisk? Miguel Strogoff não o sabia, nem podia tomar resolução alguma definitiva enquanto não fosse bem informado a tal respeito. Os habitantes dos campos teriam todos abandonado as suas casas, a ponto de que não restasse um único siberiano para lhe ministrar alguns esclarecimentos?

Miguel Strogoff andou duas verstas sem encontrar ninguém pela estrada. Em vão procurava com a vista, de um e outro lado, alguma casa que tivesse moradores. Todas que apareciam estavam completamente desertas!

Uma cabana, porém, que ele divisou entre as árvores, fumegava ainda. Quando se aproximou viu, a pequena distância daquela habitação destruída pelas chamas, um velho rodeado de crianças que choravam. Uma mulher ainda nova, sua filha decerto, a mãe dessas crianças, ajoelhada no chão, fitava com um olhar espantado este quadro de devastação. Estava a amamentar um inocentinho de peito, a quem talvez o leite faltasse dentro em pouco.

Em redor desta família tudo eram ruínas e miséria.

Miguel Strogoff dirigiu-se ao velho:

— Amigo — disse-lhe ele com gravidade —, podes responder às minhas perguntas?

— Fala — replicou-lhe o velho.

— Os tártaros já passaram por aqui?

— Passaram, infelizmente! Pois não vês em chamas a minha casa?

— Formavam um exército ou um destacamento?

— Estende os olhos quanto possas pelos nossos campos talados, e os estragos te dirão que era um exército.

— Comandado pelo emir?

— Quem senão ele poderia tingir de vermelho as límpidas águas do Obi?

— E Féofar-Cã já entrou em Tomsk?

— Já

— Sabes se os tártaros se apoderaram de Kolyvan?

— Por enquanto não, que as suas casas ainda não estão em chamas.

— Obrigado, amigo. Pretendes de mim alguma coisa?

— Não.

— Deus seja contigo e com os teus.

— Que Deus vá na tua companhia.

E Miguel Strogoff, depois de ter lançado vinte e cinco rublos no regaço da infeliz mulher, que nem forças teve para lhos agradecer, montou de novo a cavalo, e continuou a sua marcha interrompida por um momento.

Uma coisa sabia já: é que lhe não convinha por forma alguma ir a Tomsk.

O que lhe restava então fazer? Dirigir-se a Kolyvan, onde os tártaros ainda não tinham chegado, prover-se lá do necessário para uma longa viagem e arremessar-se depois através da estepe, por caminhos não trilhados, a fim de tornear Tomsk.

Assente este novo itinerário, Miguel Strogoff não podia hesitar um momento. Assim fez e, obrigando o cavalo a um passo rápido e regular, seguiu a estrada direta que ia dar à margem esquerda do Obi, de que estava afastado quarenta verstas. Acharia ainda algum barco de passagem ou, dado o caso de os tártaros já

terem destruído todas as embarcações, ver-se-ia obrigado a passar o rio a nado? Dentro em pouco o saberia.

Em relação ao seu cavalo, já muito extenuado, Miguel Strogoff estava resolvido a utilizar-lhe as ultimas forças, trocando-o por outro, quando chegasse a Kolyvan.

Kolyvan devia ser, portanto, uma espécie de novo ponto de partida, porque, a contar desta cidade, a viagem teria de se encarar sob um aspeto diferente. Enquanto Miguel Strogoff não saísse do território devastado, as dificuldades seriam grandes, mas logo que se achasse para lá de Tomsk, percorrendo de novo a estrada pela província de Yeniseisk, até agora livre de exploradores, a conclusão da sua empresa não demoraria muitos dias.

Caíra a noite depois de um dia extremamente calmoso. Uma espessa obscuridade ia cercando a estepe, à medida que as horas avançavam. A ventania, que desaparecera com o pôr do Sol, deixara a atmosfera numa tranquilidade absoluta. Ouvia-se apenas o ruído do galopar do cavalo sobre a estrada deserta e as palavras com que Miguel Strogoff o incitava a correr. No meio de tão densas trevas, era precisa uma grande atenção para não sair do leito da estrada, que era ladeada por ribeiras e lagoas tributárias do rio Obi.

Miguel Strogoff ia avançando com a maior rapidez, mas sempre com extrema cautela. Confiava para isso tanto na agudeza do seu olhar, que penetrava pelas sombras, como na prudência do seu cavalo, cuja sagacidade já conhecia.

Entretanto, Miguel Strogoff tinha-se apeado para verificar a direção do caminho quando lhe pareceu ouvir um ruído vago para o lado de oeste. Era como o rumor de uma cavalgada muito ao longe. Não restava dúvida. A uma ou duas verstas de distância sentia-se um pisar cadenciado e regular sobre o solo.

Miguel Strogoff duplicou de atenção, indo pôr o ouvido à escuta mesmo no centro da estrada.

«É um destacamento de cavalaria que vem pela estrada de Omsk — disse ele. — E avança com rapidez, porque a bulha vai aumentando. Serão russos ou tártaros?»

Miguel Strogoff tornou a escutar.

«Não há dúvida — repetiu ele —, são cavalos que vêm a todo o trote. Devem estar aqui antes de dez minutos. O meu cavalo não está em condições de lhes tomar o passo. Se é um destacamento de russos, juntar-me-ei a eles. Se são tártaros, convém bastante que me não vejam. Mas como? Onde poderei esconder-me?»

Miguel Strogoff olhou em redor de si, e o seu olhar penetrante descobriu a cem passos de distância, do lado esquerdo da estrada, uma massa confusamente esfumada nas sombras.

«É talvez algum bosque — supôs ele. — Procurar ali um refúgio é perigoso. Mas posso eu, porventura, escolher agora o que mais me convém? Ei-los!... Ei-los que chegam!»

Alguns minutos depois Miguel Strogoff, levando o cavalo pela rédea, acercava-se de uma frondosa mata de larícios perfeitamente acessível pela estrada.

Mas a estrada, antes de chegar a esta mata, e para lá dela, era completamente desguarnecida de árvores, e prolongava-se entre barrancos e lameiros, separados uns dos outros por algumas pequenas moitas de estevas e de tojo. O terreno era, pois, impraticável de ambos os lados, e o destacamento, que parecia dirigir-se para Tomsk, devia forçosamente passar por diante daquela mata.

Miguel Strogoff precipitou-se para o ponto onde os larícios estavam mais compactos, e, entranhando-se por eles dentro num espaço de quarenta passos, teve repentinamente de parar. Na sua frente encontrara um grande veio de água, que servia de limite semicircular a este espesso arvoredo.

Mas a escuridão era tão cerrada que Miguel Strogoff não corria o menor perigo de ser descoberto, a não ser que o destacamento se lembrasse de ir bater aquele terreno.

Miguel Strogoff levou, pois, o cavalo até junto da ribeira e prendeu-o a uma árvore. Depois foi deitar-se de bruços à entrada da mata, com o fim de ver quem seriam os cavaleiros que se aproximavam.

Apenas ele tivera tempo de se esconder atrás de um grupo de larícios, começou a diferençar-se um confuso clarão, do qual se destacavam por entre as sombras alguns pontos luminosos.

«São archotes!» — pensou Miguel Strogoff.

E recuou imediatamente, arrastando-se como um selvagem até ao ponto em que a mata era mais fechada.

À medida que se acercavam da mata, os cavaleiros iam afrouxando o passo dos cavalos. Viriam eles alumiando a estrada com a intenção de lhe observarem os seus menores recantos?

Miguel Strogoff assim o supôs, e instintivamente foi recuando até à margem da ribeira, decidido a precipitar-se dentro dela, se assim fosse preciso.

O destacamento, ao chegar às primeiras árvores do bosque, fez alto. Os soldados apearam-se. Eram cinquenta pouco mais ou menos. Dez de entre eles traziam archotes que deitavam agora bastante luz sobre a estrada.

Em vista de certos preparativos, Miguel Strogoff pôde reconhecer que, por uma felicidade inesperada, o destacamento não pensava de forma alguma em explorar a mata, mas simplesmente em acampar neste local para descanso dos cavalos e dar tempo a que os soldados tomassem algum alimento.

Efetivamente, os cavalos, depois de lhes tirarem os freios, puseram-se a pastar a erva abundante que atapetava o solo, e os soldados estenderam-se à beira da estrada, repartindo entre si as provisões que traziam.

Miguel Strogoff não perdera de modo algum a calma, e, escondendo-se atrás das plantas mais altas, foi assim avançando quanto possível, a fim de ver e de ouvir o que se passava.

Era um destacamento que vinha de Omsk. Compunha-se de cavaleiros usbeques, raça dominante na Tartária, cujo tipo se aproxima sensivelmente dos mongóis.

Estes homens, de uma robusta constituição, altura acima da mediana, feições enérgicas e selvagens, traziam na cabeça o talpak, espécie de gorro de pele de carneiro preto, e nos pés botas amarelas, de tacões muito altos e com os bicos

revirados, à semelhança dos sapatos da Idade Média. As peliças, feitas de um estofo enchumaçado com algodão em rama, eram presas ao corpo por meio de cinturões de couro, bordados de vermelho. Vinham armados defensivamente de um escudo e ofensivamente de um sabre curvo, de uma adaga e de uma espingarda de pederneira, suspensa do arção da sela. Das costas pendiam-lhes umas capas de feltro de cores brilhantes.

Os cavalos, que pastavam à entrada da mata em plena liberdade, também eram de raça usbeque. Denunciava-o perfeitamente o clarão dos archotes, que projetava um brilho vivíssimo sobre a ramada dos larícios. Estes animais, um pouco mais pequenos que os cavalos turcomanos, mas dotados de uma robustez admirável, são cavalos de carreira, que só andam a galope.

À frente do destacamento vinha um pendja-baschi, comandante de cinquenta homens, tendo por imediato um deh-baschi, simples comandante de dez homens. Estes oficiais traziam capacete e meia cota de malha. Uns clarins, presos ao arção das selas, serviam para designar a sua patente.

O pendja-baschi mandara descansar os seus soldados, que, depois de uma prolongada marcha, bem precisavam de repouso. Os dois oficiais, conversando em língua tártara e fumando o beng, folha de cânhamo, de que tanto uso fazem os asiáticos, passeavam de um para outro lado à entrada da mata, de sorte que Miguel Strogoff, sem ser visto, podia ouvir e compreender o que eles diziam.

Logo às primeiras palavras do diálogo, Miguel Strogoff teve justificados motivos para lhe prestar toda a sua atenção.

Era efetivamente dele que falavam.

— O tal correio não podia trazer-nos uma dianteira tão considerável — disse o pendja-baschi. — Por outro lado, também era impossível que ele tomasse outro qualquer caminho que não fosse o da Baraba.

— Quem sabe mesmo se o não andamos a procurar inutilmente — respondeu o deh-baschi. — Talvez ele esteja ainda escondido nalguma casa de Omsk.

— Isso era excelente. O coronel Ogareff escusaria então de se inquietar sobre a viagem do tal correio, visto que os despachos, levados por ele, não poderiam

chegar ao seu destino com certeza.

— Ouvi dizer — acrescentou o deh-baschi — que o homem é siberiano. Sendo assim, deve conhecer bem o país, e talvez se afastasse da estrada principal para só tornar a entrar nela quando se julgue de todo em segurança.

— Mas, nesse caso, somos nós que lhe levamos dianteira — replicou o pendja-baschi —, porque saímos de Omsk logo depois da sua evasão, e temos sempre vindo pelo caminho mais curto com toda a velocidade dos nossos cavalos. De duas uma: ou esse correio ficou em Omsk, e a sua missão está prejudicada, ou nós chegamos a Tomsk antes dele, e a sua viagem fica interrompida. Em qualquer dos casos pode-se ter a certeza de que não chegará a Irkutsk.

— Tem que se lhe diga aquela velha siberiana, que não deixa naturalmente de ser mãe do nosso homem — afirmou o deh-baschi.

A estas palavras o coração de Miguel Strogoff pulsava com tanta força que parecia querer sair-lhe do peito.

— Decerto — concordou o pendja-baschi. — Sustentou com firmeza que não era seu filho o suposto negociante de Irkutsk. Perdeu, porém, o seu tempo. O coronel Ogareff não é homem para se deixar assim lograr, e, segundo as suas próprias palavras, ele obrigará a velha bruxa a falar quando for ocasião oportuna.

Tantas eram as palavras, tantas as punhaladas para o pobre Miguel Strogoff. Já ninguém ignorava a sua qualidade de correio imperial! Um destacamento de cavalaria, lançado atrás dele, acabaria, tarde ou cedo, por lhe cortar o caminho! E — dor suprema! — sua infeliz mãe estava em poder dos tártaros, e o coronel Ogareff, esse infame traidor, gabava-se de que a obrigaria a falar quando a ocasião fosse oportuna!

Miguel Strogoff bem sabia que a corajosa siberiana não era mulher para fazer revelações, mas sabia também que o silêncio dela poderia custar-lhe a vida.

Miguel Strogoff julgava que lhe fosse impossível odiar mais do que já odiava o Ignóbil Ivan Ogareff, contudo, sentiu inundar-lhe o peito uma nova onda de rancor. O miserável, que tinha atraiçoado a pátria, pensava agora em martirizar-

lhe a mãe!

A conversação entre os dois oficiais foi-se prolongando, e Miguel Strogoff julgou ouvir que estava iminente um combate nos arredores de Kolyvan entre as forças tártaras e as forças moscovitas, vindas do norte. Um pequeno corpo russo de dois mil homens, avistado sobre a parte inferior do rio Obi, dirigira-se para Tomsk a marchas forçadas. Se isto assim era, esse punhado de soldados, que ia ver-se a braços com o grosso das tropas de Féofar-Cã, seria inevitavelmente derrotado, ficando a estrada para Irkutsk absolutamente em poder dos invasores.

Em relação a si próprio, Miguel Strogoff percebeu, por algumas palavras do pendja-baschi, que a sua cabeça estava posta a prémio e que se tinham dado as mais terminantes ordens para se apoderarem dele, vivo ou morto.

Havia, portanto, urgente necessidade de passar adiante destes soldados, e de transpor antes deles a corrente do Obi. Mas para isso convinha não perder um segundo.

Tomada esta resolução, Miguel Strogoff dispôs-se a fugir imediatamente.

O repouso concedido aos soldados não poderia exceder muito mais de uma hora, se bem que o pendja-baschi reconhecesse que os cavalos do destacamento estavam extremamente cansados, em consequência das suas prolongadas marchas.

Não havia, pois, que hesitar. Já passava muito da meia-noite. Para sair da mata e entrar de novo na estrada urgia aproveitar a treva, que a luz da alvorada não tardaria a dissipar. Se bem que a hora favorecesse Miguel Strogoff, o bom êxito de tal fuga parecia quase impossível.

Miguel Strogoff, não querendo confiar-se no acaso, refletiu primeiro e pesou maduramente as probabilidades pró e contra, a fim de se inclinar pelo plano que oferecesse mais vantagens.

Da disposição do lugar resultava o seguinte: que Miguel Strogoff não podia retirar-se pelo fundo da mata, fechado por um arco de larícios, de que a estrada traçava a corda. A ribeira que orlava este arco não só era profunda como também muito larga e lodosa. A acumulação de tojos tornava a sua passagem

absolutamente impossível. Debaixo desta água turva existia um terreno lodoso, onde os pés não poderiam encontrar pontos de apoio. Além disso, para lá desta ribeira, o solo, entrecortado de moitas, dificilmente se prestaria às operações indispensáveis de uma rápida evasão. Se o alarme chegasse a dar-se, Miguel Strogoff, perseguido a todo o transe e cercado por todos os lados, acabaria irremediavelmente por cair nas mãos dos seus perseguidores.

Havia, portanto, só um caminho aberto para esta tentativa, um só: a estrada. Procurar alcançá-la, contornando a saída da mata sem despertar as atenções, caminhar um quarto de versta antes de ser descoberto, exigir do cavalo as suas últimas forças, embora ele caísse morto ao chegar às margens do Obi, atravessar por fim este importante rio, quer a nado, quer num barco, tal era a empresa desesperada que Miguel Strogoff ia tentar.

A sua energia e a sua coragem tinham-se decuplicado em frente do perigo. Dependia delas o bom resultado da sua missão, a honra do seu país, a salvação talvez de sua própria mãe. Era impossível hesitar.

E não havia um só instante a perder. Percebia-se já uma agitação entre os soldados usbeques. Muitos deles começavam a mover-se no ponto da estrada contíguo ao princípio da mata. Outros conservavam-se ainda deitados debaixo das árvores, mas os cavalos iam-se juntando pouco a pouco, a fim de recomeçarem dentro em breve a sua carreira.

Miguel Strogoff pensou primeiro em se apoderar de um dos cavalos do destacamento, mas lembrou-se, e com razão, que estes animais deveriam estar tão cansados como o seu. Era, portanto, muito melhor continuar a servir-se do que já tinha prestado tão bons serviços. Este brioso animal, oculto por uma extensa moita de estevas, tinha escapado às vistas dos usbeques. Verdade é também que os soldados não se tinham aventurado até ao extremo limite da mata.

Miguel Strogoff, arrastando-se pela erva, aproximou-se do cavalo, que estava deitado. Afagou-o com a mão, falou-lhe muito devagar, e conseguiu assim pô-lo de pé sem fazer barulho.

A este tempo, circunstância favorável, tinham os archotes acabado já inteiramente de arder, e a escuridão tornara-se outra vez profunda, pelo menos sobre a espessura dos larícios.

Miguel Strogoff, depois de ter enfreado o cavalo, apertado a cilha do selim e experimentado as correias dos estribos, começou a puxá-lo brandamente pela rédea. De resto, o inteligente animal, parecendo compreender o que se exigia dele, seguia com docilidade o dono.

Entretanto, alguns cavalos usbeques levantaram a cabeça, como se tivessem pressentido a presença de um estranho.

Miguel Strogoff segurava com a mão direita o seu revólver, pronto a desfechar contra o primeiro soldado que se lhe deparasse no caminho, mas pôde facilmente dar os primeiros passos sem ser notado, chegando assim a um ângulo que a mata fazia antes de desembocar na estrada.

A intenção de Miguel Strogoff era, para não ser visto, só montar a cavalo quando tivesse chegado a uma curva que havia na estrada a duzentos passos de distância da mata.

Infelizmente, no momento em que Miguel Strogoff ia a transpor a saída da mata, o cavalo de um dos usbeques, sentindo rumor, começou a relinchar e a correr para a estrada.

O seu cavaleiro ia para segurá-lo, quando, distinguindo uma sombra, que se movia confusamente entre os primeiros alvores da madrugada, gritou:

— Alerta!

A esta voz de alarme todos os soldados se levantaram precipitadamente.

Miguel Strogoff só teve tempo de saltar para cima do cavalo.

Os dois oficiais correram logo para a frente, incitando os soldados a montar sem demora.

Miguel Strogoff já se tinha firmado sobre a sela quando ouviu uma detonação, e reconheceu que uma bala acabava de lhe atravessar a peliça.

Sem voltar a cabeça, chegou as esporas ao cavalo e, galgando com um salto admirável a distância que o separava da estrada, partiu a todo o galope na

direção do rio Obi.

Os cavalos usbeques estavam desaparelhados, o que dava um certo avanço aos primeiros movimentos de Miguel Strogoff, mas os soldados do destacamento não podiam demorar-se muito a segui-lo, e efetivamente, dois minutos depois de ter saído da mata, Miguel Strogoff ouviu atrás de si o tropel de vários cavalos que lhe iam no encalço.

Começava a romper o dia, e os objetos iam-se tornando visíveis numa área muito mais larga.

Miguel Strogoff, voltando a cabeça, verificou que um dos cavaleiros o seguia já muito de perto.

Era o deh-baschi. Este oficial, montando um cavalo de raça apurada, corria à frente do destacamento e ganhava terreno sobre o fugitivo.

Miguel Strogoff, sem deixar de correr à desfilada, puxou do revólver e, com mão firme e segura, desfechou contra o seu perseguidor.

O oficial usbeque, atingido pela bala no meio do peito, baqueou instantaneamente.

Os outros cavaleiros, que vinham em seguida, excitados pela audácia daquele tiro tão certeiro, e sem sequer pararem um instante para verificar a morte do deh-baschi, carregaram com mais ímpeto sobre Miguel Strogoff, vencendo pouco a pouco a distância que pôde ganhar Durante meia hora, contudo, pôde conservar-se fora do alcance das armas dos usbeques, mas ele bem via que o seu cavalo ia fraquejando e receava a todo o instante que o generoso animal, tropeçando nalgum obstáculo, caísse para nunca mais se levantar.

Os fulgores da aurora começavam a iluminar o caminho, se bem que o Sol ainda se não tivesse mostrado acima do horizonte.

A uma distância de duas verstas desenhava-se na frente uma linha esbranquiçada, que algumas árvores cortavam num ou noutro ponto.

Era o rio Obi, que corria de sueste a nordeste, quase ao nível do caminho, tendo por vale a própria estepe.

Miguel Strogoff era o alvo de repetidos tiros, que felizmente lhe não

acertavam, e muitas vezes teve também de disparar o revólver contra aqueles que mais de perto o perseguiam.

Esta luta desesperada não podia, contudo, acabar com vantagem para o fugitivo. O seu cavalo, que estava estafadíssimo, conseguiu ainda assim aproximar-se das margens do Obi.

A este tempo, o destacamento dos usbeques, já reduzido pelos tiros disparados por Miguel Strogoff, achava-se apenas a cinquenta passos de distância.

Junto do Obi, completamente deserto, nem um só barco de passagem, nem um só frágil batel em que se pudesse atravessar o rio!

— Coragem, meu brioso animal! — gritou-lhe Miguel Strogoff.

— Vamos!... Um derradeiro esforço!

E precipitou-se no rio, que media neste sítio meia versta de largura.

A corrente do rio, muito forte, opunha-se aos movimentos do cavalo, que não achava pé em parte alguma. Sem ponto de apoio, o pobre animal só a nado conseguia fender estas águas, que se precipitavam com a violência de uma cachoeira. Era um verdadeiro milagre de coragem o que Miguel Strogoff tentava agora! Os soldados usbeques tinham chegado ao pé do rio, porém, hesitavam manifestamente em se lançarem nele.

Em dado momento, o pendja-baschi, pegando numa espingarda, apontou cuidadosamente ao fugitivo, que já ia a meio do rio.

O tiro partiu! O cavalo de Miguel, ferido no flanco, não tardou a desaparecer nas ondulações da corrente.

Miguel Strogoff, com a grande energia que o não desamparava nos maiores perigos, desprendeu-se rapidamente dos estribos. Depois, como homem experimentado, mergulhou debaixo de um chuveiro de balas e pôs-se a nadar para a margem direita do Obi, sumindo-se por entre os canaviais que cresciam em grande quantidade nesta margem do rio.

Estava mais uma vez salvo!

Capítulo XVII — Versículos e canções

Apesar de salva, a situação de Miguel Strogoff continuava ainda a ser terrível. Agora que o fiel animal que até ali o tinha tão corajosamente auxiliado acabava de encontrar a morte nas águas do Obi, como poderia ele prosseguir a viagem?

Via-se a pé, sem víveres, num país devastado pela invasão, batido pelos exploradores do emir, e demais a mais a grande distância ainda do seu objetivo.

«Por Deus, que hei de chegar! — exclamou ele, como que respondendo a todas as hesitações e fraquezas que o seu espírito antevia. — Deus proteja a santa Rússia!

Miguel Strogoff encontrava-se completamente fora do alcance do destacamento que o perseguira. O pendja-baschi e os seus soldados não se tinham atrevido a lançar-se ao rio por causa dele. De resto, deviam supor que Miguel Strogoff se afogara, porque, depois da sua desaparição sob as águas, não o tinham visto abordar a margem direita do Obi.

Entretanto, Miguel Strogoff, dissimulando-se entre os enormes canaviais que marginavam o rio, fora-se aproximando da parte superior da margem, aliás com algumas dificuldades devido ao imenso nateiro que a última cheia do Obi havia ali depositado.

Logo que se viu num terreno mais sólido, Miguel Strogoff pensou no que lhe convinha fazer. Cumpria-lhe em primeiro lugar afastar-se quanto possível de Tomsk, uma vez que ali já estavam acampadas as tropas de Féofar-Cã, e depois precisava de dirigir-se a qualquer aldeia, lugar ou estação de posta, onde pudesse obter um cavalo para continuar a viagem fora da estrada principal. Essa estrada só a deveria tomar de novo quando estivesse perto de Krasnoiarsk. Dali em diante, Miguel Strogoff esperava achar os caminhos seguros, tornando-se-lhe então fácil penetrar por sudoeste nas províncias do lago Baical.

A primeira coisa de que Miguel Strogoff tratou foi de se orientar.

A duas verstas para diante, seguindo a corrente do Obi, distinguia-se uma pequena e bonita cidade, pitorescamente assente sobre uma ligeira elevação de terreno. No fundo cinzento do céu destacavam-se algumas igrejas com as suas cúpulas bizantinas de verde e ouro.

Era Kolyvan, para onde os funcionários e os habitantes de Kamsk e doutras localidades costumam retirar-se no verão, fugindo às febres palustres da Baraba. Kolyvan, a julgar pelo diálogo que Miguel Strogoff ouvira aos dois oficiais usbeques, não devia ainda ter caído em poder dos invasores. As tropas tártaras, divididas em duas colunas, tinham avançado pela esquerda sobre Omsk e pela direita sobre Tomsk, deixando as localidades intermediárias fora da sua linha de operações.

O projeto lógico e simples de Miguel Strogoff consistia em chegar a Kolyvan antes de ali dar entrada o destacamento dos soldados usbeques, que seguia pela margem esquerda do Obi. Em Kolyvan, fosse por que preço fosse, deveria mudar de fato, comprar um cavalo e caminhar na direção de Irkutsk, através da estepe meridional.

Eram três horas da manhã. Os arredores de Kolyvan, profundamente silenciosos, pareciam estar desabitados. Naturalmente, a população dos campos, fugindo à invasão, contra a qual não ia reagir, tinha Ido refugiar-se ao norte, nas províncias do Yeniseisk.

Miguel Strogoff caminhava a passos largos na direção de Kolyvan quando lhe chegaram aos ouvidos os sons de longínquas detonações.

Parando de repente, distinguiu nitidamente que era um ribombar surdo e pesado, seguido de crepitações secas e repetidas.

«São tiros de canhão!... É a fuzilaria!... — exclamou ele, contrariado. — Os dois mil russos já estão em luta com as colunas tártaras? Se assim é, permita Deus que eu possa chegar a Kolyvan antes dos combatentes!

Miguel Strogoff não se tinha enganado. As detonações tornavam-se cada vez mais distintas e sobre o lado esquerdo de Kolyvan iam-se condensando, acima

do horizonte, muitos vapores, que não eram nuvens de fumo mas espessas volutas esbranquiçadas, produzidas pelas sucessivas descargas da artilharia.

Sobre a margem esquerda do Obi o destacamento dos usbeques tinha suspendido a marcha, esperando pelo resultado da batalha.

Deste lado, Miguel Strogoff nada tinha que temer. Podia, portanto, apressar o passo, que não corria perigo de ser descoberto.

Contudo, as detonações não cessavam e iam-se aproximando sensivelmente. Já não era apenas um estampido confuso ao longe, :mas o ribombar atroador do canhão. Ao mesmo tempo, o fumo trazido pelo vento elevava-se no ar, mostrando que os combatentes se anunciavam na direção do sul. Kolyvan ia decerto ser atacada pelo norte.

Mas seriam os russos que a protegiam contra os soldados tártaros, ou estes que, já senhores da cidade, repeliam algum contra-ataque dos primeiros?

Como sabê-lo? Que angustiosa incerteza para Miguel Strogoff! Estava ele então só meia versta distante de Kolyvan quando viu, serpenteando, uma língua de fogo pelas ruas da cidade e, logo depois, abaterem-se com enorme estrondo as torres de uma igreja, no meio de intensas labaredas e de espessos rolos de poeira.

Travar-se-ia a luta mesmo dentro dos muros de Kolyvan? Miguel Strogoff assim o devia supor, e nesse caso era evidente que russos e tártaros se estavam a bater agora nas próprias ruas da cidade.

Miguel Strogoff, que se dispunha a ir ali procurar refúgio, correria o risco de ser envolvido no tumulto?

E, admitindo que o não fosse, conseguiria ele ainda assim escapar-se de Kolyvan, como se tinha escapado de Omsk?

Todas estas eventualidades lhe passavam pela mente. Hesitou e deteve-se um instante. Não lhe seria mais vantajoso dirigir-se, mesmo a pé, em busca doutra povoação, quer para o sul, quer para o leste, Diachinsk, por exemplo, onde, custasse o que custasse, lhe cedessem um cavalo?

Era a única solução admissível. Miguel Strogoff, portanto, afastando-se das margens do Obi, começou a andar resolutamente sobre a direita de Kolyvan.

Neste momento as detonações tinham-se tornado extremamente violentas. Viam-se as chamas irromper do lado esquerdo da cidade. O incêndio devorava, sem dúvida, um bairro inteiro de Kolyvan.

Miguel Strogoff caminhava apressadamente pela estepe, procurando ganhar a sombra de algumas árvores disseminadas num e noutro ponto, quando ao longe distinguiu um destacamento de cavalaria tártara.

Miguel Strogoff não podia, evidentemente, continuar a fugir na mesma direção, porque o destacamento, avançando rapidamente para a cidade, não deixaria de se encontrar com ele no caminho.

De repente, num ângulo de um espesso arvoredo, Miguel Strogoff distinguiu uma casa isolada, donde poderia acercar-se sem ser visto pelos tártaros.

Miguel Strogoff não tinha, pois, outro recurso de que lançar mão. Era necessário dirigir-se quanto antes àquela casa, esconder-se nalgum dos seus quartos, e aí solicitar a quem lá estivesse que lhe proporcionasse os meios de restaurar as forças esgotadas pela fome e pela fadiga.

Precipitou-se, pois, na direção da casa, que lhe ficava, quanto muito, a meia versta de distância. Ao aproximar-se, reconheceu que era uma estação telegráfica. Partiam dali três fios: um para oeste, outro para leste e o terceiro para Kolyvan.

Nas atuais circunstâncias tudo levava a crer que a estação estivesse abandonada, mas ainda assim Miguel Strogoff poderia ali refugiar-se e esperar que viesse a noite para de novo se lançar na estepe, que estava a ser agora percorrida pelos exploradores tártaros.

Miguel Strogoff encaminhou-se para a porta da estação e empurrou-a com violência.

Na sala, onde se expediam os telegramas, estava apenas uma pessoa.

Era o telegrafista, homem fleumático e de todo indiferente ao que se passava fora dali. Fiel ao dever, esperava, sentado à mesa de trabalho, que o público viesse reclamar os seus serviços.

Miguel Strogoff correu para ele e, com a voz quase extinta pelo cansaço,

perguntou-lhe:

— Que há de novo?

— Nada, que eu saiba — respondeu-lhe o telegrafista com ar prazenteiro.

— Não são os russos que se estão a bater com os tártaros?

— Parece que sim.

— Mas quem vence?

— Não sei.

Custava a conceber tanta indiferença e placidez no meio de tão terrível conjuntura.

— E o telégrafo não está cortado? — perguntou Miguel Strogoff.

— Está cortado entre Kolyvan e Krasnoiarsk. Só funciona ainda entre Kolyvan e a fronteira russa.

— Por conta do Governo?

— Por conta do Governo quando é ele que expede os seus despachos, por conta dos particulares quando são estes que pagam os seus telegramas. São dez kopeks cada palavra. Se quiser começar... estou ás suas ordens.

Miguel Strogoff ia a responder a este singular empregado que não tinha telegramas para expedir, mas que lhe vinha pedir um pedaço de pão e uma gota de água quando a porta se abriu com estrondo.

Miguel Strogoff, receando que a estação fosse invadida pelos tártaros, dispunha-se já a saltar pela janela quando reparou que só haviam entrado dois homens, cuja aparência nada tinha de comum com os soldados de Féofar-Cã.

Um deles trazia na mão um telegrama escrito a lápis e, adiantando-se sobre o outro, aproximou-se com extrema rapidez do impassível empregado.

Nestes dois homens, Miguel Strogoff reconheceu com espanto duas personagens em que já não pensava e que supusera nunca mais tornar a ver.

Eram os correspondentes Harry Blount e Alcide Jolivet, não como companheiros de viagem, mas sim como rivais, como inimigos declarados, visto que ambos agora operavam no campo de batalha.

Tinham saído de Ichim poucas horas depois de Miguel Strogoff, e se

chegaram antes dele a Kolyvan é porque não haviam perdido três dias no caminho, como sucedera ao correio do czar.

Ambos acabavam de presenciar a luta travada entre russos e tártaros em frente de Kolyvan, ambos tinham saído da cidade quando a batalha se desenrolava já dentro das suas ruas, e ambos corriam agora ao telégrafo, a fim de expedirem para a Europa as suas informações, procurando, cada um deles, roubar ao outro a glória de ser o primeiro a noticiar aquele combate.

Miguel Strogoff tinha-se afastado para um ponto mais escuro, donde, sem ser visto, ia ver e ouvir tudo. Ia finalmente informar-se do que se passava e saber se lhe conviria ou não entrar em Kolyvan.

Harry Blount, mais rápido que o seu colega, aproximara-se primeiro da mesa do telegrafista, estendendo-lhe o despacho, enquanto Alcide Jolivet, em oposição aos seus hábitos joviais, se mordia de impaciência.

— São dez kopeks cada palavra — preveniu o telegrafista, pegando no telegrama.

Harry Blount colocou sobre a mesa um punhado de rublos, o que não deixou de causar certa admiração ao correspondente francês.

— Muito bem — disse o empregado.

E, com o maior sangue-frio deste mundo, começou a telegrafar o seguinte despacho:

«Daily Telegraph. Londres.

De Kolyvan, governo de Omsk, Sibéria. agosto 6. Encontro das tropas russas com as tártaras.»

Como a leitura fosse feita em voz alta, Miguel Strogoff ouviu tudo o que o correspondente inglês se apressava a enviar ao seu jornal:

«Russos repelidos, grandes perdas. Tártaros vitoriosos ocupam Kolyvan.»

Estas palavras terminavam o telegrama.

— Agora eu — exclamou imediatamente Alcide Jolivet, que também queria transmitir notícias semelhantes, à sua “prima Madalena”.

Isto, porém, não convinha de forma alguma ao correspondente inglês, que desejava ter o telégrafo por sua conta para ir transmitindo os acontecimentos à medida que eles se fossem dando. Por conseguinte, não cedeu o lugar ao colega.

— Mas o Sr. Blount já acabou, penso eu — disse com impaciência Alcide Jolivet.

— Engana-se, não acabei ainda — respondeu laconicamente Harry Blount.

E continuou a escrever uma série de palavras, que passou depois ao empregado. Este leu com a sua voz pausada o seguinte:

«No princípio, criou Deus o céu e a terra.»

Eram os versículos da Bíblia que Harry Blount agora transmitia para matar o tempo e impedir que o seu rival se servisse do telégrafo. Semelhante capricho ia decerto gastar alguns milhares de rublos ao proprietário do Daily Telegraph, mas o jornal inglês seria o primeiro a ser informado. A França que esperasse!

Concebe-se o furor de Alcide Jolivet, que noutra ocasião teria achado esse expediente engraçadíssimo. Chegou até a querer obrigar o telegrafista a receber de preferência o seu telegrama.

— Este senhor está no seu direito — respondeu tranquilamente o empregado, apontando para Harry Blount com modos delicados.

E continuou a transmitir fielmente para o Daily Telegraph o primeiro versículo do livro santo.

Enquanto o empregado movia o transmissor, Harry Blount dirigiu-se placidamente para a janela e, puxando dos seus binóculos, tratou de ver o que se passava nas proximidades de Kolyvan, a fim de poder completar as suas informações.

Passados instantes, voltou para junto da mesa do aparelho e acrescentou ao seu despacho:

«Em chamas duas igrejas. Incêndio parece lavrar sobre a esquerda. A terra

era informe e nua, as trevas cobriam a face do abismo, e o espírito de Deus era levado sobre as águas.»

Alcide Jolivet só teve um fervoroso e ardentíssimo desejo: o de estrangular ali mesmo o honrado correspondente do Daily Telegraph.

Tornou a protestar contra o abuso que Harry Blount fazia do telégrafo, mas o empregado, sempre risonho e impassível, respondeu-lhe:

— Está no seu direito, perfeitamente no seu direito... a dez kopeks cada palavra.

E continuou a telegrafar a nova notícia que lhe trouxe Harry Blount:

«População russa foge da cidade. E disse Deus: Faça-se a luz, e foi feita a luz.»

Alcide Jolivet espumava de raiva.

Entretanto, Harry Blount voltava à janela da estação, mas desta vez, distraído naturalmente pelo interesse do espetáculo que tinha diante dos olhos, demorou-se mais do que devia para continuar a sua transmissão.

Por isso, mal o telegrafista acabava de expedir o terceiro versículo da Bíblia, já Alcide Jolivet estava junto dele, tomando, sem fazer barulho, o lugar de Harry Blount. E, para seguir em tudo a atitude do colega, colocou também um punhado de rublos sobre a mesa e estendeu ao empregado o seu despacho, que era assim concebido:

«Madalena Jolivet 10, Faubourg Montmartre (Paris).

De Kolyvan, governo de Omsk, Sibéria, agosto 6.

Russos batidos. Carga impetuosa da cavalaria tártara. População Kolyvan foge precipitadamente.»

E quando Harry Blount quis novamente ocupar o seu lugar, ouviu Alcide Jolivet, que prolongava o seu telegrama, cantarolando com voz zombeteira:

«Que pequena tão gentil Pela rua agora passa, Que pezinho tão subtil Quando as saias arregaça.»

Julgando impróprio misturar o sagrado com o profano, como fizera o seu colega, Alcide Jolivet respondia aos versículos da Bíblia com um trecho muito conhecido das canções de Béranger.

— Ah! — Exclamou estupefacto Harry Blount.

— É como vê — respondeu Alcide Jolivet.

A situação, porém, complicava-se em redor de Kolyvan. O combate parecia aproximar-se e as detonações sucediam-se umas atrás das outras.

Ao mesmo tempo, um abalo violento fez estremecer a casa toda. Um projétil acabava de atravessar a parede de lado a lado, enchendo de caliça a estação.

Alcide Jolivet escrevia então estes versos:

«E que tesouros de graça no seu porte juvenil.»

Porém, calar-se de repente, precipitar-se sobre o projétil, pegar-lhe com ambas as mãos antes que ele rebentasse, deitá-lo pela janela fora e voltar outra vez ao mesmo sítio onde estava foi obra de um instante.

Passados cinco segundos o projétil explodia fora da estação, levantando montes de terra.

E, continuando a preencher o seu telegrama com o mais admirável sangue-frio, Alcide Jolivet acrescentou:

«Projétil calibre seis entrou no telégrafo, destruindo paredes. Esperam-se mais projécteis.»

Para Miguel Strogoff já não restava dúvida de que os russos tinham sido derrotados neste combate. O correio do czar só tinha um derradeiro recurso: fugir pela estepe na sua direção meridional.

Entretanto, rompia um furioso tiroteio junto da estação. As balas começam a entrar no compartimento, quebrando os vidros da janela.

Harry Blount, ferido no ombro por um estilhaço de metralha, caiu no chão.

Alcide Jolivet ia a transmitir este suplemento de telegrama:

«Harry Blount, correspondente do Daily Telegraph, cai a meu lado, ferido estilhaço metralha...»

Quando o impassível empregado, virando-se para ele, lhe disse com a sua

inalterável placidez:

— Não é possível. O fio está partido.

E, deixando o seu lugar, pegou tranquilamente no chapéu, Limpou-o com o lenço e retirou-se por uma porta em que Miguel Strogoff, muito preocupado com a difícil posição em que se achava, ainda não tinha reparado.

A estação foi, ato contínuo, cercada por soldados tártaros, e nem Miguel Strogoff nem os jornalistas tiveram tempo de se retirar.

Alcide Jolivet, com o suplemento do seu telegrama ainda na mão, precipitara-se sobre Harry Blount, que jazia no sobrado sem acordo. Dotado de sentimentos generosos, o correspondente francês levantara o colega e, pondo-o às costas, preparou-se para fugir com ele.

Demasiado tarde, porém!

Ambos estavam feitos prisioneiros. Por sua vez, Miguel Strogoff, surpreendido quando se aprestava para saltar por uma das janelas da estação, caía também, como os jornalistas, em poder dos tártaros.

SEGUNDA PARTE — A INVASÃO

Capítulo I — Um acampamento tártaro

A um dia de marcha de Kolyvan, a poucas verstas adiante do lugar de Diachinsk, estende-se uma vasta planície rodeada de grandes árvores: cedros e pinheiros em geral.

Durante a estação calmosa esta porção da estepe serve ordinariamente de refúgio aos pastores siberianos, que para aqui vêm apascentar os seus numerosos rebanhos. Agora, porém, não se divisava um só desses habitantes nómadas, não é que a planície estivesse deserta, bem pelo contrário, havia em toda ela extraordinária animação.

Era aqui, efetivamente, que se tinham levantado as tendas dos tártaros. Era aqui também que se achava acampado Féofar-Cã, o cruel emir de Bucara.

Todos os prisioneiros feitos na véspera em Kolyvan, depois da derrota do pequeno corpo do exército russo, tinham sido conduzidos para este acampamento. Daqueles dois mil homens que se haviam batido contra as duas colunas inimigas, apoiadas simultaneamente sobre Omsk e sobre Tomsk, apenas restavam alguns centos de soldados. Os acontecimentos iam, pois, tomando um caráter grave, e o Governo moscovita começava a lutar com uma situação difícil para lá das fronteiras do Ural.

Estas dificuldades porém só podiam ser momentâneas, porque os russos, tarde ou cedo, acabariam forçosamente por expulsar as hordas invasoras.

Entretanto, a invasão progredia, tinha já chegado ao centro da Sibéria, e agora principiava a alastrar, quer sobre as províncias de oeste, quer sobre as de leste. A cidade de Irkutsk achava-se, pois, completamente isolada de toda a comunicação com a Europa. Se as tropas do Amur e da província de Irkutsk não chegassem a tempo de protegê-la, a capital da Rússia asiática, reduzida a uma pequena guarnição, cairia em poder dos invasores. E — circunstância gravíssima! — antes que as tropas russas a pudessem reconquistar, o grão-duque,

irmão do imperador, ver-se-ia com certeza exposto à vingança de Ivan Ogareff.

Que seria feito de Miguel Strogoff? Sucumbiria ao peso de tantas provações? Julgar-se-ia vencido por tão prolongada série de fatalidades? Suporia ele, enfim, que, abaladas todas as esperanças, a sua missão estava irremediavelmente perdida? Miguel Strogoff era um desses homens que só se dão por vencidos quando a morte vem fulminá-los. Ora, ele vivia ainda, não fora reconhecido, não recebera nenhum ferimento, e o ofício do czar continuava a permanecer no fundo do bolso.

Naturalmente achava-se entre o número desses prisioneiros que os tártaros arrastavam como vis animais atrás das suas colunas, era, porém, manifesto que, aproximando-se de Tomsk, se aproximava também de Irkutsk. Em todo o caso, ia sempre ganhando terreno sobre o traidor Ivan Ogareff.

«Oh! hei de chegar!» — dizia ele a si próprio.

E, desde que fora preso na estação telegráfica, toda a sua atenção se concentrava num único pensamento: recuperar a liberdade. Como poderia ele escapar-se das escoltas do emir? Vê-lo-ia, quando a ocasião se lhe mostrasse favorável.

O acampamento de Féofar-Cã constituía um espetáculo surpreendente. Vastas e numerosas tendas, feitas de peles, de lonas ou panos de seda, de cores várias, produziam um efeito deslumbrante iluminadas pelos raios do Sol. As extremidades das suas hastes guarneciam-se de vistosas borlas e penachos, que se balouçavam graciosamente no meio de pendões, flâmulas e bandeiras multicolores. As mais ricas destas barracas de campanha, pertencentes aos seides e aos kodjas, que são as primeiras personagens do canado, apresentavam como distintivo da sua elevada categoria um estandarte especial com a lança adornada por uma cauda de cavalo e vários outros emblemas brancos e vermelhos, dispostos artisticamente. Depois seguiam-se pela planície, a perderem-se nos últimos planos do horizonte, alguns milhares de tendas pertencentes aos turcomanos, as quais se chamam karaoy, e tinham sido para aqui transportadas sobre o dorso de camelos.

O acampamento não continha menos de cento e cinquenta mil homens, tanto de infantaria como de cavalaria, reunidos todos sob o nome de alamanos. Entre eles figuravam, como tipos mais importantes do Turquestão, os tadjiks, de feições regulares, grande estatura, olhos e cabelos pretos, formando o grosso do exército invasor. Para esta milícia tinham contribuído os canados do Khokhand e de Kunduza com um contingente quase igual ao de Féofar-Cã. Aos tadjiks sucediam-se outros espécimes de diferentes raças, que residem tanto no Turquestão como nos países limítrofes. Eram os usbeques, de estatura mediana e barba ruiva, semelhantes àqueles que se tinham lançado em perseguição de Miguel Strogoff. Eram os quirguizes, de rosto achatado como os calmucos, vestindo cotas de malha, uns armados de lança, arco e flechas de fabricação asiática, outros manejando o sabre, o mosquete e a tschakane, espécie de machadinha de cabo curto, que não produz senão ferimentos mortais. Eram os mongóis, de altura mediana, cabelo preto, preso numa trança que lhes caía sobre as costas, cara redonda, cor escura, olhos encovados, mas brilhantes, pouca barba, trajando cabaias de ganga azul com guarnições de pelúcia preta, cintos de couro com fivelas de prata, botas bordadas de galões vistosos e gorros de seda enfeitados de peles com três fitas roídas atrás. Eram, enfim, os afeganes, de cor acinzentada, os árabes, com o tipo primitivo das belas raças semíticas, os turcomanos, com os olhos semicerrados, que parecem não ter pálpebras. Todos estes bandos de raças diferentes estavam agora alistados sob a bandeira do emir, bandeira de incendiários, bandeira de assassinos.

A par dos soldados livres contava-se também um certo número de soldados escravos, principalmente persas, comandados por oficiais da mesma origem, e que não eram decerto os menos corajosos do exército de Féofar-Cã.

Juntem-se a estes grupos os judeus, servindo de criados, com as túnicas presas por uma corda, trazendo na cabeça, em vez do turbante, que lhes não permitem usar, pequenos barretes de pano escuro, acrescentem-se ainda algumas centenas de calândares, espécie de religiosos mendicantes, cobertos de andrajos, sobre os quais pende à guisa de manto, a pele de um leopardo, e ter-se-á formado

assim uma ideia quase exata desta enorme aglomeração de tribos diversas, todas atualmente compreendidas na designação geral de exércitos tártaros.

Cinquenta mil destes soldados formavam a cavalaria. Os cavalos não ofereciam menos variedade que os cavaleiros. Entre estes animais, presos por grupos de dez a duas cordas fixadas paralelamente uma à outra, com a cauda enrolada em nó, a garupa e as ancas envolvidas numa rede de seda preta, distinguiam-se os turcomanos, finos de pernas, grandes de altura, luzidios de pelo e garbosos de passo, os usbeques, velozes na carreira, os quirguizes, de pelo claro, apanhados sobre as margens do rio Emba por meio da arcana, que é para os tártaros o mesmo que o laço para os índios da América, os khokhandianos, que, além do cavaleiro, transportam duas tendas e uma bateria completa de cozinha, e ainda muitos outros produtos de raças cruzadas, inferiores a estes em qualidade.

As bestas de carga contavam-se por milhares. Eram os camelos, pequenos mas de proporções harmoniosas, com o pelo comprido, espesso e abundante, especialmente sobre o pescoço, animais submissos e muito mais fáceis de atrelar que o dromedário. Seguiam-se-lhes os nars, outra espécie com uma só giba e o pelo de um vermelho-escuro formando fartos anéis. Por último, viam-se os burros, afeitos ao trabalho, cuja carne, muito apreciada pelos tártaros, constitui para eles uma parte da alimentação. Sobre este conjunto de homens e animais, os cedros e os pinheiros, dispostos em frondosos grupos, espalhavam uma sombra ameníssima, interrompida num ou noutro ponto pela indiscreta claridade de alguns raios luminosos.

Nada na realidade tão pitoresco e animado como este quadro, em cuja reprodução o mais opulento dos coloristas esterilmente esgotaria todos os recursos da sua paleta.

Quando os prisioneiros feitos em Kolyvan passaram por diante das tendas de Féofar-Cã e dos grandes dignitários, rufaram os tambores e soaram as charamelas. A estes sons ruidosos juntaram-se as estridentes descargas da mosquetaria e a detonação mais grave das peças de calibre quatro e seis, que

formavam a artilharia do emir.

A instalação de Féofar-Cã era simplesmente militar. Aquilo que se poderia chamar a sua casa civil, o seu harém e os haréns dos seus aliados tinham ficado em Tomsk, atualmente em poder dos tártaros.

Logo que o acampamento se levantasse, é que Tomsk passaria a servir de residência do emir Féofar, enquanto ele não pudesse trocar esta cidade pela capital da Sibéria oriental.

A tenda de Féofar-Cã dominava todas as outras, no centro de uma clareira a que serviam de fundo admiráveis bétulas e colossais pinheiros. Adornavam-na largos cortinados de um tecido de seda brilhantíssimo, com franjas douradas, apanhados por cordões rematados com borlas de ouro. Diferentes penachos e flâmulas, que o vento agitava como leques, e outros variados troféus, que se entrelaçavam em formas caprichosas, encimavam o fecho desta oriental e guerreira habitação.

Diante dela, sobre uma mesa de laca incrustada de pedras preciosas, via-se aberto o livro sagrado do Corão, com as páginas finamente gravadas em delicadíssimas folhas de ouro. Por cima flutuava o pavilhão tártaro, tendo ao alto as armas do emir.

Ao redor da clareira levantavam-se, em semicírculo, as tendas dos grandes funcionários de Bucara. Ali residiam o chefe das cavalariças, que tem o direito de seguir a cavalo o emir até à entrada do seu palácio, o grande falcoeiro, o husch-bégui, portador do selo real, o toptschi-baschi, grão-mestre da artilharia, o kodja, chefe do conselho, que recebe a distinção de ser beijado pelo príncipe e que pode apresentar-se diante dele com o cinto despregado, o seheikh-ul-islam, chefe dos ulemás, representante dos sacerdotes, o caziaskev, que na ausência do emir julga todas as contestações suscitadas entre os militares, e, finalmente, o chefe dos astrólogos, cujo emprego consiste em consultar as estrelas sempre que o emir pensa em sair de um para outro ponto.

Este, na ocasião em que os prisioneiros chegavam ao acampamento, estava recolhido na sua tenda. Foi salutar a sua ausência. Uma palavra ou um gesto seu

bastariam para servir de sinal a uma horrorosa carnificina. Ele, porém, encontrava-se naquele isolamento que constitui em parte a majestade dos monarcas orientais. O que se não vê mais facilmente se admira e mais facilmente se teme.

Os prisioneiros foram metidos num cerrado. Aqueles infelizes, maltratados, escarnecidos e expostos às intempéries, ficariam ali esperando que Féofar-Cã dispusesse deles a seu bel-prazer.

De todos estes prisioneiros, o mais dócil, se não o mais sofredor, era com certeza Miguel Strogoff. Deixava-se levar sem reagir, porque desta forma se ia aproximando sempre do ponto aonde queria chegar e em melhores condições do que o poderia fazer entregue aos seus próprios recursos. Tentar uma evasão antes de entrar em Tomsk era expor-se a ser de novo apanhado pelos exploradores que batiam a estepe. A linha mais oriental ocupada agora pelas colunas tártaras não se prolongava além do octogésimo segundo meridiano, que passa por Tomsk. Se Miguel Strogoff conseguisse transpor este meridiano, ficaria livre das hordas inimigas, podendo atravessar sem perigo o Yenisei e aproximar-se de Krasnoiarsk antes que Féofar-Cã invadisse esta província.

— Logo que esteja em Tomsk — dizia ele consigo mesmo a fim de refrear alguns movimentos de impaciência de que nem sempre era senhor —, achar-me-ei em poucos minutos para lá dos postos avançados, e doze horas que possa ganhar sobre Féofar-Cã, outras doze sobre Ivan Ogareff, bastarão para que chegue primeiro do que eles a Irkutsk.

O que, sobretudo, receava Miguel Strogoff era, e com razão, a presença de Ivan Ogareff no acampamento tártaro. Além do perigo de ser reconhecido, sentia, por uma espécie de instinto, que lhe convinha especialmente fugir dele. Preocupava-o também a junção das tropas de Ivan Ogareff com as de Féofar-Cã, de que resultaria o exército invasor poder marchar em massa sobre a capital da Sibéria oriental. As suas apreensões provinham todas da possibilidade de se realizar esta junção, por isso, a cada instante se punha a observar se os clarins anunciariam a chegada ao acampamento do lugar-tenente do emir.

A estes receios juntavam-se as saudades de sua mãe e de Nadia, uma retida em Omsk, a outra arrebatada pelos tártaros no Irtyche, e sem dúvida alguma cativa também, como a velha Marfa. E Miguel Strogoff via-se na impossibilidade de ser útil a qualquer delas! Torná-las-ia a ver? Ante semelhante incerteza apertava-se-lhe de amargura o coração.

Da mesma forma que Miguel Strogoff e muitos outros prisioneiros, também Alcide Jolivet e Harry Blount haviam sido transportados para o acampamento. O correio do czar, surpreendido como eles na estação telegráfica, sabia que os tinha agora por companheiros neste mesmo cerrado, cujas saídas eram vigiadas por numerosas sentinelas. Contudo, não julgou prudente acercar-se deles. Pouco lhe importava o juízo que os dois jornalistas, depois daquela fatal cena de Ichim, pudessem formar a seu respeito. O que ele pretendia era estar só para só também dirigir os seus movimentos.

Alcide Jolivet, depois que o seu colega caiu ferido junto dele, nunca mais deixou de lhe prodigalizar os maiores cuidados e carinhos.

Durante o enfadonho trajeto de Kolyvan para o acampamento, isto é, durante muitas horas de marcha, Harry Blount, apoiado ao braço do seu colega, lá foi seguindo como pôde a leva dos prisioneiros. Quis, é certo, fazer valer a qualidade de súbdito britânico, mas de nada lhe serviu essa tentativa, em presença de bárbaros que só sabiam argumentar com cutiladas e lançadas. O correspondente do Daily Telegraph teve, pois, de se sujeitar à sorte comum, embora lhe ficasse livre o direito de reclamar posteriormente contra a maneira como fora tratado. O trajeto, porém, tornou-se-lhe bastante difícil, em consequência do ferimento recebido, e, sem o generoso auxílio de Alcide Jolivet, talvez que o fleumático jornalista não tivesse podido chegar ao acampamento.

Alcide Jolivet, a quem uma filosofia prática nunca abandonava, procurou, física e moralmente, animar o colega por todos os meios ao seu alcance. O primeiro cuidado que teve, apenas chegou ao termo da jornada, foi sondar a ferida de Harry Blount. Para esse fim despiu-lhe com muita cautela o casaco, verificando que ele apenas fora atingido de raspão, no ombro, por um estilhaço

de metralha.

— Isto não é nada — disse ele —, uma simples arranhadura. Com dois ou três curativos, o meu colega ficará bom de todo.

— E esses curativos?... — perguntou Harry Blount.

— Eu mesmo lhos farei.

— Pois também sabe de medicina?

— Todos os franceses são mais ou menos médicos.

E, dizendo isto, Alcide Jolivet rasgou ao meio um lenço de assoar, fazendo de uma das metades fios e da outra chumaços. Depois foi buscar água a um poço, que havia próximo, lavou a ferida, que felizmente não era grave, e com o maior jeito e delicadeza colocou um pacho de fios molhados sobre o ombro do ferido.

— Estou-o tratando pelo sistema hidropático — informou ele.

— A água é ainda o mais eficaz sedativo que se conhece para o tratamento de feridas, e hoje o mais adotado. Os médicos levaram seis mil anos para descobrir esta verdade! É tal e qual! Seis mil anos em números redondos.

— Aceite os meus agradecimentos, Sr. Jolivet — disse Harry Blount, estendendo-se sobre uma cama de folhas secas preparada pelo correspondente francês à sombra de uma bétula.

— Não há de quê. O Sr. Blount, no meu caso, teria feito o mesmo.

— Não sei... — respondeu um pouco ingenuamente Harry Blount.

— Qual não sabe! Os ingleses são generosos.

— Decerto, mas os franceses...

— Os franceses têm bom fundo. São talvez uns tolos, não discuto isso, mas o que os resgata é serem franceses. Não se fala mais de agradecimentos, ou, para melhor dizer, não se fala mais seja em que assunto for. O colega precisa absolutamente de repouso.

Mas Harry Blount não desejava estar calado. Se o ferido devia,, por prudência, cuidar de si, o correspondente do Daily Telegraph não era homem para estar por isso.

— Sr. Jolivet, supõe que os nossos telegramas chegassem a passar a fronteira russa? — perguntou Blount.

— E porque não? A estas horas a minha interessante prima sabe já o que deve pensar acerca do combate de Kolyvan.

— De quantos mil exemplares é a tiragem de sua prima? — Inquiriu Harry Blount, que pela primeira vez formulava diretamente uma pergunta de certo modo inconveniente ao seu confrade.

— Bom! — respondeu a rir Alcide Jolivet. — Minha prima é uma senhora muito discreta, que não gosta de que se ocupem dela e que ficaria sumamente contrariada se soubesse que podia perturbar o sono de que o amigo tanto precisa.

— Não tenho vontade de dormir — afirmou o inglês. — Que pensará sua interessante prima com referência à invasão dos tártaros?

— Que não caminha atualmente com muita vantagem para a Rússia. Mas, no fim de contas, o Governo moscovita é poderoso, não pode inquietar-se grandemente com esta guerra de bárbaros, nem a Sibéria, apesar dos reveses iniciais, deixará de fazer parte do império.

— O excesso de ambição tem perdido os grandes impérios — ponderou Harry Blount, que não deixava de ter uma certa inveja “inglesa” acerca das pretensões russas sobre a Ásia central.

— Oh! Não falemos de política — atalhou Alcide Jolivet. — Isso está proibido pela faculdade. A política é prejudicial para os ferimentos no ombro, a não ser que seja aproveitável para sossego dos feridos.

— Falemos então do que nos cumpre fazer — volveu Harry Blount. — Eu não sinto a menor disposição de ficar aqui indefinidamente prisioneiro dos tártaros.

— Nem eu tão-pouco.

— Trataremos, pois, de fugir na primeira ocasião?

— Assim será, se não houver outro meio de recuperar a liberdade.

— Sabe de algum outro? — perguntou Harry Blount, olhando para o colega.

— Certamente! Nós não somos beligerantes, somos neutros. Por

consequência reclamaremos.

— A quem? A esse selvagem de Féofar-Cã?

— Qual! Não nos compreenderia — respondeu Alcide Jolivet. — Reclamaremos ao seu imediato, ao seu lugar-tenente Ivan Ogareff.

— Esse é um patife!

— De acordo, mas é um patife russo. Não ignora, portanto, que se não brinca impunemente com o direito das gentes, e, por fim, que interesse pode ele ter em nos conservar aqui? Há só uma coisa que me prende.

— Qual?

— É que não me sorri a ideia de ter de pedir um favor àquele sujeito.

— Mas ele não está no acampamento, pelo menos eu não o vi — observou Harry Blount.

— há de vir, isso não falha. Precisa de juntar-se ao emir. A Sibéria está cortada pelo meio e, naturalmente, o exército de Féofar-Cã só espera por ele para marchar sobre Irkutsk.

— E logo que nos acharmos livres que faremos?

— Assim que isso aconteça, continuaremos também a nossa campanha, seguindo os tártaros, até que os acontecimentos nos permitam passar para o lado oposto. Convém não abandonar a partida. Que demónio! Nós apenas estamos no princípio. O colega já teve a fortuna de ser ferido ao serviço do Daily Telegraph, enquanto eu ainda estou ileso ao serviço de minha prima. Vamos! Vamos! Bem — ajuntou em voz baixa Alcide Jolivet.

— Deixou-se adormecer! Algumas horas de sono e algumas compressas de água fria bastarão para pôr de pé um inglês. Esta gente parece de ferro batido.

E, enquanto Harry Blount dormia, Alcide Jolivet velava junto dele, depois de sacar do bolso a carteira, que foi enchendo de notas, muito decidido a reparti-las com o colega, para maior satisfação dos leitores do Daily Telegraph.

Os acontecimentos haviam-nos ligado estreitamente. Era, pois, tempo que deixassem de existir rivalidades entre eles.

Capítulo II — Ivan Ogareff

Enquanto Harry Blount e Alcide Jolivet desejavam ardentemente a chegada de Ivan Ogareff ao acampamento, Miguel Strogoff fazia votos para que ele não viesse. De facto, os dois jornalistas tinham tudo a ganhar, logo que lhes fosse reconhecida a sua qualidade de correspondentes estrangeiros. O lugar-tenente do emir não deixaria de os pôr em liberdade, obrigando Féofar-Cã a transigir sobre este ponto, embora o sultão de Bucara tivesse vontade de os tratar como espiões.

Os interesses de Alcide Jolivet e de Harry Blount eram contrários aos de Miguel Strogoff. Este compreendeu tão bem a sua situação e a deles que daí em diante buscou ainda com mais empenho evitar qualquer circunstância que pudesse aproximá-lo dos seus antigos companheiros de viagem.

Passaram-se quatro dias, durante os quais não houve a menor alteração neste estado de coisas. Os prisioneiros ignoravam se o acampamento estava ou não para ser levantado. Vigiados de perto e com severidade, ser-lhes-ia impossível atravessar o cordão de soldados, a pé e a cavalo, que os guardava de noite e dia. A comida destes infelizes, além de péssima, era deficientíssima. Apenas duas vezes em cada vinte e quatro horas se lhes distribuía uma porção de intestinos de cabra, assados em cima de brasas, ou uns bocados de queijo chamado kruta, feito com leite azedo de ovelha, e que, misturado com leite de égua constitui o manjar quirguiz vulgarmente conhecido pelo nome de kumyss. Nisto se cifrava todo o seu alimento! Acrescente-se, também, que o tempo se tornara detestável. Na atmosfera tinham-se produzido grandes perturbações, dando em resultado uma sucessão de trovoadas e de chuvas copiosas. Os prisioneiros, privados de abrigo e conforto, haviam suportado estas insalubres intempéries sem que os seus verdugos sequer pensassem em lhes suavizar os sofrimentos. Alguns feridos de Kolyvan e muitas mulheres e crianças foram vítimas de tão grande desumanidade, e os seus cadáveres teriam ficado por enterrar se aqueles que

sobreviviam não lhes dessem sepultura!

Alcide Jolivet e Miguel Strogoff, cada um por seu lado, mostraram-se incansáveis nestes dias de provação. Ambos diligentes e serviçais, multiplicavam-se com solicitude, acudindo cheios de zelo aonde os seus companheiros mais precisavam deles.

Menos quebrantados pela fadiga que muitos outros, e, além disso, robustos por natureza, conseguiram resistir a esta série de inclemências, repartindo os seus conselhos e cuidados por todos aqueles que padeciam e se desesperavam.

Prolongar-se-ia por muito tempo semelhante situação? Féofar-Cã, satisfeito dos seus primeiros triunfos, quereria demorar-se ainda alguns dias antes de prosseguir na sua marcha sobre Irkutsk? Podia talvez suspeitar-se que assim fosse, mas as circunstâncias incumbiram-se de mostrar o contrário.

O acontecimento que Harry Blount e Alcide Jolivet desejavam tanto quanto Miguel Strogoff o temia veio a realizar-se na manhã de 17 de agosto.

Notou-se nesse dia um estranho movimento. Ouviram-se toques das charamelas, rufaram os tambores e sucederam-se as descargas. É que, para os lados de Kolyvan, levantava-se uma espessa nuvem de poeira, e Ivan Ogareff, seguido de muitos milhares de soldados, entrava no acampamento do emir.

Era um verdadeiro corpo de exército que ele trazia consigo. Os seus diversos regimentos de cavalaria e de infantaria formavam parte da coluna que se tinha apoderado de Omsk. Ivan Ogareff, não podendo tomar a cidade alta, na qual, como se sabe, se haviam concentrado o governador e a guarnição, desistira por fim desse propósito, para não protrair as operações de que dependia a conquista da Sibéria oriental. Deixara, pois, uma guarnição suficiente na cidade baixa e viera reunir-se ao grosso do exército de Féofar-Cã, marchando à frente das suas hordas e reforçando-as pelo caminho com os vencedores de Kolyvan.

Os soldados de Ivan Ogareff fizeram alto quando chegaram aos postos avançados do acampamento. Não tiveram ordem para acampar. O projeto do seu general era sem dúvida conduzi-los a Tomsk, cidade importante, destinada, naturalmente, a tornar-se quanto antes o centro das próximas operações.

Além dos seus regimentos, Ivan Ogareff era também acompanhado por uma leva de russos e siberianos, aprisionados em Omsk e nas diferentes localidades por onde o traidor acabava de passar como vitorioso. Estes infelizes, não podendo ser reunidos aos que já se acumulavam no cerrado, foram mandados distribuir pelos postos avançados, onde ficaram sem abrigo e quase sem alimento. Que sorte lhes destinaria Féofar-Cã? Interná-los-ia em Tomsk, ou reservá-los-ia para algum desses bárbaros suplícios, tão familiares aos chefes tártaros? Só o próprio emir poderia dizê-lo.

As forças de Ivan Ogareff não tinham saído de Omsk sem trazerem atrás de si essa turba de mendigos, de forrageadores e de boémios que formam habitualmente a retaguarda de um exército em campanha. Todos estes indivíduos, vivendo à custa das localidades que atravessavam, não haviam deixado muito que pilhar para os que viessem depois deles. Tornava-se, portanto, indispensável avançar, ainda que mais não fosse senão para assegurar munições de boca às imensas colunas expedicionárias. Toda a região compreendida entre as margens do Ichim e do Obi, batida pelos exploradores, estava já completamente exausta de recursos.

Era, pois, um deserto que os tártaros iam deixando por onde passavam, deserto que os próprios russos teriam dificuldade em atravessar posteriormente.

Entre esses boémios, vindos das províncias ocidentais, figurava o bando tzigano que tinha viajado com Miguel Strogoff a bordo do Cáucaso e que era dirigido por Sangarra. Esta espia, semibárbara, alma danada de Ivan Ogareff, nunca desamparava o seu senhor. Viu-se como ambos prepararam em comum, no governo de Nijni-Novgorod, o seu plano de conspiração, e como ambos conseguiram passar despercebidos às investigações da polícia. Fora também juntos que ambos tinham atravessado a cadeia dos Urais, separando-se apenas durante alguns dias — Ivan Ogareff para seguir mais rapidamente, via Ichim, Sangarra para dar entrada com as suas boémias em Omsk, pelo Sul da província.

Pode imaginar-se facilmente a vantagem que representava para Ivan Ogareff o concurso desta mulher. Pelas suas boémias entrava ela em toda a parte,

ouvindo e observando o que se dizia. Ivan Ogareff conhecia até o que se passava no coração das províncias invadidas. Eram cem olhos, cem ouvidos trabalhando por sua conta com afinco e boa vontade. De resto, ele pagava sempre com generosidade esta espionagem, de que tão bons resultados colhia.

Sangarra, condenada noutro tempo a uma pena grave, tinha sido salva por este oficial russo. Reconhecida desde então pelo favor recebido, nunca mais deixara de pertencer de corpo e alma ao seu salvador.

Ivan Ogareff, ao lançar-se nos tortuosos caminhos da traição, compreendera logo o partido que podia tirar desta mulher. Fossem quais fossem as ordens que lhe desse, Sangarra executava-as sempre com o maior zelo. Um instinto inexplicável, superior decerto ao da gratidão, levara esta boémia a fazer-se escrava do traidor. Confidente e cúmplice, sem pátria e sem família, Sangarra punha dedicadamente a sua existência vagabunda ao serviço dos invasores, que Ivan Ogareff arremessava sobre a Sibéria. À prodigiosa e natural astúcia da sua raça juntava Sangarra uma energia feroz, incapaz de perdão ou piedade. Era uma selvagem digna de compartir o zuigzuam de um apache ou a choça de uma andamaniana.

Desde que chegara a Omsk, na companhia das suas tziganas, nunca mais se afastara de junto do seu senhor.

A situação que pusera Marfa Strogoff em presença de seu filho não lhe era desconhecida. Os receios que perseguiam Ivan Ogareff, com referência à viagem de um correio mandado de Moscovo a Irkutsk, também ela os conhecia e também neles tomava parte. Sangarra era, finalmente, bastante perversa para pôr a tratos a mãe de Miguel Strogoff, com todo o requinte de um pele-vermelha, a fim de lhe arrancar do peito o segredo que ela se obstinava em lá guardar.

Contudo, Ivan Ogareff ainda não julgara chegado o momento de obrigar a velha siberiana a fazer revelações. Assim, pois, Sangarra continuava a esperar com paciência, não perdendo de vista a sua vítima, espiando-a noite e dia, espreitando-lhe todos os gestos e procurando inutilmente ouvir-lhe pronunciar a palavra “filho”, que Marfa Strogoff, com inalterável impassibilidade, persistia

em não deixar sair dos lábios.

Apenas ressoaram no acampamento os primeiros sons das charamelas e dos tambores, o grão-mestre de artilharia e o chefe das cavalariças do emir partiram logo ao encontro de Ivan Ogareff, seguidos de um ruidoso e brilhante esquadrão de usbeques a cavalo.

Chegados à sua presença, prestaram-lhe as devidas honras militares e ofereceram-se para o acompanhar até à tenda de Féofar-Cã.

Ivan Ogareff, imperturbável como sempre, correspondeu friamente às atenções dos altos funcionários que tinham vindo recebê-lo. Vestia com extrema simplicidade, mas, por uma bravata impudente, ainda trazia o uniforme de oficial russo.

No momento em que largava as rédeas ao cavalo para transpor a entrada do acampamento, Sangarra, atravessando por entre os oficiais do esquadrão, aproximou-se dele e ficou imóvel.

— Nada? — perguntou-lhe Ivan Ogareff.

— Nada.

— Sê paciente.

— Esperas obrigá-la a falar dentro em pouco?

— Espero, Sangarra.

— Quando?

— Quando chegarmos a Tomsk!

— E quando chegaremos lá?

— Daqui a três dias.

Os rasgados olhos pretos de Sangarra faiscaram de brilho, depois, a boémia afastou-se com passo vagaroso.

Ivan Ogareff chegou as esporas ao cavalo e, acompanhado do seu estado-maior, composto de oficiais tártaros, dirigiu-se para a tenda do emir.

Féofar-Cã estava à espera do seu lugar-tenente. O conselho, formado pelo kodja, pelo portador do selo real e por vários outros altos dignitários, ocupava os seus respetivos lugares em redor do príncipe asiático.

Ivan Ogareff apeou-se e penetrou na tenda, adornada interiormente com excessiva opulência e toda atapetada de alcatifas bucarianas, sob cuja espessa felpa desapareciam os pés.

Ivan Ogareff achou-se em frente do emir.

Féofar-Cã era um homem de quarenta anos, alto, rosto pálido, olhar feroz e fisionomia cruel. Uma barba preta, formando sucessivos anéis, descia-lhe sobre o peito. O seu trajo de guerra compunha-se de uma cota de malha de prata e ouro, talabarte cravejado de pedras preciosas, sabre curvo como um latagã, com a bainha recamada de gemas cintilantes, botas com acicates de ouro e capacete adornado por uma roseta de diamantes, que ofuscavam pela esplêndida intensidade de seus lumes.

Féofar-Cã assim vestido oferecia à vista o aspeto de um Sardanapalo, mais extravagante que imponente. Era este o soberano que dispunha a seu capricho da vida e fortuna dos seus vassalos e a quem, por especial privilégio do seu ilimitado poder, se dava em Bucara a designação de emir.

No momento em que se apresentou Ivan Ogareff, os grandes dignitários deixaram-se ficar sentados nos seus coxins de veludo franjados de ouro. Féofar, porém, levantou-se de um rico divã em que a profusão dos bordados quase escondia a cor dos estofos.

O emir caminhou para Ivan Ogareff e deu-lhe um beijo, o que tinha altíssima significação. Este beijo fazia do seu lugar-tenente o chefe do conselho e colocava-o temporariamente acima do próprio kodja. Depois, dirigindo-se a Ivan Ogareff:

— Não preciso interrogar-te — disse Féofar-Cã. — Fala, Ivan.

Todos aqui te aguardavam como aquele que muito prezamos.

— Takhsir![9] — respondeu Ivan Ogareff —, prepara-te para me ouvires.

Ivan Ogareff exprimia-se em tártaro e dava às suas palavras a expressão enfática que tanto caracteriza a linguagem dos orientais.

— Takhsir, urge que não gastemos o tempo em vãs palavras. O que eu fiz à

frente das tuas tropas sabe-lo tu de sobra. Pertencem-nos as linhas do Ichim e do Irtyche, e os cavaleiros turcomanos já podem banhar os seus cavalos nas águas daqueles rios tornados tártaros pelo valor dos nossos soldados. As hordas dos quirguizes levantaram-se à voz poderosa de Féofar-Cã, e é teu todo o caminho que se estende desde Ichim a Tomsk. Podes agora, pois, arremessar as tuas colunas, quer sobre as províncias siberianas onde o Sol nasce, quer sobre aquelas onde o Sol se esconde.

— E se dirigir o meu corcel para as regiões onde se esconde o Sol? — perguntou o emir, que ouvia Ivan Ogareff sem que no rosto desse a perceber os seus íntimos pensamentos.

— Se marchares para o poente — respondeu Ivan Ogareff —, aproximar-te-ás da Europa, conquistando na tua passagem triunfal todo o país desde Tobolsk até à cadeia dos Urais.

— E se me lançar na direção em que esse facho luminoso se levanta?

— Fá-lo-ás cair no teu domínio, juntamente com o mais opulento solo da Sibéria.

— E os exércitos do sultão de Petersburgo? — insistiu Féofar-Cã, designando por este caprichoso título o imperador da Rússia.

— Nada receies dele, Takhsir — respondeu Ivan Ogareff. — A invasão foi tão rápida que Tobolsk ou Irkutsk hão de ser tuas antes que as forças russas possam correr em seu auxílio. Os soldados do czar foram vencidos em Kolyvan, como hão de sê-lo por toda a parte onde as tuas armas se encontrem frente a frente com as hordas moscovitas.

— E que plano te inspira a tua dedicação pela nossa causa? — Inquiriu o emir, depois de alguns momentos de silêncio.

— O meu plano — volveu com vivacidade Ivan Ogareff —, consiste em marchar em oposição ao curso do sol, em dar a pastar aos nossos cavalos a erva fresca e abundante das estepes orientais. O meu plano é tomar Irkutsk, capital das províncias de leste, e, juntamente com ela, fazer cair em nosso poder o refém cuja posse vale tanto como um país inteiro. Cumpre que, à falta do czar, seja o

grão-duque seu irmão.

Era esta a verdadeira e suprema aspiração do traidor Ivan Ogareff.

Ouvindo-o falar assim, julgar-se-ia que ele era algum desses cruéis descendentes de Stepan-Razine, o célebre pirata que devastou a Rússia meridional no século XVIII. Apoderar-se do grão-duque, feri-lo sem piedade, tal era o objetivo que o seu ódio tinha por mira. Além disso, a tomada de Irkutsk colocava imediatamente sob o domínio dos tártaros toda a Sibéria oriental.

— Que ordens são as tuas, Takhsir?

— Ordeno que o nosso quartel-general seja hoje mesmo transferido para Tomsk.

Ivan Ogareff inclinou-se respeitosamente e, seguido do husch-bégui, saiu de pronto para pôr em execução as determinações do emir.

No momento em que ele ia a montar a cavalo, a fim de voltar aos postos avançados, sentiu-se a curta distância um tumulto, que partia do local destinado aos prisioneiros. Ouviram-se gritos e logo depois a detonação de dois ou mais tiros de espingarda.

Seria porventura alguma tentativa de revolta ou de evasão que se tratava sumariamente de reprimir?

Ivan Ogareff e o husch-bégui deram alguns passos para diante, quando, quase de repente, lhes apareceram dois homens, que os soldados mal podiam segurar.

O husch-bégui, sem mais preâmbulos, fez um gesto que equivalia a uma sentença de morte, e as cabeças destes dois homens iam rolar no chão quando Ivan Ogareff proferiu algumas palavras que suspenderam o sabre já levantado sobre elas.

O russo acabava de reconhecer que os dois presos eram estrangeiros, e deu ordem para que os levassem à sua presença.

Eram efetivamente Harry Blount e Alcide Jolivet.

Desde a chegada de Ivan Ogareff ao acampamento que eles pediam, mas em vão, para que os conduzissem à presença do lugar-tenente do emir. Desta recusa

resultou uma tentativa de fuga, seguida de luta entre os correspondentes e as suas sentinelas que dispararam alguns tiros, os quais não chegaram felizmente a feri-los. Entretanto, a sua execução não se teria feito esperar, em vista do expressivo gesto do husch-bégui, se o lugar-tenente do emir não interviesse tão a-propósito.

Ivan Ogareff examinou com atenção os dois estrangeiros, que lhe eram completamente desconhecidos. Podia-os ter visto na estação de Ichim, quando ali encontrou Miguel Strogoff, contudo, não fizera então reparo algum nas pessoas que tinham presenciado o seu brutal conflito com o correio do czar.

Harry Blount e Alcide Jolivet, pelo contrário, haviam-no reconhecido perfeitamente, a ponto de este último dizer em voz baixa para o colega:

— Ora esta! Parece que o coronel Ogareff e o agressor de Ichim são ambos o mesmo indivíduo.

Depois, acrescentou ao ouvido de Harry Blount:

— Exponha o nosso caso, meu caro Blount. Obsequiar-me-á nisso extraordinariamente. Este oficial russo no meio dos tártaros faz-me nojo, e, se bem que lhe deva a mercê de estar ainda com a cabeça sobre os ombros, não poderia fitá-lo de frente sem sentir por ele invencível repugnância.

E, dizendo isto, Alcide Jolivet fez gala em mostrar por Ivan Ogareff a mais completa e altiva indiferença.

Ivan Ogareff compreenderia acaso o que tinha para ele de ofensiva aquela atitude do prisioneiro? Se o percebeu, não o deu a conhecer.

— Quem são os senhores? — perguntou ele em russo, com modos secos, mas sem aquela aspereza que era a verdadeira pedra de toque do seu caráter.

— Dois correspondentes de jornais que se publicam em Londres e Paris — respondeu friamente Harry Blount.

— Trazem papéis que possam autenticar a vossa identidade?

— Aqui estão algumas cartas que nos acreditam na Rússia junto das nossas respetivas embaixadas.

Ivan Ogareff pegou nas cartas que lhe apresentava Harry Blount e leu-as com atenção. Depois acrescentou:

— Pretendem seguir as nossas operações na Sibéria?

— Pretendemos apenas ser postos em liberdade — retorquiu secamente Harry Blount.

— Já o estão, meus senhores — respondeu Ivan Ogareff. — E deixe-me dizer-lhe, que teria certo empenho em ler as suas crónicas no Daily Telegraph.

— Cada número custa seis pence, fora o porte do correio — replicou Harry Blount com o mais imperturbável sangue-frio.

E, em seguida, Harry Blount olhou para o colega, que pareceu aprovar completamente a propriedade da resposta.

Ivan Ogareff não pestanejou e, montando a cavalo, pôs-se à frente da sua escolta, desaparecendo imediatamente numa nuvem de poeira.

— Então, meu amigo, o que pensa do coronel Ivan Ogareff, general-chefe dos exércitos tártaros? — perguntou Harry Blount.

— Penso, meu caro colega — respondeu a rir Alcide Jolivet —, que o husch-bégui teve um gesto admirável quando ordenou que nos cortassem a cabeça.

Fosse qual fosse a razão que levara Ivan Ogareff a ser generoso com os dois jornalistas, o certo é que ambos estavam livres, podendo por consequência percorrer sem obstáculos o teatro da guerra, como era sua intenção. A espécie de antipatia que tinham anteriormente sentido um pelo outro convertera-se em sincera amizade. Unidos pelos acontecimentos, não pensavam já em separar-se, agora que as mesquinhas questões de rivalidade haviam de todo desaparecido. Harry Blount nunca poderia esquecer o que devia ao seu companheiro, embora este procurasse apagar-lhe da memória os serviços já prestados. Finalmente, as relações íntimas dos dois correspondentes, auxiliando-se mutuamente, deviam traduzir-se em proveito manifesto dos seus respetivos leitores.

— E agora, — perguntou Harry Blount —, que faremos da nossa liberdade?

— Utilizarmo-nos dela, já se deixa ver — respondeu Alcide Jolivet —, partindo quanto antes para Tomsk, a fim de presenciar o que lá se passa.

— Até que na primeira ocasião possamos reunir-nos a alguma divisão russa.

— Exatamente, meu caro Blount. A parte brilhante da atual campanha não

pode deixar de pertencer àqueles que trazem com as suas armas os frutos da civilização. Esta onda invasora, com que os povos da Ásia central têm tudo a perder e nada a lucrar, há de ser mais dia menos dia repelida pelos russos. Isso depende apenas de uma simples questão de tempo. Em vista, pois, do que certamente acontecerá, parece-me que o melhor é não nos deixarmos tartarizar.

E Harry Blount demonstrou com um gesto afirmativo que aceitava perfeitamente as considerações do seu colega.

Capítulo III — As duas cativas

A chegada de Ivan Ogareff, que tinha proporcionado a liberdade a Harry Blount e a Alcide Jolivet, poderia ser motivo para Miguel Strogoff de uma nova e perigosa complicação.

Efetivamente, se o acaso permitisse que o correio do czar fosse visto por Ivan Ogareff, era muito de supor que este se recordasse de o ter encontrado na estação de Ichim, e, conquanto Miguel Strogoff não houvesse respondido ao insulto ali recebido, isso não impediria que o seu agressor o reconhecesse, tornando-se por consequência difícil, se não impossível, a continuação da sua viagem.

Era este o lado mau da questão para Miguel Strogoff. Contudo, uma consequência vantajosa resultou logo para ele da chegada de Ivan Ogareff: a ordem de se levantar o acampamento e de se transferir para Tomsk o quartel-general de Féofar-Cã.

Era este o mais ardente desejo de Miguel Strogoff. O seu fim, como se sabe, era chegar a Tomsk confundido com os outros prisioneiros, isto é, sem correr o perigo de cair nas mãos dos exploradores tártaros que infestavam os arredores desta importante cidade siberiana.

Todavia, com a chegada de Ivan Ogareff ao acampamento, e com o receio de ser por ele reconhecido, Miguel Strogoff perguntava a si próprio se não seria melhor renunciar ao seu primeiro projeto, substituindo-o antes por uma evasão durante a viagem para Tomsk.

Miguel Strogoff ia sem dúvida pôr em ação esta última ideia quando soube que Féofar-Cã e Ivan Ogareff já tinham partido à frente de alguns milhares de cavaleiros.

«Esperarei, pois, a não ser que no caminho se me apresente alguma ocasião excecional para fugir. As dificuldades que me rodeiam antes de chegar a Tomsk

são enormes, enquanto diminuem imenso para lá daquela cidade. Tudo é por mim logo que eu possa em algumas horas atravessar os postos inimigos que se estendem na linha de leste. Ainda três dias de resignação, e Deus seja comigo!», pensava Miguel Strogoff.

Era, com efeito, uma viagem de três dias que os prisioneiros, sob a vigilância de uma numerosa escolta de tártaros, tinham de fazer pela estepe. O acampamento só distava da cidade cento e cinquenta verstas, viagem fácil para os soldados do emir, bem providos do necessário, viagem penosíssima para os presos, já quebrantados por anteriores privações. Mais de um cadáver devia ficar marcando pela estrada a passagem destes infelizes!

Foi às duas horas da tarde do dia 12 de agosto, sob um céu claro e uma temperatura muito elevada, que o toptschi-baschi mandou pôr a caminho os prisioneiros.

Alcide Jolivet e Harry Blount, esses, depois de terem comprado dois cavalos, haviam partido para Tomsk, onde a lógica dos acontecimentos ia brevemente reunir as principais personagens desta história.

No número dos prisioneiros conduzidos ao acampamento por Ivan Ogareff contava-se uma velha siberiana tão concentrada e taciturna que não havia maneira de vê-la trocar uma só palavra com as suas companheiras de infortúnio. De seus lábios cerrados não saía um queixume, um gemido sequer! Dir-se-ia que era a estátua da dor. Esta mulher, quase sempre imóvel, e mais particularmente vigiada pelos guardas, estava longe de suspeitar que outra mulher, a tzigana Sangarra, a não largava de vista. Apesar da sua idade avançada, esta siberiana tivera de seguir a pé a leva dos presos desde Omsk até aqui, ao acampamento, sem que houvesse para com ela o menor vislumbre de caridade.

Todavia, o destino providencial colocara junto dela um ente bom e corajoso, que parecia vindo do céu para lhe adoçar as amarguras e lhe suavizar as fadigas. Entre os numerosos grupos destas desventuradas, que os invasores roubavam aos carinhos da família e do lar, havia uma rapariga, tão notável pela formosura como pela impassível serenidade do seu porte, que se dedicara desde o princípio

a servir de amparo àquela velhice respeitável. Nenhuma palavra ainda se trocara entre estas duas mulheres, uma no desabrochar dos anos, outra no declinar da vida, mas a mais nova nunca deixara de estar ao lado da mais idosa quando, por qualquer motivo, a sua intervenção se tornou imprescindível. É certo que a velha siberiana não aceitara desde logo sem desconfiança os silenciosos obséquios de que era alvo. Entretanto, o franco e aberto olhar da rapariga, a sua recatada reserva e a misteriosa simpatia que uma igual comunhão de sofrimentos estabelecera entre Iguais infortúnios tinham ido pouco a pouco desvanecendo a sobranceira indiferença de Marfa Strogoff.

Nadia, pois era ela, conseguira, sem o saber, dispensar à mãe uma parte dos cuidados que havia dedicado ao filho. A sua instintiva bondade tinha-a duplamente inspirado. Protegendo a velha prisioneira, era a si própria que se protegia, porque escudava a sua formosura e mocidade no respeito que, até mesmo entre bárbaros, sempre os muitos anos incutem.

No meio desta multidão de infelizes exacerbados pelo sofrimento, o silêncio daquelas duas mulheres, uma das quais parecia ser avó da outra, impunha a todos interesse e simpatia.

Nadia, depois de raptada pelos soldados que guarneciam as barcas tártaras na passagem do Irtyche, tinha sido levada para Omsk. Ali esteve prisioneira como muitas outras, padecendo as mesmas inclemências que pesavam sobre todos os desgraçados caídos em poder de Ivan Ogareff. O mesmo é dizer que tivera sorte igual à de Marfa Strogoff.

Se não fora a sua forte compleição, Nadia não teria resistido certamente ao duplo golpe que a feriu. A interrupção da sua viagem e a morte de Miguel Strogoff haviam-lhe causado uma impressão dolorosíssima. Por cúmulo de fatalidade, Nadia vira de repente desvanecerem-se todas as suas esperanças. Depois de vencidos tantos obstáculos, quando já se julgava quase nos braços de seu pai, viera a invasão afastá-la daquele ente querido, roubando-lhe, além disso, o intrépido companheiro que a Providência parecia ter colocado no seu caminho para lhe servir dedicadamente de protetor e de guia!

Do pensamento da infeliz menina não se apagava a imagem de Miguel Strogoff, que ela vira desaparecer nas águas do Irtyche, ferido de uma lançada. E devia ter assim morrido um homem como aquele? Para quem guardaria Deus os seus milagres, se este justo, que tinha com certeza uma alta missão a cumprir, sucumbira barbaramente antes de a ver concluída? Algumas vezes a cólera e a desesperação sucediam-se às lágrimas e às saudades.

Aquele pungentíssimo ultraje, feito ao seu companheiro em Ichim, voltava-lhe então à memória, afogueando-lhe o rosto de cólera.

— Quem vingará aquele infeliz, que já não pode vingar-se por suas mãos? — exclamava ela com exaltação. E nas suas orações a pobre menina dirigia-se ao Altíssimo, pedindo-lhe numa súplica fervorosa:

— Senhor! Senhor! Permiti que seja eu!

Se, antes de morrer, Miguel Strogoff tivesse tido tempo de lhe confiar o seu segredo!... Se, apesar de mulher e de criança quase, ela pudesse levar a termo a empresa incompleta deste irmão que Deus lhe não devia ter dado para lho roubar tão depressa!...

Absorta nestes pensamentos, não era para estranhar que se mostrasse como que insensível às misérias do seu cativeiro.

Fora então que o acaso a ligara a Marfa Strogoff sem ela o saber. E como poderia supor a jovem livoniana que esta mulher fosse a mãe do negociante de Irkutsk, Nicolau Korpanoff?

Por seu lado, também, como poderia Marfa Strogoff adivinhar os laços de reconhecimento que prendiam esta rapariga a seu filho?

O que de princípio atraiu Nadia para a mãe de Miguel Strogoff foi a espécie de resignação secreta com que a corajosa siberiana suportava a sua atual situação. Esta indiferença estoica pelas dores materiais que a rodeavam, este desprezo absoluto pelas privações do corpo, só podia provir de uma dor moral muito mais forte.

Era isso que Nadia supunha, e era isso que na realidade sucedia. Foi, pois, em virtude de uma simpatia instintiva por este padecer íntimo e reservado de

Marfa Strogoff que ela começou a dedicar-lhe extrema afeição. A maneira como a velha siberiana sabia suportar os seus pesares quadrava-se perfeitamente com os sentimentos varonis da filha do exilado. Esta, pois, não procurou oferecer-lhe os seus serviços: deu-lhos espontaneamente. E Marfa Strogoff, sempre Imóvel, nem teve de rejeitá-los, nem teve de agradecê-los. Nas subidas mais íngremes da estrada, Nadia achava-se sempre a seu lado para ampará-la com o auxílio do seu braço. Às horas em que os parcos alimentos eram distribuídos, Marfa Strogoff não se movia para reclamar o seu quinhão, porém, Nadia nunca deixava de repartir com ela do que tinha, e era assim que para ambas se ia encurtando pouco a pouco esta via dolorosa. Graças à proteção da sua jovem companheira, Marfa Strogoff pôde acompanhar as escoltas que iam de guarda aos presos sem ser amarrada ao arção duma das selas, como sucedia a tantos outros dos seus infelizes compatriotas.

— Que Deus te pague, minha filha, o muito que tens feito pelos meus cansados anos — disse uma vez Marfa Strogoff, e foram estas, durante algum tempo, as únicas palavras que se trocaram entre ambas.

As horas consumidas nesta viagem eram longas como séculos. Parecia que as duas mulheres deveriam ter pensado em aproveitá-las, conversando uma com a outra sobre as suas recíprocas situações. Entretanto, Marfa Strogoff, por melindres fáceis de avaliar, só dissera até aqui algumas palavras, e essas mesmas de extrema concisão. Não lhe convinha de modo algum aludir a seu filho, nem ao funesto encontro que tivera com ele dias antes.

Nadia, por seu lado, mostrava-se também, se não muda, pelo menos sóbria, não pronunciando palavras desnecessárias. Contudo, uma vez, reconhecendo que tinha diante de si quem soubesse compreendê-la, e deixando desafogar o coração, principiou a contar a Marfa Strogoff, sem encobrir nenhum, todos os acontecimentos em que se tinha visto envolvida desde a sua partida de Wladimir até à morte de Nicolau Korpanoff. Tudo que Nadia relatava do seu esforçado companheiro parecia interessar de um modo bastante extraordinário à velha siberiana.

— Nicolau Korpanoff — disse ela — Conheço apenas um homem, um só entre toda a mocidade de agora, que era capaz de fazer o que esse fez. E chamava-se deveras Nicolau Korpanoff? Estás bem certa disso, minha filha?

— Para que me enganaria ele sobre esse ponto, se foi sempre tão leal comigo em tudo o mais?

Entretanto, Marfa, movida por uma espécie de pressentimento, dirigia à sua companheira perguntas sobre perguntas.

— Disseste-me que era intrépido, minha filha. Provaste-me que o tinha sido.

— Decerto — confirmou Nadia.

— Era assim também que se teria mostrado o meu Miguel — disse Marfa Strogoff para si mesma.

Depois acrescentou:

— Disseste-me também que nunca recuava diante do perigo, que nada o fazia estremecer, que era tão afetuoso no meio da sua própria força, como se juntasse aos ímpetos da coragem as meiguices de mulher, finalmente, que velara sobre ti como só poderia fazê-lo tua mãe?

— Assim foi — afirmou Nadia. — Os extremos de irmão casavam-se nele com os afagos de mãe.

— E via-lo sempre como um leão quando se tratava da tua defesa?

— Um leão, na verdade! — confirmou Nadia. — Um leão... Um herói!

— Era o meu filho! Só podia ser o meu filho! Só podia ser ele! — pensou mentalmente a velha Marfa. — Disseste-me, porém, que ele suportou uma cruel afronta na estação de posta de Ichim?

— Assim foi — respondeu Nadia, baixando os olhos.

— Assim foi? — perguntou Marfa Strogoff, estremecendo.

— Não o condene, porém. Havia nas suas ações um mistério de que só Deus a estas horas pode ser juiz.

— E... — continuou Marfa, levantando a cabeça e olhando para Nadia como se quisesse ler até ao fundo da sua consciência — e nessa hora de humilhação sentiste por ele algum desprezo?

— Admirei-o sem o compreender — declarou Nadia. — Nunca o julguei tão digno do meu respeito como naquele momento.

Marfa calou-se como para concentrar os seus pensamentos.

— Era alto? — perguntou.

— Era.

— E de boa aparência? Vamos, fala, minha filha.

— Tinha a beleza própria de um homem — respondeu Nadia, tingindo-se-lhe as faces de uma casta vermelhidão.

— Era meu filho! Afianço-te que era meu filho — exclamou a velha Marfa, beijando Nadia num transporte de júbilo.

— Teu filho?... — exclamou Nadia perplexa. — Teu filho?

— Vamos, minha filha, acaba a tua narração. Esse companheiro, esse amigo, esse protetor, tinha mãe, pois não tinha? E falava-te dela? Dize que não me engano.

— Se falava! Falava-me dela com o mesmo carinho com que eu falava de meu pai a todos os momentos! Ah! E como ele adorava sua mãe!

— Nadia... Nadia, a história que acabas de me contar é a história de meu filho! — exclamou a velha siberiana.

E ajuntou com sobressalto:

— Não te dizia ele que iria ver sua mãe, quando passasse por Omsk?

— Não lhe era isso possível — respondeu Nadia.

— Não?! — exclamou Marfa. — Ousas dizer-me que não!

— Digo, mas devo também acrescentar que por motivos especiais, motivos que eu não conhecia, pareceu-me compreender que Nicolau Korpanoff era obrigado a Passar por Omsk sem se dar a conhecer.

— Sem se dar a conhecer?

— Ia nesse incógnito a sua salvação, mais ainda: a sua honra, o seu dever.

— Dever na verdade, dever imperioso — tornou a velha siberiana —, um desses deveres a que tudo se sacrifica, mesmo a santa alegria de se dar um beijo à própria mãe, o último talvez! Tudo que tu não sabes, minha filha, tudo que eu

própria ignorava adivinhei-o agora. Fizeste-me ver tudo num repente. Mas a luz que lançaste nas trevas da minha alma não a posso eu transmitir à tua. O segredo de meu filho, esse segredo que ele te ocultou, cumpre-me a mim guardá-lo. Perdoa-me, Nadia, se não te pago em franqueza todo o bem que me fizeste...

— Eu nada te peço, minha mãe — interrompeu Nadia.

Tudo se explicava para a velha Marfa, tudo, até o indecifrável procedimento de seu filho em presença daquela gente que enchia a sala da estação de posta.

Não podia duvidar por mais tempo de que fora seu filho o companheiro de viagem concedido pela Providência à jovem livoniana. E se ele lhe ocultara com tamanha insistência o caráter oficial da sua missão é porque ia nisso algum segredo importantíssimo.

— Ah! Meu querido filho! — dizia Marfa Strogoff de si para si. — Descansa, que te não hei de trair. Que me importa os tormentos destes bárbaros? Nunca eles conseguirão que da minha boca saia a verdade!

Marfa Strogoff poderia, com uma só palavra, compensar Nadia de toda a sua dedicação. Poder-lhe-ia dizer que o seu companheiro Nicolau Korpanoff, ou antes Miguel Strogoff, não sucumbira nas águas do Irtyche, visto que alguns dias depois lhe tinha ele falado em Omsk. Conteve-se, porém, limitando-se a dizer:

— Espera, minha filha. A adversidade não há de sempre obstinar-se em perseguir-nos. Pressagia-me o coração que verás ainda teu pai, e quem sabe mesmo se aquele a quem davas o doce nome de irmão? Deus, todo misericordioso e bom, não podia permitir que se afogasse o teu companheiro e protetor. Espera, minha filha, espera sempre. A esperança é o bálsamo dos que padecem. Faze como eu. O luto que trago não é, não pode ser mais, o luto por meu filho.

Tal era a situação em que reciprocamente se achavam Marfa Strogoff e Nadia Orlik. A velha siberiana tinha acabado por compreender perfeitamente o retraimento de seu filho em Omsk, e se a jovem livoniana ignorava ainda que Miguel Strogoff estava vivo, sabia pelo menos quais os laços que prendiam o seu chorado companheiro àquela de quem se fizera voluntariamente filha. E no seu

íntimo rendia graças ao Senhor por lhe ter concedido a suprema alegria de substituir junto da pobre cativa o filho que ela perdera.

Mas o que nenhuma das duas podia saber é que Miguel Strogoff, surpreendido na estação telegráfica, fazia parte da mesma leva de presos que, tal como elas, se dirigia agora para Tomsk.

Os prisioneiros trazidos por Ivan Ogareff tinham sido incorporados aos que o emir já tinha no seu acampamento. Estes desgraçados, russos ou siberianos, militares ou civis, contavam-se por milhares e formavam uma coluna que se prolongava na extensão de algumas verstas. Os que entre eles se apontavam como mais perigosos iam presos com algemas e uma comprida grilheta. Havia também mulheres e crianças, ligadas ou suspensas ao arção das selas e desapiedadamente arrastadas pelas agruras do caminho. E assim se transportavam, como um rebanho humano, as vítimas sacrificadas aos horrores da invasão! Os soldados das escoltas obrigavam os presos a ir debaixo de certa ordem, e retardatários só havia aqueles que no chão caíam para nunca mais se levantar! Desta disposição resultava o seguinte: que Miguel Strogoff, metido entre as primeiras filas dos que tinham largado o acampamento, isto é, entre os prisioneiros de Kolyvan, não devia reunir-se aos que vinham de Omsk seguindo as forças de Ivan Ogareff. O correio do czar, portanto, ignorava a presença de sua mãe e de Nadia neste grupo de cativos, da mesma forma que elas não podiam imaginá-lo tão perto de si.

A viagem do acampamento para Tomsk, feita sob a influência da lança e do chicote dos soldados, não podia deixar de ser mortal para muitos e terrível para todos. A caminhada pela estepe tornava-se insuportável devido à poeira que o emir e a sua numerosa vanguarda levantavam na sua passagem. Havia ordem de marchar depressa e eram raros os momentos concedidos para descanso.

Estas cento e cinquenta verstas, atravessadas debaixo de um sol ardentíssimo, por mais depressa que se percorressem deviam parecer intermináveis! É extremamente árida a região compreendida desde a margem direita do Obi até à base do contraforte que se destaca dos montes Sayansk,

numa direção de sul para norte. Apenas algumas raquíticas e ressequidas moitas quebram num ou noutro ponto a monotonia desta enorme planície. Não se veem culturas, porque não existe água. Ora, a falta de água era o maior suplício que atormentava os desgraçados cativos, sequiosos pela dureza de uma extensa e penosa marcha. Para se poder encontrar um afluente seria preciso avançar ainda cinquenta verstas, mesmo até junto do referido contraforte, onde se realiza a divisão das águas entre as duas bacias, do Obi e do Yenisei. Ali, de facto, corre o Tom, pequeno afluente do Obi, que, antes de confundir as suas águas com as desta grande artéria do Norte, banha a cidade de Tomsk. Naquele ponto existia uma corrente abundante, a estepe era menos estéril e a temperatura mais suave. Entretanto, aos comandantes das escoltas haviam-se transmitido as mais positivas ordens para que se apressassem a chegar a Tomsk, uma vez que o emir receava a todo o momento ver-se atacado de flanco por alguma coluna russa vinda a marchas forçadas das províncias do Norte. Resultava, pois, que, devido a estas circunstâncias, os prisioneiros, além das suas angústias e tormentos, nem mesmo tinham a possibilidade de matar a sede que os devorava!

De que serve prolongar a descrição das privações por que passaram estes desventurados? Basta dizer que muitos deles caíram para nunca mais se levantar, ficando pela estrada os cadáveres insepultos, à espera que viessem as feras fazer ali o seu repasto!

Capítulo IV — Pena de Talião

Durante a marcha dos prisioneiros para Tomsk nunca a velha siberiana deixou de encontrar por parte da sua jovem companheira a mais completa dedicação, a mais absoluta solicitude.

Miguel Strogoff, por seu lado, não estando compreendido no número dos presos mais vigiados, também não regateava aos seus companheiros de infortúnio o auxílio e os serviços que dependessem da sua atividade. Forte e sadio, confortava uns, animava outros, e ia-se assim repartindo nesta doce missão de caridade, caminhando de grupo em grupo, enquanto a lança de algum dos soldados brutalmente o não obrigava a entrar de novo no lugar que lhe fora destinado.

Porque não tentaria ele fugir? Porque já tinha de si para si resolvido que só deveria fazê-lo quando julgasse a estepe completamente segura e livre. Havia-se habituado à ideia de entrar em Tomsk “por conta do emir” e sobravam-lhe razões para assim pensar. Os sucessivos destacamentos que ele via percorrer a estepe durante a marcha dos presos, tanto na direção do norte, como na do sul, mostravam-lhe que não andaria duas verstas sem ser de novo apanhado. Os cavaleiros tártaros pululavam, e havia momentos em que se diria que eles saíam da terra, como esses insetos nocivos que uma chuva de trovoadas faz aparecer à superfície dos campos. Além disso, a fuga ainda oferecia outro grande inconveniente, difícil de vencer. É que os soldados da escolta exerciam sob os presos uma rigorosa vigilância, em consequência de arriscarem a cabeça se porventura deixassem de cumprir fielmente as ordens recebidas.

No dia 15 de agosto, ao cair da tarde, a leva de presos chegou a Zabadiero, povoação distante de Tomsk apenas trinta verstas.

Neste ponto a estrada encontrava-se com a corrente do Tom.

O primeiro impulso dos presos foi saciar nas águas do rio a sede que os

devorava, os guardas, porém, não lho consentiram enquanto os seus superiores não deram ordem de fazer alto.

Se bem que o Tom levasse nesta quadra do ano uma corrente fortíssima, poderia contudo prestar-se à evasão de algum prisioneiro mais audacioso ou mais desesperado, e para evitar esse caso era preciso adotar medidas extremamente enérgicas. Tratou-se, pois, de estabelecer uma espécie de acampamento, guardado por todos os lados. Numerosas barcas, requisitadas em Zabadiero, foram atravessadas, ligadas umas às outras, sobre o Tom, formando uma espessa muralha de madeira impossível de transpor. Do lado da terra, a linha deste acampamento provisório, apoiada sobre as primeiras habitações de Zabadiero, era defendida por um cordão de sentinelas, que ninguém se atreveria a romper.

Miguel Strogoff reconhecia cada vez mais quanto lhe teria sido difícil tentar qualquer plano de fuga antes de chegar a Tomsk. Encheu-se, pois, de paciência, esperando por ocasião mais oportuna.

Os prisioneiros deviam passar toda a noite neste acampamento. O emir adiara para a manhã seguinte a entrada das suas forças em Tomsk. Tinha-se decidido que a instalação do quartel-general tártaro nesta importante cidade seria assinalada por brilhantes festejos militares. Féofar-Cã já ocupava a fortaleza da cidade, mas o grosso do seu exército ainda acampava fora dos muros, esperando o momento de fazer a sua entrada triunfal.

Ivan Ogareff deixara o emir em Tomsk, aonde ambos tinham chegado na véspera, e voltara ao acampamento de Zabadiero. Era deste ponto que ele devia partir na manhã seguinte com a reserva do exército tártaro. Na povoação fora-lhe destinada uma casa para passar a noite. Ao romper do Sol, infantes e cavaleiros, debaixo do seu comando, deveriam dirigir-se sobre Tomsk, onde o emir Féofar-Cã queria receber o seu lugar-tenente com todas as pompas habituais aos soberanos asiáticos.

Apenas o serviço das sentinelas foi estabelecido em todo o acampamento, permitiu-se aos prisioneiros que matassem a sede ardente que sofriam por efeito

de três dias de marchas forçadas e violentas.

O Sol já tinha desaparecido,. mas o horizonte mostrava-se ainda iluminado pelos clarões do crepúsculo, quando Nadia, amparando Marfa Strogoff, se acercou da beira do rio. Nenhuma delas pudera até então chegar à desejada corrente, em consequência dos cerrados grupos de presos que as tinham precedido. Aproximou-se, porém, o momento por seu turno de irem beber.

A velha siberiana curvou-se toda para gozar melhor daquela agradável sensação. Nadia, fazendo das mãos concha, encheu-as de água e levou-as assim aos lábios de Marfa. Depois repetiu para si a mesma operação. Era um alívio, era um refrigério, que tanto uma como outra acabavam de encontrar nesta abundante e cristalina corrente.

Nadia, porém, quando se dispunha a deixar aquele sítio, sentiu-se estremecer de súbito. Um grito involuntário saiu-lhe da boca.

Vira Miguel Strogoff a poucos passos de distância! Era ele! Os últimos fulgores crepusculares acabavam de lhe iluminar o rosto! Miguel Strogoff também estremecera ouvindo aquele grito. Mas teve bastante domínio sobre si mesmo para não pronunciar uma palavra que pudesse denunciá-lo.

E, contudo, acabava igualmente de ver ao lado de Nadia a figura veneranda de sua mãe!

Miguel Strogoff reconheceu que lhe faltaria a coragem em presença deste duplo e Inesperado encontro, mas, dominando por um supremo esforço os afetos do seu coração, levou a mão aos olhos como para não ver, e afastou-se apressadamente.

Nadia teve instintivamente o desejo de segui-lo, a velha Marfa, porém, segurou-a, pronunciando-lhe ao ouvido:

— Não te mexas, minha filha.

— Mas é ele! — respondeu Nadia com a voz entrecortada pelo júbilo. — É ele, está vivo!

— É meu filho! — respondeu Marfa Strogoff. — É o meu Miguel, e tu bem vês que nem sequer faço um gesto para ele. Procura imitar-me, minha filha.

Miguel Strogoff acabava de passar por uma das mais violentas comoções que é dado a um homem experimentar. Sua mãe e Nadia estavam ali, junto dele! As duas cativas, que já quase se confundiam no seu coração, tinha-as Deus impelido uma para a outra neste comum infortúnio! Saberia já Nadia quem ele era? Não, porque vira o gesto de sua mãe impondo silêncio à pobre menina, quando ela corria ao seu encontro. Marfa Strogoff tinha, pois, compreendido tudo e guardava segredo.

Durante aquela noite Miguel Strogoff esteve por vinte vezes a ponto de ir procurar a mãe para estreitá-la nos braços. Percebeu, contudo, que seria arriscar a sua situação se porventura não soubesse conter os impulsos de filho. A menor imprudência poderia perdê-lo. De resto, havia jurado que não veria sua mãe, e cumpria-lhe guardar o seu juramento. Escravo do dever, só lhe restava seguir o plano traçado: procurar fugir, quando chegasse a Tomsk, embora deixasse para trás, sem um carinho, sem um gesto amável, os dois entes que resumiam toda a sua existência e que tão expostos ficavam aos perigos daquele cruel cativeiro.

Miguel Strogoff acreditava, pois, que este novo encontro no acampamento de Zabadiero não traria consequências desagradáveis nem para si nem para sua mãe. O que ele, porém, não sabia é que os pormenores daquela cena tão rápida tinham sido notados por Sangarra, a incansável espia de Ivan Ogareff.

A tzigana achava-se apenas distante alguns passos de Marfa Strogoff, observando-a como sempre, sem que esta de tal desconfiasse. Sangarra não vira, é certo, Miguel Strogoff, que tinha já desaparecido quando ela se voltou, mas surpreendera o gesto da velha siberiana obrigando Nadia a não se mover. O rápido lampejo que Sangarra descobrira no olhar da mãe revelara-lhe a presença do filho.

Para ela, era fora de dúvida que Miguel Strogoff, o correio do czar, se achava naquele momento em Zabadiero entre os prisioneiros de Ivan Ogareff.

Sangarra não o conhecia, mas iria jurar que ele estava ali. Não pensou contudo em procurá-lo, porque as sombras da noite e a enorme acumulação de presos deviam tornar-lhe essa busca puramente inútil.

Considerou também desnecessário continuar a espiar Nadia e Marfa Strogoff. Era evidente que as duas cativas saberiam ser bastante reservadas para não comprometerem com a sua conversação o correio do czar.

A tzigana teve, pois, um único pensamento: ir citar a Ivan Ogareff o que acabara de presenciar. E, com tal ideia, saiu logo do acampamento.

Passado um quarto de hora chegava Sangarra a Zabadiero, e era logo introduzida nos aposentos onde estava o lugar-tenente do emir.

Ivan Ogareff dirigiu-se imediatamente para ela.

— Que me queres, Sangarra? — perguntou-lhe o traidor.

— O filho de Marfa Strogoff está no acampamento — informou Sangarra.

— Como prisioneiro?

— Como prisioneiro.

— Ah!... — exclamou Ivan Ogareff. — Vou finalmente saber...

— Nada saberás, Ivan — asseverou a tzigana. — Lembra-te de que o não conheces.

— Mas conhece-lo tu, Sangarra.

— Também não. Entretanto, sua mãe deixou-se trair por um movimento que tudo me revelou.

— Estás bem certa do que dizes?

— Estou.

— Sabes a importância que ligo à prisão desse homem — disse Ivan Ogareff. — Se os despachos que lhe confiaram em Moscovo entram em Irkutsk e se o grão-duque chega a recebê-los, ficará tudo perdido, e não poderei levar por diante o meu plano de vingança. Preciso desses despachos a todo o custo. E tu vens dizer-me que o correio que os leva está em meu poder. Vê bem, Sangarra, vê bem se não te enganas.

Ivan Ogareff tinha falado com excessiva animação.

Os seus movimentos precipitados mostravam a grandíssima importância que ligava à posse daqueles despachos.

Sangarra, sem se Impressionar demasiadamente com a exaltação de Ivan

Ogareff, deixou-se ficar impassível diante daquelas perguntas insistentes.

— Não me engano, Ivan — foi a única resposta que ela deu.

— Mas, Sangarra, no acampamento há milhares de prisioneiros, e tu afirmas que não conheces Miguel Strogoff...

— Não conheço — replicou a tzigana, cujo olhar se iluminara de uma alegria feroz. — Não conheço, é verdade, mas conhece-o sua mãe, Ivan! Conhece-o sua mãe!

Urge, pois, que a obrigues a denunciá-lo.

— Amanhã será! — exclamou Ivan Ogareff.

Depois estendeu a mão à tzigana, que lha beijou, sem que neste ato de respeito, habitual nas raças do Norte, houvesse qualquer coisa de servil.

Sangarra voltou para o acampamento e, dando com o lugar onde estavam Nadia e Marfa Strogoff, passou a noite a observá-las como a fera que espreita a sua presa. A velha siberiana e a sua companheira não dormiam, se bem que a fadiga e a comoção devessem convidá-las ao repouso. Ocorriam diferentes circunstâncias para que ambas se conservassem acordadas. Nadia estava toda entregue à ideia de que o seu protetor, tido por morto, lhe aparecera cheio de vida. Marfa Strogoff, mais previdente, porém, olhava para o futuro, que ainda via repleto de nuvens carregadas, Embora estivesse disposta, por seu lado, a todos os sacrifícios, um como que pressentimento lhe dizia que Ivan Ogareff, por qualquer circunstância, poderia vir a saber da presença de seu filho na turba dos prisioneiros.

Sangarra deixara-se resvalar por entre as sombras até junto das duas mulheres, e assim se conservou pelo espaço de algumas horas com o ouvido à escuta. Nem uma só palavra pôde contudo perceber. Por um sentimento instintivo de prudência, Nadia e Marfa Strogoff conservaram-se toda a noite silenciosas.

No dia seguinte, logo de manhã, ressoaram à entrada do acampamento os sons festivos das charamelas. Os soldados tártaros puseram-se imediatamente em linha.

Era Ivan Ogareff que saíra de Zabadiero e se apresentava agora no meio de um luzido estado-maior de oficiais tártaros. Trazia o rosto mais sombrio que de costume, e as feições, contraídas, denunciavam uma cólera surda, que só esperava por um ensejo para explodir.

Miguel Strogoff, confundido no grupo dos prisioneiros, viu passar aquele homem. Receou que estivesse iminente alguma catástrofe, visto Ivan Ogareff saber já que Marfa Strogoff era a mãe do falado Miguel Strogoff, capitão em exercício no corpo dos correios do czar.

Ivan Ogareff apeou-se quando chegou ao meio do acampamento, e os oficiais da sua escolta fizeram um largo círculo em redor dele.

Ao mesmo tempo, Sangarra aproximou-se, dizendo-lhe em voz baixa:

— Nada mais pude apurar, Ivan.

Ivan Ogareff limitou-se a transmitir uma ordem rápida ao seu ajudante mais próximo.

Pouco depois viram-se soldados tártaros percorrer brutalmente as longas filas dos prisioneiros. Estes infelizes, empurrados com as hastes das lanças e chicoteados, tiveram de se levantar à pressa e colocar-se em boa ordem na frente do acampamento. Um quádruplo cordão de soldados de infantaria e cavalaria tornava impossível qualquer tentativa de evasão.

Depois disto reinou profundo silêncio. A um sinal de Ivan Ogareff, Sangarra dirigiu-se então para o grupo onde estava Marfa Strogoff.

A velha siberiana, vendo-a avançar, compreendeu decerto o que ia passar-se. Conservou-se, porém, imóvel e com um sorriso de desprezo nos lábios. Depois, voltando-se para Nadia, recomendou-lhe em voz baixa:

— Daqui por diante, minha filha, eu sou para ti uma desconhecida. Suceda o que suceder e por mais dolorosa que seja esta experiência, nem uma palavra, nem um gesto! Lembra-te que é dele que se trata, e não de mim.

Ao mesmo tempo, Sangarra, depois de ter examinado por um instante a velha siberiana, pôs-lhe a mão sobre o ombro.

— Que me queres? — perguntou-lhe com altivez Marfa Strogoff.

— Segue-me — ordenou Sangarra.

E, empurrando-a com a mão, fê-la caminhar para o local onde estava Ivan Ogareff.

Miguel Strogoff conservava as pálpebras meio cerradas para que o fuzilar dos olhos o não atraiçoasse.

Marfa Strogoff, chegada à presença de Ivan Ogareff, levantou a cabeça, cruzou os braços e esperou que a Interrogassem.

— És efetivamente a mãe de Miguel Strogoff?

— Sou — respondeu com serenidade Marfa Strogoff.

— Sustentas ainda o mesmo depoimento que me fizeste há três dias?

— Sustento...

— Ignoras, portanto, se teu filho passou por Omsk?

— Ignoro.

— E insistes em dizer que não era ele o homem a quem falaste na estação de posta?

— Insisto.

— E desde então nunca mais o tornaste a ver?

— Nunca mais.

— Nem mesmo entre os prisioneiros aqui presentes?

— Nem mesmo entre os prisioneiros aqui presentes.

— E se to mostrassem, reconhecê-lo-ias?

— Não.

Esta resposta, que denotava uma firme e enérgica resolução por parte de Marfa Strogoff, levantou entre os presos um murmúrio de admiração.

Ivan Ogareff não pôde conter um gesto ameaçador.

— Repara bem — disse ele a Marfa Strogoff —, teu filho está aqui, e tu vais imediatamente indicar-mo.

— Não vou.

— Todos esses homens aprisionados em Omsk e Kolyvan vão desfilar à tua vista. Se não designares qual deles é Miguel Strogoff, receberás tantos açoites

quantos os homens que tiverem passado diante de ti.

Ivan Ogareff compreendera que, quaisquer que fossem os tormentos a que submetessem a siberiana, ela não proferiria uma única palavra. Para descobrir o correio do czar confiava mais no filho que na própria mãe. Parecia-lhe impossível que, ao acharem-se ambos frente a frente, não houvesse um movimento irresistível que os atraiçoasse. Se Ivan Ogareff só quisesse apoderar-se do ofício imperial, bastaria dar ordem para que todos os presos fossem revistados, porém, Miguel Strogoff poderia ter destruído esse ofício depois de decorar o seu conteúdo, e se, feito isso, ele chegasse a evadir-se sem ser descoberto e a penetrar em Irkutsk, os planos do traidor ficariam irremediavelmente perdidos.

Não era, pois, só o ofício que este malvado pretendia, era também o homem que o levava.

Nadia, que tinha ouvido tudo, sabia agora quem era Miguel Strogoff e por que motivo ele quisera atravessar incógnito as províncias invadidas da Sibéria.

Em virtude da ordem de Ivan Ogareff, os prisioneiros desfilaram todos um por um diante de Marfa Strogoff, que permanecia imóvel como uma estátua, sem que o seu olhar exprimisse o mínimo sobressalto.

Seu filho achava-se nos últimos grupos. Quando lhe chegou a vez de passar diante de Marfa, Nadia fechou os olhos para não ver. Miguel Strogoff conservava-se aparentemente impassível, porém, das palmas das mãos escorria-lhe sangue, dada a violência com que ele nelas cravava as unhas.

Ivan Ogareff sentiu-se vencido pelo filho e pela mãe! Sangarra, colocada junto dele, segredou-lhe então esta palavra sinistra:

— O cnute!

— Sim — vociferou Ivan Ogareff, que não podia já conter-se —, o cnute para esta bruxa! E que lho cravem nas carnes até ela ficar como morta!

Um soldado tártaro, munido deste horrível instrumento de suplício, aproximou-se então de Marfa Strogoff.

O cnute é formado por um certo número de tiras de couro, a cujas

extremidades estão presos vários fios de ferro torcido. Calcula-se que cento e vinte golpes deste azorrague equivalem a uma condenação à morte. Marfa Strogoff não o ignorava, mas sabia também que nenhum tormento neste mundo a obrigaria a falar, e ela já tinha antecipadamente feito ao filho o sacrifício da vida.

Marfa Strogoff, segura brutalmente por dois tártaros, foi lançada por terra e obrigada a ficar de joelhos. O vestido rasgado deixou-lhe os ombros a descoberto. Diante do peito colocaram-lhe um sabre nu, que distava dela apenas algumas polegadas. No caso de a dor violenta do cnute a fazer curvar, o peito ser-lhe-ia varado pela extremidade aguçada do ferro.

O verdugo estava preparado.

Só aguardava o sinal.

— Começa! — ordenou Ivan Ogareff.

As correias do cnute sibilaram.

Mas antes que o fatal instrumento chegasse a cair sobre a vítima, já ele era arrebatado das mãos que o seguravam.

Um homem de pulso sólido o arrancara de súbito ao verdugo.

Era Miguel Strogoff, que, não podendo reprimir o seu furor, viera colocar-se entre a mãe e o verdugo, evitando assim o suplício que lhe destinavam.

Ivan Ogareff conseguira o seu intento.

— Até que enfim! — exclamou ele com feroz alegria. — Estás em meu poder!

Depois avançando:

— Que vejo!... Miguel Strogoff é o viajante de Ichim?

— O mesmo! — respondeu este.

E, brandindo rápida e impetuosamente o cnute, azorragou com ele uma das faces de Ivan Ogareff, que ficou a escorrer sangue.

— Lembras-te de Ichim? Pois aí tens a minha desforra — bradou Miguel Strogoff desvairadamente.

— Bravo! Bem respondido! — exclamou um espectador, cuja voz, felizmente para ele, se perdeu na multidão.

Vinte soldados se lançaram logo sobre Miguel Strogoff com intenção de o matarem.

Mas Ivan Ogaréff, a quem saíra do peito um grito cavernoso de raiva e de dor, deteve-os com um gesto.

— Este homem pertence à justiça do emir. Revistem-no imediatamente.

Entre o fato de Miguel Strogoff encontrou-se o ofício com o selo imperial, que foi logo entregue a Ivan Ogareff. O correio do czar não tivera tido tempo de o destruir! O espectador que proferira aquelas curtas palavras de aprovação era Alcide Jolivet. Ele e o seu colega, tendo-se demorado a ver o acampamento de Zabadiero, acabavam de presenciar a cena precedente.

— Por Deus! — Disse Alcide Jolivet para Harry Blount. — Estes homens do Norte são de um arrojo que chega ao heroísmo. Confesse, meu amigo, que devemos uma reparação ao nosso companheiro de viagem. O insulto que ele recebeu em Ichim ficou amplamente saldado. Nicolau Korpanoff é digno de Miguel Strogoff. Um vale bem o outro. Nunca a pena de Talião foi tão bem aplicada como agora.

— Assim é — concordou Harry Blount —, mas o correio do czar deve considerar-se um homem perdido. Por interesse próprio, fora muito melhor que ele se esquecesse do que se passou em Ichim.

— Pois não! E que deixasse morrer sua mãe sob o cnute.

— Porventura ganhou ela mais com os arrebatamentos do filho?

— Não sei se ganhou ou não — respondeu Alcide Jolivet —, mas o que lhe posso afiançar é que eu não teria andado melhor no lugar dele. Que soberba vergastada! Com a fortuna! É preciso mostrar que não somos feitos de água morna. Se nos deixássemos ficar sempre imóveis e impassíveis quando nos insultam, provaríamos assim que, em vez de sangue, só nos corria soro pelas veias.

— Belo assunto para uma crónica! — comentou Harry Blount. — Se Ivan Ogareff se decidisse unicamente a mostrar-nos o conteúdo daquele ofício...

Ivan Ogareff, depois de enxugar o sangue que lhe escorria pela cara, rasgara

com sofreguidão o sobrescrito do ofício tão cobiçado por Harry Blount, demorando-se a lê-lo e a relê-lo por alguns minutos.

Dir-se-ia que desejava compenetrar-se bem das indicações nele contidas.

Acabada a minuciosa leitura daquele documento, deu ordem para que Miguel Strogoff, solidamente amarrado, fosse conduzido sem demora, com os outros presos, para Tomsk.

E, logo em seguida, colocando-se à frente das tropas acampadas em Zabadiero, marchou com elas ao rufar dos tambores para a cidade, onde o aguardavam o emir e a sua corte.

Capítulo V — O princípio da festa

No coração das províncias siberianas achava-se uma das mais importantes cidades da Rússia asiática, fundada em 1604. É Tomsk. Tobolsk, situada acima do sexagésimo grau de latitude, e Irkutsk, assente para lá do centésimo grau de longitude, viram Tomsk desenvolver-se e medrar por assim dizer à sua custa.

Apesar, porém, da sua importância, Tomsk, como já se disse, não é a capital da província. Essa distinção pertence a Omsk, onde, além do governador-geral, residem todos os empregados civis e militares. Tomsk, contudo, é a cidade mais considerável do extenso território confinante com os montes Altai, quer dizer, com a fronteira chinesa do país dos Khalkas. Nas encostas que destes montes se estendem até ao vale do Tom existem abundantes jazigos de platina, ouro, prata, cobre e chumbo aurífero. Sendo rico o país, não admira que também o seja a cidade, em redor da qual se multiplicam e prosperam muitas empresas mineralúrgicas. Por isso, a elegância que se observa em Tomsk, o luxo e conforto de suas habitações e a riqueza das suas carruagens podem rivalizar com o que há de melhor nas grandes capitais da Europa. É uma cidade de milionários enriquecidos pela picareta e pelo alvião, e, se não tem a honra de ser a residência do representante do czar, consola-se disso, pois conta, entre os seus mais opulentos negociantes, com o principal concessionário das minas do Governo imperial.

Tomsk passava antigamente por ficar na extremidade do mundo. Quem se dispusesse a visitá-la, tornava-se digno das atenções pela raridade do empreendimento.

Hoje, ir até lá é apenas uma simples e fácil viagem se os caminhos não estão assolados pela guerra, e amanhã será simplesmente um passeio, logo que esteja concluído o caminho de ferro que a deve ligar com Perm através dos montes Urais.

Será Tomsk, porém, uma cidade interessante? Convém notar que sob este ponto não se mostram concordes os viajantes. Madame de Bourboulon, que se demorou em Tomsk na sua viagem de Xangai para Moscovo, faz dela uma descrição pouco lisonjeira. A guiarmo-nos pelas suas impressões, Tomsk é uma cidade insignificante, orlada de velhas casas de tijolo e pedra, ruas estreitas, muito diferentes das que geralmente se observam nas grandes cidades siberianas, e bairros imundos, habitados particularmente por tártaros, finalmente, uma cidade na qual avultam os ébrios em estado de apatia, que é comum a todos os povos do Norte sob os efeitos da embriaguez.

O viajante Henrique Russel Killough, esse, pelo contrário, tece grandes elogios a tudo que observou em Tomsk. Dependerão estas diferentes apreciações de o segundo ter visto a cidade no inverno envolta no seu lençol de neve, enquanto Madame de Bourboulon só lá esteve no verão? É possível, e, nesse caso, confirmar-se-ia mais uma vez a opinião de que certos países frios só podem ser apreciados na estação fria, como outros, que são quentes, na própria estação calmosa.

Seja como for, Russel Killough diz positivamente que Tomsk não é só a mais bonita cidade da Sibéria como também uma das mais bonitas do mundo, com as suas casas de colunatas e peristilos, os seus passeios de madeira em vez de lajedo, as suas ruas espaçosas e regulares, as suas quinze admiráveis igrejas refletindo-se majestosamente nas águas do Tom, mais extenso que muitos rios da França.

A melhor cidade do universo, todavia, torna-se feia se porventura se vê a braços com as calamidades de uma invasão. Que teria agora Tomsk para admirar? Defendida apenas por alguns batalhões de cossacos a pé, sempre aquartelados, fora-lhe impossível resistir ao ataque de tropas inimigas. Uma parte da sua população, composta por tártaros, recebera com alegria estas hordas da mesma raça, de sorte que Tomsk não era atualmente mais russa ou siberiana do que outra qualquer cidade de Bucara ou de Khokhand.

Foi em Tomsk que o emir quis receber os seus soldados vitoriosos. Em

homenagem a este poderoso potentado ia também celebrar-se em Tomsk um festim, com músicas, danças e folguedos, a que serviria naturalmente de remate alguma orgia ruidosa.

O teatro escolhido para esta cerimónia, a efetuar segundo o gosto asiático, era uma enorme esplanada, situada numa colina, que se elevava a cem pés acima do nível do rio. O horizonte que daqui se desfrutava, com a sua vasta perspetiva de casas elegantes, de igrejas majestosas e de cúpulas bojudas, enquadrava-se numa pitoresca faixa de verdura, produzida por alguns soberbos grupos de pinheiros e cedros colossais. As águas do rio, deslizando por entre curvas sucessivas, iam perder-se ao longe entre os últimos planos das florestas, que as brumas tépidas do estio cobriam de um vapor vago e indefinido.

Do lado esquerdo da esplanada levantara-se provisoriamente, cercado de extensos terraços, uma espécie de palácio de arquitetura caprichosa, Imitação talvez desses monumentos bucarianos, semimouriscos e semitártaros. Sobre os minaretes, que de todos os lados cobriam este palácio improvisado, e sobre os altos ramos das árvores, que ensombravam a esplanada, viam-se esvoaçar bandos de cegonhas domesticadas, vindas de Bucara juntamente com os exércitos do emir.

Várias galerias, que davam sobre os terraços, tinham sido reservadas para a corte de Féofar-Cã, para os grandes dignitários dos canados e para os haréns de todos estes soberanos do Turquestão.

Algumas das odaliscas, escravas, na sua maior parte compradas nos mercados da Transcaucásia e da Pérsia, conservavam o rosto inteiramente coberto, outras envolviam-se num longo véu, sob cujas pregas se lhes desenhava a beleza dos contornos. Das dobras do turbante destas últimas soltavam-se graciosamente as espessas e compridas tranças. O véu, que não as escondia de todo, permitia que se admirassem os olhos negros e fulgurantes, os dentes alvos e formosos e o tom suave da pele, a que servia de realce a pintura das sobrancelhas e das pálpebras, aquelas unidas por um ligeiro traço feito a colírio, estas brandamente esfumadas por um pouco de plumbagina.

Todas trajavam luxuosamente. Túnicas elegantes, com as mangas apanhadas atrás em tufos caprichosos, descobriam-lhes os braços bem feitos, carregados de braceletes de vistosa pedraria, e as mãos pequeninas, cujos dedos afilados tinham as unhas pintadas com suco do henneh. As túnicas, feitas quer de seda transparente, semelhante na finura a teias de aranha, quer de um ligeiro tecido de algodão de listas estreitas chamado aladja, produziam, quando se agitavam, esse ruge-ruge delicado que tanto seduz e atrai os ouvidos dos orientais. Por baixo das túnicas ostentavam saiotes de brocado, caindo sobre as calças de seda atadas um pouco acima dos riquíssimos borzeguins, em cujas bordaduras o ouro se confundia com as pérolas.

Junto dos terraços, brilhantemente empavesados com estandartes e auriflamas, estavam de sentinela os guardas de honra do emir, com os seus duplos sabres de folha recurvada pendendo ao lado, punhal na cinta e lança de dez pés de comprimento em punho. Alguns destes guardas traziam na mão, como distintivo, bastões brancos, outros umas grandes alabardas, adornadas na extremidade com borlas de fio de ouro e prata.

Em redor das sumptuosas habitações do emir e da sua corte, por toda a extensão da esplanada onde elas assentavam e pela encosta escarpada de que o Tom banhava a base, notava-se o confuso movimento de uma grande multidão cosmopolita, formada pelos diferentes elementos indígenas que habitavam a Ásia central.

Viam-se os usbeques, com os seus grandes gorros de pele de carneiro preto, barba ruiva, e as suas arkaluks, espécie de túnicas feitas à moda tártara. Acotovelavam-se os turcomanos, trajando o seu fato nacional: calças largas de cor vistosa, casacos e capas de pelo de camelo, gorros vermelhos de forma cónica ou achatada, botas altas de couro da Rússia e pequenos sabres e punhais presos por uma corrente à cintura. Junto dos seus senhores viam-se também as mulheres turcomanas, de cabelos apanhados com presilhas de pelo de cabra, camisa aberta adiante, sobre a qual descia a djuba, espécie de roupão listado de verde, azul e escarlate, as pernas envolvidas em fitas de cor, cruzadas até baixo,

e nos pés socos de couro. E, como se todas as populações da fronteira russo-chinesa se tivessem levantado à voz do emir, apareciam também os manjus, com a cabeça rapada na frente, cabelo entrançado, compridas cabaias, cinta apertada por cima de uma camisa de seda, chapéus ovais de cetim cor de cereja, com bordados pretos e franja vermelha, e ao lado deles os mais admiráveis tipos dessas mulheres da Manjúria, elegantemente penteadas com flores artificiais e borboletas de lindos Cambiantes presas aos negros cabelos por ganchos de ouro fino. Completavam finalmente esta variada e cosmopolita confusão de raças os mongóis, os bucarianos, os persas e os chineses do Turquestão, convidados a assistir aos esplendores da projetada festa.

Os siberianos eram os únicos que não estavam presentes nesta receção aos invasores. Os que não tinham tido tempo de fugir conservavam-se em suas casas, com receio da pilhagem que Féofar-Cã não deixaria decerto de autorizar para terminar brilhantemente aquela cerimónia triunfal.

Foi só às quatro horas que o emir fez a sua entrada na cidade, ao toque das charamelas, ao rufar dos tambores, ao som dos tantãs e à bulha festiva das salvas e das descargas.

Féofar-Cã montava o seu cavalo de mais estimação, que trazia na testeira uma roseta de brilhantes. O emir ainda conservava o seu trajo de guerra. Ao lado dele cavalgavam os cãs de Khokhand e de Kunduza, os altos dignitários dos canados, seguindo-se mais atrás um numeroso estado-maior.

Ao mesmo tempo viu-se aparecer sobre o principal terraço a primeira das mulheres de Féofar, a rainha, se esta classificação se pudesse dar às sultanas dos estados de Bucara. Rainha ou escrava, esta mulher, de origem persa, era, porém, esplendidamente formosa. Em oposição aos costumes maometanos e por um capricho talvez do emir, a valida apresentava-se com o rosto destapado.

O seu cabelo, dividido em quatro formosas tranças, espreguiçava-se sobre os ombros deslumbrantes de alvura e apenas resguardados por um tenuíssimo véu de seda constelado de palhetas de ouro, que se prendia no alto da cabeça a um toucado guarnecido de gemas esplêndidas. Por baixo da saia de seda azul-celeste

com listas dum azul-ferrete aparecia o zir-djameh, de gaze de seda, e por cima da cintura formava infinitas pregas o pirahn, camisa também de gaze, que tanto mais graciosamente se abria quanto mais se aproximava do pescoço. E, desde a cabeça até aos pés, metidos em riquíssimos pantufos persas, era tal a profusão das joias, dos *tonans*[10] de ouro presos a fios de prata, das enfiadas de turquesas e de crisólitos, dos colares de cornalinas, de ágatas, de esmeraldas, de opalas e de safiras que o corpete e a saia desta sultana pareciam ser tecidos de pedras preciosas. Quanto à infinidade de diamantes que lhe cintilavam no pescoço, nos braços, nas mãos, na cintura e nos pés, não bastariam milhares de rublos para resgatar-lhes o valor. Ao ver a intensidade dos lumes que projetavam, dir-se-ia que no meio de cada um deles irrompia um arco voltaico produzido por um raio de sol.

O emir e os cãs apearam-se, bem como os altos dignitários que vinham no seu séquito. Todos se instalaram no interior de uma tenda sumptuosa, que fora levantada ao centro do terraço principal. Como sempre, em frente da tenda via-se o Corão aberto sobre a mesa sagrada.

O lugar-tenente de Féofar-Cã não tardo a aparecer. Ainda não eram cinco horas quando as charamelas anunciaram a sua chegada.

Ivan Ogareff, o vergastado, como já lhe chamavam, trajando agora um rico uniforme de oficial tártaro, apresentou-se a cavalo diante da tenda do emir. Acompanhavam-no uma parte das forças do acampamento de Zabadiero: que formaram em redor da esplanada, ficando apenas livre o lugar reservado para os festejos. No rosto do traidor via-se um profundo vergão, que lhe cortava obliquamente a face direita.

Ivan Ogareff apresentou ao emir os seus oficiais, e Féofar-Cã, sem perder a natural frieza de que sempre rodeava a sua majestade, dignou-se mostrar-lhes um ar risonho, que os deixou satisfeitos com a receção.

Foi isso pelo menos o que supuseram Harry Blount e Alcide Jolivet, os dois correspondentes inseparáveis, ambos agora associados na sua comum tarefa de

noticiaristas. Depois do que se passara em Zabadiero, tinham vindo para Tomsk, a fim de presenciarem a entrada das forças vitoriosas. O seu plano fora combinado da seguinte maneira: fingir que acompanhavam os tártaros, a fim de melhor poderem passar-se para o lado dos russos logo que se lhes proporcionasse a ocasião. O que já tinham visto relativamente à invasão e aos incêndios, roubos e assassínios que lhe serviam de cortejo havia-os revoltado tanto que suspiravam pelo momento de se afastarem daqueles lugares.

Entretanto, Alcide Jolivet ponderara ao seu colega que, antes de sair de Tomsk, desejava tomar umas notas da entrada triunfal de Féofar-Cã, ainda que mais não fosse senão para satisfazer a curiosidade de sua prima. Harry Blount anuíra ao desejo do colega, mas à noite deveriam ambos rumar à estrada de Irkutsk, procurando, com o auxílio de bons cavalos, antecipar-se algumas horas aos exploradores do emir.

Harry Blount e Alcide Jolivet tinham-se, pois, confundido na multidão, e olhavam de maneira a que lhes não pudessem escapar os pormenores da festa, pensando que sempre encontrariam ali assunto para algumas colunas de crónica. Prestaram, pois, toda a sua atenção à opulência de Féofar-Cã, ao luxo das odaliscas, à riqueza dos uniformes, a toda essa pompa oriental, enfim, de cujos esplendores as cerimónias da Europa não podem sequer dar uma ideia. Voltaram, porém, a cara para o lado com desprezo quando apareceu Ivan Ogareff, esperando ambos com impaciência que a festa principiasse.

— Está-me a parecer, meu caro Blount, que chegámos cedo demais. Fizemos como os espectadores de boa fé, que desejam aproveitar bem o seu dinheiro. Isto não passa de uma pequena peça de abrir espetáculo. Teria sido mais distinto vir só quando estivesse para começar a dança.

— Que dança? — perguntou Harry Blount.

— A dança de rigor, pois quê?! Mas esperem... creio que vai subir o pano.

Alcide Jolivet falava como um frequentador de teatro, e, tirando o seu binóculo da caixa, preparou-se para examinar, como entendedor, “as primeiras figuras da companhia de Féofar”.

Havia, porém, uma cerimónia penosa que devia preceder os festejos.

De facto, o vencedor não podia julgar completo o seu triunfo sem obrigar os vencidos a desfilar diante dele. Foi para esse fim que se trouxeram à sua presença algumas centenas de prisioneiros, impelidos pelo chicote dos guardas. Estes infelizes, antes de serem empilhados com os seus companheiros nas prisões da cidade, deviam passar defronte da tenda do emir.

Entre eles figurava, logo nas primeiras filas, Miguel Strogoff.

Em virtude das ordens de Ivan Ogareff, vinha particularmente guardado por um pelotão de soldados. Sua mãe e Nadia caminhavam também no mesmo grupo.

A velha siberiana, sempre corajosa quando se tratava de si, mostrava-se profundamente abatida, agora que via em perigo a existência de seu filho. Parecia que adivinhava alguma terrível calamidade. Não era sem motivo, pensava ela, que a obrigavam a estar ali. Por isso, a pobre mãe estremecia de terror. Ivan Ogareff, ferido publicamente pelo cnute que Miguel Strogoff arrancara das mãos do verdugo, não podia perdoar a afronta recebida. A sua vingança devia ser tremenda. Algum espantoso suplício, desses que são vulgares entre os bárbaros da Ásia central, ameaçava de perto o correio do czar. Se Ivan Ogareff lhe tinha poupado a vida em Zabadiero é porque bem sabia que suplício maior o aguardava, reservando-o à justiça do emir.

De resto, filho e mãe não tinham podido acercar-se um do outro desde que o primeiro se dera a conhecer ao traidor. Cruel agravamento das suas penas, pois seria um lenitivo para ambos se lhes deixassem passar juntos os últimos instantes daquele cativeiro.

Marfa Strogoff teria querido pedir perdão ao seu filho de todo o mal que involuntariamente lhe causara. A desventurada acusava-se de não haver sabido sufocar os seus sentimentos maternais. Se ela se tivesse retraído em Omsk, naquele fatal encontro da estação de posta, seu filho teria passado despercebido, evitando desta forma as desgraças que depois sobrevieram.

De seu lado, Miguel Strogoff dizia consigo mesmo que, se a velha Marfa

estava ali tão perto dele, é porque o infame Ivan Ogareff queria fazê-la assistir à morte do filho, se é que lhe não reservava também algum horroroso suplício.

Quanto a Nadia, a infeliz menina perguntava a si própria o que poderia fazer em benefício daqueles dois entes, a quem dedicava tanta afeição. Não atinava facilmente com o remédio para tão grande mal, pressentia, porém, vagamente, que lhe convinha não chamar sobre si as atenções, procurando por todos os modos tornar-se nula e invisível. Talvez que assim pudesse roer as malhas que envolviam o leão. Se o acaso lhe proporcionasse depois algum meio de intervir, ela saberia aproveitá-lo, embora tivesse para isso de sacrificar a própria vida.

Entretanto, a maior parte dos prisioneiros já tinha passado em frente do emir, e cada um deles era obrigado, nessa altura, a prostrar-se com a fronte no chão, beijando a terra em sinal de humildade. Era a escravidão que começava pelo servilismo. Se alguém se mostrava mais remisso neste ato de humilhação, lá estava o chicote dos guardas para obrigá-lo a curvar-se.

Alcide Jolivet e Harry Blount mostravam-se verdadeiramente indignados à vista de semelhante barbaridade.

— É uma cobardia! E uma vileza o que se está fazendo àquela pobre gente! Vamo-nos embora — propôs Alcide Jolivet.

— Espere, meu amigo — respondeu Harry Blount. — Já agora devemos ver tudo.

— Ver tudo! Ah! — exclamou de repente Alcide Jolivet, agarrando o braço do seu companheiro.

— O que é? — perguntou este.

— Olhe, Blount!... É ela!

— Ela, quem?

— A irmã do nosso companheiro de viagem! Só e prisioneira também!... Cumpre-nos salvá-la!

— Modere-se, meu amigo — volveu friamente Harry Blount. — A nossa intervenção em favor daquela rapariga poderia tornar-se-lhe mais fatal que proveitosa.

Alcide Jolivet, prestes a precipitar-se, conteve-se, e Nadia, que, com o rosto meio velado pelos seus abundantes cabelos, não vira os dois jornalistas, pôde passar despercebidamente diante do emir.

Entretanto, depois de Nadia, seguia-se a vez de Marfa Strogoff, e, como a pobre velha se não curvasse tão depressa como era mister, os guardas não hesitaram em empurrá-la brutalmente.

Marfa Strogoff caiu.

Seu filho fez um impetuoso movimento de furor, que os seus guardas a custo puderam reprimir.

A velha Marfa levantou-se, porém, e ia confundir-se com os outros presos quando Ivan Ogareff interveio, ordenando brutalmente:

— Essa mulher que fique!

Nadia achava-se já a este tempo fora das vistas de Ivan Ogareff, que não fizera reparo nela.

Miguel Strogoff foi então conduzido perante o emir. Chegado, porém, defronte dele, deixou-se ficar de cabeça levantada, sem baixar sequer os olhos.

— Joelho em terra! — gritou-lhe Ivan Ogareff.

— Nunca! — respondeu Miguel Strogoff. Dois soldados quiseram obrigá-lo a dobrar-se, mas foram eles que rolaram no chão, repelidos pelos seus braços hercúleos.

Ivan Ogareff avançou então para ele e disse-lhe com riso satânico:

— Sabes que vais morrer?

— Sei — respondeu com altivez Miguel Strogoff —, mas sei também que a tua face de vilão guardará para sempre, como prémio da infâmia, a marca indelével do cnute!

A esta resposta, que feriu Ivan Ogareff no coração, o traidor tornou-se horrivelmente pálido.

— Quem é esse homem? — Perguntou o emir com um tom de voz que era, tanto mais ameaçador quanto mais frio e tranquilo se mostrava.

— Um espião russo — informou Ivan Ogareff.

Apresentando Miguel Strogoff como espião, Ivan Ogareff sabia que a sentença pronunciada contra ele seria implacável.

Miguel Strogoff avançou trémulo de raiva sobre o traidor.

Os soldados detiveram-no.

O emir fez então um gesto diante do qual todos se curvaram. Depois apontou para o sítio onde estava o Corão. Assim que lho trouxeram, abriu o livro sagrado, e sobre uma das páginas pousou o dedo indicador.

Era o acaso, ou, segundo a superstição destes orientais, a própria divindade que ia decidir da sorte de Miguel Strogoff. Os povos da Ásia central dão a esta prática o nome de fal. Logo que o sentido do versículo, apontado pelo juiz, é devidamente interpretado, aplica-se à vítima a sentença.

Féofar-Cã deixara o dedo apoiado sobre uma página do Corão. O chefe dos ulemás, aproximando-se do emir, leu em voz alta um versículo que terminava com estas palavras:

«E ele nunca mais tornará a ver as cousas deste mundo.»

— Espião russo — disse Féofar-Cã —, vieste para ver o que se passava no nosso acampamento. Vais ser satisfeito. Abre, pois, os teus olhos, abre-os bem!

Capítulo VI — A sentença do Emir

Miguel Strogoff, com as mãos ligadas atrás das costas, foi colocado em frente do trono do emir. Sua mãe, quebrantada pelo efeito de tantas dores físicas e morais, deixara-se cair no chão, não se atrevendo a ver nem ouvir o que se passava em redor.

— Abre, pois, os teus olhos, abre-os bem! — repetiu Féofar-Cã, estendendo a mão ameaçadora para Miguel Strogoff.

Ivan Ogareff, ao facto dos costumes tártaros, havia sem dúvida compreendido o alcance daquela frase, porque os seus lábios entreabriram-se rapidamente num sorriso cruel. Depois, caminhou a passos lentos para junto de Féofar-Cã.

Em seguida ouviu-se um toque de clarins. Era o sinal para começarem os festejos.

— Vai principiar a dança — anunciou Jolivet a Harry Blount.

— Contra o uso estabelecido, estes bárbaros dão-na antes da tragédia.

Miguel Strogoff, com os olhos bem abertos, conforme lhe recomendara o emir, olhava em todas as direções.

Ao mesmo tempo dava entrada no terraço uma nuvem de dançarinas. Diferentes instrumentos tártaros, a dutara, bandolim de duas cordas de seda torcida, com o braço muito comprido feito de pau de amoreira, o cobizo, espécie de violoncelo aberto pela parte do tampo superior, com as cordas de clina, a tschibyzga, comprida flauta de cana, os tamboris, as trombetas e os tantãs casavam os seus variados sons com as vozes guturais dos cantores, formando tudo uma estranha e desusada harmonia. Junte-se a isto os acordes de uma orquestra aérea, composta de uma infinidade de grandes papagaios de papel, que, presos com cordas pelo meio, vibravam ao murmúrio da viração, como se fossem harpas eólicas.

As danças não se fizeram esperar.

Eram de origem persa as dançarinas que se apresentaram, e exerciam a sua profissão em plena liberdade.

Tinham anteriormente figurado nas cerimónias oficiais da corte de Teerão, mas depois da subida ao trono da família reinante, banidas por assim dizer da Pérsia, haviam-se visto obrigadas a tentar fortuna noutros países.

Trajavam ainda à moda nacional e traziam grande profusão de joias a adorná-las. Pequenos triângulos de ouro e compridos pingentes balouçavam-se-lhes nas orelhas e tinham em redor do pescoço argolas de prata oxidada.

Braceletes, formados por uma dupla fila de gemas, cingiam-lhes as pernas e os braços e na extremidade das suas compridas tranças agitavam-se vistosos pingentes, ricamente cravejados de pérolas, turquesas e cornalinas.

A cinta que as apertava tinha ao centro uma chapa brilhante, parecida com a placa das grã-cruzes europeias.

Estas dançarinas executaram com extrema graça diversos bailados, tanto a solo como em grupos. Vinham todas com a cara destapada, mas de vez em quando envolviam a cabeça numa nuvem de gaze, que, passando por cima de todos aqueles olhos cintilantes, fazia lembrar um ténue vapor cobrindo um céu ornado de estrelas. Algumas traziam a tiracolo uma faixa bordada de pérolas, à qual estava presa uma pequena escarcela de forma triangular. Destas escarcelas, tecidas de filigrana de ouro e que se abriam em dadas ocasiões, saíam muitas fitas estreitas de seda escarlate, nas quais se viam bordados os versículos do Corão. As dançarinas estendiam as fitas pouco a pouco, formando variadas e compridas tiras, por baixo das quais outras passavam sem interrupção dos seus bailados. Quando sucedia, durante o seu voltear, depararem-se às dançarinas os versículos bordados, segundo os preceitos que eles continham, assim também elas variavam as posições, ora curvando-se profundamente em sinal de respeito, ora levantando-se num salto gracioso como se quisessem ir juntar-se, no céu às huris de Maomet.

Mas o que era de notar, o que fez impressão a Alcide Jolivet, é que estas

persas, em vez de impetuosas, se mostravam indolentes. Faltava-lhes o fogo, a animação, e, tanto pelo género das danças como pelo seu desempenho, faziam lembrar mais as bailadeiras frias e recatadas da Índia do que as almeias apaixonadas do Egito.

Quando acabou esta primeira parte da festa, ouviu-se uma voz grave que dizia:

— Abre, pois, os teus olhos, abre-os bem!

O homem que repetia agora as palavras do emir, um tártaro de grande estatura, exercia junto de Féofar-Cã as funções sinistras de carrasco. Colocado atrás de Miguel Strogoff, este homem sustinha na mão um sabre de lâmina larga e recurvada, uma dessas lâminas de Damasco, temperadas pelos célebres armeiros de Karchi ou de Hissar.

Junto dele, dois guardas haviam deposto uma trípode, sobre a qual assentava uma grelha, em que ardiam alguns carvões sem fazer fumo. O ligeiro vapor que se levantava provinha apenas da incineração de uma substância resinosa e aromática, feita de olfbano e benjoim, que de vez em quando atiravam para cima do lume.

Entretanto, ao grupo das persas sucedera-se imediatamente outro grupo de bailarinas, de raça diferente, que Miguel Strogoff não teve dificuldade em reconhecer.

Parece que os dois jornalistas as reconheceram também, porque Harry Blount disse para o seu colega:

— São as tziganas de Nijni-Novgorod, pois não são?

— São — respondeu Alcide Jolivet. — Estou certo de que os olhos destas espias devem render-lhes mais dinheiro do que os pés.

E Alcide Jolivet não se enganava fazendo delas criaturas ao serviço do emir.

Na primeira fila das tziganas figurava Sangarra, admirável com o seu trajo pitoresco e extravagante, que mais lhe fazia realçar a formosura.

Sangarra não dançava, mas colocou-se, na qualidade de corifeia, no meio das suas dançarinas, cujos bailados de fantasia eram um misto dos diferentes países

que esta raça percorre: Boémia, Egito, Itália e Espanha. As tziganas iam-se entusiasmando com a bulha dos adufes, que agitavam amiúde, com o estrépito dos dairés, pandeiros de pele estridente, que elas faziam ressoar com os dedos.

Sangarra, meneando freneticamente o seu dairé, era a primeira a excitar este bando de verdadeiras coribantes.

Então viu-se aparecer um tzigano, de quinze anos quanto muito, trazendo na mão uma dutara, cujas únicas duas cordas ele fazia vibrar por meio de um ligeiro movimento de unhas. O rapazito começou a cantar. Durante a primeira estrofe da sua cantiga, de um ritmo extravagante, veio colocar-se junto dele uma dançarina, que ficou imóvel a escutá-lo. Todas as vezes, porém, que o moço cantor repetia o estribilho, ela recomeçava a dança interrompida, movendo perto dele o seu dairé e aturdindo com o estrondo das castanholas.

Depois, quando o jovem tzigano soltou a última nota, as dançarinas enlaçaram-no completamente nas mil voltas das suas danças caprichosas.

Ao mesmo tempo, caía uma chuva de ouro, tanto das mãos do emir e dos seus aliados como das mãos dos outros dignitários e oficiais, e ao ruído que estas moedas de ouro faziam ao bater sobre os adufes das dançarinas juntavam-se ainda os últimos acordes das dutaras e dos tamboris.

— Perdulários como bandidos! — segredou Alcide Jolivet ao ouvido de Harry Blount.

E era efetivamente o dinheiro roubado durante a invasão que estes bárbaros distribuíam agora às mãos-cheias, pois com os tamans persas e os cequins tártaros vinham também em tropel os ducados e os rublos moscovitas, Depois seguiu-se um momento de silêncio, e o carrasco, pousando a mão sobre o ombro de Miguel Strogoff, proferiu de novo aquelas palavras, que, pela sua repetição, se tornavam cada vez mais sinistras:

— Abre, pois, os teus olhos, abre-os bem!

Entretanto, o Sol ia declinando sensivelmente. Uma Semiobscuridade começava a envolver os últimos planos da paisagem. A massa de cedros e pinheiros cada vez se tornava mais indecisa e as águas do Tom começavam

gradualmente a confundir-se com as brumas. Não tardaria que as sombras descessem sobre o próprio terraço, onde a festa decorria animadíssima.

Ao mesmo tempo viram-se entrar muitas centenas de escravos, trazendo archotes na mão. Conduzidas por Sangarra, as dançarinas tziganas e persas reapareceram em frente do trono de Féofar, fazendo sobressair os seus bailados de diversos géneros. Os instrumentos da orquestra tártara iniciaram novamente um concerto selvagem, acompanhado pelos gritos guturais dos cantores. Os papagaios, que se tinham arriado, cercados agora de uma constelação de lanternas multicores, subiram de novo ao ar, e, agitados pela brisa fresca do entardecer, vibravam ainda com mais intensidade no meio desta iluminação aérea.

Depois veio juntar-se às danças, cada vez mais animadas, um esquadrão de tártaros com os seus uniformes de guerra, que logo começou uma fantasia[11] equestre de um efeito caprichoso.

Estes guerreiros, manejando simultaneamente os sabres e as pistolas de cano comprido, enquanto repetiam todos os movimentos da fantasia equestre, atroavam os ares com as detonações estrepitosas das suas armas de fogo, que formavam verdadeiro contraste ao lado das dutaras, dos tamboris e dos dairés.

As pistolas, carregadas, à moda chinesa, com pólvora colorida por meio de um ingrediente metálico, vomitavam longos jatos de cores, vermelha, verde e azul, parecendo que todos estes grupos de homens e mulheres se moviam vertiginosamente no meio de fogo de artifício.

Esta parte dos festejos tinha alguns pontos de contacto com a cibística dos antigos — essa dança militar, talvez legada pela tradição aos povos da Ásia central, em que os corifeus manobravam por entre pontas de espadas e punhais.

A cibística dos tártaros, porém, tornava-se mais extravagante ainda pelos jatos de cor, que serpenteavam em redor das belas dançarinas, arrancando mil cintilações das lantejoulas dos saiotes. Era como um caleidoscópio resplandecente, cujas combinações variavam infinitamente à medida que se

moviam as dançarinas.

Por mais cansado que estivesse um jornalista parisiense em relação aos efeitos e esplendores do moderno cenário teatral, Alcide Jolivet não pôde reprimir um ligeiro movimento de cabeça, que para um apreciador de fino gosto equivalia a dizer: não é feio, não é feio.

Depois, como obedecendo a um sinal convencionado, todo este vistoso quadro cessou repentinamente, as danças findaram e as dançarinas desapareceram. Estava concluída a cerimónia, e só os archotes alumiavam a esplanada, há pouco ainda tão deslumbrante de luzes variegadas.

A um gesto do emir, Miguel Strogoff foi conduzido para o centro do terraço.

— Meu caro Blount, tem muito empenho em ver o fim de tudo isto? — perguntou Alcide Jolivet.

— Nenhum — respondeu Harry Blount.

— Os leitores do Daily Telegraph não suspiram decerto pelos pormenores de um suplício à tártara?

— Tanto, meu amigo, como sua prima.

— Pobre rapaz! — acrescentou Alcide Jolivet, olhando com mágoa para Miguel Strogoff. — Era digno de melhor sorte. Aquele valente soldado merecia ter antes caído num campo de batalha.

— Se nós pudéssemos tentar alguma coisa para o salvar!... — sugeriu Harry Blount.

— É infelizmente impossível!

Os dois jornalistas lembravam-se do generoso procedimento de Miguel Strogoff a seu respeito. Sabiam agora por que provações, escravo do dever, ele havia de ter passado, e vendo-o em poder dos tártaros, incapazes de se abalarem por qualquer sentimento de compaixão, lamentavam-se de não lhe poderem ser prestáveis.

Não querendo, porém, presenciar o suplício que estava reservado àquele infeliz, retiraram-se imediatamente para Tomsk.

Uma hora depois seguiam ambos a estrada de Irkutsk, levados por dois

vigorosos cavalos, com a intenção de se reunirem aos russos. Tinham resolvido continuar na companhia destes o movimento militar, a que Alcide Jolivet, por antecipação, dava o nome de “campanha da desforra”.

Entretanto, Miguel Strogoff conservava-se de pé, lançando um olhar altivo ao emir e um olhar cheio de desprezo a Ivan Ogareff. Estava preparado para morrer, e, contudo, inutilmente se lhe poderia procurar nas feições o mais pequeno vislumbre de fraqueza.

Os espectadores que permaneciam em redor do terraço, bem como o estado-maior de Féofar-Cã, para quem este suplício representava apenas um novo atrativo, esperavam o momento em que se efetuasse a execução. Depois de saciada esta bárbara curiosidade, toda aquela turba de selvagens iria mergulhar nas ondas da embriaguez.

O emir fez outro gesto. Miguel Strogoff, levado pelos guardas até junto do seu trono, ouviu-lhe pronunciar as seguintes palavras em língua tártara:

— Vieste para ver, espião russo. Não tornarás mais a ver. Os teus olhos vão ser fechados para sempre à luz que alumia a Terra.

Não era de morte, mas de cegueira, a sentença que feria Miguel Strogoff. Era a perda da vista, mais terrível talvez que a perda da vida! O infeliz estava condenado a ficar cego!

Todavia, Miguel Strogoff não sucumbiu ao ouvir a sentença que o fulminava. Deixou-se ficar impassível e com os olhos muito abertos, como se quisesse concentrar a vida inteira no seu derradeiro olhar.

Implorar a proteção destes homens ferozes era inútil e impróprio da coragem de Miguel Strogoff. Nem por momentos pensou em tal. Os seus únicos pensamentos concentravam-se na missão que lhe fora confiada, agora irremediavelmente comprometida, na desventurada mãe e na formosa Nadia, entes queridos que nunca mais tornaria a ver! Contudo, não denunciou sequer a impressão dolorosa e profunda que tão cruéis e pungentes recordações lhe causavam.

Sentiu depois que, apesar da sua precária situação, um sentimento de

vingança lhe dominava ainda todo o ser. E, voltando-se para Ivan Ogareff, bradou-lhe com voz grave e ameaçado-a:

— Sobre ti, que vendeste a pátria como um infame, sobre ti, que juntas à traição a vilania, caia, prenúncio da justiça do céu, a derradeira ameaça de meus olhos!

Ivan Ogareff encolheu os ombros.

Porém, Miguel Strogoff tinha-se enganado. Não era a olhar para Ivan Ogareff que os seus olhos deixariam de ver a luz.

Marfa Strogoff acabava de se erguer a curta distância de seu filho.

— Minha mãe! — exclamou Miguel Strogoff. — Oh! Sim! Sim, para ti é que deve ser o meu último olhar, para ti, minha mãe, e não para aquele miserável! Conserva-te aí bem defronte de teu filho. Que eu veja ainda o teu rosto amantíssimo. Que os meus olhos se fechem para sempre contemplando ainda os teus olhos.

A velha siberiana adiantava-se para seu filho sem proferir uma palavra.

— Arredem daqui esta bruxa! — gritou Ivan Ogareff.

Dois soldados vieram empurrar para trás a desditosa Marfa. Ela recuou, mas conservou-se de pé a poucos passos de Miguel Strogoff.

O algoz apareceu neste momento. Agora trazia na mão o sabre, que acabara de tirar de cima da grelha, onde ardiam os carvões perfumados.

Iam cegar Miguel Strogoff segundo o desumano costume tártaro, passando-lhe por diante dos olhos uma lâmina candente.

Miguel Strogoff não procurou resistir. Para quê, se a luta seria estéril? Restava-lhe só contemplar pela última vez a amargurada figura de sua mãe. E como ele a devorava ansiosamente com o olhar! Toda a sua vida estava ali concentrada naquela contemplação final! Marfa Strogoff, com os olhos a quererem saltar-lhe das órbitas, com os braços estendidos numa postura aflitiva, tinha ainda forças para se conservar diante de seu filho.

O verdugo parou em frente do correio do czar. Depois, levantando a lamina, executou a sentença do emir.

Ouviu-se um agudíssimo grito de dor. A velha Marfa rolou desamparada sobre a terra.

Miguel Strogoff estava cego!

Cumpridas à risca as suas ordens, o emir retirou-se com toda a sua corte. No local do suplício ficara apenas Ivan Ogareff, acompanhado pelos escravos que seguravam os archotes.

O infame quereria insultar a sua vítima ou aplicar-lhe, depois do verdugo, ainda algum novo tormento?

Ivan Ogareff aproximou-se lentamente de Miguel Strogoff. Este, sentindo-o mover-se, pusera-se em guarda por instinto.

Ivan Ogareff, tirando da algibeira o ofício imperial, abriu-o e, por uma suprema ironia, colocou-o diante daqueles olhos que já não podiam ler!

— Lê agora — disse ele, com escárnio —, lê, Miguel Strogoff, e trata de ir levar a Irkutsk as notícias que acabo de te mostrar. Daqui por diante, eu, Ivan Ogareff, é que sou o verdadeiro correio do czar!

Dito isto, o infame tornou a dobrar o ofício e meteu-o no peito. Depois retirou-se sem olhar para trás, seguido dos escravos com archotes.

Miguel Strogoff ficou só, poucos passos distante de sua mãe, que jazia no chão desfalecida, moribunda talvez!

Ouviam-se ao longe os gritos e os cantares, todo o estrépito confuso de uma orgia ruidosa. Tomsk, iluminada, resplendia como se fosse uma cidade em noite de festa.

Miguel Strogoff aplicou o ouvido. A esplanada estava deserta e silenciosa.

Tateando o terreno, dirigiu-se então para onde sua mãe tinha caído. Encontrando-a por fim, inclinou-se respeitosamente sobre ela, deu-lhe um beijo prolongado e pôs-se a escutar as pulsações do coração. Depois dir-se-ia que lhe estivera a falar em segredo.

A velha Marfa viveria ainda? estaria acaso ouvindo o que o filho lhe dizia?

Seja como for, a sua postura continuou a ser a mesma.

Miguel Strogoff tornou-lhe a beijar o rosto e os cabelos brancos.

Seguidamente levantou-se e, começando a tatear o chão com os pés, como para se guiar no meio das sombras, foi assim caminhando devagar até ao extremo limite da esplanada.

De repente apareceu Nadia.

A corajosa menina aproximou-se de Miguel Strogoff. Um punhal, que trazia oculto, serviu-lhe para cortar as cordas que prendiam as mãos e os braços do seu companheiro.

Este, agora cego, não podia saber quem o soltava, porque Nadia se conservava calada. Porém: logo que acabou de o desprender exclamou:

— Meu irmão!

— Nadia! — balbuciou Miguel Strogoff. — És tu, Nadia?

— Cala-te, meu irmão — recomendou Nadia. — Roubaram-te a luz dos olhos, aqui tens, porém, os meus para te servirem de guia. Anda, Miguel, vamos. Agora hei de ser eu que te conduzirei a Irkutsk!

Capítulo VII — Um protetor inesperado

Meia hora depois Nadia e Miguel Strogoff estavam já longe de Tomsk. Entretanto, bastantes presos, aproveitando a ocasião, puderam também fugir. Todos os tártaros, oficiais e soldados, mais ou menos embriagados, tinham inconscientemente afrouxado o rigor da disciplina, até ali sempre mantida, quer no acampamento de Zabadiero, quer durante a marcha.

Nadia, depois de ter passado em frente do emir, conseguira esquivar-se às vistas dos seus guardas, voltando para a esplanada no momento em que iam supliciar Miguel Strogoff.

Ali, confundida com a turba, pôde ver e ouvir tudo.

Dos seus lábios, porém, não saiu um só grito de terror quando a lâmina candente do verdugo passou por diante dos olhos do seu companheiro. Sobrou-lhe a coragem para se conservar muda e impassível. Uma inspiração providencial lhe segredara que não arriscasse impensadamente a sua liberdade, para poder servir agora de guia ao filho de Marfa Strogoff. Ele jurara que havia de ir a Irkutsk: era um dever ajudá-lo agora a cumprir o seu juramento.

Houve só um momento em que o coração de Nadia cessou de bater: foi quando a velha siberiana caiu no solo inanimada. Uma vez mais soube conter-se, restituindo-lhe a energia uma súbita resolução:

— Serei o cão daquele cego! — decidiu.

Depois de Ivan Ogareff se retirar, Nadia ocultou-se na sombra, esperando que a multidão deixasse livre a esplanada. Miguel Strogoff, abandonado para ali como um ente miserável, de que já nada havia a recear, ficara só. Nadia vira-o adiantar-se até junto de sua mãe, inclinar-se sobre ela, beijá-la na fronte, e depois levantar-se vagarosamente, afastando-se.

Passados alguns momentos, ambos, de mãos dadas, desciam a encosta da colina, e, depois de terem seguido o curso do rio até ao extremo da cidade,

transpuseram sem obstáculo uma brecha das muralhas.

A estrada de Irkutsk, mostrava-se em frente deles avançando para leste. Não havia receio de a confundir com outra. Nadia obrigava Miguel Strogoff a marchar precipitadamente. Era possível que no dia seguinte, dissipada a influência da orgia, os exploradores do emir se lançassem de novo pela estepe, cortando todas as comunicações que ainda estivessem livres. Convinha, pois, não perder tempo, e chegar antes deles a Krasnoiarsk, distante ainda de Tomsk quinhentas verstas, a fim de só se largar a estrada quando ela se tornasse de todo intransitável. Sair do caminho traçado era seguir o incerto, o desconhecido, era expor temerariamente a vida.

Como foi que Nadia conseguiu suportar as fadigas desta noite de 16 para 17 de agosto? Como teve ela a força física necessária para tão larga tirada de caminho? Como foi que os seus pés a sustiveram, apesar de feridos pelas pedras da estrada? Só a sua dedicação poderia explicar este esforço sobre-humano, esta espécie de milagre.

O certo é que na manhã seguinte, doze horas depois da sua saída de Tomsk, Nadia e Miguel Strogoff chegavam ao lugar de Semilowskoe, com cinquenta verstas de caminho já percorridas.

Miguel Strogoff, andando sempre sem afrouxar o passo, ainda não tinha pronunciado uma palavra. Em lugar de ser Nadia, como parecia natural, quem oferecera a mão a Miguel Strogoff para o guiar nas duplas trevas dos seus olhos e da noite, fora este que, segurando entre as suas a mão de Nadia, se deixara conduzir por Assim dizer maquinalmente. Contudo, bastava um simples estremecimento daquela mão delicada para indicar ao pobre cego a linha que devia seguir.

O lugar de Semilowskoe estava, porém, quase deserto.

Os seus habitantes, receando a aproximação dos tártaros, haviam fugido para a província do Yeniseisk. Viam-se apenas duas ou três casas habitadas. Tudo o que ali existia de utilidade ou valor fora já transportado em carros.

Contudo, Nadia precisava de repousar algumas horas. Em rigor, tinham

ambos necessidade de descanso e de alimento.

A corajosa menina conduziu, pois, o seu companheiro pelo centro da povoação, onde encontrou uma casa sem moradores, com as portas de todo abertas. Ao entrarem numa delas acharam-se ambos num quarto de dormir. Junto de um grande fogão, como os que sempre há no interior das habitações siberianas, estava um banco tosco de madeira. Sentaram-se nele.

Nadia fitou então bem de frente o seu companheiro, agora cego. Olhou para ele como nunca até ali se atrevera a encará-lo. Nos seus olhos, velados pelas lágrimas, havia mais que piedade, mais que compaixão. Se Miguel Strogoff pudesse ver, teria lido naquele puro e inocente olhar a expressão de um afeto ilimitado, de uma ternura imensa e profundíssima.

As pálpebras do cego, avermelhadas pelo efeito da lâmina candente, caíam-lhe sobre os olhos, absolutamente cegos, deixando-os meio cerrados. A esclerótica estava ligeiramente enrugada e como que endurecida, a pupila singularmente dilatada, a íris parecia ser de um azul mais escuro do que dantes, as pestanas e as sobrancelhas estavam em parte queimadas, mas, pelo menos aparentemente, o olhar penetrante de Miguel Strogoff não parecia ter sofrido nenhuma alteração. Se ele não via, se era completa a sua cegueira, isso devia-se à sensibilidade da retina e do nervo ótico ter sido radicalmente destruída pelo terrível efeito da lâmina em brasa.

Neste momento, Miguel Strogoff estendeu as mãos.

— Estás aí, Nadia? — perguntou ele.

— Estou, estou a teu lado para nunca mais te deixar, Miguel.

Miguel Strogoff estremeceu ao ouvir Nadia proferir pela primeira vez o seu nome. Percebeu que a sua companheira sabia tudo: o que ele era e quais os laços que o prendiam à velha Marfa.

— Nadia — acrescentou Miguel Strogoff —, é preciso que nos separemos.

— Que nos separemos! E porquê, Miguel?

— Não quero ser um estorvo à tua viagem. Teu pai espera por ti. Deves ir ter com ele.

— Meu pai amaldiçoar-me-ia se soubesse que te abandonava depois de tudo a que por mim te expuseste.

— Nadia! Nadia! — respondeu Miguel Strogoff, apertando a mão que a jovem livoniana colocara entre as suas. — Cumpre-te só pensar em teu pai.

— Miguel — interrompeu Nadia —, tu precisas mais de mim que meu pai. Renunciaste, porventura, à ideia de ir a Irkutsk?

— Oh! Nunca! — exclamou Miguel Strogoff, com um tom de voz em que transparecia uma enérgica resolução.

— Todavia, já não tens em teu poder o ofício de que eras portador...

— Roubou-mo aquele infame! Não importa... Passarei sem o ofício. Ivan Ogareff denunciou-me como espião. Será, pois, como espião que daqui por diante me hão de ter. Irei relatar a Irkutsk tudo que vi e ouvi. E juro, por Deus que me ouve, que o traidor há de saber ainda uma vez que homem é este espião! Preciso para isso de chegar antes dele a Irkutsk.

— E falas em separar-te de mim!

— Nadia... Nadia... Os miseráveis tiraram-me tudo!

— Restam-me ainda alguns rublos e, acima do dinheiro, o livre uso dos meus olhos, Miguel. Verei por ti e,, na minha companhia, poderás chegar onde sozinho não irias:

— E de que maneira caminharemos, Nadia?

— A pé.

— E como havemos de viver?

— Da caridade.

— Seja, Nadia.

— Vem, Miguel.

Miguel Strogoff e Nadia já não se tratavam mutuamente por irmão e irmã. Na sua comum desgraça, cada vez se sentiam mais ligados um ao outro. Depois de uma hora de repouso, ambos saíram daquela casa. Nadia, depois de atravessar as diferentes ruas da povoação, conseguiu que lhe dessem alguns bocados de ichornekhleb, espécie de pão de cevada, e uma porção de hidromel, a que na

Rússia se dá o nome de méod. Nadia obtivera estas provisões sem despender um kopek. Era o primeiro fruto da sua forçada profissão de mendiga. Com este alimento se bem que modesto, pôde Miguel Strogoff abrandar a fome e a sede que o atormentavam. Nadia reservara-lhe cuidadosamente a melhor parte da minguada refeição. Miguel Strogoff comia pela mão de Nadia os bocados de pão que esta lhe cortava, levando à boca depois o recipiente do méod.

— Não comes, Nadia? — perguntava Miguel Strogoff com voz meiga.

— Como, sim, Miguel — respondia a dedicada criança, que apenas se contentava com os restos do seu companheiro.

Miguel Strogoff e Nadia saíram de Semilowskoe, lançando-se de novo na estrada para Irkutsk. A caminhada, porém, era superior às forças de Nadia. Se Miguel Strogoff pudesse vê-la tão extenuada pela fadiga, decerto se teria oposto a que ela fosse por diante. Nadia, contudo, mostrava-se resignada, e Miguel Strogoff, não lhe ouvindo sair dos lábios qualquer queixume, continuava a andar com uma velocidade que não podia reprimir: Mas porque tinha ele tamanha pressa? Alimentaria ainda por acaso alguma esperança? Não se daria conta de que não possuía meios de locomoção, nem dinheiro, e que, por desgraça, estava cego? E se Nadia, a sua atual providência, viesse a faltar-lhe, não teria de sucumbir obscuramente, para ali abandonado na estrada? Assim parecia, entretanto, se à força de coragem e de perseverança lograsse chegar a Krasnoiarsk, talvez nem tudo estivesse perdido. Miguel Strogoff apresentar-se-ia nesse caso ao governador da cidade e dar-se-ia a conhecer, para que ele lhe proporcionasse os meios de continuar a sua viagem.

Miguel Strogoff caminhava, pois, falando raras vezes, absorto a maior parte do tempo. Todavia, de vez em quando, como se despertasse das suas íntimas divagações, inquiria com afeto:

— Porque não falas, Nadia?

— Para quê, Miguel? Não temos nós, porventura, os mesmos pensamentos?

E, respondendo assim, a pobre menina procurava não dar a conhecer a sua excessiva prostração. Às vezes, porém, sentindo vergarem-se-lhe as pernas,

afrouxava o passo, estendia os braços ao longo do corpo e deixava-se ficar para trás, como se o coração por momentos cessasse de bater. Miguel Strogoff parava então, fixando os olhos muito abertos sobre a pobre Nadia, como se tentasse vê-la através das espessas névoas que lhe velavam a vista. Nos seus lábios esboçava-se um sorriso doloroso, depois, amparando com mais vigor a sua companheira, continuava logo a marcha que interrompera por um instante.

No meio de tantas provações, de tão grandes amarguras, ocorreu neste dia uma circunstância extraordinária, que transformou beneficamente a situação dos dois infelizes.

Havia duas horas que eles tinham saído de Semilowskoe quando Miguel Strogoff parou de repente.

— A estrada está deserta? — perguntou ele.

— Completamente deserta.

— Parece-me, porém, que oiço bulha atrás de nós.

— Tens razão, Miguel.

— Se forem os tártaros, convém que nos escondamos. Vai ver, Nadia.

— Espera, Miguel — recomendou Nadia, afastando-se alguns passos para observar a estrada de cima de uma pequena eminência.

Miguel Strogoff, que ficou só por um momento, estendeu também a cabeça.

Nadia voltou pouco depois, informando:

— É uma carroça. Vem nela um rapaz.

— Só ou acompanhado?

Miguel Strogoff hesitou um momento. Deveria esconder-se? Ou deveria arriscar-se a pedir um lugar naquele veículo, não para ele, mas para Nadia? Para ela, sim! O infatigável caminhante contentar-se-ia que o deixassem apoiar-se na traseira da carroça, prestando-se até, se fosse preciso, a empurrá-la com as mãos. Pois não dispunha ele ainda dos seus possantes músculos de aço? A pobre Nadia, essa é que já não podia dar um passo, quebrada pelas violentas e penosas marchas que desde Omsk até aqui tinha sido obrigada a fazer.

Miguel Strogoff decidiu-se a esperar.

A carroça não tardou que se aproximasse.

Era um modesto veículo, que apenas podia conter três pessoas, veículo que tem na Sibéria o nome de kibitka.

A kibitka, ordinariamente, costuma ser puxada por três cavalos, esta porém só tinha um. É verdade que era um cavalo de sangue mongol, o que lhe abonava as suas boas qualidades de vigor e de coragem.

Guiava-a um rapaz de vinte e tantos anos, trazendo um cão ao lado.

Nadia reconheceu que era russo aquele rapaz. Tinha uma fisionomia simpática e suave, que inspirava confiança. De resto, não parecia vir muito apressado. Para não cansar o cavalo, caminhava a passo, e quem o encontrasse não diria que ele seguia um caminho que de um momento para o outro poderia estar cortado pelos tártaros.

Nadia, segurando Miguel Strogoff pela mão, tinha-se afastado com ele para um dos lados da estrada.

A kibitka parou, e o seu condutor pôs-se a olhar para Nadia com ar afável.

— Para onde é que tencionam ir nesse passo? — perguntou ele com agrado, abrindo muito os olhos.

O som desta voz não pareceu estranho a Miguel Strogoff. Iria afirmar que já a tinha ouvido noutro lado. E dir-se-ia que isso bastou para o tranquilizar, porque a sua fronte desanuviou-se de repente.

— Então para onde é que vão, façam favor de mo dizer? — repetiu o recém-chegado, voltando-se mais diretamente para Miguel Strogoff.

— Vamos para Irkutsk! — respondeu este.

— Para Irkutsk! Mas é que, daqui até lá, ainda há que andar um bom par de verstas, meu amigo!

— Bem sei.

— E tencionas andá-las a pé?

— Tenciono.

— Quanto a ti, não digo que não, mas quanto a essa menina...

— É minha irmã — acudiu Miguel Strogoff, que julgou prudente continuar a

dar-lhe este tratamento.

— Estimo sabê-lo. Pois, como te dizia, tua irmã é que não poderá chegar até Irkutsk.

— Meu amigo — explicou Miguel Strogoff, aproximando-se da kibitka —, os tártaros roubaram-nos tudo, e não tenho um kopek sequer para te oferecer. Mas se permites que minha irmã vá a teu lado, eu seguir-te-ei a pé, sem atrasar assim a tua jornada.

— Irmão!... Meu irmão — exclamou Nadia —, não consinto... não consinto. Senhor!... Senhor!... Meu irmão é cego!

— Cego! — exclamou o russo com voz comovida.

— Os tártaros queimaram-lhe os olhos — ajuntou Nadia, estendendo as mãos em ar de súplica.

— Queimaram-lhe os olhos?!... Ah! Que malvados! Olhem: eu vou para Krasnoiarsk. Porque não hão de vir também comigo? Apertando-nos um pouco, havemos de caber todos. O meu cão, esse que tenha paciência... irá a pé. Devo, porém, preveni-los de uma coisa: é que não vou depressa para não estafar o cavalo.

— Como te chamas, meu amigo? — perguntou Miguel Strogoff.

— Nicolau Pigassof.

— Nunca mais esquecerei esse nome! — declarou Miguel Strogoff com verdadeiro sentimento de gratidão.

— Não falemos nisso... Então! Vamos, é trepar cá para cima. Tu ficarás ao lado de tua irmã dentro da carroça, eu na almofada para guiar. No fundo há boa palha de cevada e casca de bétula muito macia. É como se fosse um ninho. Safa-te daí, “Serkô”! Deixa o lugar para quem está mais cansado do que tu.

O cão desceu logo sem se fazer rogar. Era um animal de raça siberiana, pelo cinzento, cabeça grande e olhar amigo, que parecia ter muita amizade pelo dono.

Miguel Strogoff e Nadia subiram depressa para a kibitka. Aquele, depois de sentado, estendeu as mãos, como que procurando as de Nicolau.

— São as minhas mãos que pretendes apertar? — disse Nicolau.

— Aqui as tens, pobre cego! Aperta-as quanto quiseres.

A kibitka pôs-se de novo a andar. O cavalo, como advertira Nicolau, ia a passo. Se Miguel Strogoff não melhorava em rapidez, sabia pelo menos que a sua infeliz companheira não teria de suportar novas fadigas.

E era tal o cansaço da pobre menina que, embalada pelo monótono movimento da kibitka, bem depressa caiu num sono que mais parecia letargo. Miguel Strogoff e Nicolau deitaram-na em cima da palha o melhor que puderam. O compassivo rapaz estava deveras comovido. Se naquele momento não brotou uma lágrima dos olhos de Miguel Strogoff foi porque a lâmina do verdugo lhe tinha para sempre queimado as últimas.

— E ela é bonita! — observou Nicolau.

— Se é! — respondeu Miguel Strogoff.

— Por mais que façam, por maior que seja a sua coragem, nunca têm o vigor de um homem estas delicadas criaturinhas! E já vêm de longe?

— De muito longe!

— Coitados! E doeu-te muito quando eles te queimaram os olhos?

— Doeu — replicou Miguel Strogoff, voltando-se como se estivesse a ver Nicolau.

— E não choraste?

— Chorei.

— Também eu teria chorado. Pensar que se não tornam a ver as pessoas a quem mais queremos! O que vale é que nos veem elas a nós. Isso ao menos é uma consolação.

— Assim é. Dize-me, Nicolau — inquiriu Miguel Strogoff —, não te lembras de já me teres encontrado nalgum sítio?

— Não.

— É que me pareceu reconhecer o som da tua voz.

— Ora esta! — volveu Nicolau, a rir. — Parece-te que já ouviste o som da minha voz. Dizes isto talvez para saberes donde venho. Vou satisfazer-te a curiosidade: Venho de Kolyvan.

— De Kolyvan? — exclamou Miguel Strogoff. — Mas foi então lá que eu te vi. Não eras tu que estavas na estação do telégrafo?

— Devia ser — admitiu Nicolau —, uma vez que era eu o empregado incumbido de transmitir os telegramas.

— E conservaste-te no teu posto até aos últimos momentos?

— Decerto. Não fiz mais do que o meu dever!

— Lembras-te do dia em que um inglês e um francês disputaram, junto do teu lugar, qual seria o primeiro a transmitir os seus despachos? E lembras-te que o inglês se pôs a telegrafar para Londres os versículos da Bíblia?

— É possível, mas não me recordo.

— Como assim? Não te recordas?

— É que nunca reparo nos despachos que transmito. Cumprindo-me por obrigação esquecê-los, acho que o melhor é ignorá-los.

Esta resposta definia Nicolau Pigassof.

Entretanto, a kibitka continuava sempre a ir a passo, embora Miguel Strogoff desejasse que ela andasse mais depressa. Nicolau e o seu cavalo estavam de tal forma habituados a este andamento que não seria fácil obrigá-los a mudar para outro. O cavalo, quer de dia, quer de noite, caminhava três horas e descansava uma. Durante as horas de descanso, o cavalo pastava, e os viajantes da kibitka tomavam as suas refeições na companhia do fiel “Serkô”.

Nicolau fora tão previdente que acumulara pelo menos provisões para vinte pessoas. Nem mesmo se esquecera de trazer consigo o samovar[12]. O generoso rapaz pusera tudo à disposição dos seus dois hóspedes, que ele julgava serem irmãos.

Depois de algumas horas de repouso, Nadia tinha recobrado parte das suas forças. Nicolau providenciava para que ela se acomodasse o melhor possível.

A viagem ia-se fazendo em condições aceitáveis, devagar, é certo, mas com regularidade. Sucedia que às vezes, durante a noite, Nicolau se deixava adormecer, ressonando com uma convicção que bem patenteava a serenidade da

sua consciência. Talvez que, nesse momento, quem olhasse com atenção pudesse ver as mãos de Miguel Strogoff procurando as rédeas do cavalo e obrigando este a um andamento mais rápido, com grande espanto de “Serkô”, que, todavia, se conservava silencioso. Aquele trote, porém, voltava novamente ao passo logo que Nicolau acordava, o que não impedia que a kibitka tivesse avançado algumas verstas em relação à sua velocidade habitual.

Foi assim que se atravessou a ribeira de Ichimsk, as povoações de Ichimskoe, Berikylskoe, Kuskoe, a ribeira de Marünsk, a povoação do mesmo nome, Bogostowlskoe, e finalmente o Tchula, pequeno rio que separa a Sibéria ocidental da Sibéria oriental. A estrada estendia-se agora através de imensa charneca, por entre compridos e cerrados pinhais, que pareciam nunca ter fim.

Tudo estava deserto. As povoações quase todas abandonadas. Os habitantes do campo tinham fugido para lá do Yenisei, julgando talvez que este enorme rio pudesse servir de barreira à invasão dos tártaros.

No dia 22 de agosto chegou a kibitka ao lugar de Atchinsk, distante de Tomsk trezentas e oitenta verstas. Faltavam ainda cento e vinte verstas para chegar a Krasnoiarsk. Nenhum incidente viera perturbar o seguimento da viagem. Havia seis dias que se realizara o encontro de Nicolau com Miguel Strogoff e a sua companheira. Durante algum tempo não se tinha dado mudança alguma entre os três viajantes, um entregue sempre à sua inalterável serenidade, os outros dois sempre inquietos pelo que lhes poderia ainda suceder antes de chegarem a Irkutsk.

Miguel Strogoff, assim se pode dizer, ia vendo a estrada pelos olhos de Nicolau e de Nadia. Cada um, por sua vez, procurava descrever os lugares que atravessavam. Miguel Strogoff sabia assim se caminhava numa planície, se atravessava uma floresta, se ao longe se divisava alguma cabana, se no horizonte aparecia algum siberiano. Nicolau não se calava. Era falador por vocação, e, qualquer que fossem as suas apreciações, gostava-se sempre de o ouvir.

Um dia perguntou-lhe Miguel Strogoff que tal estava o tempo.

— Bom ainda — respondeu Nicolau —, mas o verão está a despedir-se de

nós. O outono é curto na Sibéria, e não tardará que apareçam os primeiros frios do inverno. Talvez que os tártaros tencionem acantonar-se durante esse tempo.

Miguel Strogoff sacudiu a cabeça em ar de dúvida.

— Não és dessa opinião? — perguntou Nicolau. — Receias que eles avancem até Irkutsk?

— Receio — afirmou Miguel Strogoff.

— Tens razão. Os tártaros trazem consigo um infame, que os não há de deixar arrefecer pelo caminho. Já ouviste falar de Ivan Ogareff?

— Já.

— Que me dizes daquele velhaco sem consciência que atraiçoou a nossa pátria? Não achas que praticou uma infâmia imperdoável?

— Acho — respondeu Miguel Strogoff, diligenciando por se conservar impassível.

— Olha lá, amigo — tornou de novo Nicolau. — Noto que não te zangas bastante quando se fala desse traidor. Eu entendo que todo o russo que for homem de bem deve indignar-se ao ouvir pronunciar aquele nome.

— Acredita-me, Nicolau: tenho por esse infame tal rancor que nunca tu poderás odiá-lo tanto como eu o odeio — assegurou Miguel Strogoff, cerrando os punhos numa agitação febril que surpreendeu o companheiro.

— Isso é que não é possível, não. Quando eu penso naquele maroto e nos grandes males que tem causado à nossa santa Rússia, apodera-se de mim tamanha exaltação que, se o apanhasse a jeito...

— Que lhe farias?

— Que lhe faria? Parece-me que o matava!

— Parece-te! Pois eu afianço-te que o matava — respondeu tranquilamente Miguel Strogoff.

Capítulo VIII — A passagem do Yenesei

No dia 25 de agosto, ao cair da tarde, avistou-se da kibitka a cidade de Krasnoiarsk. A viagem de Tomsk até aqui tinha durado oito dias. Se não se caminhara mais depressa, apesar dos bons desejos de Miguel Strogoff, foi porque durante esse período Nicolau tinha dormido muito pouco. Noutras mãos que obrigassem o cavalo a andar mais apressadamente aquele trajeto não deveria com certeza ter durado mais de sessenta horas.

Felizmente, ainda não havia notícias dos tártaros. As vanguardas do emir não tinham por enquanto sido vistas na estrada que os três viajantes acabavam de percorrer.

Isto era de facto extraordinário. Só uma circunstância muito grave poderia ter obstado a que as forças de Féofar-Cã continuassem os seus movimentos ofensivos.

A circunstância grave produzira-se com efeito. Um novo corpo de exército russo, reunido à pressa no governo do Yeniseisk, marchara sobre Tomsk, na intenção de reconquistar aquela cidade aos tártaros. Insignificante, porém, para se medir com as forças inimigas, todas agora concentradas, essas tropas viram-se obrigadas a bater em retirada. Féofar-Cã, juntando os seus soldados aos contingentes dos canados de Khokhand e de Kunduza, contava agora debaixo das suas ordens um exército de duzentos e cinquenta mil homens, contra os quais o Governo russo ainda não podia opor forças consideráveis. Supunha-se por conseguinte, e com algum fundamento, infelizmente, que a invasão não poderia ser tão depressa detida, devendo esperar-se, como consequência desse mal, a marcha compacta de todas as tropas tártaras sobre a capital da Sibéria oriental.

A batalha de Tomsk travara-se no dia 22 de agosto, facto que Miguel Strogoff desconhecia, mas que explicava perfeitamente o motivo por que a vanguarda do emir ainda não chegara a Krasnoiarsk no dia 25.

O que, porém, Miguel Strogoff sabia, embora ignorasse os acontecimentos ocorridos em Tomsk depois da sua saída, é que tinha ganho alguns dias sobre os tártaros, pelo que não devia desesperar de chegar antes deles a Irkutsk, donde contudo estava afastado ainda oitocentas e cinquenta verstas.

De resto, em Krasnoiarsk, cidade cuja população anda aproximadamente por doze mil almas, Miguel Strogoff contava que não lhe escassearíam os meios de transporte. Uma vez que Nicolau Pigassof tencionava ficar nesta cidade, convinha arranjar um guia e um veículo que pudesse substituir com vantagem a kibitka. Miguel Strogoff, depois de se apresentar ao governador de Krasnoiarsk e de fazer provar a sua qualidade de correio do czar, o que lhe seria fácil, esperava que aquele funcionário não lhe recusaria os meios de chegar a Irkutsk no mais breve espaço de tempo. Conseguido isto, iria agradecer a Nicolau o serviço que lhe prestara, pondo-se logo a caminho com a sua companheira, de quem só deveria separar-se quando a deixasse entregue nos braços de seu pai.

Todavia, se Nicolau resolvera ficar em Krasnoiarsk, era, como ele tinha dito, na esperança de encontrar ali que fazer.

Este empregado exemplar, que permanecera na estação de Kolyvan até ao assalto dos tártaros, procurava efetivamente voltar quanto antes para o serviço.

— Porque hei de eu estar a receber um ordenado a que não tenho direito, uma vez que não trabalho? — dizia ele muitas vezes.

Por conseguinte, se os seus chefes o não pudessem aproveitar em Krasnoiarsk, embora o telégrafo devesse ainda funcionar entre esta cidade e Irkutsk, o seu plano era seguir para a estação de Udinsk, ou, em último caso, para a capital da Sibéria oriental. Sendo assim, continuaria a viagem na companhia dos dois irmãos, e onde iriam estes encontrar um guia mais seguro, um amigo mais dedicado?

A kibitka achava-se então a meia versta apenas de Krasnoiarsk. Viam-se já à direita e à esquerda as numerosas cruzes de madeira que se levantam no caminho quando se está perto da cidade. Eram sete horas da tarde. Sobre o horizonte começavam a desenhar-se os perfis das igrejas e a linha das casas levantadas

sobre as ribas do Yenisei. As águas do rio brilhavam com os últimos clarões que lhes enviava o Sol no ocaso.

A kibitka tinha parado.

— Onde estamos? — perguntou Miguel Strogoff a Nadia.

— A meia versta, quanto muito, das primeiras casas, que se avistam na nossa frente — informou ela.

— Dir-se-ia que vamos para uma cidade de mortos — ponderou Miguel Strogoff. — Não sinto o menor ruído.

— E não se vê uma só luz brilhar nas sombras, nem levantar-se no ar o mais ligeiro fumo — acrescentou Nadia.

— Que cidade tão extraordinária! — exclamou Nicolau. — Parece que os moradores costumam deitar-se com as galinhas.

Um pressentimento de mau agoiro atravessou o espírito de Miguel Strogoff, que pusera todas as suas esperanças na chegada a Krasnoiarsk. Era dali que ele contava seguir sem obstáculos a sua viagem. Não o tinha dito a Nadia, é certo, para não lhe alimentar a imaginação com promessas, que poderiam ainda desvanecer-se. Contudo, Nadia adivinhara-lhe o pensamento, se bem que não compreendesse o motivo por que o seu companheiro persistia em ir a Irkutsk, uma vez que já não estava em seu poder o ofício do imperador. Um dia chegara mesmo a falar-lhe a este respeito.

— Jurei que havia de ir a Irkutsk, e hei de cumprir o meu juramento — contentara-se em responder Miguel Strogoff.

Mas, para se realizar essa viagem, era preciso que em Krasnoiarsk se encontrassem meios fáceis de locomoção.

— Então, amigo — perguntou Miguel Strogoff a Nicolau —, porque é que não vamos para diante?

— É que receio acordar os moradores da cidade com a bulha da carroça.

E com uma ligeira chicotada Nicolau obrigou novamente o cavalo a andar. “Serkô” ladrou por alguns segundos e a kibitka desceu a pequeno trote a ladeira que ia dar a Krasnoiarsk.

Dez minutos depois entrava a kibitka numa larga rua.

Krasnoiarsk estava deserta! Não se via um único ateniense naquela Atenas do Norte, como lhe chama Madame de Bourboulon. Nenhuma das opulentas e faustosas carruagens, que ali abundam, percorria as ruas largas e asseadas. Nenhum transeunte seguia pelos passeios que orlam a base daquelas magníficas habitações de madeira de aspeto monumental! Nenhuma elegante siberiana, vestida pelos últimos figurinos de Paris, passeava por entre as avenidas daquele belo parque, rasgado numa floresta de bétulas, que se estendia até às margens do Yenisei! Os pesados sinos da catedral estavam mudos! Os campanários das igrejas não se ouviam e, no entanto, é raro que uma cidade russa não encha constantemente o espaço com o repique alegre dos seus sinos! Mas a solidão era geral e completa! Não se via um único ser vivo nesta cidade, ainda há pouco tempo tão cheia de animação!

O último telegrama expedido do gabinete do czar, antes de a linha estar interrompida, tinha ordenado ao governador, à guarnição e a todos os habitantes que saíssem de Krasnoiarsk e fossem em busca de refúgio em Irkutsk, levando consigo tudo o que tivesse valor ou pudesse aproveitar aos tártaros. A mesma intimação fora feita aos habitantes das outras povoações da província. O Governo moscovita queria estender um deserto em frente dos invasores. Estas ordens, que faziam lembrar as de Rostopschine, quando mandou incendiar Moscovo, foram executadas pontualmente, sem que uma só voz se atrevesse a discuti-las.

Eis as razões por que os viajantes da kibitka não encontravam agora um único habitante em Krasnoiarsk.

Miguel Strogoff, Nicolau e Nadia percorreram em silêncio as ruas da cidade, experimentando, a seu pesar, uma impressão desagradável. Eram eles os únicos a perturbar a sinistra quietação desta cidade sem moradores!

Miguel Strogoff não deixou transparecer no rosto as amarguras que lhe atormentavam o espírito. A má fortuna persistia ainda em persegui-lo, destruindo-lhe mais uma vez as suas tão bem fundadas esperanças.

— E esta! — exclamou Nicolau. — Não será decerto numa cidade sem população que eu hei de exercer o meu emprego!

— Nicolau — propôs Nadia —, o melhor é continuarmos juntos a viagem para Irkutsk.

— Parece-me que sim — declarou Nicolau. — O telégrafo ainda não deve estar interrompido entre Udinsk e Irkutsk... Olá, amigo... vamos para diante?

— Será melhor esperar até amanhã — sugeriu Miguel Strogoff.

— Bem pensado — apoiou Nicolau. — Há que passar o Yenisei, e para isso é necessário ver bem!

— Ver bem! — murmurou Nadia, olhando para Miguel Strogoff.

Nicolau ouviu a observação magoada de Nadia, e, voltando-se para Miguel Strogoff, disse-lhe:

— Desculpa, meu amigo, desculpa. Não me lembrei de que a noite e o dia têm para ti o mesmo valor.

— Não tenho que te desculpar — disse Miguel Strogoff, passando a mão pelos olhos. — Contigo por guia, ainda poderei servir para alguma coisa. Mas aguardemos o dia de amanhã. Tu precisas de repouso e Nadia também.

Miguel Strogoff, Nadia e Nicolau não precisaram de gastar muito tempo para achar uma casa disponível. A primeira porta que empurraram ao acaso forneceu-lhes logo um lugar de abrigo. É certo que só encontraram lá dentro alguns feixes de erva muito seca. à falta de melhor, teve o cavalo de se contentar com aquela magra ração. Quanto a provisões de boca, o sortimento da kibitka ainda não estava esgotado, e cada um dos três viajantes Pôde cear à vontade. Depois ajoelharam-se todos diante da imagem da virgem, suspensa numa das paredes, e ainda alumiada pelos últimos clarões de uma lâmpada quase a apagar-se.

Nadia e Nicolau deixaram-se logo adormecer. Miguel Strogoff ficou velando. Parecia que o cansaço não tinha ação sobre ele.

No dia seguinte, 26 de agosto, antes de nascer a manhã, a kibitka, atrelada novamente, começava a atravessar o parque de Krasnoiarsk para se aproximar do Yenisei.

Miguel Strogoff ia vivamente preocupado. Como se poderia passar o rio, dado o caso de já estarem retirados ou destruídos todos os barcos para dificultar a marcha dos tártaros? Miguel Strogoff conhecia o Yenisei por ter andado nele muitas vezes. Sabia que a sua largura era considerável e perigosos os numerosos rápidos formados pelo duplo leito do rio e pelos seus vários braços. Em circunstâncias normais, e por meio de barcos feitos especialmente para transportar viajantes, carruagens e cavalos, a passagem do Yenisei leva três horas pelo menos, sendo só à custa de inúmeras dificuldades que se consegue chegar à margem oposta. Ora, à falta de qualquer embarcação, como passaria a kibitka de um para o outro lado do rio?

— Seja como for, hei de passar! — repetia com tenacidade Miguel Strogoff.

Começava a despontar o dia quando a kibitka chegou à margem esquerda, justamente no ponto onde terminava uma das grandes avenidas do parque. Naquele local as ribas dominavam perto de cem pés do curso do rio, o que permitia dilatar a vista por uma enorme extensão.

— Vê-se algum barco de passagem? — perguntou Miguel Strogoff, movendo os olhos por um hábito maquinal, sem dúvida, e como se quisesse ele próprio fixar os objetos que o rodeavam.

— Começa apenas a amanhecer, meu irmão — respondeu Nadia. — O nevoeiro no rio é tão espesso ainda que nem se distinguem as águas.

— Mas eu oiço-as agitarem-se.

Efetivamente, das camadas inferiores deste nevoeiro saía um vago sussurro, causado pelas correntes e contracorrentes que se cruzavam. As águas, muito elevadas nesta época do ano, deviam precipitar-se com extrema violência. Os viajantes puseram-se à espera que o denso véu de neblina se dissipasse. O Sol ia levantar-se brevemente sobre o horizonte, e os seus primeiros raios não poderiam deixar de desvanecer aqueles vapores.

— Então? — perguntou Miguel Strogoff.

— As brumas começam a desfazer-se, meu irmão — explicou Nadia. — A luz do Sol já penetra por entre elas.

— Ainda não vês o nível do rio, minha irmã?

— Ainda não.

— Sê paciente, amigo — acudiu Nicolau. — Não tarda que isto tudo se derreta. Bom! O vento principia a soprar, fazendo desaparecer o nevoeiro. As altas colinas da margem direita já se destacam, deixando ver os seus renques de árvores. Tudo se dissolve, tudo se some. Os raios do Sol condensaram toda a grande massa de brumas. Ah! Como tudo isto é belo! E que pena que tu não possas contemplar este sublime espetáculo!

— Vês por acaso algum barco? — tornou a perguntar Miguel Strogoff, com insistência.

— Não vejo — afirmou Nicolau.

— Observa minuciosamente, meu amigo, percorre ambas as margens com a vista, e dize-me se os teus olhos não alcançam alguma embarcação, por pequena que seja, alguma simples canoa, ainda mesmo de cortiça.

Nicolau e Nadia, segurando-se aos troncos das bétulas que orlavam as ribas, debruçaram-se sobre o rio, perscrutando-o. O espaço patente aos seus olhos era imenso. O Yenisei neste sítio não media menos de versta e meia de largura e formava dois braços de grandeza desigual por onde as águas se lançavam com enorme impetuosidade. Entre estes braços existem diferentes ilhas, onde se veem amieiros, choupos e salgueiros, que pareciam outros tantos navios verdejantes ancorados serenamente no meio do rio. Para lá da margem direita levantavam-se as altas colinas coroadas de florestas, cuja ramaria começava a purpurear-se de luz. Para baixo e para cima estendia-se majestosamente a vasta superfície das águas. Este admirável panorama fechava-se à vista num perímetro de cinquenta verstas.

Nem uma só embarcação, porém, se divisava de ambos os lados do rio! Todas tinham sido retiradas ou destruídas por ordem superior. Efetivamente, se os tártaros não trouxessem consigo o material necessário para construir uma ponte de barcas, a sua marcha sobre Irkutsk arriscava-se a ficar interrompida diante desta barreira natural.

— Agora me lembro — disse então Miguel Strogoff. — Mais adiante, pegado com as últimas casas de Krasnoiarsk, há um pequeno cais de embarque, onde os barcos de passagem costumam ancorar. Vamos, Nicolau, vamos ver se algum deles ali ficaria por esquecimento.

Nicolau caminhou na direção indicada. Nadia, estendendo a mão a Miguel Strogoff, seguiu com ele atrás de Nicolau. Um barco, uma simples canoa que pudesse transportar a kibitka, ou, à falta dela, os viajantes, e Miguel Strogoff não hesitaria em atravessar o rio.

Vinte minutos depois chegavam todos três ao pequeno cais de que falara Miguel Strogoff, todo ladeado de casinhas, que iam quase beijar o nível das águas. Era uma espécie de arrabalde veneziano, situado na parte baixa de Krasnoiarsk.

Mas nem sombra de barcos de passagem junto da ponte do cais, nem uma única embarcação nas amarras do ancoradouro! Nada! Nem sequer fragmentos de madeira que permitissem construir uma jangada para três pessoas!

Miguel Strogoff perguntara a Nicolau o que via em torno de si, e este respondera-lhe, desanimadamente, que a passagem do rio lhe parecia ser de todo impossível.

— Havemos de passar! — volveu com decisão Miguel Strogoff.

E continuaram todos a procurar. Revistaram-se as diferentes casas espalhadas pelo cais, e tão sós como as outras de Krasnoiarsk. Bastava-lhes empurrar as portas para entrar. Eram na maior parte cabanas de famílias que trabalhavam no tráfego do rio. Todas completamente abandonadas! Nicolau visitava umas, enquanto Nadia percorria outras. O próprio Miguel Strogoff entrava numa ou noutra, procurando com as mãos algum objeto que lhe pudesse servir.

Nicolau e Nadia, cada um por sua banda, tinham feito, sem resultado, diversas pesquisas, e já se dispunham a dá-las por terminadas quando ouviram uma voz que os chamava.

Ambos voltaram ao cais e viram Miguel Strogoff no limiar duma porta.

— Venham cá! — gritava ele.

Nicolau e Nadia correram para o ponto onde estava Miguel Strogoff, e, seguindo-o, entraram todos três numa casa baixa.

— Que é isto? — perguntou Miguel Strogoff, tocando com a mão numa rima de objetos empilhados ao fundo de um celeiro.

— São odres — respondeu Nicolau.

— Quantos? — insistiu Miguel Strogoff.

— Cinco.

— E estão cheios?

— Estão cheios de kunyss, o que não deixa de vir a propósito para renovar a nossa provisão.

O kunyss é uma bebida feita de leite de égua ou de camela, bebida que fortifica e até chega a embriagar. Nicolau não ia deixar de se felicitar por tão útil achado.

— Guarda para nós um dos odres e despeja todos os outros.

— É só um instante! — respondeu Nicolau.

— Aqui está o que nos vai ajudar a transpor o Yenisei.

— E a jangada?

— Formá-la-á a própria kibitka, que é bastante leve para se sustentar à superfície da água. Demais, tanto o cavalo como a kibitka hão de ser amparados por estes odres.

— Excelente ideia, meu amigo — aplaudiu Nicolau. — Agora, e com a ajuda de Deus, havemos de chegar ao nosso destino. Em linha reta é que talvez não, porque a corrente vai muito forte.

— Que importa! — respondeu Miguel Strogoff. — Primeiro que tudo, urge passar. Quando estivermos do outro lado, então pensaremos no modo de continuar a viagem.

— Mãos à obra — disse Nicolau, que principiou a despejar os odres e a transportá-los para a kibitka.

Deixou-se um deles Intacto. Os outros, depois de vazios, encheram-se de ar e fecharam-se hermeticamente.

Assim preparados, estavam prontos para ser utilizados como aparelhos flutuantes. Dois deles, presos aos flancos do cavalo, haviam de servir para sustentar ao lume da água o animal. Outros dois, colocados adiante das rodas da kibitka, tinham por fim assegurar a linha de flutuação à sua caixa que, deste modo, se transformaria numa verdadeira jangada.

O trabalho que demandava esta operação fez-se com a maior rapidez.

— Prometes não ter medo, Nadia? — perguntou Miguel Strogoff.

— Prometo.

— E tu, Nicolau?

— Eu, medo? — exclamou Nicolau. — Como hei de ter medo, se vejo assim realizado um dos meus sonhos: navegar dentro de um carro!

Neste ponto a margem tinha bastante inclinação para favorecer a entrada da kibitka no rio. O cavalo foi puxando por ela até se meter na água. Pouco depois a improvisada jangada e o seu motor flutuavam na superfície do rio. Quanto a "Serkô", a operação tornou-se muito mais simples: o corajoso cão deitou-se afoitamente a nado para seguir o dono.

Os três passageiros, de pé na caixa da kibitka, tinham-se descalçado por precaução, mas, graças ao auxílio dos odres, a água não lhes chegou aos tornozelos.

Miguel Strogoff sustinha as guias do cavalo, e, segundo as indicações que lhe dava Nicolau, assim o dirigia, poupando quanto possível para lhe não diminuir as forças numa luta contra a corrente. De princípio tudo correu bem, e ao cabo de alguns minutos já a kibitka estava longe do cais de Krasnoiarsk. É verdade que pendia visivelmente para o norte, parecendo fora de dúvida que só chegaria à margem oposta muito para baixo do ponto de partida. Isso, porém, pouco importava.

A passagem do Yenisei ter-se-ia, pois, realizado sem grandes dificuldades se a corrente seguisse uma linha regular. Infelizmente, havia muitos redemoinhos nas suas águas revoltas, e a kibitka, apesar de toda a força empregada por Miguel Strogoff para a desviar, não tardou que fosse irresistivelmente atraída para um

daqueles sorvedouros.

A situação tornou-se então muito grave. A kibitka já nem obliquava para a margem direita, nem tão-pouco deslizava com a força da corrente. Inclinando-se para o centro do torvelinho, girava com incrível rapidez sobre si mesma, como um picador às voltas na pista de um circo. Era enorme a velocidade que adquirira. O cavalo sustentava a custo a cabeça fora de água, correndo o risco de se afogar. “Serkô” tivera de saltar para cima da kibitka, a fim de encontrar um ponto de apoio. Esta ia pouco a pouco estreitando os seus círculos concêntricos, e não tardaria que fosse absorvida pelo turbilhão.

Miguel Strogoff compreendeu com perfeita lucidez o que se passava naquele momento crítico. Não pronunciou, porém, uma palavra. O seu olhar outrora penetrante, bem quisera medir o perigo para melhor poder evitá-lo. Mas se ele já não via!

Nadia conservava-se calada. Com as mãos agarradas às xalmas da kibitka, sustinha-se assim apesar dos movimentos desordenados do veículo, que cada vez se inclinava mais para o centro do redemoinho.

E Nicolau? Não percebia ele acaso a gravidade do perigo? Haveria da sua parte fleuma ou desprezo pela morte? Coragem ou simplesmente indiferença? A vida a seus olhos não teria nenhum valor, ou, segundo a expressão dos orientais, considerá-la-ia apenas como sendo uma “pousada de cinco dias”, de que se deve forçosamente sair ao sexto? Seja como for, a sua jovial fisionomia não manifestou sequer a menor alteração.

A kibitka continuava, pois, envolvida naquele turbilhão, e o cavalo já não tinha forças para lhe resistir. De repente, Miguel Strogoff, despindo parte do fato que lhe poderia paralisar os movimentos, atirou-se ao rio.

Depois, agarrando com mão vigorosa o freio do cavalo espantado, imprimiu-lhe tamanho impulso que logrou afastá-lo do torvelinho. A kibitka, entrando novamente no fio da corrente, deslizou rio abaixo com maior rapidez ainda:

— Vitória! — exclamou Nicolau.

Só depois de duas horas de esforços é que a kibitka pôde atravessar o braço

mais largo do rio, indo aportar a uma das ilhas do Yenisei, mais de seis verstas abaixo do ponto donde partira.

Logo que os três passageiros saltaram para fora do carro, deu-se uma hora de repouso ao valente cavalo, que bem a tinha ganho. Depois atravessou-se a ilha em toda a sua largura, à sombra das magníficas bétulas que a revestiam, e ao cabo deste rápido trajeto a kibitka achava-se junto do pequeno braço do Yenisei.

A passagem realizou-se agora em melhores condições. Neste segundo leito do rio não havia redemoinhos, mas a sua corrente era tão impetuosa que a kibitka só depois de ter ido rio abaixo por espaço de cinco verstas é que pôde alcançar terra. Quer dizer que se desviou ao todo onze verstas do seu trajeto em linha reta.

Estes consideráveis volumes de água que atravessam a Sibéria, sobre os quais não existe por enquanto uma única ponte, constituem sérios obstáculos para a facilidade dos transportes. Até aqui todos os rios siberianos tinham sido mais ou menos funestos a Miguel Strogoff. No Irtyche, o barco em que ele ia com a sua companheira foi assaltado pelos tártaros. No Obi, depois de o seu cavalo ser varado por uma bala, só milagrosamente pôde escapar ao destacamento que o perseguia. Enfim, o Yenisei era ainda, de todos eles, o que menos sinistro se tinha mostrado, apesar dos seus perigosos redemoinhos.

— Isto não seria tão divertido — exclamou Nicolau, esfregando as mãos de contente logo que se viu em terra —, se porventura não fosse tão difícil.

— E o que para nós foi apenas difícil — respondeu Miguel Strogoff — talvez que para os tártaros seja de todo impossível!

Capítulo IX — As apreensões de Nicolau

Miguel Strogoff podia, enfim, supor que estava absolutamente livre para ele o caminho de Irkutsk. Tinha já alguns dias de avanço sobre os tártaros, que ainda permaneciam em Tomsk, e mesmo quando estes chegassem a entrar em Krasnoiarsk não encontrariam os recursos que supunham ali existir. A falta absoluta de comunicações entre as duas margens do Yenisei obrigaria as colunas do emir a perder naquela cidade o tempo necessário para se organizar uma ponte de barcas, por onde pudessem transpor o rio.

Depois do deplorável encontro com Ivan Ogareff em Ichim, era a primeira vez que Miguel Strogoff se atrevia a respirar, chegando até a parecer-lhe que nenhum obstáculo viria opor-se à realização da sua empresa.

A kibitka, depois de ter caminhado obliquamente umas quinze verstas em direção a sudoeste, tornou a meter-se pela via principal.

A estrada agora mudava de aspeto. De toda ela a parte considerada melhor é a que vai de Krasnoiarsk a Irkutsk. Os viajantes daqui por diante encontram o terreno mais suave e muita abundância de sombras a protegê-los contra os rigores do sol, quando não são verdadeiras florestas de cedros e de pinheiros, cobrindo às vezes um espaço de cem verstas de extensão. Daqui por diante desaparece a enfadonha imensidade da estepe, cuja linha circular se confunde no horizonte com a do céu, e começam a mostrar-se as ricas pastagens e os campos fertilíssimos. Todavia, esta próspera região não apresentava agora o mais pequeno sintoma de vida. Por toda a parte as povoações abandonadas, os casais sem moradores. Pelo caminho não se encontrava sequer um só desses aldeões em que predomina o tipo eslavo. Era um deserto em toda a sua nudez, e de mais a mais um deserto decretado por ordem superior.

O tempo estava belo, mas já o ar, muito fresco durante a noite, dificilmente aquecia com o calor dos raios do Sol. Aproximavam-se os primeiros dias de

setembro, e por isso nesta região, de latitude elevada, o arco diurno diminui visivelmente sobre o horizonte. O outono dura aqui pouco tempo, se bem que esta parte do território siberiano não ultrapasse o quinquagésimo quinto grau de latitude, onde também ficam as cidades de Edimburgo e Copenhaga. Sucede até que às vezes vem o frio inopinadamente depois do verão. É que não podem deixar de ser precoces estes Invernos da Rússia asiática, durante os quais a coluna termométrica desce até ao ponto de congelação do mercúrio[13], considerando-se já como temperatura suportável as médias de vinte graus centígrados abaixo de zero.

O tempo favorecia, pois, os viajantes. Não chovia nem trovejava. O calor era moderado e as noites frescas. Tanto Miguel Strogoff como Nadia sentiam-se bem de saúde, visto que depois da sua partida de Tomsk um e outro se tinham já pouco a pouco refeito das passadas fadigas.

Por seu lado, Nicolau Pigassof nunca se achara tão bem disposto como agora. Esta viagem para ele era apenas uma viagem de recreio, uma excursão agradável, na qual ia gastando as suas férias de empregado sem emprego.

— Decididamente — dizia ele —, isto é muito melhor do que passar doze horas por dia encarrapitado num banco a fazer girar o transmissor.

Entretanto Miguel Strogoff conseguira que Nicolau fizesse andar o cavalo mais depressa. Para chegar a este resultado dissera-lhe que Nadia e ele iam ver seu pai, desterrado em Irkutsk, e que ambos tinham imenso desejo de o abraçar quanto antes. O cavalo da kibitka devia sem dúvida trabalhar com moderação, uma vez que não havia outro para substituí-lo, mas, concedendo-se lhe descansos repetidos, de quinze em quinze verstas por exemplo, talvez ele pudesse andar regularmente sessenta verstas por dia. De resto, o cavalo era forte e, devido à sua própria raça, muito apto para suportar longas jornadas. Pelo caminho não lhe faltavam as suculentas pastagens. A erva crescia de todos os lados abundante e vigorosa. Por consequência estava bem demonstrado que se deveria exigir dele um aumento de trabalho.

Nicolau acabara por se convencer com estes argumentos. Ficou até extremamente comovido ao saber que aqueles dois infelizes iam tomar parte voluntária no exílio de seu pai. Nada lhe parecia tão digno de simpatia como aquela dedicação filial. Por isso, com um ar de sincera jovialidade ele voltara-se para Nadia, dizendo-lhe:

— Deus seja louvado! Que satisfação não vai ter o Sr. Korpanoff quando vir ao mesmo tempo os seus dois filhos, quando puder juntar ambos no mesmo abraço! Se eu for também a Irkutsk, e não me parece que haja nisso grande dificuldade, hão de dar-me licença para presenciar esse primeiro encontro, sim?

E logo depois, batendo com a mão na testa:

— Mas agora me lembro!... Que pesar não há de ele também sentir quando reparar que o seu filho mais velho está cego! Ah! Como neste mundo as coisas que nos dão prazer andam a par das que nos afligem e desgostam!

De toda esta conversação resultou finalmente que a kibitka principiou a rodar com maior ligeireza, não devendo agora, segundo os cálculos de Miguel Strogoff, percorrer menos de dez a doze verstas por hora.

A primeira vantagem desta proveitosa alteração foi que a 28 de agosto os viajantes deixavam para trás o lugar de Balesk, distante oitenta verstas de Krasnoiarsk, e a 29 o lugar de Ribinsk, distante quarenta verstas de Balesk.

No dia seguinte, depois de trinta e cinco verstas de caminho, chegava a kibitka a Kamsk, povoação de alguma importância, banhada pela ribeira do mesmo nome, que nasce nos montes Sayansk e é afluente do Yenisei. Esta povoação, com todas as casas de madeira pitorescamente agrupadas em redor de uma praça, era notável pelo grande campanário do seu templo, cuja cruz dourada resplendia agora ao sol.

As casas, porém, estavam também desabitadas, e a igreja absolutamente deserta. Nenhuma estação de posta em serviço, nenhuma estalagem em movimento. Nem cavalos nas estrebarias, nem rebanhos nos currais. As ordens do Governo moscovita haviam-se cumprido com extraordinário rigor. O que não pudera transportar-se fora completamente destruído.

Ao sair de Kamsk, Miguel Strogoff preveniu os seus companheiros de que, até se chegar a Irkutsk, só se encontraria uma pequena cidade de alguma importância: Nijni-Udinsk. Nicolau respondeu-lhe que tanto assim era que até podia certificar existir ali uma estação telegráfica. Por conseguinte, se Nijni-Udinsk, à semelhança de tantas outras localidades, estivesse igualmente sem moradores, Nicolau achava-se bem decidido a ir para Irkutsk, onde poderia reassumir as suas ocupações oficiais.

A kibitka pôde atravessar a vau, e sem grande dificuldade, a pequena ribeira existente adiante de Kamsk. De resto, entre o Yenisei e um dos seus maiores afluentes, o Angara, que banha Irkutsk, já não havia a recear o encontro de qualquer outra grande corrente, a não ser talvez a do Dinka. Por este lado a viagem não sofreria nenhum atraso.

De Kamsk ao lugar mais próximo a distância foi aproximadamente de cento e trinta verstas. Diga-se, porém, que o cavalo não deixou de ter pontualmente as respetivas horas de descanso, sem o que, ponderava Nicolau, os viajantes se expunham a receber por parte dele alguma justa reclamação. Tinha-se combinado que, percorridas quinze verstas, se daria descanso ao cavalo, e quando se estabelece um contrato, ainda mesmo com animais, a boa equidade manda que se respeitem à risca as diferentes condições.

Depois de passar a pequena ribeira de Biriusa, a kibitka chegou a Biriusinsk na manhã de 5 de setembro.

Nicolau, cujo pecúlio de provisões se ia esgotando, logrou providencialmente encontrar aqui umas doze pogatchas abandonadas dentro de um forno. A pogatcha é uma espécie de bolo preparado com gordura de carneiro e arroz cozido em água. Este feliz achado veio muito a propósito reunir-se à reserva de kumyss, de que a kibitka estava suficientemente abastecida desde a sua saída de Krasnoiarsk.

Na tarde desse mesmo dia 5, depois de os viajantes haverem jantado e descansado um pouco, recomeçou-se de novo a marcha. A distância que os separava de Irkutsk era atualmente só de quinhentas verstas. Nenhum indício por

enquanto assinalava a aproximação das vanguardas tártaras. Miguel Strogoff tinha, pois, razão para supor que a sua viagem se realizaria sem novos obstáculos e que no fim de oito dias, o máximo dez, se acharia na presença do grão-duque.

À saída de Biriusinsk, saltou uma lebre de um para o outro lado da estrada, a curta distância da kibitka.

— Ora esta! — disse Nicolau.

— O que é? — perguntou prontamente Miguel Strogoff, que como homem cego, bastava o menor ruído para pôr de sobreaviso.

— Não viste? — retorquiu Nicolau, cujo rosto de prazenteiro se tornara sombrio.

Depois acrescentou:

— Ah! Sim... não podias ver. E bom foi que não visses.

— Eu também nada vi — declarou Nadia.

— Tanto melhor, tanto melhor. Pudesse eu também dizer o mesmo!

— Mas que foi que viste? — insistiu Miguel Strogoff com mal sofrida curiosidade.

— Uma lebre que atravessou a estrada perto de nós — informou Nicolau.

Quando na Rússia uma lebre surge no caminho percorrido por qualquer viajante, a crença popular diz que isso é sinal de desgraça próxima.

Nicolau, supersticioso como todos os russos, fez parar a kibitka.

Miguel Strogoff compreendeu os receios do seu companheiro, e, se bem que não tivesse as mesmas apreensões sobre as lebres fugitivas, procurou, todavia, reanimá-lo.

— Não há motivo para sustos, meu amigo — disse o correio do czar.

— Não há para ti, nem para tua irmã, bem sei — respondeu Nicolau. — Mas há para mim... oh! Se há!

E mudando de tom:

— É o destino... — disse ele. — Paciência!

E meteu o cavalo a trote.

Contudo, apesar do sinistro prognóstico, o dia passou-se sem novidade.

No dia seguinte, 6 de setembro, ao meio-dia, parava a kibitka no lugar de Alsalevsk, tão ermo como todos os outros que lhe ficavam atrás.

Ali achou Nadia, à entrada de uma casa, duas daquelas compridas facas de lâmina rija que os caçadores siberianos empregam nas suas lutas contra os ursos. Deu uma delas a Miguel Strogoff, que a escondeu no peito, e guardou a outra para si. A kibitka distava apenas setenta e cinco verstas de Nijni-Udinsk.

Nicolau, durante estes dois dias, não tinha podido recuperar a sua habitual jovialidade. O encontro com a lebre causara-lhe profunda impressão, e ele, que era incapaz de estar uma hora sem falar, guardava agora um silêncio tão profundo que Nadia só a muito custo lograva distrai-lo. Estes sintomas denunciavam claramente um espírito apreensivo, o que não deve causar estranheza se se levar em conta que os homens pertencentes às raças do Norte tiveram por antepassados os supersticiosos fundadores da mitologia hiperbórea.

De Ekaterinburgo em diante a estrada de Irkutsk corre quase paralelamente ao quinquagésimo quinto grau de latitude, mas ao sair de Biriusinsk pende de uma maneira sensível para sudoeste, a ponto de cortar obliquamente o centésimo grau de longitude. Para chegar à capital da Sibéria oriental, a estrada segue o caminho mais rápido, atravessando as últimas encostas dos montes Sayansk. Estes montes são apenas uma ramificação dos Altai, cuja grande cadeia é visível a uma distância de duzentas verstas.

A kibitka de Nicolau corria agora pela estrada. Corria de facto! Percebia-se perfeitamente que o seu condutor já se não importava com o cavalo e que também tinha pressa de chegar a Irkutsk. Apesar da sua resignação um tanto fatalista, o pobre moço só se julgaria em segurança quando se visse dentro dos muros daquela cidade. Muitos russos pensariam como ele, e mais de um, fazendo o cavalo dar meia volta, teria voltado para trás depois da mal-agourada aparição da lebre.

Entretanto, algumas observações feitas por Nicolau a Nadia, e transmitidas por esta a Miguel Strogoff, deixaram pressentir que a série das calamidades ainda não tinha terminado para eles.

Efetivamente, se desde Krasnoiarsk até aqui o território estava tal qual a natureza o fizera, as florestas começavam agora a mostrar sinais de ferro e fogo, e os prados, que se estendiam de ambos os lados da estrada, apresentavam indícios manifestos de recentíssimas devastações.

Era evidente que algum corpo de exército havia por ali passado.

Cerca de trinta verstas antes de Nijni-Udinsk puderam os viajantes certificar-se de que só os tártaros seriam capazes de cometer semelhantes estragos.

Assim, a devastação não se limitava aos campos talados, nem às florestas, em parte destruídas. As poucas habitações que se estendiam pela estrada, além de ermas, estavam umas incendiadas, outras meio demolidas. Nas suas paredes viam-se ainda os sinais por onde as balas tinham penetrado.

Calcule-se a dúvida e o receio que estas indicações produziam no ânimo de Miguel Strogoff. Era para ele ponto de fé que os tártaros tinham passado ali havia pouco tempo. Contudo, era impossível que fossem os soldados do emir. Quem seriam, pois, estes novos invasores, e por que desconhecido caminho teriam eles vindo até ali? A que perigos teria ainda de se expor o correio do czar?

Miguel Strogoff não comunicou estes receios aos seus companheiros, para não os inquietar. Contudo, ele estava bem decidido a não interromper a viagem senão quando se levantasse na sua frente algum desses obstáculos difíceis de superar.

Durante a manhã do dia seguinte, cada vez se foi acentuando mais a passagem recente de forças de cavalaria e infantaria. Começavam ao longe a distinguir-se já algumas espiras de fumo. A kibitka ia seguindo com precaução. Muitas casas das várias povoações abandonadas ardiam ainda, verificando-se facilmente que o fogo lhes fora posto havia menos de vinte e quatro horas.

Enfim, pelo decurso do dia 8 de setembro a kibitka parou de repente. O cavalo recusava-se a avançar. “Serkô” ladrava lugubremente.

— O que é? — perguntou Miguel Strogoff.

— Parece-me ser um cadáver — respondeu Nicolau, que saltara abaixo da kibitka.

Era de facto o cadáver de um mujique, já frio e horrivelmente mutilado.

Nicolau persignou-se. Depois, ajudado por Miguel Strogoff, transportou o cadáver para fora do leito da estrada. O seu desejo seria abrir-lhe uma sepultura, a fim de evitar que as feras devorassem os restos daquele infeliz. Miguel Strogoff, porém, não lhe deu tempo a isso.

— Vamos, Nicolau — incitou ele. — Convém não perder no caminho um só instante.

E a kibitka pôs-se logo em movimento.

De resto, se Nicolau quisesse prestar os últimos deveres aos diferentes mortos que ia encontrando não bastaria para isso toda a sua atividade. Nas proximidades de Nijni-Udinsk os cadáveres eram já às vintenas.

Os viajantes, porém, só deveriam abandonar a estrada quando corressem perigo iminente de cair nas mãos dos invasores. O itinerário continuou, pois, a ser o mesmo, apesar de o número das devastações aumentar à proporção que iam atravessando os campos e as aldeias. Todas estas povoações, cujos nomes atestam ser a sua fundação devida a exilados polacos, acabavam de passar pelos horrores do incêndio e da pilhagem. O sangue das vítimas ainda não estava completamente coagulado. Como reconhecer, porém, quais as condições em que se tinham levado a efeito semelhantes atrocidades? Pela estrada não se via uma só pessoa que pudesse descrevê-las! Eram quatro horas da tarde quando Nicolau descobriu as cúpulas das igrejas de Nijni-Udinsk, coroadas por grossos rolos de vapores, que não pareciam ser nuvens.

Nicolau e Nadia puseram-se de observação, descrevendo a Miguel Strogoff tudo que viam. Urgia tomar uma resolução. Se a cidade estivesse desabitada, não haveria perigo em atravessá-la, mas se, por qualquer circunstância imprevista e grave, os tártaros se achassem de posse dela, era indispensável fazer um rodeio para não entrar lá.

— Avancemos com prudência, mas não deixemos de avançar — disse Miguel Strogoff.

Percorreu-se assim uma versta.

— Não são nuvens, são rolos de fumo! — exclamou Nadia. — Meu irmão, os tártaros incendiaram a cidade.

Nadia, infelizmente, não se enganava. Por entre os vapores apareciam também alguns clarões fuliginosos. As espiras de fumo subiam para o céu, tornando-se cada vez mais espessas. Não se avistava, porém, nenhum fugitivo. Era de supor que os incendiários tivessem encontrado a cidade deserta. Mas seriam os tártaros que a destruíam, ou os russos que a incendiavam, obedecendo às ordens do grão-duque? Quereria o Governo do czar que desde Krasnoiarsk, desde o Yenisei, não existisse uma só aldeia ou cidade que pudesse servir de refúgio aos soldados do emir? E, pelo que dizia respeito a Miguel Strogoff, qual seria melhor: ficar ali ou ir por diante?

O correio do czar estava indeciso. Todavia, depois de ter encarado a situação por todos os lados, lembrou-se de que, fossem quais fossem as fadigas de uma viagem através das estepes sem caminhos abertos nem trilhados, eram preferíveis essas fadigas a ter de cair pela segunda vez em poder dos tártaros. Ia propor a Nicolau que deixassem a estrada para talvez não tornar a tomá-la senão além de Nijni-Udinsk quando do lado direito se ouviu partir uma detonação e assobiar uma bala: O cavalo da kibitka, ferido mortalmente na cabeça, caiu redondamente no chão.

Ao mesmo tempo viram-se aparecer na estrada uns doze cavaleiros tártaros, que cercaram imediatamente a kibitka. Miguel Strogoff, Nadia e Nicolau, que não tinham tido tempo sequer de prever um tal ataque, foram num repente feitos prisioneiros e conduzidos para Nijni-Udinsk.

Apesar do inesperado acontecimento, Miguel Strogoff conservava ainda todo o seu sangue-frio. Não podendo ver os seus inimigos, não lograra também prevenir-se contra eles. E ainda mesmo que não lhe faltasse a luz dos olhos, ter-se-ia abstido de tentar resistir pela força, para não se expor a ser morto no mesmo instante. Mas, se não via, em compensação ouvia e, mais, compreendia a língua de que se serviam os seus novos agressores.

Efetivamente eram tártaros os soldados que tinham investido com a kibitka, e

por algumas das suas palavras Miguel Strogoff pôde saber que eles precediam o exército de Féofar-Cã.

O correio do czar ficou, portanto, bem inteirado do que se passava, tanto pelo que ouvia agora, como pelo que percebeu depois.

Estes soldados não estavam diretamente sob as ordens do emir, que ainda se conservava além do Yenisei. Faziam parte de uma terceira coluna, especialmente composta de tártaros pertencentes aos canados de Khokhand e de Kunduza, a qual devia proximamente reunir-se às forças do emir nas cercanias de Irkutsk.

Fora por conselho de Ivan Ogareff, a fim de auxiliar o bom êxito da invasão nas províncias de leste, que esta coluna penetrara pela fronteira do governo de Semipalatinsk, passando ao sul do lago Balcache e seguindo depois pelas faldas dos Altai. Esta coluna, comandada por um chefe importante do canado de Kunduza, chegara à parte superior do Yenisei, saqueando e destruindo tudo o que encontrava no seu caminho. Em seguida, o seu chefe, prevendo o que teria sucedido em Krasnoiarsk por ordem do czar, e desejando facilitar a passagem do rio às tropas do emir, expedira pelo rio abaixo uma flotilha de barcas para, quer como embarcações, quer permitindo estabelecer uma ponte, auxiliarem a marcha de Féofar-Cã sobre Irkutsk. Depois, esta coluna, contornando os montes Sayansk, descera o vale do Yenisei e viera tomar a estrada principal junto de Alsalevsk. Era efetivamente deste lugar em diante que tinham começado os viajantes a notar os grandes estragos e incêndios, tão peculiares às invasões dos tártaros. Nijni-Udinsk não escapara à sorte comum. Os tártaros, em número de cinquenta mil, depois de lhe haverem deitado fogo, tinham ido ocupar as primeiras posições em frente de Irkutsk. Dentro em pouco viriam reforçá-los as colunas do emir.

Tal era a situação presente, situação das mais graves para esta parte da Sibéria oriental, completamente isolada, e para os defensores, pouco numerosos, da sua capital.

Foi isto que Miguel Strogoff apurou: a chegada de uma terceira coluna tártara a Irkutsk, que esperava ali pelo grosso das tropas comandadas por Féofar-

Cã e Ivan Ogareff. Era, pois, inevitável o cerco de Irkutsk, como também era inevitável a sua capitulação num prazo mais curto do que se poderia supor.

Compreende-se de que desencontrados pensamentos não deveria ficar possuído o espírito de Miguel Strogoff. Não seria de estranhar, portanto, que ele perdesse de todo a esperança em tão apertado lance. Pois não sucedeu assim. Os seus lábios, contraídos pela cólera, murmuraram apenas estas palavras:

— hei de chegar por força!

Meia hora depois do ataque à kibitka, Miguel Strogoff, Nadia e Nicolau davam entrada em Nijni-Udinsk. O fiel “Serkô” seguia-os de longe. Os presos não podiam ficar nesta cidade, que ardia por todos os lados.

Estavam sem saber a sorte que os aguardava quando os obrigaram a montar a cavalo e a partir rapidamente. Nicolau, como sempre, resignado, Nadia de forma nenhuma abalada na sua confiança em Miguel Strogoff, e este, na aparência, indiferente ao que se passava — porém, disposto a aproveitar o primeiro ensejo para fugir.

Os tártaros não estiveram muito tempo sem dar pela cegueira de Miguel Strogoff. Como era de supor, a sua natural desumanidade levou-os a divertirem-se à custa do prisioneiro cego. Marchava-se depressa. O cavalo de Miguel Strogoff, não tendo quem o guiasse com segurança, caminhava ao acaso, desviando-se amiúde e lançando por vezes a confusão no meio do destacamento. Tanto bastava para que as injúrias e os insultos chovessem sobre Miguel Strogoff, causando profunda mágoa à pobre Nadia e fazendo corar de raiva as faces de Nicolau. Mas que poderiam eles tentar pelo seu companheiro? Não falavam a língua tártara e a sua intervenção seria absolutamente ineficaz.

Não tardou, porém, que estes soldados, por um requinte de barbaridade, se não lembrassem de trocar o cavalo que montava Miguel Strogoff por outro que era cego. O motivo da troca nascera da seguinte reflexão, que fizera um dos tártaros e que o correio do czar ouvira:

— E quem nos afiança que este russo é realmente cego?...

Passava-se isto a sessenta verstas de Nijni-Udinsk, entre os lugares de Tatan

e de Chibarlinskoe. Miguel Strogoff foi, pois, mudado para o cavalo que era cego e meteram-lhe, por escárnio, as rédeas na mão. Depois, com chicotadas, gritos e pedradas incitaram o cavalo a largar a todo o galope.

O pobre animal, não podendo ser dirigido pelo seu cavaleiro, tão cego como ele, ora esbarrava com as árvores, ora saía fora da estrada, provocando choques violentos e quedas repetidas.

Miguel Strogoff não dizia nada. Da sua boca não se soltava um lamento. Quando o cavalo caía, esperava que o viessem erguer, e, mal o tornava a montar, o animal começava logo a correr, prestando-se, sempre impassível, àquela bárbara distração.

Nicolau não podia conter-se diante destes maus tratos. Queria correr em auxílio do seu companheiro, mas as lanças e os chicotes obrigavam-no a voltar para trás.

Enfim, o estúpido e cruel divertimento prolongar-se-ia indefinidamente, com grande aplauso dos tártaros, se não viesse pôr-lhe cobro um incidente mais grave.

Pela tarde do dia 10 de setembro, o cavalo cego desbocou-se e correu direito a um despenhadeiro, de trinta a quarenta pés de profundidade, que ladeava a estrada.

Nicolau procurou evitar aquele perigo. Detiveram-no porém. O cavalo, sem governo, precipitou-se, com Miguel Strogoff, pelo despenhadeiro abaixo.

Nadia e Nicolau soltaram um grito de pavor! Deviam julgar que o desventurado cavaleiro ficara feito em pedaços naquela tremenda queda.

Quando foram levantá-lo, Miguel Strogoff, que pudera desprender-se a tempo da sela, não estava ferido, mas o infeliz animal tinha as pernas partidas.

Entretanto, deixaram-no para ali ficar sem ao menos lhe darem por comiseração um tiro no ouvido. Miguel Strogoff, esse, preso à sela de um dos tártaros, foi obrigado a seguir a pé o destacamento.

O mesmo silêncio, porém! Sempre a mesma persistência em não proferir um queixume! Puxado pela corda que o prendia agora, continuava a caminhar com

passo rápido. Era em todos os lances o homem decidido de que falara ao imperador o general Kissoff.

No dia seguinte, 11 de setembro, o destacamento passava pelo lugar de Chibarlinskoe.

Produziu-se então um facto que devia acarretar consequências bem funestas.

Caíra a noite. Os soldados tártaros, que tinham tido algumas horas de descanso, estavam todos mais ou menos embriagados e preparavam-se para continuar a marcha.

Nadia, que até àquele momento passara como por milagre despercebida, foi repentinamente insultada por um dos soldados.

Miguel Strogoff não pudera presenciar a cena, mas vira-a Nicolau por ele.

E, serenamente, sem se alterar, sem talvez ter a consciência do que fazia, Nicolau cresceu sobre o autor do insulto. Antes, porém, que este pudesse fazer o menor movimento para o segurar, Nicolau arrancava-lhe dos coldres uma das pistolas e descarregara-lha em pleno peito.

Ao som do tiro, aproximou-se o oficial que comandava o destacamento.

Os soldados iam decerto desfazer o pobre Nicolau quando, a um gesto do seu comandante, o ligaram fortemente, colocando-o em cima de um cavalo. Depois, o destacamento largou a galope.

A corda que prendia Miguel Strogoff, triturada pelos seus dentes, partiu-se a um puxão mais forte do cavalo, e o tártaro, meio bêbedo e entusiasmado pelo galope, não reparou que lhe ficava para trás o prisioneiro.

Miguel Strogoff e Nadia acharam-se novamente sós na estrada.

Capítulo X — Um mártir da invasão

Miguel Strogoff e Nadia estavam livres mais uma vez: tão livres como durante a primeira parte da sua viagem de Perm até às margens do Irtyche. Mas como eram agora diferentes as suas condições de viajantes! Então possuíam um sólido tarentass, que voava ligeiro pela estrada, então não lhes faltavam os cavalos nas estações de posta, nem os cuidados atenciosos dos feitores e dos iemschiks! Agora viam-se a pé, sem víveres, sem dinheiro, sem meios de transporte e sem saberem sequer com poderiam chegar ao dia de amanhã! E Miguel Strogoff só via infelizmente pelos olhos da sua companheira! Quanto ao amigo que o acaso lhes concedera, fora-lhes havia pouco arrebatado em circunstâncias bem terríveis.

Miguel Strogoff conservava-se pensativo e concentrado. Nadia, em frente dele, esperava por uma palavra sua para continuar a andar.

Eram dez horas da noite. Havia três horas e meia que o Sol desaparecera do horizonte. Não se avistava uma casa, uma cabana sequer. Os últimos tártaros perdiam-se ao longe na estrada. Nadia e Miguel Strogoff estavam efetivamente sós.

— O que irão eles fazer do pobre Nicolau — exclamou Nadia. — Pobre rapaz! A nossa companhia tinha de lhe ser funesta!

Miguel Strogoff não respondia.

— Não sabes, Miguel — tornou Nadia. — Foi ele quem te quis defender contra aqueles malvados, foi ele, enfim, quem arriscou a vida para me vingar de um infamante ultraje.

Miguel Strogoff persistia no seu mutismo. Imóvel e com a cabeça entre as mãos, em que estaria pensando? E, apesar do seu silêncio, ouviria ele acaso o que a sua companheira lhe dizia? Ouvia, certamente, porque no momento em que ela acrescentava:

— Aonde queres agora ir, Miguel?

— A Irkutsk! — respondia-lhe ele.

— Pela estrada principal?

— Decerto.

Miguel Strogoff era ainda o mesmo homem que tinha jurado cumprir a sua palavra, mau grado todas as dificuldades. Seguir pela estrada principal era ir pelo caminho mais curto. Quando a vanguarda das tropas de Féofar-Cã começasse a mostrar-se ao longe, então seria tempo de tomar outra direção.

Nadia pegou na mão de Miguel Strogoff e partiu com ele imediatamente.

Na manhã do dia seguinte, 12 de setembro, depois de terem andado vinte verstas, pararam ambos na povoação de Tulunowskoe, que estava reduzida a cinzas. Durante a noite, Nadia diligenciava ver se teriam deixado pela estrada o cadáver de Nicolau. Inútil pesquisa. Agora também percorria as ruínas da povoação incendiada, mirando com grande atenção os cadáveres que jaziam no chão. Parecia, por enquanto, que Nicolau ainda não tinha sido sacrificado à vingança daqueles bárbaros. Reservar-lhe-iam algum suplício mais desumano para quando chegassem com ele ao acampamento de Irkutsk?

Nadia, extenuada pela fome, de que o seu companheiro também padecia cruelmente, teve a fortuna de achar numa das casas queimadas uma certa quantidade de carne salgada e sukharis, pedaços de pão que, depois de secos, podem conservar indefinidamente as suas qualidades nutritivas. Miguel Strogoff e Nadia levaram consigo tudo que puderam. A sua alimentação de muitos dias estava já certa, quanto a água, não lhes devia ela faltar, porque atravessavam agora uma região onde numerosos pequenos afluentes do Angara se cruzam em diversas direções.

Continuaram, pois, os dois viajantes a sua marcha. Miguel Strogoff caminhando com um passo firme, que só afrouxava por causa da sua companheira, Nadia fazendo esforços incríveis para não cair na estrada. Felizmente, o correio do czar não podia ver o estado a que o excesso de fadiga tinha reduzido a infeliz menina.

Contudo, se o não podia ver, pressentia-o pelo menos.

— Tu já não tens força para mais, pobre criança! — dizia-lhe ele às vezes.

— Enganas-te, Miguel.

— Quando não puderes andar, dize-mo, que eu te levarei ao colo.

— Pois sim, Miguel.

Neste mesmo dia tiveram os viajantes de atravessar a ribeira de Oka. A passagem não foi difícil, porque ela levava pouca água.

O céu estava encoberto e a temperatura suave. Podia, contudo, recear-se que viesse a chover, o que seria uma contrariedade a mais para quem já contava tantas. Chegaram mesmo a cair alguns aguaceiros, que por felicidade cessaram.

Nadia continuava a dirigir os passos de Miguel Strogoff, sem deixar, contudo, de examinar o caminho em todas as direções. Ambos se abstinham de muitas falas. De dia paravam por duas vezes, de noite descansavam durante seis horas. Nadia ainda encontrou em diferentes cabanas alguns bocados duma carne de carneiro tão comum e tão barata que se adquire cada libra dela por dois kopeks e meio.

Mas, contra o que talvez devia esperar Miguel Strogoff, não se encontrava por toda esta região um simples cavalo. Os tártaros tinham lançado mão de todos. Era a pé que, infelizmente, deveriam empreender o resto desta viagem.

Os vestígios da coluna que precedia Miguel Strogoff abundavam pelo caminho. Aqui, encontrava-se um cavalo morto, além, um carro abandonado. Os corpos dos desgraçados siberianos juncavam a estrada, especialmente ao chegar às povoações. Nadia, vencendo a sua repugnância, ia olhando para todos estes cadáveres.

Ainda assim, o maior perigo não estava no caminho que se percorria: ficava no caminho já percorrido. A vanguarda do principal exército do emir, comandada por Ivan Ogareff, podia aparecer de um momento para o outro. As barcas expedidas no Yenisei pelo chefe da terceira coluna tártara deviam ter servido para se efetuar em Krasnoiarsk a passagem do rio. O caminho ficava assim aberto à invasão, sem que nenhum corpo de exército russo pudesse fazer-

lhe frente desde Krasnoiarsk até ao lago Baical. Miguel Strogoff esperava, pois, a todo o momento que Nadia lhe anunciasse a aparição dos primeiros exploradores tártaros.

Por isso, Nadia trepava repetidas vezes às elevações do terreno para examinar se do lado do ocidente não se levantaria algum turbilhão de poeira denunciando a sua chegada.

A marcha, interrompida por estas observações, continuava depois, mas se Miguel Strogoff percebia que era ele quem puxava pela sua companheira abrandava logo o passo. As raras vezes que falavam era para se referirem a Nicolau. Nadia não podia esquecer os desinteressados serviços que aquele companheiro de poucos dias tinha prestado.

Nas suas respostas, Miguel Strogoff procurava sempre alimentar algumas esperanças sobre a sorte de Nicolau. Ele, porém, bem sabia que o infeliz moço estava irremediavelmente perdido.

Uma vez, Miguel Strogoff perguntou a Nadia:

— Por que motivo nunca falas de minha mãe?

E, contudo, se Nadia se conservava calada a esse respeito era porque não queria avivar as saudades do filho, lembrando-lhe o triste fim que tivera a mãe. Pois não vira ela a velha Marfa cair no chão fulminada, quando Miguel Strogoff acabava de ser supliciado?

— Fala-me dela, Nadia — repetiu Miguel Strogoff. — Acredita que me serão gratas e suaves as palavras que lhe possas dedicar.

Então, Nadia fez o que ainda até ali não tinha feito. Contou a Miguel Strogoff tudo que se passara entre ela e sua mãe desde Omsk, onde ambas se tinham visto pela primeira vez.

Contou como, obedecendo a um inexplicável instinto, se sentira atraída para junto daquela veneranda prisioneira, embora não a conhecesse. Contou finalmente quais os carinhos que lhe tinha prodigalizado e quais os conselhos e esperanças que em troca recebera. Àquele tempo, Miguel Strogoff não era para Nadia senão o negociante Nicolau Korpanoff.

— Infelizmente que o não fui sempre! — respondeu Miguel Strogoff, cuja fisionomia se tornou triste.

Passados alguns instantes, acrescentou ainda:

— Faltei ao meu juramento, Nadia! Eu tinha jurado que não iria ver minha mãe!

— Mas tu não procuraste vê-la, Miguel! Foi só o acaso que te levou à sua presença.

— Tinha jurado que nunca me daria a conhecer, sucedesse o que sucedesse!

— Miguel! Miguel! À vista do chicote erguido sobre tua mãe era lá possível que te conservasses imóvel! Não... não podia ser! Não há juramento que obrigue um homem a calar no coração os seus sentimentos filiais.

— Faltei ao meu juramento, Nadia! — replicava Miguel Strogoff, como que preocupado por um sentimento muito íntimo.

— Que Deus e o Pai me perdoem o perjúrio!

— Miguel — volveu Nadia —, tenho uma pergunta a fazer-te. Não me respondas se julgares que não o deves fazer. De ti nada pode vir que me ofenda:

— Fala, Nadia.

— Porque é que, não possuindo já a carta imperial, persistes ainda com tanto empenho em chegar a Irkutsk?

Miguel Strogoff apertou com força a mão de Nadia, mas não lhe respondeu.

— Conhecias o conteúdo daquela carta antes de saíres de Moscovo? — insistiu ainda em perguntar Nadia.

— Não.

— Devo então supor que o desejo de me entregares a meu pai é o único sentimento que te obriga ainda a caminhar?

— Não é, Nadia — respondeu gravemente Miguel Strogoff. — Enganar-te-ia se te deixasse acreditar em semelhante coisa. Vou aonde o dever me diz que vá. Como poderia eu levar-te a Irkutsk, se és tu agora quem me guia? Não são os teus olhos que alumiam as trevas dos meus? Não são as tuas mãos que me amparam e protegem? Não tens pago tu generosamente os poucos ou nenhuns

serviços que... já nem me lembra se tos prestei? Olha... ignoro se a fatalidade se cansaria por te perseguir, mas no dia em que me queiras agradecer por te haver lançado nos braços de teu pai... nesse dia serei eu quem te agradecerá por me haveres conduzido até Irkutsk.

— Pobre Miguel! — retorquiu Nadia, muito comovida. — Não me fales assim... Não é essa a resposta que te peço. Miguel, Miguel, porque é que tanto te esforças em chegar a Irkutsk?

— Porque preciso de estar lá antes do infame Ivan Ogareff! — exclamou Miguel Strogoff.

— Apesar da tua cegueira?

— Apesar da minha cegueira. E hei de estar!

Via-se que nestas palavras de Miguel Strogoff não transparecia unicamente o ódio que votava ao traidor. Nadia compreendeu que o seu companheiro não lhe dizia tudo, e que tinha decerto algum poderoso motivo para lhe ocultar a verdade.

Três dias depois, a 15 de setembro, chegavam ambos à povoação de Kuitunskoe, setenta verstas para lá de Tulunowskoe. Nadia já não andava senão a muito custo. Os pés, doridos e triturados, mal podiam sustê-la. A corajosa menina resistia, porém, lutando contra a fadiga e obedecendo a esta ideia:

— Visto ele não poder ver-me, acompanhá-lo-ei até cair desfalecida!

De resto, era só a fadiga que apoquentava os viajantes. Desde o encontro dos tártaros que nenhum outro perigo viera tolher-lhes o passo.

Durou três dias este estado de coisas. Era evidente que a terceira coluna tártara se dirigia rapidamente para leste. Denunciavam-no as ruínas que ia deixando atrás de si, as cinzas frias das casas queimadas e os cadáveres já em decomposição amontoados pelo caminho.

Do lado de oeste ainda não se avistava a vanguarda do emir. Miguel Strogoff cismava sobre as causas que poderiam explicar esta demora. Acaso os russos, dispondo já de forças respeitáveis, teriam caído sobre os tártaros? Estaria a terceira coluna, isolada das outras duas, em vésperas de ser cortada? Se assim

fosse, a defesa de Irkutsk tornar-se-ia fácil para o grão-duque. Todo o tempo que se ganhasse sobre os invasores seria um passo dado para a sua pronta expulsão.

Miguel Strogoff deixava-se às vezes embalar por estas ilusões, mas não tardava que, vendo quanto elas eram quiméricas, se convencesse de novo que só devia contar consigo, como se a salvação do grão-duque só dele estivesse dependente.

Sessenta verstas separam Kuitunskoe de Kimilteiskoe, povoação situada a curta distância do Dinka, afluente do Angara. Não era sem uma certa preocupação que Miguel Strogoff pensava naquele rio e nos obstáculos que lhe poderia causar a sua passagem. Lembrava-se, por conhecê-lo de tempos mais felizes, que o seu leito pouco se prestava a ser vadeado. E barcos de passagem, ou quaisquer outras embarcações, não se encontrariam agora com certeza.

Mas, vencida esta dificuldade, nenhum outro rio ou ribeira vinha interpor-se entre ele e a cidade de Irkutsk, distante ainda duzentas e trinta verstas.

Não gastaram menos de três dias para chegar a Kimilteiskoe. Nadia já não andava, arrastava-se. Por maior que fosse a força moral, faltavam-lhe as forças físicas.

Bem o suspeitava Miguel Strogoff.

Se ele não fosse cego, Nadia ter-lhe-ia dito sem dúvida: «Vai, Miguel, e deixa-me para aí nalguma choupana. Chega tu a Irkutsk. Cumpre a tua missão. Procura meu pai. Dize-lhe onde eu estou, e ambos saberão vir dar comigo. Parte. Não tenho medo. Esconder-me-ei dos tártaros. Viverei para ele e para ti. Vai, Miguel, que eu não posso acompanhar-te por mais tempo!»

Porém, Miguel Strogoff não via, e a mão da sua companheira era o único recurso que ele tinha para se guiar.

Às vezes, Nadia parava por não poder andar mais. Miguel Strogoff pegava-lhe ao colo, e, não tendo desde então de preocupar-se com a fadiga da que sustinha nos braços, largava a caminhar rapidamente, sem parecer cansar-se deste esforço.

No dia 18 de setembro, às dez horas da noite, estavam ambos em

Kimilteiskoe. Do alto de uma colina distinguiu Nadia uma linha menos escura no horizonte. Era o Dinka. Nas suas águas refletiam-se, sem o fragor do trovão, alguns relâmpagos, que iluminavam brilhantemente o espaço. Nadia acompanhou Miguel Strogoff através da povoação arrasada. A cinza dos Incêndios já arrefecera. Não havia menos de cinco ou seis dias que tinham por ali passado os tártaros.

Chegada às últimas casas da povoação, Nadia deixou-se cair sobre um marco de pedra.

— Porque páras, minha irmã? — perguntou-lhe Miguel Strogoff.

— É que já é noite há muito tempo. Não queres descansar aqui algumas horas?

— Quereria antes passar o Dinka, estabelecendo assim uma barreira entre nós e a vanguarda do emir — replicou Miguel Strogoff. — Mas tu já nem forças tens para te arrastar, minha pobre Nadia!

— Vamos, pois! — respondeu Nadia, agarrando na mão de Miguel Strogoff e tornando a seguir com ele.

Era a uma distância de duas ou três verstas deste ponto que o Dinka atravessava a estrada de Irkutsk. A Infeliz Nadia quis tentar o último esforço que lhe exigia o seu companheiro. Caminhavam ambos à luz dos relâmpagos. Iam andando por um deserto sem limites, em cuja amplidão se perdia o pequeno rio. Nem uma árvore nem um cômoro cortando a monotonia desta enorme planície, que servia de novo cenário à estepe siberiana. Era muda a atmosfera. Não se sentia a mais leve brisa. Confrangia a grandeza deste silêncio, capaz de levar a infinita distância o menor som que se produzisse no ar.

Miguel Strogoff e Nadia estacam de repente. Dir-se-ia que os seus pés se tinham imobilizado, aderindo fortemente a alguma fenda do solo.

Os latidos de um cão acabavam de romper aquele assustador silêncio.

— Não ouviste, Miguel?

Depois seguiu-se um grito de aflição, um grito profundo e doloroso, um grito que parecia o último apelo de um ser humano que se despede da vida.

— Nicolau! Nicolau! — exclamou Nadia, como que por um sinistro pressentimento.

Miguel Strogoff, que também estava à escuta, sacudiu a cabeça.

— Vem, Miguel, vem daí — ajuntou Nadia.

E a pobre menina que, pouco antes, mal podia suster-se em pé, recuperou repentinamente as forças, como se obedecesse a uma excitação violenta.

— Nós não vamos pela estrada? — perguntou Miguel Strogoff, que, em vez de um solo pulverulento, pisava agora um terreno cheio de erva.

— Assim é preciso — respondeu Nadia. — Foi dali, sobre a direita, que partiu aquele grito aflitivo.

Passados alguns minutos, achavam-se ambos a meia versta do Dinka.

Ouviu-se pela segunda vez o cão a latir, e se bem que o som fosse mais fraco, parecia contudo vir de mais perto.

Nadia parou.

— Tinhas razão — disse Miguel Strogoff. — É “Serkô” que está ladrando! O fiel animal seguiu o dono!

— Nicolau! Nicolau! — gritou Nadia.

Ninguém respondeu à sua voz.

Apenas algumas aves de rapina levantaram voo, perdendo-se nas alturas.

Miguel Strogoff aplicava o ouvido. Nadia espraiava os seus formosos olhos pela imensidade daquela planície que, impregnada de eflúvios luminosos, cintilava como um espelho. Nadia, porém, não distinguiu o menor vulto.

E contudo tornou-se a ouvir uma voz sumida, que balbuciou em tom angustioso: «Miguel!» Em seguida, um cão, todo coberto de sangue, saltou para junto de Nadia.

Era “Serkô”.

Nicolau devia estar perto. Só ele poderia ter proferido o nome de Miguel. Onde estaria? Nadia já nem tinha coragem para de novo chamar por ele.

Miguel Strogoff, andando de rastos, procurava com as mãos.

De repente, “Serkô” pôs-se outra vez a ladrar, precipitando-se contra uma

ave colossal, que já batia com as asas rente ao chão.

Era um abutre que pairava ali perto. Quando “Serkô” correu sobre a voracíssima ave de rapina, ela afastou-se um pouco, mas, voltando logo, investiu com o dedicado animal. “Serkô” ainda arremeteu de novo! Uma profunda e certeira picada do enorme bico do abutre apanhou-o pela cabeça, e desta vez o pobre animal caiu para nunca mais se levantar! Ao mesmo tempo, Nadia soltava um grito de pavor.

— Ali! Ali! — exclamou ela.

Do chão saía uma cabeça! Nadia tê-la-ia pisado se não fosse a intensa claridade que os fogos do céu derramavam sobre a estepe.

Nadia caiu de joelhos junto daquela cabeça! Nicolau, enterrado até ao pescoço, segundo o bárbaro costume tártaro, fora abandonado na estepe, para ali morrer à fome e à sede, se antes disso não viessem disputá-lo as aves do céu ou as feras do mato. Horrível suplício que, paralisando a vítima completamente, a deixa de braços amarrados, como um cadáver prematuro dentro da sua cova! O infeliz que se vê assim com vida, encerrado no seio da terra, da terra que, de mãe próvida e fecundante, se converte em madrasta cruel e desnaturada, só tem a implorar o lenitivo da morte como termo da sua lenta agonia.

Fora ali que os tártaros tinham enterrado o seu prisioneiro havia três dias! E o mísero Nicolau esperava ansiosamente por um socorro, que — ai dele! — só devia chegar demasiado tarde! Os abutres tinham visto aquela cabeça destacando-se do chão, e havia algumas horas que o fiel “Serkô” defendia o seu dono contra as carnívoras aves.

Miguel Strogoff escavou a terra com a sua faca para dela exumar um corpo vivo!

Os olhos de Nicolau, fechados até então, entreabriram-se por um momento.

Nicolau reconheceu os seus companheiros de viagem. Olhou para eles com um meigo sorriso, com um sorriso de quem se desprendia deste mundo levando a alma purificada. Depois:

— Ainda bem que os tornei a ver — balbuciou ele. — O Senhor ouviu a

minha prece. Agora, amigos... um derradeiro adeus... um adeus até à eternidade!

— Nicolau! Nicolau! — exclamou Miguel Strogoff. — Não desanimes... Estamos aqui nós, que havemos de salvar-te!

— É tarde! É muito tarde! — tornou a balbuciar Nicolau, com a voz quase extinta. — Olha, Miguel... se não tinha razão nas minhas apreensões... Agora rezem por mim!... Adeus!... Adeus para sempre!

E foram estas as suas últimas palavras.

Miguel Strogoff continuou a escavar a terra que, muito calcada pelos tártaros, apresentava a rijeza de uma rocha. Depois de algum trabalho, logrou tirar para fora o corpo do desventurado moço. O primeiro cuidado que teve foi ver se o coração de Nicolau pulsava ainda. Baldada esperança! Miguel Strogoff não quis que o corpo do seu dedicado companheiro ficasse exposto às injúrias do tempo. A mesma cova onde Nicolau fora enterrado vivo, alargada agora, ia servir para recebê-lo morto.

Ao mesmo tempo sentiu-se na estrada um grande tropel de cavalos, à distância, quanto muito, de meia versta. Miguel Strogoff suspendeu a sua piedosa tarefa.

Pelo barulho reconheceu que era uma força de cavalaria avançando sobre o Dinka.

— Nadia! Nadia! — chamou em voz baixa Miguel Strogoff.

A jovem, que se conservava de joelhos em oração, limpou os olhos e levantou-se.

— Vê o que é — pediu ele.

— São os tártaros! — segredou-lhe Nadia ao ouvido.

Era com efeito a vanguarda do emir, que desfilava pela estrada a todo o galope.

— Sejam embora! — disse Miguel Strogoff com amargura. — Ao menos não me hão de eles impedir que dê sepultura a este morto!

E continuou a alargar a cova.

Pouco depois era lançado nela o corpo de Nicolau com as mãos cruzadas

sobre o peito. O fiel “Serkô” ficou também junto do dono.

Miguel Strogoff e Nadia tornaram a rezar pelo pobre moço, inofensivo e bom, que tinha pago com a vida a sua dedicação por eles.

— E agora — disse Miguel Strogoff, acabando de cobrir de terra a sepultura — não virão os lobos da estepe devorar as carnes daquele mártir!

Depois, a sua mão, numa atitude ameaçadora, estendeu-se em direção aos tártaros, que continuavam a desfilar.

— A caminho, Nadia! A caminho!

Miguel Strogoff não podia seguir pela estrada, ocupada agora pelos tártaros. Precisava desviar-se pela estepe, a fim de não se encontrar com as colunas do emir. Já lhe não era preciso atravessar o Dinka.

Nadia, exausta de forças, não podia andar, mas podia ver. Miguel Strogoff tomou-a nos braços e dirigiu-se com ela para sudoeste.

Faltavam-lhe ainda percorrer mais de duzentas verstas. Como pôde vencê-las? Como foi que não sucumbiu nesta luta desesperada? Como resistiu à fadiga e como se alimentou pelo caminho? Por que milagre de energia logrou ele atravessar as primeiras encostas dos montes Sayansk? Nem Miguel Strogoff nem a sua companheira saberiam explicá-lo.

E todavia, doze dias depois desta carreira desesperada, a 2 de outubro, pelas seis horas da tarde, um imenso lençol de água se estendia aos pés de Miguel Strogoff.

Era o lago Baical.

Capítulo XI — A jangada

O lago Baical está situado a mil e setecentos pés acima do nível do mar. Tem de comprimento, aproximadamente, novecentas verstas e de largura cem. A sua profundidade não é conhecida. Madame de Bourboulon, apoiando-se nas histórias contadas pelos barqueiros, diz ter este lago aspirações a que lhe chamem “senhor mar”. Se, porventura, se limitam a chamar-lhe “senhor lago”, torna-se imediatamente furioso e carrancudo. Entretanto, e apesar destas lendas, não consta que nas suas águas se tenha afogado um único russo.

Este imenso mar de água doce, alimentado por mais de trezentas ribeiras, fica emoldurado por uma admirável cinta de montanhas vulcânicas. Só tem por escoadouro o rio Angara, que, depois da cidade de Irkutsk, vai lançar-se no Yenisei, um pouco acima da cidade de Yeniseisk. Os montes que lhe servem de cintura constituem uma ramificação dos Tunguzes e derivam também do vasto sistema orográfico dos Altai.

O frio já começava a sentir-se com violência. Como geralmente acontece neste território, sujeito a condições climatéricas muito especiais, o outono parecia ter-se transformado num inverno precoce. Estava-se nos primeiros dias de outubro. O Sol desaparecia agora do horizonte às cinco horas da tarde, e as compridas noites faziam descer a temperatura ao zero dos termómetros. As primeiras neves, que só deveriam derreter-se no próximo estio, começavam já a branquear as alturas vizinhas do Baical. Este mar interior, durante o inverno siberiano, gela de tal arte que os trenós dos correios e das caravanas transitam facilmente por cima dele.

Ou seja porque se lhe falte aos deveres da delicadeza, chamando-lhe apenas “senhor lago”, ou seja por qualquer outra razão menos lendária e mais meteorológica, o certo, porém, é que o Baical está sujeito no decurso do ano a tempestades violentas. As suas vagas, curtas como as de todos os mediterrâneos,

são deveras temidas pelas fragatas de carga e pelos barcos a vapor que o sulcam no estio.

Miguel Strogoff acabara de chegar à extremidade sudoeste do lago, trazendo nos braços a pobre Nadia, cuja vida inteira, por assim dizer, estava concentrada no olhar. O que poderiam ambos esperar nesta parte remotíssima da província? Talvez a morte! Morte cruel e ignorada, fruto de cansaço e privações! E, contudo, que distância faltava ainda ao correio do czar para concluir a sua viagem? Apenas sessenta verstas do litoral do lago à entrada do Angara e oitenta do Angara até Irkutsk. Ao todo cento e quarenta verstas, que um homem válido e robusto poderia percorrer a pé no espaço de três dias.

Estaria Miguel Strogoff ainda em condições de se julgar capaz de empreender semelhante esforço?

O céu não quis expô-lo a tão cruel e difícil experiência. A fatalidade, que até aqui o perseguia sem tréguas, pareceu querer dar-lhe alguns momentos de alívio. Este ponto extremo do Baical, esta parte afastada da estepe, que Miguel Strogoff julgava deserta e que sempre o costuma ser, achava-se agora concorrida.

No ângulo formado pelo extremo sudoeste do lago estavam reunidas perto de cinquenta pessoas.

Nadia deu por aquele ajuntamento apenas Miguel Strogoff saiu do desfiladeiro das montanhas com ela nos braços.

A companheira-guia de Miguel Strogoff receou à primeira vista que fosse algum destacamento de tártaros encarregado de explorar as margens do Baical. Se semelhante suposição fosse certa, a fuga para ambos tornar-se-ia impossível.

Não tardou, porém, que Nadia ficasse por seu lado mais sossegada.

— São russos! — exclamou ela.

E, depois deste supremo esforço de energia, as suas pálpebras cerraram-se, e a cabeça pendeu-lhe sobre o ombro de Miguel Strogoff.

Entretanto, a chegada de Miguel Strogoff e Nadia não passara despercebida, e alguns dos russos correram para eles, levando o cego e a sua companheira até um ponto da praia, onde estava presa uma jangada.

A jangada ia largar.

Estes russos eram fugitivos de diversas condições que um interesse comum acabava de reunir aqui. Temendo a aproximação dos exploradores tártaros, o seu fim era refugiarem-se em Irkutsk. E, como não pudessem ir por terra, em consequência de os exércitos de Féofar-Cã terem já tomado posições nas duas margens do Angara, pretendiam penetrar naquela cidade indo pelo rio que passa junto dela.

Miguel Strogoff, o correio do czar, estremeceu de júbilo. Acabava de lhe fulgir a luz de uma derradeira esperança. Teve, contudo, bastante força para se conter, desejando agora mais do que nunca ressalvar o seu incógnito.

O plano dos fugitivos era muito simples. Uma das correntes do Baical segue ao longo da sua margem superior, atingindo o local por onde se escoam as águas do lago. Era esta corrente que eles contavam aproveitar para se aproximarem da entrada do Angara. Dali por diante a jangada desceria o curso do rio com uma velocidade de dez a doze verstas por hora. Em dia e meio devia-se estar à vista de Irkutsk.

Na praia, onde acabavam de reunir-se os fugitivos, não existia uma única embarcação. Para vencer esta dificuldade fora preciso construir uma comprida jangada, semelhante às que se veem ordinariamente nos rios siberianos, empregadas no transporte de madeiras.

Alguns troncos de pinheiros, cortados num pinhal próximo da praia, tinham servido para fazer a jangada. Esses troncos, unidos uns aos outros por vimes, formavam um estrado enorme, em que podiam caber cem pessoas à vontade.

Foi para esta jangada que levaram Miguel Strogoff e Nadia. Os fugitivos trataram de repartir com os seus novos companheiros algumas provisões que levavam. Nadia, com as forças agora restauradas, não tardou que se deixasse adormecer profundamente sobre um improvisado leito de folhas secas.

Nas respostas que Miguel Strogoff dava a todos que o interrogavam não transparecia uma única palavra relativa aos acontecimentos passados em Tomsk. Fez-se passar por um habitante de Krasnoiarsk, transviado no caminho, a quem

as tropas do emir não haviam dado tempo de fugir para Irkutsk, e ponderou que o grosso das forças tártaras já devia ter começado a sitiar esta última cidade.

Não havia, portanto, um só minuto a perder. O frio, de resto, cada vez se tornava mais intenso. A temperatura descia durante a noite abaixo de zero. Pela superfície do Baical já principiavam a aparecer alguns pedaços de gelo. Se a jangada manobrava ali à vontade, talvez não sucedesse o mesmo entre as margens do Angara se fossem progressivamente aumentando aquelas massas de gelo flutuante.

Por todos estes motivos era indispensável que se partisse sem demora. Às oito horas soltaram-se as amarras da jangada, que, sob o impulso da corrente, começou logo a deslizar. Para lhe dar direção bastavam as compridas varas, de que alguns possantes mujiques iam munidos.

A manobra era dirigida por um velho piloto do Baical, homem de sessenta e cinco a setenta anos, de aspeto grave e austero, encanecido na árdua lida do lago. Sobre o peito caía-lhe uma abundante e comprida barba branca. Resguardava-lhe a cabeça um gorro de peles, e o seu farto roupão, apertado na cintura, descia-lhe até aos pés. Aquele velho, taciturno e solene, sentado à ré da jangada, indicava só por gestos os diversos movimentos a fazer.

Em dez horas seguidas ninguém seria capaz de lhe ouvir pronunciar dez palavras. De resto, a manobra limitava-se a conservar a jangada sobre a linha da corrente, não a deixando desviar para o largo.

Disse-se já que eram de diferentes condições os russos agrupados nesta jangada. Efetivamente, aos mujiques indígenas, homens e mulheres, velhos e crianças, juntavam-se três peregrinos, surpreendidos pela invasão durante a viagem, alguns monges e um pope.

Os peregrinos traziam o seu bordão de romagem, ao qual prendiam a cabaça, e salmodiavam com voz dolente os seus cânticos sagrados. Um vinha da Ucrânia, outro do mar Amarelo, outro, enfim, das províncias da Finlândia. Este último, já muito avançado em anos, trazia preso à cintura, como se estivesse à porta de uma igreja, um pequeno mealheiro com cadeado onde se recebiam as

esmolas dos fiéis. Mas dessas esmolas nada era para ele. A própria chave do cadeado, que só se abriria no regresso da longa e fatigante peregrinação, não estava em seu poder.

Os monges, com os hábitos de capuz e mantos de lã, vinham do Norte do império. Havia três meses que tinham saído de Arcangel, dessa cidade a que muitos viajantes atribuem, com fundamento, uma fisionomia oriental. Acabavam de visitar as ilhas Santas, junto da costa da Carélia, o convento de Solovetsk, o de Troitsa, os conventos de Santo António e Santa Teodósia em Kiev, antiga e predileta residência dos Jagelions[14], o mosteiro de Simeonof em Moscovo, o mosteiro e a igreja dos Velhos Crentes em Kazan. Finalmente, agora, dirigiam-se, todos, para Irkutsk.

O pope, esse, era simples pároco de aldeia, um dos seiscentos mil simples pastores que se encontram no império russo e que não têm na sua igreja nem influência nem poder. Trajava com tanta pobreza como qualquer mujique, não sendo na verdade mais do que eles, e passando a vida a lavrar as suas jeiras de terra, a batizar as crianças, a unir os noivos e a enterrar os mortos. Por fortuna, chegara ainda a salvar a mulher e a filha da brutalidade dos tártaros, fazendo-as retirar para as províncias do Norte. Ele deixara-se ficar até à última no seu posto. Depois fora também compelido a fugir, mas, encontrando fechado o caminho para Irkutsk, viera finalmente parar às praias do Baical.

Todos estes religiosos, agrupados na proa da jangada, rezavam de espaço a espaço as suas orações, levantando a voz no meio do silêncio da noite e deixando sair dos lábios, ao findar cada meza, o “Slava Bogun”, que quer dizer “Glória a Deus”.

Nenhum acontecimento viera interromper a regularidade da navegação. Nadia continuava entregue a um profundo letargo. Junto dela velava Miguel Strogoff. O sono só de longe a longe o assaltava, e ainda assim parecendo que lhe deixava livre a imaginação para pensar.

Ao romper do dia, a jangada, atrasada no seu curso por uma brisa que

soprava com força, contrariando a ação da corrente, achava-se ainda a quarenta verstas de distância do Angara. Supunha-se que só chegaria àquele ponto lá para as três ou quatro horas da tarde. Isto, porém, longe de ser um contratempo, era uma vantagem, porque os fugitivos teriam assim ocasião de descer o rio protegidos pelas sombras da noite.

O velho piloto somente se preocupava com a formação dos gelos, que de um momento para o outro poderiam mostrar-se à superfície das águas. A noite fora extremamente fria e viam-se já bastantes pedaços de gelo, que se deslocavam impelidos pelo vento. Mas, por enquanto, não eram perigosos, em consequência de aparecerem muito aquém da entrada do Angara. Contudo, havia a temer que os que viessem da parte oriental do lago, atraídos pela corrente, fossem levados pelo rio abaixo, obstruindo-o. Nesse caso, poderiam surgir complicações, atrasos, e quem sabe mesmo se obstáculos mais sérios, de que resultasse inevitavelmente a suspensão da viagem.

Miguel Strogoff mostrava, pois, extraordinário empenho em conhecer qual era o verdadeiro estado do lago e se os gelos já se apresentavam em quantidade excessiva. Nadia, que tinha acordado por fim, era quem respondia às perguntas de Miguel Strogoff, pondo-o ao facto de tudo o que se passava. Enquanto estas massas de gelo se moviam, podiam-se ver à superfície do Baical alguns fenómenos curiosos. Eram magníficos jatos de água a ferver, que emergiam de várias nascentes, abertas pela natureza, à guisa de poços artesianos, no próprio leito do rio. Estes jatos elevavam-se a grande altura e difundiam-se em vapores, iriados pelos raios do Sol, que o frio imediatamente condensava. Semelhante espetáculo parecia feito de molde a surpreender e maravilhar qualquer viajante que por aqui passasse, não agora, mas em tempos de paz, e com o fim exclusivo de admirar a natureza.

Às quatro horas da tarde o velho piloto avistou a entrada do Angara entre os altos rochedos de granito que revestem o litoral. Sobre a margem direita do rio distinguia-se também o pequeno porto de Livenitchnaia, com a sua igreja e as suas casas levantadas na praia.

Infelizmente, porém, os primeiros gelos, vindos de leste, já começavam a deslizar entre as duas margens do rio. Contudo, o seu número não era ainda bastante avultado para obstruir o Angara, nem o frio bastante forte para poder agregá-los.

A jangada parou ao chegar a Livenitchnaia. O velho piloto resolvera demorar-se aqui uma hora, a fim de proceder a algumas reparações indispensáveis. Os troncos tinham-se em parte desunido e importava tornar a ligá-los muito bem, para resistirem à corrente do Angara, que é fortíssima.

Durante o estio, o porto de Livenitchnaia é estação obrigatória de embarque e desembarque, tanto para os viajantes do lago Baical que se dirigem a Kiakhata, última cidade da fronteira russo-chinesa, como para aqueles que dali regressam. O porto de Livenitchnaia é, pois, muito concorrido naquela época do ano, quer por barcos a vapor, quer pelas pequenas embarcações empregadas na cabotagem do lago.

O porto, contudo, estava agora absolutamente deserto. Os seus moradores, a fim de evitarem os roubos e as crueldades dos tártaros, haviam mandado para Irkutsk a frota de barcos e fragatas de carga, que passam ali o inverno, indo eles mesmos depois refugiar-se naquela Cidade com todos os objetos fáceis de transportar.

O velho piloto não esperava decerto receber novos passageiros no porto de Livenitchnaia, todavia, no momento em que ele atracava, viram-se sair de uma casa próxima dois indivíduos, que deitaram a correr para a praia com toda a velocidade que lhes era possível.

Nadia, sentada à ré da jangada, olhava distraidamente para os lados.

De repente, ia quase soltando um grito. Conteve-se, porém, e agarrou-se com força à mão de Miguel Strogoff, que a este movimento levantou a cabeça.

— Que tens, Nadia? — perguntou-lhe ele.

— São os nossos antigos companheiros, Miguel.

— Os estrangeiros que encontrámos nos desfiladeiros dos Urais?

— Os mesmos, o francês e o inglês.

Miguel Strogoff estremeceu, porque viu em risco de ser descoberto o rigoroso incógnito que tanto desejava guardar.

Efetivamente, Miguel Strogoff não poderia continuar a ser para os dois jornalistas o Nicolau Korpanoff dos primeiros tempos. Depois que se separara deles em Ichim, já Harry Blount e Alcide Jolivet o tinham encontrado por duas vezes: uma em Zabadiero, quando as correias do cnute vergastaram a cara de Ivan Ogareff, outra em Tomsk, quando o emir pronunciou a sentença que tornaria cego o correio do czar. Não havia, pois, meio algum de ocultar aos dois correspondentes qual era a verdadeira posição do ex-negociante de Irkutsk.

Miguel Strogoff tomou rapidamente uma resolução.

— Nadia — disse ele —, apenas os dois estrangeiros tenham embarcado, pede-lhes o favor de virem ter comigo.

Eram, de facto, Harry Blount e Alcide Jolivet, que a marcha dos acontecimentos, e não o acaso, tinha levado ao porto de Livenitchnaia, como também sucedera a Miguel Strogoff.

Como se sabe, ambos haviam assistido em Tomsk a parte dos festejos, retirando-se quando estava para começar o inevitável suplício de Miguel Strogoff. Ambos estavam persuadidos de que o seu companheiro de viagem fora morto, e não podiam imaginar que o tivessem condenado a ficar cego.

Naquela mesma noite, levados por dois vigorosos cavalos, haviam saído de Tomsk, muito decididos, dali em diante, a não datarem as suas crónicas senão dos acampamentos russos da Sibéria oriental.

Nesse propósito se puseram a galopar com destino a Irkutsk. Esperavam chegar ali antes de Féofar-Cã, e tê-lo-iam decerto conseguido se não fosse a inopinada aparição daquela terceira coluna tártara, vinda das regiões do Sul pelo vale do Yenisei. Aconteceu-lhes o mesmo que a Miguel Strogoff: acharam o caminho cortado pelos tártaros nas imediações do Dinka, vendo-se por isso obrigados a tomar a direção do lago Baical.

Quando conseguiram chegar a Livenitchnaia, encontraram o porto já completamente deserto. Penetrar em Irkutsk por terra era-lhes impossível, visto

que os tártaros já tinham começado o cerco da cidade. Estavam, pois, nesta situação embaraçosa, havia três dias, quando apareceu a jangada.

Depressa ficaram ao facto do plano dos fugitivos. Como houvesse probabilidades de bom êxito nesta viagem arriscada, os dois correspondentes e amigos decidiram-se a tentar a experiência.

Alcide Jolivet tratou logo de chegar à fala com o velho piloto, pedindo-lhe duas passagens e oferecendo-lhe por elas o dinheiro que quisesse.

— Os lugares aqui não se pagam. Arriscar a vida vai ser o preço deles — respondeu com gravidade o velho piloto.

Os dois jornalistas entraram para a jangada e Nadia viu-os sentarem-se à proa.

Harry Blount continuava a ser o mesmo inglês frio e ponderado, que mal lhe tinha dirigido a palavra em toda a viagem dos montes Urais até Ichim.

Alcide Jolivet parecia estar um pouco mudado: o seu ar não era tão prazenteiro, e deve-se convir que as circunstâncias justificavam perfeitamente a mudança.

Quando acabava de se sentar à proa da jangada, Alcide Jolivet sentiu que alguém lhe apoiava a mão sobre o ombro.

Voltou-se de repente e reconheceu Nadia, a irmã daquele que já não era Nicolau Korpanoff, mas sim Miguel Strogoff, correio do czar.

Ia a soltar uma exclamação de espanto quando viu que Nadia levava um dedo aos lábios em sinal de silêncio.

— Queira acompanhar-me — disse-lhe ela.

Alcide Jolivet seguiu-a com ar de aparente indiferença, depois de fazer sinal a Harry Blount para também se levantar.

Mas se o espanto dos jornalistas fora grande em presença de Nadia, maior se mostrou ainda quando deram de frente com Miguel Strogoff, que tinham razões para não julgarem vivo.

À sua aproximação, Miguel Strogoff não se moveu.

Alcide Jolivet e Harry Blount voltaram-se para Nadia, como que

surpreendidos daquela imobilidade.

— É que ele não vê — informou Nadia. — Os tártaros queimaram-lhe os olhos. O meu pobre irmão está cego!

Na fisionomia dos dois correspondentes transpareceu um profundo sentimento de piedade. Instantes depois ambos se sentavam junto de Miguel Strogoff, apertando-lhe as mãos e esperando que ele falasse.

— Peço-lhes, meus senhores — disse Miguel Strogoff em voz baixa —, que finjam ignorar quem eu sou e o que vim fazer à Sibéria. Peço-lhes que respeitem o meu segredo. Prometem-mo?

— Prometemo-lo sob palavra de honra — apressou-se a responder Alcide Jolivet.

— À fé de homens de bem — acrescentou Harry Blount.

— Contava com a vossa discrição, meus senhores.

— Poderemos ser-lhe úteis nalguma coisa? — perguntou Harry Blount. — Quer que o ajudemos a completar a sua empresa?

— Obrigado, eu mesmo a completarei.

— Mas aqueles patifes deixaram-no cego! — exclamou Alcide.

— Tenho Nadia para ver por mim, isso me basta.

Meia hora depois largava a jangada do porto de Livenitchnaia e dava entrada no Angara. Eram cinco horas da tarde. Não tardaria que anoitecesse, e a noite prometia ser muito escura e fria, porque a temperatura já estava abaixo de zero.

Alcide Jolivet e Harry Blount deixaram-se ficar junto de Miguel Strogoff, apesar da promessa feita em relação ao seu segredo. Puseram-se ambos a conversar em voz baixa com o pobre cego, e este pôde formar uma ideia exata acerca da invasão, ampliando as informações que tinha com as que os dois jornalistas lhe ministravam.

Era evidente que as três colunas tártaras haviam feito a sua junção e que o cerco de Irkutsk já tinha começado. Féofar-Cã e Ivan Ogareff deviam, pois, achar-se em frente daquela cidade.

Mas qual a razão de ser do veemente desejo de chegar a Irkutsk, manifestado

pelo correio imperial? Pois não lhe tinham roubado o ofício de que era portador para o grão-duque? Pois não ignorava ele o conteúdo desse ofício?

Alcide Jolivet e Harry Blount procuravam debalde atinar com a razão de semelhante insistência. Neste ponto não eram mais felizes do que Nadia.

A sua conversação com Miguel Strogoff nunca aludiu ao passado, senão quando Alcide Jolivet julgou oportuno o ensejo para dizer:

— É tempo de lhe pedirmos desculpa, meu caro amigo...

— Desculpa de quê? — Perguntou Miguel Strogoff.

— De nos termos separado em Ichim sem lhe estendermos a nossa mão.

— Sobravam-lhes razões para isso. Eu devia-lhes parecer um cobarde naquele momento.

— Entretanto — acrescentou Alcide Jolivet —, a sua desforra foi completa, e a cara daquele miserável há de guardar por muito tempo a marca infamante do cnute.

— Por muito tempo, não creio — respondeu com serenidade Miguel Strogoff.

Meia hora depois da partida de Livenitchnaia, estavam os dois jornalistas ao facto dos cruéis lances por que tinham sucessivamente passado os dois irmãos.

Harry Blount e Alcide Jolivet admiravam sem reserva tanto a energia de Miguel Strogoff como a dedicação de Nadia.

Primeiro pensaram exatamente o que dele tinha dito o czar em Moscovo: «É um homem, na verdade.»

A jangada ia seguindo por entre as massas de gelo que a corrente arrastava. De ambos os lados do rio era variado e majestoso o panorama que se desenrolava e, por uma ilusão de ótica, a jangada parecia estar imóvel ante esta sucessão de pontos de vista pitorescos. Aqui eram as montanhas de granito erguendo as suas cristas fantasticamente para o céu, acolá os desfiladeiros selváticos, onde se despenhavam com estrépito as torrentes caudalosas, mais adiante as largas abertas, deixando ver ao longe alguma aldeia ainda fumegante, e, por último, os espessos pinheirais, projetando as chamas ateadas por incêndios

recentíssimos. Mas, se em todos estes locais os tártaros haviam deixado lembrança atroz da sua passagem, em compensação nenhum deles, por agora, se avistava da jangada. O sítio de Irkutsk obrigava-os a concentrarem-se em torno daquela cidade.

Entretanto, os peregrinos repetiam em voz alta as suas rezas, e o velho piloto, afastando com uma vara as massas de gelo, que pareciam querer acercar-se cada vez mais, continuava imperturbável a sua manobra pelo meio daquela rápida corrente.

Capítulo XII — Perigos e sobressaltos

Às oito horas já se não via nada. A escuridão tornara-se completa, pois, por se estar na Lua nova, esta não espalhava sobre a Terra nenhuma claridade. Do meio do rio nem se divisavam as margens. As ribas confundiam-se a baixa altitude com as pesadas nuvens, que mal se moviam. De espaço a espaço sopravam de leste umas ligeiras brisas, que pareciam expirar nesta espécie de garganta formada pelo Angara.

As trevas não podiam deixar de favorecer até certo ponto o projeto dos fugitivos. Se bem que os postos avançados dos tártaros devessem estar escalonados sobre as duas margens, a jangada tinha contudo muitas probabilidades de passar despercebida. Não era também natural que os sitiantes houvessem obstruído o rio antes de chegar a Irkutsk, visto saberem que os russos não podiam esperar nenhum socorro pelo sul da província. De resto, não tardaria que a própria natureza se encarregasse de intercetar o Angara, unindo gradualmente as massas de gelo acumuladas entre as duas margens.

A bordo da jangada reinava agora silêncio absoluto.

Desde que ela começara a seguir rio abaixo, tinham os peregrinos cessado de entoar os seus hinos sagrados. Rezavam ainda, porém, as suas orações não passavam agora de um ligeiro murmúrio, que prontamente se desvanecia.

Os fugitivos, estendidos sobre o fundo da jangada, mal cortavam com o corpo a linha horizontal das águas. O velho piloto, colocado à proa junto dos seus homens, preocupava-se, no meio de um silêncio absoluto, em afastar as massas de gelo que, resvalando contra as outras, iam produzindo um surdo estrondo.

Este perpassar dos gelos, se bem que pudesse vir a ser para diante um obstáculo, significava atualmente auxílio valioso. De facto, se a jangada corresse livremente pelo rio, haveria o perigo de os tártaros a pressentirem apesar das

sombras da noite, enquanto assim, por entre essa confusa e movediça aglomeração de tantos gelos conseguia ela ir passando a salvo.

O frio ia apertando com extrema intensidade. Os fugitivos, abrigados apenas por alguns ramos de bétula, começavam a sentir-se enregelados. Aconchegavam-se uns aos outros, para ver se assim podiam suportar melhor este abaixamento de temperatura, que prometia chegar durante a noite a dez graus abaixo de zero. Era de cortar o pouco vento que fazia, em consequência de ter passado pelas montanhas de leste, já todas cobertas de neve nos seus cumes. Suportavam Miguel Strogoff e Nadia, colocados à ré, com resignação este novo sofrimento. Alcide Jolivet e Harry Blount, junto deles, também afrontavam como podiam os primeiros assaltos do inverno siberiano. As suas conversas tinham cessado. Era tão séria a situação em que se viam que não pensavam em falar. De um momento para o outro podia surgir um incidente, um perigo, uma catástrofe que viesse causar-lhes gravíssimas inquietações.

Miguel Strogoff aparentava uma serenidade que não parecia própria de quem estava por tão pouco a ver realizados os seus fins. É verdade que até aqui nunca, nos lances mais difíceis, ele deixara de mostrar a sua grande energia. Pressentia já o momento em que, finalmente, lhe fosse lícito pensar em sua mãe, em Nadia e até em si. Só um receio vinha toldar-lhe o céu azul das suas esperanças: era se a jangada não pudesse chegar a Irkutsk, paralisada no seu andamento por alguma imprevista acumulação de gelos. Preocupava-o de vez em quando esta cheia, entretanto, se a fatalidade ainda lhe levantasse mais algum obstáculo, estava bem decidido a vencê-lo por qualquer supremo ato de ousadia. Nadia, restabelecida pelo repouso de algumas horas, tinha recuperado aquela natural energia, que a desventura suplantara às vezes sem lhe abalar a energia moral.

Também estava decidida, no caso de Miguel Strogoff querer ainda tentar alguma nova temeridade, a não se afastar dele, para poder servir-lhe de guia. Por outro lado, quanto mais se aproximava de Irkutsk, mais a imagem de seu pai se lhe desenhava distintamente no espírito., Via-o no meio daquela cidade sitiada, lutando contra os invasores com todo o fogo do seu patriotismo. Dentro de

poucas horas, se o céu lhe atendesse as fervorosas súplicas, achar-se-ia nos braços desse exilado querido para lhe transmitir as últimas palavras de sua mãe e para nunca mais se apartar dele. Se o exílio de Vassili Orlik tivesse de ser perpétuo, sua filha, também como exilada, ficaria sempre a seu lado. Depois, como ideia associada, lembrava-se do homem a quem era devedora de tornar a ver seu pai, desse homem, generoso e bom, que lhe dera o nome de irmã e que, acabada a guerra com os tártaros, regressaria a Moscovo sem talvez se lembrar mais da sua companheira de viagem!

Quanto a Alcide Jolivet e Harry Blount, esses só tinham um único e recíproco pensamento: o de acharem extremamente dramático o lance em que se viam, lance que, bem gizado e desenvolvido, deveria render-lhes uma das mais interessantes correspondências do estrangeiro.

O inglês pensava nos seus leitores do Daily Telegraph, e o francês nos da sua prima Madalena. Porém, tanto um como outro não deixavam de se sentir sumamente impressionados pela gravidade da presente situação.

— Ora, tanto melhor! — dizia consigo mesmo Alcide Jolivet. — Para impressionar é preciso estar impressionado. Creio até que há um verso notável onde se trata deste pensamento. Mas negro seja eu se me lembro dele!

E com os olhos muito abertos procurava romper a treva espessa que envolvia todo o rio. Intensos clarões, porém, vinham às vezes quebrar a escuridão desta noite frigidíssima, transformando num cenário maravilhoso a paisagem de ambas as margens do rio. Era uma ou outra floresta, uma ou outra aldeia, que estavam ainda em chamas, sinistra reprodução dos quadros vistos de dia, realçados agora pelo contraste da noite! O Angara mostrava-se, de um ao outro lado, resplendente de luz. As massas de gelo, que obedeciam aos caprichos da corrente, eram como outros tantos espelhos e emitiam, devido às chamas, reverberações de todas as cores. A jangada, confundindo-se com estes gelos, continuava a passar despercebidamente.

O mal, todavia, não estava ainda nisto.

Um perigo de diferente natureza ameaçava os fugitivos, perigo que se não

podia prever e que sobretudo se não podia evitar. Foi Alcide Jolivet quem deu por ele da seguinte maneira.

O correspondente francês deitara-se do lado direito da jangada, deixando casualmente cair uma das mãos dentro de água. O contacto dos dedos com a superfície da corrente causara-lhe, porém, notável surpresa. Dir-se-ia que a água era de uma consistência viscosa, como se fosse formada por um óleo mineral.

Alcide Jolivet, auxiliando-se do olfato, veio a descobrir o que era. Uma camada de nafta líquida sobrenadava na parte superior do Angara, seguindo a sua corrente.

A jangada iria, pois, flutuando sobre esta substância tão eminentemente combustível? Donde teria vindo aquela nafta? Seria algum fenómeno natural que a fizera arrojar para ali, ou deveria ela servir de instrumento de destruição premeditado pelos tártaros? Quereriam estes levar o incêndio até dentro de Irkutsk, recorrendo a meios que os direitos da guerra não justificam entre nações civilizadas?

Tais foram as perguntas que a si próprio formulou Alcide Jolivet. A sua descoberta só a comunicou a Harry Blount, e ambos resolveram não a transmitir aos outros companheiros da jangada, para lhes pouparem este novo susto.

Sabe-se que o solo da Ásia central é semelhante a uma esponja impregnada de carbonetos e hidrogénio líquidos. As nascentes de óleos minerais surgem aos milhares na superfície dos terrenos, tanto no porto de Bacu, perto da fronteira persa, e na península de Abcheran, no mar Cáspio, como na Ásia Menor, na China, no Yug-Hyan e na Birmânia. A Ásia central é, pois, o “país do óleo”, como também país do óleo é todo o território da América do Norte, onde se encontram idênticas nascentes.

Durante certas festas religiosas, que se celebram especialmente em Bacu, os indígenas, adoradores do fogo, costumam lançar na superfície do mar Cáspio nafta líquida, que fica a flutuar em consequência de a sua densidade ser inferior á da água. Ao anoitecer e quando uma destas camadas de óleo mineral já se acha bem espalhada pelo mar, então os indígenas lançam-lhe fogo e dão a si próprios

o incomparável espetáculo de um oceano de chamas, que ondula e se dilata ao sabor da viração.

Mas o que apenas seria um espetáculo em Bacu poderia, nas águas do Angara, converter-se em sinistro. Da jangada não havia que recear imprudências. Não se podia afirmar o mesmo em relação aos incêndios que lavravam em ambas as margens do Angara. Bastaria que uma trave inflamada, uma simples faúlha caísse no rio para atear aquela corrente de nafta.

Compreendem-se melhor do que se descrevem as apreensões que sentiram Alcide Jolivet e Harry Blount. Em vista daquele novo perigo não seria prudente encostar a jangada a uma das margens, desembarcar os passageiros e aguardar os acontecimentos? Os dois jornalistas não sabiam o que mais conviria fazer.

— Apesar do perigo — observou Alcide Jolivet —, sei de alguém que não quereria desembarcar.

— Miguel Strogoff, não é assim? — volveu Harry Blount.

— Esse mesmo.

Entretanto, a jangada continuava a deslizar por entre os sucessivos gelos, que se iam gradualmente apertando.

Em nenhuma das duas margens do Angara se tinha até aqui ouvido a algazarra dos tártaros. Isto fazia supor que a jangada ainda não chegara aos postos avançados do emir. Todavia, por volta das dez horas, Harry Blount julgou distinguir diferentes vultos negros, que se moviam em cima das massas de gelo. Estas sombras, saltando de uns para outros blocos, aproximavam-se com rapidez.

«São os tártaros», disse de si para si Harry Blount.

E dirigindo-se de mansinho até junto do velho piloto, que não abandonava o seu posto, mostrou-lhe aqueles movimentos suspeitos.

O velho piloto pôs-se a olhar com toda a sua atenção.

— São lobos — declarou ele por fim. — Antes isso do que tártaros. Precisamos de defender-nos, mas sem fazer barulho.

Efetivamente os fugitivos tiveram de lutar em breve contra aqueles animais

carnívoros, que a fome e o frio metiam em busca de alimento.

Os lobos haviam pressentido a jangada e vinham agora atacá-la. Os fugitivos empenharam-se numa luta com eles, mas sem fazerem uso de armas de fogo, para se não denunciarem aos tártaros, de cujos postos avançados não deviam estar longe. As mulheres e as crianças foram colocadas no centro da jangada, e os homens, uns armados de varas, outros de facas e o maior número de paus, estenderam-se em linha para repelir o ataque. Da parte dos atacados não se ouvia o mais leve rumor, os lobos, porém, estrugiam os ares com a força dos seus uivos.

Miguel Strogoff não tinha querido ficar ocioso. Estendera-se também perto do sítio que o bando dos lobos atacava. De faca em punho, todas as vezes que um lobo passava ao alcance do seu braço era precipitado no rio, ferido mortalmente. Harry Blount e Alcide Jolivet, sem perderem um segundo, desenvolviam também à sua parte atividade surpreendente. Os outros companheiros imitavam-nos com bravura. Esta carnificina dos lobos decorria em silêncio, apesar de muitos dos fugitivos não terem podido evitar algumas graves mordeduras daqueles ferozes animais.

Parecia, porém, que a luta não tinha fim. Os lobos sucediam-se uns aos outros. Dir-se-ia que a margem direita do Angara era um viveiro destes carnívoros.

— Então isto não acabará hoje? — perguntava Alcide Jolivet, manejando o seu punhal, a escorrer de sangue.

Efetivamente, meia hora depois do princípio da luta os lobos ainda corriam aos centos por cima dos gelos.

Os fugitivos, muito cansados, começavam a afrouxar a sua defesa. O combate não tardaria que lhes fosse desvantajoso. Ao mesmo tempo deram um salto para dentro da jangada uns doze lobos de grandes dimensões, enfurecidos pela resistência e pela fome, e com os olhos a brilhar na sombra como lumes. Alcide Jolivet e Harry Blount lançaram-se sobre eles, e Miguel Strogoff arrastava-se também com o mesmo fim, quando de improviso mudaram

completamente as circunstâncias.

Bastaram apenas alguns segundos para que não só os lobos deixassem a jangada, como também os gelos espalhados pelo rio. Todos aqueles vultos negros se dispersaram como por encanto, fugindo a toda a pressa para a margem direita do rio. É que os lobos, inimigos da luz, precisavam da treva para as suas correrias, e o Angara neste momento apresentava-se todo iluminado por uma intensa claridade.

Eram os clarões de um enorme e pavoroso incêndio.

A povoação de Poshkavsk estava toda em chamas. Desta vez a obra destruidora era dos tártaros. A contar deste ponto, as margens do rio estavam ambas ocupadas por eles até além de Irkutsk. Os fugitivos tinham, pois, chegado à zona mais perigosa da sua viagem nas sombras.

E, contudo, ainda trinta verstas os separavam da capital!

Eram onze horas e meia da noite. A jangada ia sempre deslizando por entre as massas de gelo, com as quais se confundia completamente. De vez em quando, porém, algumas chapadas de luz vinham bater-lhe em cheio.

Nesses momentos os fugitivos deitavam-se todos ao comprido para que nem o mais leve movimento pudesse atraiçoá-los. As chamas continuavam com extrema violência a devorar a povoação. As suas casas, construídas de madeira de pinho, ardiam como se fossem grandes archotes de resina.

Eram pelo menos cento e cinquenta as casas que as labaredas consumiam desta forma. Ao crepitar do incêndio respondia a grita indiferente da soldadesca tártara. O velho piloto, fazendo ponto de apoio num dos maiores pedaços de gelo, conseguira empurrar a jangada para a margem direita, e estavam agora a uns trezentos ou quatrocentos pés do ponto onde lavrava o incêndio.

Os fugitivos, iluminados por brilhantes reflexos, teriam sido descobertos se os incendiários não estivessem tão entretidos em arrasar a povoação. Compreende-se quais seriam as inquietações dos dois jornalistas, lembrando-se do líquido combustível que cercava a jangada.

Efetivamente, das casas, que pareciam fornalhas ardentes, soltavam-se

repetidas vezes abundantes feixes de faúlhas. Por entre as espiras de fumo, estas faúlhas elevavam-se no ar a mais de quinhentos pés de altura. As árvores e as ribas da margem direita, recebendo de frente a claridade destas explosões, pareciam estar envolvidas em fogo. Bastaria que uma faúlha caísse no rio para o incêndio alastrar ao lume de água, comunicando-se imediatamente de uma à outra margem. Se isto sucedesse, jangada e todos que nela iam seriam vítimas inevitáveis de uma tremenda desgraça.

Felizmente, as brisas da noite, muito fracas, não sopravam deste lado. Vinham ainda de leste, e desviavam as chamas para a esquerda. Era, portanto, de esperar que os fugitivos escapassem a esta nova fatalidade.

De facto, a povoação em chamas ficou dentro em breve para trás da jangada. O brilho do incêndio foi-se pouco a pouco desvanecendo, o estalar das madeiras diminuiu e os últimos clarões desapareceram encobertos pelas altas ribas que se erguiam no sítio em que o rio formava uma curva rápida.

Era meia-noite pouco mais ou menos. A treva, que tornara a ser completa, protegia de novo os movimentos da jangada. Os tártaros ocupavam com efeito as duas margens. Não se avistavam, mas sentia-se a bulha que faziam, falando e movendo-se de um para o outro lado.

Já se avistavam perfeitamente as fogueiras dos postos avançados.

Entretanto, a prontidão da manobra cada vez se tornava mais necessária, porque as massas de gelo iam-se unindo com mais insistência umas às outras, obstruindo completamente o leito do rio.

O velho piloto pôs-se de pé e os mujiques tornaram a pegar nas varas. Todos tinham então que fazer.

Miguel Strogoff adiantou-se cautelosamente até à proa da jangada.

Alcide Jolivet seguiu-o também.

Ambos se puseram a escutar o que o velho piloto dizia aos seus homens.

— Olha sobre a direita.

— Lá começam os gelos a querer unir-se da esquerda.

— Serve-te da vara para desuni-los e afastá-los.

— Em menos de uma hora não poderemos avançar!

— Se Deus assim o mandar... paciência! Contra a sua vontade é que não há nada a fazer — respondeu o velho piloto.

— Ouve o que eles dizem? — perguntou Alcide Jolivet a Miguel Strogoff.

— Ouço — respondeu este. — Mas não importa. Deus está connosco.

Infelizmente a situação crescia de gravidade. Se a jangada chegasse a não poder mover-se, os fugitivos ver-se-iam obrigados a deixá-la, antes que ela se fizesse em pedaços, esmagada pelos gelos. As cordas de vime partir-se-iam então, os troncos de pinho, desconjuntados com violência, iriam perder-se sob a crusta endurecida daquelas moles flutuantes e os fugitivos, que depois desta catástrofe só tinham os próprios gelos para lhes servir de refúgio, seriam de madrugada descobertos pelos tártaros e, ato contínuo, barbaramente assassinados!

Miguel Strogoff voltou ao sítio onde o esperava Nadia.

Aproximando-se dela, tomou-lhe as mãos e dirigiu-lhe esta concisa pergunta:

— Estás pronta, Nadia?!

Ao que a filha do exilado respondeu como sempre:

— Estou.

Durante algumas verstas a jangada foi-se ainda movendo. Porém, a rapidez do seu andamento diminuía a olhos vistos. A acumulação dos gelos continuava a obstruir o Angara. De momento a momento, ou a jangada sofria um choque impetuoso, ou tinha de fazer um desvio. Abalroava aqui para se afastar acolá. Tudo eram atrasos e complicações.

A noite já estava por poucas horas. Se os fugitivos não chegassem a Irkutsk antes das cinco horas da manhã poderiam perder a esperança de lá entrar.

Depois da uma hora, apesar de todos os esforços que se fizeram, a jangada esbarrou com um espesso banco de gelo, ficando ali paralisada. As massas de gelo que se lhe seguiam envolveram-na por seu turno e comprimiram-na contra o primeiro obstáculo, deixando-a absolutamente imóvel como se tivesse encalhado.

O Angara estreitava neste ponto, reduzindo a metade a sua largura normal. Foi desta circunstância que proveio a acumulação dos gelos, agora unidos uns aos outros sobre a dupla influência da pressão, que era considerável, e do frio, que era intensíssimo. Quinhentos passos mais adiante, o leito do rio tornava a alargar, e os gelos, desagregando-se pouco a pouco daquele banco, deslizavam novamente em direção a Irkutsk. Era, pois, muito de presumir que, se não fosse a estreiteza das margens, nem o banco de gelo se teria formado, nem a jangada se veria obrigada a interromper a viagem. O mal, porém, não tinha remédio, e os fugitivos deviam renunciar a toda a esperança de bom êxito.

Ainda se eles tivessem à sua disposição os instrumentos de que se servem ordinariamente os baleeiros para rasgar uma passagem através dos *ice-fields*, ainda se eles pudessem romper este banco de gelo até ao ponto onde o rio tornava a alargar, talvez que o tempo lhes não faltasse. Mas a bordo da jangada não havia serras nem picaretas, não havia nada que permitisse cortar esta muralha, tornada, pela baixa temperatura, tão dura como granito.

Que resolução se deveria tomar?

Ao mesmo tempo ouviram-se repetidas detonações, tiros de espingarda, partindo da margem direita. Um chuveiro de balas começou a cair sobre a jangada. Teriam sido, porventura, descobertos os fugitivos? Parece que sim, porque da margem esquerda partiram também novas descargas. Os fugitivos, colhidos entre dois fogos, tornaram-se o alvo dos atiradores tártaros. Alguns deles foram feridos, se bem que as balas chegassem ao acaso no meio da escuridão.

— Vem, Nadia — disse Miguel Strogoff ao ouvido da sua companheira.

Nadia estendeu a mão a Miguel Strogoff sem lhe dirigir a mínima pergunta.

— Precisamos de atravessar o banco de gelo — declarou ele baixinho. — Guia-me até à proa da jangada, sem que ninguém dê pela nossa falta.

Nadia obedeceu. Miguel Strogoff e ela saltaram para cima do banco de gelo, no meio daquelas profundas sombras que apenas eram cortadas pelo rápido clarão dos tiros de espingarda.

Nadia, agarrando-se às protuberâncias do gelo, trepava adiante de Miguel Strogoff. Em redor deles caíam as balas sem descanso, crepitando sobre o gelo. A superfície daquele banco, áspera e cheia de arestas agudas, deixou-lhes as mãos em sangue, mas não os impediu de avançar.

Passados dez minutos, Miguel Strogoff e Nadia, depois de repetidos esforços, atingiram a parte inferior do lado oposto do banco. As águas do Angara não estavam geladas a partir daí. Alguns pedaços de gelo, desprendendo-se pouco a pouco do banco, seguiam novamente o curso do rio levados pela corrente.

Nadia compreendeu qual era o pensamento de Miguel Strogoff. Vendo que um dos maiores blocos de gelo estava prestes a desligar-se dos outros, que formavam o conjunto do banco, disse-lhe:

— Vem, Miguel.

E ambos se deitaram sobre aquela massa de gelo, que uma pequena oscilação acabou por desprender.

O gelo começou a mover-se, e o rio, alargando-se, deixava livre o caminho.

Miguel Strogoff e Nadia ouviram ainda os tiros de espingarda, as vozes de aflição e os bramidos dos tártaros. Depois, estes gritos de profunda angústia e de estúpida alegria foram-se amortecendo pouco a pouco.

— Pobres companheiros! — balbuciou Nadia.

Durante meia hora a corrente empurrou com rapidez o pedaço de gelo que suportava Miguel Strogoff e Nadia, e que de um momento para o outro se poderia desfazer debaixo deles. Levado pela corrente, seguia sempre a meio do rio. Só quando se estivesse próximo do cais de Irkutsk é que conviria dar-lhe uma direção oblíqua.

Miguel Strogoff, com os dentes cerrados e o ouvido à escuta, não pronunciava uma só palavra. Nunca ele se vira tão perto do fim que ambicionava. Sentia, finalmente, que lhe estava quase a tocar com as mãos.

Pelas duas horas da noite uma dupla fileira de pontos luminosos brilhava no sombrio horizonte em que se confundiam as duas margens do Angara.

À direita, eram as luzes que saíam de Irkutsk, à esquerda, as fogueiras do acampamento tártaro.

Miguel Strogoff estava apenas a meia versta da cidade.

— Até que enfim! — exclamou ele.

Mas de repente Nadia soltou um grito.

A este grito Miguel Strogoff levantou-se sobre a massa de gelo que oscilava. Estendeu o braço direito em direção à parte superior do rio. O seu rosto, completamente iluminado por intensos reflexos azulados, estava terrivelmente crispado, como se os seus olhos tivessem recuperado a vista:

— Maldição! — vociferou ele. — Até a Providência se insurge contra nós!

Capítulo XIII — Irkutsk

A capital da Sibéria oriental é uma cidade populosa, que normalmente alberga, mais ou menos, trinta mil habitantes. Uma encosta bastante elevada, que parte da margem direita do Angara, serve de base às suas igrejas, entre as quais avulta a catedral, e às suas casas, todas elas espalhadas em pitoresca e agradável confusão.

Vista do alto do monte, que se levanta na estrada principal a uma distância de vinte verstas, Irkutsk dá ideia de uma cidade oriental, com as suas cúpulas e campanários, com as suas agulhas erguendo-se em forma de minaretes e os seus zimbórios semelhantes a talhas do Japão em ponto grande. Esta fisionomia desaparece, porém, aos olhos do viajante logo que se penetra nos seus muros. A cidade, meio bizantina, meio chinesa, torna-se europeia pelas suas ruas macadamizadas, em que se cruzam os canais e abundam os renques de magníficas bétulas, pelos seus largos passeios, pelas casas de tijolo e madeira, pelas suas numerosas carruagens, onde a par das telegas se encontram os cupés e as caleches, e, finalmente, pela maioria dos habitantes, que se mostram bastante civilizados e a quem são de todo familiares as últimas modas de Paris.

Irkutsk servia atualmente de residência a muitos siberianos da província, que tinham ido ali procurar um refúgio contra os invasores. Nesta cidade, que é o empório de todas as mercadorias permutadas entre a China, a Ásia central e a Europa, abundavam agora os recursos de vários géneros.

Não admira, portanto, que se tivessem chamado para dentro dos seus muros os habitantes do vale do Angara, os mongóis khalkas, os tunguzos e os burets, privando assim a invasão das vantagens que lhe deviam dar as localidades povoadas.

Irkutsk é a residência do governador-geral da Sibéria oriental. Abaixo dele contam-se o governador civil, em cujas mãos está a administração da província,

o diretor da polícia, a quem não falta que fazer numa cidade com tantos exilados, e, finalmente, o administrador municipal e presidente da câmara de comércio, pessoa considerável pela sua imensa riqueza e pela influência que exerce sobre os seus colegas negociantes.

A guarnição de Irkutsk compunha-se de um regimento apeado de cossacos, com dois mil homens, e de um corpo permanente de polícia de capacete e farda azul agaloada de prata.

Por circunstâncias particulares, como se sabe, o irmão do czar achava-se retido nesta cidade desde o começo da invasão.

Este facto requer explicações mais circunstanciadas.

O grão-duque viera às longínquas províncias da Ásia central numa viagem de caráter puramente político.

Depois de ter percorrido as principais cidades siberianas, viajando sem nenhum aparato, mais como soldado do que como príncipe, o grão-duque chegara a penetrar nas regiões transbaicalianas, acompanhado apenas pelos seus ajudantes e por uma escolta de cossacos.

Nikolaevsk, a última cidade russa situada no litoral do mar de Okhotsk, tivera a honra de receber a sua visita.

Chegado aos confins do imenso império moscovita, o grão-duque voltava a Irkutsk, donde supunha poder seguir para Moscovo, quando recebeu no caminho a notícia que lhe anunciava os primeiros passos desta invasão, tão rápida como terrível. Tratou, portanto, de entrar apressadamente em Irkutsk. Ao mesmo tempo, começavam a estar interrompidas as comunicações com a Rússia europeia. Todavia, receberam-se ainda alguns telegramas de Petersburgo e de Moscovo, a que o grão-duque pôde responder. Depois o fio deixou de trabalhar pelas razões já conhecidas.

E Irkutsk ficara de todo isolada do resto do império.

O grão-duque só tinha de ocupar-se da defesa, e foi o que fez, desenvolvendo para isso uma atividade e sangue-frio de que já noutras circunstâncias dera incontestáveis provas.

As notícias da tomada de Ichim, de Omsk e de Tomsk foram-se recebendo sucessivamente. Tornava-se urgente que se empregassem todos os meios para evitar a queda de Irkutsk. Contar com socorros imediatos não era possível. As poucas tropas espalhadas pelas províncias do Amur e pelo governo de Irkutsk não seriam suficientes para suspender a marcha das colunas invasoras. Uma vez, pois, que Irkutsk não podia escapar às contingências de um cerco, convinha pelo menos colocá-la em condições de resistir aos tártaros com vantagem.

Os trabalhos de defesa começaram no dia da tomada de Tomsk. Ao passo que este último revés chegava ao conhecimento do grão-duque, sabia-se igualmente que a invasão era dirigida em pessoa pelo emir de Bucara, auxiliado pelos cãs de Khokhand e de Kunduza. O que o grão-duque, porém, ignorava era que o lugar-tenente de todos estes chefes bárbaros fosse Ivan Ogareff, um oficial russo que ele não conhecia, mas que por faltas graves de serviço fora expulso das fileiras.

Todos os habitantes da província, como já se viu, tinham sido intimados, desde o princípio da invasão, a refugiar-se em Irkutsk. Os que não puderam entrar na capital foram mandados para os territórios transbaicalianos, onde era de presumir que não chegassem as hordas de Féofar-Cã. Recolheram-se dentro da capital todas as reservas de cereais e de forragens, e foi assim que este último baluarte do poder moscovita no Extremo Oriente se preparou para fazer frente por algum tempo à invasão.

Irkutsk, fundada em 1611, achava-se situada sobre a margem direita do Angara, na confluência deste rio com o Irkutsk. Duas pontes de madeira, assentes sobre estacaria e dispostas de forma que, segundo as exigências da navegação, se pudessem abrir a toda a largura do rio, ligando a cidade com os seus arrabaldes, que se estendem por toda a margem oposta. Deste lado a defesa era fácil. Os arrabaldes foram evacuados e as pontes destruídas. A passagem do Angara, que é muito larga neste ponto, tornar-se-ia impossível sob o fogo dos sitiados.

O rio, contudo, prestava-se a ser atravessado tanto acima como abaixo de

Irkutsk, e nesse caso a cidade correria perigo de ser atacada pela sua parte oriental, onde nenhuma rede de muralhas existia para defendê-la.

Foi com o fim de remediar esta falta que se encetaram grandes trabalhos de fortificação, em cujo acabamento se andava de dia e de noite. Nunca havia falta de braços. O irmão do czar viu-se rodeado de uma população tão zelosa e diligente no trabalho, como firme e corajosa na defesa. Soldados, lojistas, exilados e camponeses, todos, enfim, se dedicaram com extrema solicitude à salvação comum. Oito dias antes de se avistarem os tártaros já estavam levantadas e guarnecidas muitas muralhas feitas de terra. Entre a escarpa e a contraescarpa tinha-se aberto um fosso, que se inundou com as águas do Angara. A cidade estava livre de uma surpresa. Os invasores tinham, portanto, de a sitiar.

A terceira coluna tártara, aquela que viera pelo vale do Yenisei, apareceu à vista de Irkutsk no dia 24 de setembro, indo ocupar os arrabaldes, completamente desabitados. Deste lado as casas tinham sido mandadas arrasar para não estorvarem a ação da artilharia do grão-duque, Infelizmente pouco numerosa.

Os tártaros armaram, pois, os seus arraiais, esperando que chegassem as outras duas colunas comandadas pelo emir.

A 25 de setembro realizou-se no acampamento do Angara a junção destes diferentes corpos, assumindo Féofar-Cã o comando de todo o exército, à exceção apenas das guarnições que tinha deixado nas principais cidades em seu poder.

Como era do seu conhecimento, por indicação de Ivan Ogareff, que era impossível a passagem do Angara em frente de Irkutsk, mandou uma grande parte das tropas efetuar essa travessia algumas verstas abaixo da cidade, construindo-se para esse fim uma ponte de barcas. Bem quisera o grão-duque impedir esta passagem. Porém, a falta de artilharia de campanha obrigou-o a deixar-se ficar prudentemente dentro dos muros de Irkutsk.

Os tártaros puderam, pois, ocupar também a margem direita do rio, e, avançando sobre a cidade, foram queimando no seu trânsito o palácio de verão do governador-geral, o qual ficava situado num bosque que dominava o rio. Em

seguida, cercaram completamente a cidade, tomando posições definitivas.

Ivan Ogareff, engenheiro hábil, era bastante apto para dirigir os trabalhos de um sítio regular, mas faltavam-lhe os materiais para operar com rapidez, por isso que imaginava surpreender Irkutsk, fim capital de todos os seus esforços.

Como já se sabe, as coisas tinham caminhado de modo diferente. Por um lado, a batalha de Tomsk retardara a marcha dos invasores, por outro, a atividade que o grão-duque imprimira aos trabalhos de defesa tornara impossível a pronta ocupação de Irkutsk. Estas duas circunstâncias haviam feito malograr os planos do traidor, que se viu obrigado a intentar um cerco em forma.

Ainda assim, o emir, inspirado pelo seu lugar-tenente, por duas vezes tentou tomar de assalto a cidade, embora a custo de grande sacrifício de homens. Os seus soldados precipitaram-se sobre as fortificações, onde havia alguns pontos fracos, mas de ambas as vezes os sitiantes tiveram de retirar, vencidos e esmagados pelo ardor dos sitiados. O grão-duque e os seus oficiais tinham dado nesses combates o exemplo de bravura, não lhe ficando atrás em denodo e em coragem a população civil de Irkutsk. No segundo assalto haviam chegado os tártaros a forçar uma das portas da muralha, aquela que dava sobre a rua de Bolchaia, via de duas verstas de comprimento, cujo extremo limite é a própria margem do rio. A luta travara-se neste ponto com mais vigor, porém, os cossacos, a polícia e os civis tão viva resistência opuseram que os tártaros se viram obrigados a voltar às suas posições.

Ivan Ogareff supôs favorável o ensejo para tentar pela traição o que pela força não conseguia. Sabe-se que o seu projeto era penetrar na cidade, apresentar-se ao grão-duque, e, depois de lhe haver captado a confiança, entregar aos sitiantes uma das portas da cidade, reservando-se o bárbaro prazer de saciar a sua vingança na pessoa do irmão do czar.

A tzigana Sangarra, que o acompanhara até ao acampamento do Angara, incitava-o calorosamente a não desistir do seu projeto.

Efetivamente, convinha não perder tempo. As tropas russas do governo de Irkutsk, que se tinham concentrado na parte superior do Lena, marchavam pelo

vale deste rio em direção a Irkutsk. Em menos de seis dias deviam estar à vista. Era, pois, indispensável que a cidade caísse pela traição antes de findo este prazo.

Ivan Ogareff não hesitou, portanto.

No dia 2 de outubro reuniu-se à tarde um conselho de guerra no salão nobre do palácio do governador-geral. Era ali que o grão-duque residia.

Do palácio, levantado na parte superior da rua de Bolchaia, abrangia-se uma grande extensão sobre o rio. Das janelas da sua fachada principal distinguia-se perfeitamente o acampamento inimigo. Se Féofar-Cã tivesse à sua disposição artilharia de sítio de maior alcance há muito que aquele palácio estaria destruído.

O grão-duque, o general Voranzoff, o governador civil, o diretor da polícia, o administrador municipal e presidente da câmara de comércio, afora vários outros oficiais superiores também presentes, acabavam de tomar diversas resoluções relativas ao estado de sítio.

— Meus senhores — expôs o grão-duque —, sabem perfeitamente qual é a nossa atual situação. Por mim tenho a firme certeza de que poderemos resistir até à chegada das tropas a Irkutsk. Guardemos para então o castigo que a insolência destes bárbaros está pedindo. Creiam que não serei dos últimos a fazer-lhes pagar bem caro o ultraje por eles feito ao nosso território.

— Vossa Alteza bem sabe que pode contar com toda a população de Irkutsk — declarou o general Voranzoff.

— Sei, general, e presto sincera homenagem ao seu patriotismo — retorquiu o grão-duque. — Tenho admirado nas muralhas a sua decidida coragem, e conto com a ajuda de Deus para que a proteja dos horrores da fome e das epidemias. Folgo que o senhor administrador municipal e presidente da câmara de comércio me esteja ouvindo, e peço-lhe que transmita aos seus concidadãos as minhas palavras.

— Agradeço a Vossa Alteza, em nome da cidade, essa lisonjeira apreciação — respondeu o administrador municipal. — Agora ser-me-á permitido perguntar qual é o extremo limite que Vossa Alteza marca para a chegada do exército

auxiliar?

— Seis dias, quanto muito — informou o grão-duque.

— Um emissário corajoso e hábil conseguiu penetrar esta manhã na cidade e participar-me que avançavam a marchas forçadas cinquenta mil russos comandados pelo general Kisselef. Este general estava há dois dias nas alturas do Lena, em Kirensk, e tenho razões para crer que nem o frio nem a neve poderão opor-se à sua chegada. Cinquenta mil homens, bons soldados, apanhando os tártaros de flanco, hão de forçosamente deixar-nos o campo livre de inimigos.

— Tomarei a liberdade de acrescentar — disse o administrador municipal — que no dia em que Vossa Alteza ordenar uma surtida estaremos todos prontos a obedecer às suas ordens.

— Muito bem — respondeu o grão-duque. — Esperemos que apareça com as suas forças o general Kisselef, e então chegará o momento de cairmos sobre os invasores.

Depois voltando-se para o general Voranzoff.

— Iremos amanhã ver — disse ele —, as fortificações que defendem os cais da cidade. O Angara começa a levar na corrente alguns pedaços de gelo, e, se chega a gelar de todo, aí ficam os tártaros habilitados a atravessá-lo impunemente.

— Consente Vossa Alteza que faça uma observação?

— Faça.

— Tenho visto mais de uma vez descer a temperatura a trinta e a quarenta graus abaixo de zero, sem que o Angara gele completamente. Isto é devido talvez à velocidade da sua corrente. Se, pois, os tártaros não tiverem outro qualquer plano para atravessar o rio, posso garantir a Vossa Alteza que não entram por esse meio na nossa capital.

O governador-geral confirmou com um gesto esta asserção.

— É de muita vantagem semelhante circunstância. Contudo, sempre é bom que estejamos preparados para todas as eventualidades.

E, voltando-se para o diretor da polícia, perguntou-lhe:

— Não tem nenhuma participação a fazer-me?

— Saiba Vossa Alteza que sim — volveu o diretor da polícia.

— Estou encarregado de transmitir a Vossa Alteza uma súplica.

— Da parte de quem?

— Dos exilados residentes na cidade, que são, como Vossa Alteza não ignora, em número de quinhentos.

Desde o começo da invasão que os exilados políticos, disseminados pela província, tinham tido ordem de recolher a Irkutsk. Obedecendo a esta determinação, todos eles se haviam apressado a entrar na cidade, deixando as diferentes localidades onde exerciam as suas profissões, uns de médicos, outros de professores, quer no liceu, quer na escola japonesa, quer na escola naval. O grão-duque mostrara, como o czar, confiança no seu patriotismo, e, dando-lhes armas, já tivera ocasião de ver que se não enganara a seu respeito.

— E que pedem os exilados? — quis saber o grão-duque.

— Pedem licença a Vossa Alteza — elucidou o diretor da polícia — para formar um corpo especial, que irá à frente dos nossos soldados quando se der a primeira surtida.

— Concedido — apressou-se a dizer o grão-duque, não ocultando a sua comoção. — Esses exilados são russos, e ninguém poderá contestar-lhes o direito de quererem bater-se pela sua pátria.

— Creio poder afirmar a Vossa Alteza — acrescentou o governador-geral —, que hão de ser eles os nossos melhores soldados.

— Mas precisam de um chefe — observou o grão-duque. — Quem é que há de comandá-los?

— Os exilados — acrescentou o diretor da polícia —, desejam que Vossa Alteza se digne confirmar a escolha que eles já fizeram de um dos seus.

— É homem de confiança? É russo?

— É das províncias bálticas e tem-se distinguido em muitas ocasiões.

— O seu nome?

— Wassili Orlik.

Este exilado era o pai de Nadia.

Como se sabe, Wassili Orlik exercia em Irkutsk a profissão de médico. Era tão instruído e bondoso como cheio de coragem e de patriotismo. O tempo que, depois do cerco, não consagrava aos doentes consumia-o em trabalhar na defesa da cidade. Tanto ele como os seus companheiros de exílio já tinham dado nas vistas do grão-duque pela bravura com que se batiam contra o inimigo. Em muitas das surtidas haviam pago com o sangue a sua dívida à Santa Rússia, santa na verdade e bem adorada por seus filhos! Wassili Orlik fora sempre dos primeiros entre todos. O seu nome já diferentes vezes aparecera citado nas ordens do dia, ele, porém, não reclamava graças nem concessões, e, quando os exilados pensaram em formar um corpo especial, Wassili Orlik ignorava até que tivessem a intenção de o escolher para seu chefe.

Quando o diretor da polícia pronunciou o seu nome, o grão-duque respondeu que o conhecia.

— Efetivamente — disse o general Voranzoff —, Wassili Orlik é um homem de coragem e de valor, e sempre teve grande influência sobre os outros exilados.

— Há quanto tempo está ele em Irkutsk?

— Há dois anos.

— E o seu comportamento?

— O seu comportamento — respondeu o diretor da polícia — é o de um homem que sabe respeitar as leis especiais a que está subordinado.

— General, mande-me chamar já esse homem.

As ordens do grão-duque foram logo cumpridas, e ainda não tinha decorrido meia hora quando o exilado lhe foi apresentado.

Wassili Orlik era um homem de quarenta anos, alto, fisionomia severa e triste. Percebia-se que toda a sua vida se concentrava numa palavra apenas: lutar. E tinha deveras lutado e padecido. As suas feições faziam lembrar muito as de Nadia Orlik.

A invasão tártara havia-o ferido a ele mais que a nenhum outro nos seus

íntimos afetos, destruindo-lhe a última esperança que o animava neste desterro a oito mil verstas da terra natal. Por uma carta que Nadia lhe escrevera, tinha ele sabido da morte da mulher e da partida da filha, que alcançara do Governo a necessária autorização para vir residir na companhia de seu pai.

Nadia devia ter saído de Riga a 10 de julho. A invasão começara a 15 do mesmo mês. Se àquela data Nadia já houvesse passado a fronteira, o que teria sido feito dela, perdida entre os conflitos de uma guerra de bárbaros? Compreende-se facilmente que torturas não deviam afligir este infeliz pai, privado há tanto tempo de notícias de sua filha.

Wassili Orlik, ao entrar na sala do conselho, inclinou-se diante do grão-duque e esperou que o interrogassem.

— Wassili Orlik — começou o grão-duque —, sabes que os teus companheiros de exílio pretendem formar um corpo exclusivamente composto de gente sua? Sabes também que nesse corpo devem todos expor a vida com verdadeira e completa abnegação?

— São esses os seus desejos — asseverou Wassili Orlik.

— Sabes quem eles escolheram para os comandar?

— Não sei, Alteza.

— Foi a ti.

— A mim?

— Estás disposto a ser seu chefe? — perguntou-lhe o grão-duque.

— Estarei, se o bem da Rússia assim o exigir.

— Comandante Orlik, o teu exílio findou hoje.

— Agradecido a Vossa Alteza, mas poderei eu comandar homens que ainda não mereceram a mesma graça?

— Em Irkutsk já não há exilados.

Era o perdão de todos os seus companheiros de exílio, agora seus companheiros de armas, que o irmão do czar acabava de conceder ao pai de Nadia!

Wassili Orlik apertou com reconhecimento a mão que lhe estendeu o grão-

duque e saiu.

Este voltou-se então para os membros do conselho, dizendo:

— O czar não se recusará decerto a aceitar a letra de perdão que hoje saquei sobre ele. Para defender a capital da Sibéria precisamos de heróis, e eu acabo de os criar.

Era efetivamente um ato de boa política e de boa justiça esta graça tão generosamente concedida aos exilados. Entretanto, caíra de todo a noite. Pelas janelas do palácio viam-se brilhar as fogueiras do acampamento tártaro, inundando de pontos luminosos as alturas além do Angara. O rio continuava a levar diferentes pedaços de gelo, alguns dos quais se detinham nas estacas das pontes destruídas. Os que iam pelo meio da corrente deslizavam com extrema rapidez. Como bem tinha observado o presidente da câmara de comércio, era evidente que o Angara não chegaria a congelar em toda a sua superfície. O perigo, por consequência, de um assalto dos tártaros pelo lado dos cais não devia preocupar os defensores de Irkutsk.

Acabavam de dar dez horas. O grão-duque ia despedir-se dos membros do conselho e retirar-se para os seus aposentos quando se percebeu um confuso tumulto da parte de fora do palácio.

Quase ao mesmo tempo abriu-se uma das portas do salão e apareceu um ajudante de campo, que, dirigindo-se para o grão-duque, lhe comunicou:

— Alteza, acaba de chegar a Irkutsk um correio do czar!

Capítulo XIV — Um correio do Czar

Por um movimento simultâneo todos os membros do conselho se viraram para a porta do salão. Caso extraordinário, na verdade, a chegada de um correio do czar! Se alguns momentos antes se tivesse apresentado à discussão semelhante hipótese ninguém se atreveria a julgá-la admissível.

O grão-duque voltou-se precipitadamente para o ajudante de campo.

— Onde está esse correio? — perguntou ele.

Ao mesmo tempo entrava um homem no salão. Parecia vir muito extenuado. Vestia como os aldeões siberianos, e o fato, muito usado, apresentava até alguns buracos feitos por bala. Cobria-lhe a cabeça um gorro moscovita. No rosto divisava-se-lhe uma profunda cicatriz. Este homem acabava forçosamente de percorrer uma grande extensão de caminho. As suas botas, meio rotas, Indicavam que parte da viagem devia ter-se realizado a pé.

— Sua Alteza o grão-duque onde está? — perguntou ele ao entrar.

O grão-duque aproximou-se, perguntando-lhe:

— És correio do czar?

— Saiba Vossa Alteza que sim.

— Donde vens?

— De Moscovo.

— Quando saíste de Moscovo?

— No dia 15 de julho.

— O teu nome?

— Miguel Strogoff.

Era Ivan Ogareff que tinha usurpado o nome e a categoria daquele a quem, depois de ver cego, deixara de considerar perigoso. Ninguém, a começar pelo próprio grão-duque, conhecia o traidor Ivan Ogareff, que não se dera mesmo ao trabalho de disfarçar as feições. Ninguém se atreveria a suspeitar da sua

identidade, uma vez que trazia consigo documentos para prová-lo. Auxiliado por uma vontade inabalável, Ivan Ogareff vinha terminar pela traição e pelo assassínio o desfecho da sua obra maldita.

Em seguida à resposta dada por Ivan Ogareff, o grão-duque fez um gesto que todos compreenderam, retirando-se Imediatamente.

O suposto Miguel Strogoff e o grão-duque ficaram então a sós.

O grão-duque demorou-se por alguns instantes a olhar com atenção para Ivan Ogareff. Depois perguntou-lhe:

— Estavas em Moscovo a 15 de julho?

— Estava, meu senhor, e na noite de 14 para 15 tive a honra de ser recebido no Palácio Novo por Sua Majestade o czar.

— Trazes algum ofício de Sua Majestade?

— Ei-lo, meu senhor.

E Ivan Ogareff entregou ao grão-duque o ofício imperial, reduzido a dimensões quase Impercetíveis.

— Entregaram-te este ofício no estado em que está? — perguntou o grão-duque.

— Não, meu senhor. Fui eu que me vi obrigado a rasgar-lhe o sobrescrito para melhor o esconder dos soldados do emir.

— Os tártaros prenderam-te?

— Saiba Vossa Alteza que sim — respondeu Ivan Ogareff. — Resultou-me até alguma demora dessa prisão, porque, tendo saído de Moscovo a 15 de julho, conforme indica a data do ofício, só pude chegar a Irkutsk no dia 2 de outubro, com setenta e nove dias de viagem.

O grão-duque pegou no ofício. Abriu-o e reconheceu a assinatura do czar, precedida da fórmula sacramental, escrita pelo seu próprio punho. Não podia, pois, restar a menor dúvida, quer sobre a autenticidade do ofício, quer sobre a identidade do correio. Se a fisionomia pouco atraente deste emissário havia primeiramente inspirado certa desconfiança ao grão-duque, essa desconfiança, que ainda assim ele não dera a conhecer, desaparecera de todo à vista da

assinatura imperial.

O grão-duque ficou por alguns momentos silencioso. Lia vagarosamente o ofício, como para se compenetrar do sentido das suas palavras.

Depois, tornando a voltar-se para o correio, perguntou:

— Conheces o conteúdo deste ofício?

— Conheço, meu senhor. Lembrando-me de que talvez fosse obrigado a destruí-lo por causa dos tártaros, tomei a liberdade de o decorar, a fim de vir textualmente relatar a Vossa Alteza todas as suas indicações.

— Sabes que este ofício nos impõe a obrigação de antes morrermos em Irkutsk do que entregarmos a cidade?

— Sei, meu senhor.

— Sabes também quais os movimentos de tropas que se combinaram para fazer frente à invasão?

— Sei. Permita-me, porém, Vossa Alteza ponderar-lhe que esses movimentos não tiveram o resultado que deles se esperava.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que Ichim, Omsk e Tomsk, para não falar senão das cidades mais importantes das duas Sibérias, foram sucessivamente ocupadas pelas colunas do emir Féofar-Cã.

— Mas ao menos houve luta? Os nossos cossacos bateram-se contra os tártaros?

— Repetidas vezes, meu senhor.

— E tiveram de retirar?

— Não dispunham de forças suficientes.

— Onde se travaram esses combates em que os nossos ficaram mal?

— Em Kolyvan, em Tomsk...

Até aqui Ivan Ogareff só tinha dito a verdade, mas, com o fim de abalar a coragem dos sitiados, exagerando as vantagens obtidas pelas tropas do emir, acrescentou:

— E ainda uma terceira vez em frente de Krasnoiarsk.

— E esse último recontro? — perguntou o grão-duque, e mal podendo conter o seu desapontamento perante tão más novas.

— Perdoe-me Vossa Alteza. Foi mais que um recontro, foi uma verdadeira batalha. Vinte mil russos das províncias da fronteira e do governo de Tobolsk vieram arrojar-se sobre cento e cinquenta mil tártaros, mas, apesar da sua muita coragem, foram completamente derrotados.

— Mentes! — exclamou o grão-duque, que procurou, mas em vão, reprimir a sua cólera.

— Afianço a Vossa Alteza que digo a verdade — volveu friamente Ivan Ogareff. — Assisti a essa batalha de Krasnoiarsk, e foi lá que eu caí prisioneiro.

O grão-duque serenou e fez sentir a Ivan Ogareff que não duvidava da sua narração.

— Em que dia se travou essa batalha? — perguntou o irmão do czar.

— A 2 de setembro.

— E as tropas tártaras estarão agora todas concentradas em redor de Irkutsk?

— Todas, meu senhor.

— De quantos homens julgas tu que o emir dispõe?

— De quatrocentos mil, pelo menos.

Novo exagero de Ivan Ogareff relativamente às forças de Féofar-Cã, sempre com o fim de semear o desalento no meio dos sitiados.

— E quando poderão chegar-nos alguns reforços das províncias de oeste? — perguntou o grão-duque.

— Tarde, meu senhor, nunca antes do fim do inverno.

— Pois ouve-me bem, Miguel Strogoff. Ainda que de leste e de oeste nos não cheguem forças auxiliares, ainda que esses bárbaros se vão de dia para dia multiplicando assombrosamente, pela minha honra te juro que nunca eles entrarão nesta cidade.

Os olhos traiçoeiros de Ivan Ogareff franziram-se ligeiramente. O malvado parecia querer dizer que o grão-duque se esquecia de contar com ele.

O irmão do czar, dotado de um temperamento nervoso, não podia conter a

impaciência que lhe causavam as desagradáveis informações. Percorria de um ao outro lado o salão, passando por diante de Ivan Ogareff,. que já olhava para ele como presa reservada à sua vingança. De vez em quando parava junto de uma janela, estendia a vista pelo acampamento dos tártaros, iluminado por centenas de fogueiras, e punha-se a escutar os murmúrios do rio, causados pelas massas de gelo que a corrente arrastava com rapidez.

Passou-se um quarto de hora sem que o grão-duque fizesse novas perguntas. Depois tornou a pegar no ofício, fixando a atenção num dos seus períodos.

— Sabes — disse ele — que se fala nesta carta de um traidor, de um tal Ivan Ogareff, contra quem me devo prevenir?

— Sei, meu senhor.

— Parece que esse traidor pretende entrar disfarçado em Irkutsk e captar a minha confiança, para, em determinada ocasião, entregar aos tártaros a cidade.

— Sei tudo isso, e também sei que Ivan Ogareff jurou vingar-se pessoalmente de Vossa Alteza.

— E porquê?

— Corre que esse oficial foi condenado por Vossa Alteza a um castigo impróprio da sua patente.

— Ah! Agora me recordo. Mas esse castigo foi merecido, e a prova aí está na impudência com que o miserável, esquecendo-se do que deve ao seu país, promove contra ele uma assoladora invasão de bárbaros.

Ivan Ogareff,]untando o cinismo à perfídia, deixou-se ficar impassível diante desta apóstrofe veemente.

— Sua Majestade o czar — disse ele serenamente —, pretendia sobretudo que Vossa Alteza ficasse bem ao facto dos criminosos projetos de Ivan Ogareff.

— Esta carta previne-me a esse respeito.

— Sua Majestade o czar dignou-se avisar-me pessoalmente, dizendo que durante a minha viagem pela Sibéria desconfiasse sempre daquele homem.

— E encontraste-o?

— Encontrei, meu senhor, depois da batalha de Krasnoiarsk. Se ele

imaginasse que eu era portador de uma carta para Vossa Alteza, onde se denunciavam os seus planos, estou certo de que me não teria poupado a vida.

— Mandar-te-ia fuzilar, decerto — concordou o grão-duque. — Mas como foi que pudeste escapar-lhe?

— Lançando-me ao Yenisei.

— E como conseguiste penetrar em Irkutsk?

— Quando esta tarde os defensores da cidade fizeram uma surtida para repelir um ataque dos tártaros. Confundi-me com eles por essa ocasião, e, dando-me a conhecer, trouxeram-me logo à presença de Vossa Alteza.

— Está bem, Miguel Strogoff — respondeu o grão-duque. — Apraz-me dizer-te que mostraste muito zelo e dedicação no desempenho da tua difícil empresa. Não me hei de esquecer de ti. Tens algum pedido a fazer-me?

— Um só, meu senhor: o de me ser permitido bater-me ao lado de Vossa Alteza todas as vezes que os tártaros intentem atacar a cidade.

— Concedido. De hoje em diante fazes parte do meu estado-maior. Ficarás a residir neste mesmo palácio.

— E se Ivan Ogareff, segundo as intenções que se lhe atribuem, ousar apresentar-se a Vossa Alteza debaixo de um nome suposto?

— Tanto pior para ele, uma vez que tu o conheces. Se tal fizer, prometo, à fé de quem sou, que pagará com a vida o seu hediondo crime de traidor. Podes retirar-te, Miguel Strogoff.

Ivan Ogareff, não se esquecendo de que encarnava um capitão do corpo dos correios do czar, fez continência ao grão-duque e saiu logo em seguida.

Ivan Ogareff acabava, pois, de jogar com sorte a sua última cartada. Acabava de ganhar a inteira e absoluta confiança do grão-duque. Poderia até abusar dela como e quando lhe conviesse. Ia habitar o mesmo palácio do Irmão do czar. Estava ao facto de todas as operações combinadas para a defesa. Era sua, pois, a situação. Ninguém o conhecia em Irkutsk, ninguém viria arrancar-lhe do rosto a máscara traiçoeira. Aproximava-se, portanto, o momento de pôr em ação o seu criminoso plano. Convinha não perder um minuto. Era necessário que a cidade

caísse antes de estarem à vista os reforços russos que se esperavam do norte e de leste, e apenas restavam alguns dias. Logo que os tártaros se achassem senhores de Irkutsk seria difícil desalojá-los. Ainda mesmo que posteriormente obrigados a retirar, não sairiam da cidade sem a deixarem arrasada e sem que a cabeça do grão-duque rolasse aos pés de Féofar-Cã.

Ivan Ogareff, estando autorizado a ver, estudar e examinar tudo, tratou logo no dia seguinte de ir visitar as muralhas. Os oficiais, os soldados e os civis recebiam-no por toda a parte com expressivas e cordiais demonstrações de simpatia. Este correio do czar era para eles uma espécie de laço que os prendia mais diretamente à mãe-pátria. Ivan Ogareff narrava, com uma audácia que nunca se desmentia, as supostas peripécias da sua viagem. Depois, com extrema habilidade e sem que parecesse querer insistir no assunto, dava a situação por muito delicada, exagerando não só os triunfos obtidos pelos tártaros, como também as forças consideráveis de que eles dispunham. A dar-se-lhe crédito, os socorros que se esperavam, quando mesmo chegassem a aparecer, seriam insuficientes, e qualquer batalha que se ferisse debaixo dos muros de Irkutsk tornar-se-ia tão fatal para a Sibéria como as que se tinham travado em Kolyvan, em Tomsk e em Krasnoiarsk.

Ivan Ogareff procurava não abusar destas pérfidas insinuações. Era sempre com uma certa reserva que ele se ia gradualmente inoculando no espírito dos sitiados. Fingia só responder quando era muito instado a isso, e ainda assim como que contrariado. Entretanto, sustentava que se devia defender a cidade até ao fim, acrescentando que mais valia fazê-la ir pelos ares do que entregá-la aos Inimigos da Santa Rússia.

Porque o efeito de tais palavras seria pernicioso se porventura a guarnição de Irkutsk e os seus habitantes não fossem tão decididamente patriotas. De todos estes militares, de todos estes civis encerrados dentro de uma cidade colocada lá nos extremos confins da Rússia asiática, não havia um só que se atrevesse a pensar em capitulação. O desprezo do russo pelos tártaros não conhecia limites.

Também não houve um só indivíduo que desconfiasse do odioso e

repugnante papel que Ivan Ogareff estava a representar. Entre aquela população dedicada quem poderia imaginar que o pretendido correio do czar fosse um infame traidor.

Por uma circunstância natural estabeleceram-se desde o princípio íntimas relações entre Ivan Ogareff e um dos mais valentes defensores de Irkutsk: Wassili Orlik.

Sabe-se quais eram os receios e apreensões que afligiam este infeliz pai. Que seria feito de sua filha, Nadia Orlik, se tivesse partido da Rússia na data que a sua última carta, recebida de Riga, mencionava? Continuaria ela ainda a sua viagem através das províncias invadidas, ou achar-se-ia em poder dos tártaros? Wassili Orlik só encontrava lenitivo às suas angústias de pai quando podia bater-se contra o inimigo, o que não sucedia tantas vezes como ele desejava.

Quando, pois, Wassili Orlik soube da inesperada aparição de um correio do czar, luziu-lhe a esperança de que este homem pudesse dar-lhe notícias de Nadia. Era uma convicção infundada, quimérica, mas, apesar disso, o desventurado pai agarrou-se a ela com afinco. Não tinha este correio sido prisioneiro dos invasores, como sua filha talvez também o fosse agora?

Wassili Orlik foi procurar Ivan Ogareff, que aproveitou este ensejo para estabelecer relações mais íntimas com o comandante do novo corpo militar. Pensaria o renegado em aproveitar para si as vantagens de semelhante aproximação? Mediria o traidor todos os homens pela sua desprezível craveira? Julgaria ele que um russo, ainda mesmo um exilado, pudesse ser bastante infame para vender o seu país?

Seja como for, Ivan Ogareff apressou-se a responder com fingida solicitude às perguntas do pai de Nadia. Este, logo na manhã seguinte à da chegada do falso correio imperial, dirigiu-se ao palácio do governador. Chegado ali, contou a Ivan Ogareff quais as condições em que sua filha devia ter dado começo à viagem e os cuidados que lhe estava dando a falta de notícias acerca do seu destino, dado que ela devia ter-se posto a caminho através das províncias invadidas.

Ivan Ogareff não conhecia a filha de Wassili Orlik, se bem que a tivesse encontrado na estação de Ichim em companhia de Miguel Strogoff. Nessa ocasião, porém, ele reparara tanto em Nadia como nos dois jornalistas que também ali estavam. Ivan Ogareff não podia, por conseguinte, dar a mínima indicação a este respeito.

— Em que altura, pouco mais ou menos, supõe que sua filha iniciou a viagem? — perguntou Ivan Ogareff a Wassili Orlik.

— Sensivelmente ao mesmo tempo que o senhor — respondeu o pai de Nadia.

— Eu saí de Moscovo a 15 de julho.

— Também minha filha deve ter saído dessa cidade na mesma data. A sua carta assim mo afirmava.

— Ela estava em Moscovo a 15 de julho?

— Estava, decerto.

— Nesse caso... — respondeu Ivan Ogareff.

Depois, retraindo-se:

— Nada, não, enganei-me. Ia confundindo as datas —, acrescentou. — É muito de supor que sua filha chegasse a passar a fronteira, e nesse caso só lhe resta uma esperança: é que ela suspendesse a viagem ao ter notícia da invasão.

Wassili Orlik deixou cair desanimadamente a cabeça. Conhecia a fundo o caráter de sua filha, e bem sabia que nada a faria mudar de resolução.

Ivan Ogareff acabava de cometer gratuitamente e a sangue-frio um ato de verdadeira crueldade. Com uma só palavra poderia tranquilizar aquele pai aflito. Não quis fazê-lo. É certo que Nadia conseguiu transpor a fronteira da Sibéria da maneira anteriormente relatada. Mas se Ivan Ogareff tivesse apontado a data do edital que proibira aos russos de se ausentarem do império, edital cuja publicação ele presenciara em Nijni-Novgorod, já Wassili Orlik, confrontando essa data com a partida de sua filha, poderia concluir que ela não tinha tido tempo de sair da Rússia europeia, devendo por consequência achar-se livre das vicissitudes da invasão.

Ivan Ogareff podia dizer essa palavra, chegou a querer dizê-la, mas deixou-se ficar calado, obedecendo aos seus instintos ferozes e à sua índole malvada, que não sabia comover-se com os sofrimentos alheios.

Wassili Orlik retirou-se com o coração a estalar de dor. Esta demorada conversação acabava de lhe destruir a sua derradeira esperança.

Durante os dois dias que se seguiram à chegada de Ivan Ogareff, a 4 de outubro, o grão-duque mandou chamar repetidas vezes à sua presença o suposto Miguel Strogoff, fazendo-lhe repetir tudo o que ele ouvira dizer ao czar no seu gabinete do Palácio Novo. Ivan Ogareff, preparado para todas estas perguntas, respondia sempre sem hesitar. E, premeditadamente, ia insinuando que o Governo imperial tinha sido completamente surpreendido pela invasão; que o movimento fora preparado com o maior segredo; que os tártaros estavam senhores da linha do Obi quando chegaram a Moscovo as primeiras notícias; finalmente, que nas províncias russas ainda não estavam prontas a marchar as forças que deveriam repelir os invasores.

Depois disto, Ivan Ogareff, inteiramente senhor de andar por toda a parte, começou a estudar a situação de Irkutsk, o estado das suas obras de defesa e os seus pontos fracos, a fim de poder tirar partido deste exame, dado o caso de que, por qualquer circunstância extraordinária, lhe não fosse fácil, pôr em curso o seu plano de traição. A porta de Bolchaia, por onde ele queria dar entrada aos tártaros, é que lhe mereceu a melhor parte das suas atenções.

Duas vezes foi de noite visitar as defesas desta porta, andando por ali à vontade, sem receio de se expor aos tiros dos sitiantes. E, contudo, os postos avançados dos tártaros ficavam a menos de uma versta das muralhas. Ele bem sabia que não o alvejariam e, de uma das vezes, viu uma sombra que se aproximava furtivamente dos aterros.

Era Sangarra, que não se importava de arriscar a vida para ver se podia assim comunicar com Ivan Ogareff.

De resto, havia dois dias que os sitiados desfrutavam de uma tranquilidade a que os tártaros os não tinham habituado desde o começo do cerco.

Esta suspensão de hostilidades era obra de Ivan Ogareff. Antes de entrar em Irkutsk tinha ele determinado que se evitassem, até nova ordem, todas as tentativas de assalto á cidade. A artilharia do emir conservava-se calada. O traidor esperava, por meio deste ardil, que a vigilância dos sitiados se deixasse abrandar. Entretanto, nos postos avançados de Féofar-Cã estavam numerosas forças preparadas para, ao primeiro sinal, se precipitarem sobre a porta de Bolchaia logo que Ivan Ogareff lhes desse ordem para o fazerem.

Aproximava-se o momento. Convinha até precipitá-lo antes que chegassem as tropas russas do general Kisselef.

Ivan Ogareff tomou, pois, uma resolução, e do alto das muralhas caiu nessa noite um bilhete, que Sangarra se deu pressa em apanhar.

Era para o dia seguinte que ele marcava a entrega da cidade.

Às duas horas da noite de 5 para 6 de outubro deviam entrar os tártaros em Irkutsk.

Capítulo XV — O prémio da traição

O plano de Ivan Ogareff fora tão bem combinado que, salvo qualquer obstáculo imprevisto, não podia deixar de produzir os resultados que ele desejava. Era indispensável que a porta de Bolchaia estivesse desguarnecida quando se tratasse de a entregar aos tártaros. Para consegui-lo convinha, pois, distrair as atenções dos sitiados. O traidor tinha nesse sentido disposto as coisas, a fim de se dar um ataque simulado.

Esse ataque devia simultaneamente partir da margem direita do rio sobre a parte norte e sul dos subúrbios da cidade. E, ao mesmo tempo que a ação se empenhasse com vigor por esse lado, da margem esquerda fingir-se-ia que se tentava atravessar o rio em frente da cidade. Considerando isto, era de supor que os sitiados, para acudirem aos pontos ameaçados, desamparassem a porta de Bolchaia, situada a leste de Irkutsk. De mais a mais, os trabalhos de aproches contra esta porta pareciam ter sido abandonados pelos tártaros.

Estava-se a 5 de Outubro. Antes de decorridas vinte e quatro horas deveria a capital da Sibéria oriental achar-se nas mãos do emir, e o grão-duque, em pessoa, em poder do traidor.

Por todo este dia notou-se extraordinária animação no vasto acampamento inimigo. Das janelas do palácio do governador e das casas na margem direita viam-se distintamente os preparativos importantes que se faziam na margem oposta. Afluíam de hora a hora corpos de exército ao acampamento, parecendo que vinham reforçar as tropas sitiantes. Eram os preparativos ostensivamente feitos para o ataque já combinado entre o emir e Ivan Ogareff.

O traidor tratou por sua parte de insinuar ao grão-duque as disposições em que estavam os tártaros de se lançarem ao assalto naquele dia. Disse que tivera conhecimento dessas disposições antes de entrar em Irkutsk, ajuntando que Féofar-Cã pretendia atacar a cidade ao mesmo tempo tanto pelo norte como pelo

sul. Concluiu por aconselhar que se reforçassem aqueles dois pontos mais ameaçados.

Estas recomendações coincidiam de tal arte com os movimentos dos tártaros que o grão-duque não pôde deixar de tomar em consideração o que lhe dizia o traidor. Reuniu-se, pois, no palácio do governador um conselho de guerra, que adotou logo todas as medidas necessárias para concentrar a defesa não só junto dos cais, em frente do acampamento inimigo, como também dos lados norte e sul da cidade, onde os aterros se apoiavam sobre o rio.

Era o que pretendia Ivan Ogareff. Ele bem sabia que a porta de Bolchaia não ficaria completamente abandonada, mas contava que o número dos seus defensores fosse muito diminuto. De resto, Ivan Ogareff tencionava imprimir ao ataque uma tal feição que o grão-duque ver-se-ia obrigado a opor-lhe todas as suas forças disponíveis.

É que Ivan Ogareff tinha imaginado um expediente de gravíssimo alcance para ajudar eficazmente a realização dos seus projetos. Ainda mesmo que Irkutsk não fosse atacada por três pontos distantes da porta de Bolchaia, bastaria esse expediente para atrair todos os sitiados ao local onde o traidor queria que eles precisamente se juntassem. Ivan Ogareff premeditava a consumação de uma espantosa catástrofe.

Tudo se dispunha, portanto, para que a porta de Bolchaia caísse em poder dos tártaros, ocultamente postados nos espessos arvoredos das florestas existentes do lado oriental da cidade.

Durante o dia, a população e a guarnição de Irkutsk não descansaram um instante. Tinham-se tomado todas as medidas que reclamava um ataque dirigido contra lugares até ali respeitados. O grão-duque e o general Voranzoff andaram a inspecionar os diferentes postos, novamente reforçados por sua determinação. O regimento: comandado por Wassili Orlik ocupava o norte da cidade, mas recebera ordem expressa de acudir também aonde o perigo fosse maior. A margem direita do Angara achava-se defendida pela pouca artilharia de que se pudera dispor. Graças às medidas tomadas tão a tempo, havia esperanças de que

o assalto não se tornasse funesto para a cidade. Era até de supor que os tártaros, momentaneamente desanimados pelo mau êxito do seu ataque, deixassem para mais tarde qualquer nova tentativa. Entretanto, podiam chegar as forças que o grão-duque aguardava. Seguia-se, pois, que a salvação ou perda de Irkutsk dependiam apenas de uma simples questão de tempo.

Neste dia, o Sol, que nascera às seis horas e vinte minutos da manhã, chegava ao seu ocaso às seis e quarenta minutos da tarde, gastando mais de doze horas a traçar o seu arco diurno sobre o horizonte. O crepúsculo deveria ainda lutar por duas horas contra as sombras da noite. Depois encher-se-ia de espessas trevas o espaço, porque nem a Lua, em conjunção, derramaria luz sobre a Terra, nem as pesadas nuvens que cobriam o céu deixariam brilhar as estrelas.

Esta profunda escuridão favorecia mais diretamente os projetos de Ivan Ogareff.

Havia já muitos dias que os rigores do inverno siberiano começavam a preludiar-se por um frio intensíssimo. Parecia, porém, que o frio aumentara agora mais. Os soldados, distribuídos pela margem direita do Angara, não tinham acendido fogueiras, para melhor se furtarem às vistas do inimigo. Calcule-se como não seria para eles intolerável este abaixamento de temperatura. A poucos passos de distância corriam pelo rio abaixo diferentes massas de gelo. Durante o dia já se tinham visto deslizar com bastante rapidez muitas dessas grandes massas, formando grupos compactos. Esta circunstância fora logo tida como auspiciosa pelo grão-duque e pelos seus oficiais. Pensavam eles que, se efetivamente os gelos continuassem assim a precipitar-se uns atrás dos outros, ficaria prejudicado o ataque do inimigo contra os cais da cidade, em consequência de não lhe ser possível o emprego de barcos nem de jangadas para atravessar o rio. Quanto a servirem-se os tártaros dos próprios gelos, a fim de efetuarem a passagem, também não parecia muito aceitável semelhante suposição porque esses gelos, mesmo quando o frio chegasse a reuni-los, nunca ofereceriam bastante consistência para sobre eles poder transitar uma coluna de assalto.

Parece que Ivan Ogareff deveria lastimar que os defensores de Irkutsk formassem tais conjeturas, pelo simples facto de lhes poderem ser favoráveis. Mas não, o traidor nem se inquietava nem se aplaudia por esse motivo. Ele bem sabia que os tártaros não tinham a menor tenção de atravessar o Angara e que deste lado o seu ataque seria apenas um simulacro.

Todavia, o rio apresentou-se pelas onze horas da noite debaixo de um novo aspeto, com grande admiração dos sitiados e agora em seu detrimento. A passagem, até aqui inacessível, tornou-se fácil de repente. O leito do rio ficou repentinamente desembaraçado. As massas de gelo cessaram de deslizar. Apenas cinco ou seis ocupavam então o espaço compreendido entre as duas margens, e essas mesmo sem apresentarem já a estrutura das que se formam em condições normais e sob a influência de um frio regular. Eram unicamente pedaços de gelo que pareciam ter-se desprendido de algum ice-field, com as faces perfeitamente lisas, como se fossem cortadas de um só golpe.

Os oficiais russos que deram por esta mudança trataram logo de a comunicar ao grão-duque. A explicação mais aceitável era que os gelos se tivessem acumulado nalgum ponto mais estreito do Angara, formando uma espécie de barreira.

Sabe-se que assim tinha acontecido.

A passagem do rio estava, pois, aberta aos sitiantes.

Era indispensável que os russos empregassem agora, mais do que nunca, toda a sua atenção.

Até à meia-noite correu tudo regularmente. Da parte exterior da porta de Bolchaia, sossego completo. Nem uma só fogueira nas cerradas florestas que deste lado se confundiam no horizonte com as nuvens. No acampamento dos tártaros, em frente da cidade, havia pronunciada agitação, que a luz dos archotes e fogueiras denunciava.

À distância de uma versta para norte e para sul de Irkutsk, nos pontos onde a escarpa se apoiava sobre a margem do rio, um sussurro vago e prolongado mostrava que os tártaros estavam ali próximo, à espera de algum sinal para

romper o ataque.

Passou assim uma hora.

Iam soar duas horas na torre da catedral, e nenhum movimento viera ainda revelar da parte dos sitiantes as suas intenções hostis.

O grão-duque e o respetivo estado-maior começavam já a supor que se tivessem enganado, chegando até a duvidar que estivesse realmente nos planos dos tártaros a ideia de atacarem a cidade. As noites precedentes haviam sido muito mais trabalhosas, embora se não notassem os preparativos de um assalto. Pelo menos, agora não havia tiroteio na direção dos postos avançados, nem se viam os projécteis cortando sucessivamente os ares.

O grão-duque, o general Voranzoff e os ajudantes de campo continuavam, contudo, em observação, prestes a transmitir no mesmo instante as ordens que as circunstâncias reclamassem.

Sabe-se que Ivan Ogareff estava alojado no palácio do governador. O seu quarto ficava numa grande sala, situada no rés do chão, cujas janelas davam sobre um terraço lateral. Deste terraço avistava-se o rio Angara, que lhe corria mesmo por baixo.

O quarto de Ivan Ogareff estava completamente às escuras.

O traidor, de pé, junto de uma janela, aguardava que chegasse a hora tão desejada. Necessariamente o sinal deveria partir dele.

Dado este, a sua intenção era sair do palácio e dirigir-se à porta de Bolchaia, aproveitando-se, para a abrir aos tártaros, da confusão que se deveria apoderar dos defensores de Irkutsk, atacados por diferentes pontos.

Ivan Ogareff esperava, pois, no meio das trevas, semelhante à fera que espreita o momento de se lançar sobre a presa. Entretanto, alguns minutos antes das duas horas, o grão-duque mandou chamar à sua presença o correio do czar, Miguel Strogoff, pois era este o único nome que o irmão do imperador podia dar a Ivan Ogareff.

Imediatamente partiu um ajudante de campo em busca dele. Ao chegar à porta do seu quarto, achou-a fechada. O ajudante de campo bateu.

Ivan Ogareff, imóvel junto da janela e completamente invisível pela escuridão, absteve-se de responder.

O ajudante voltou e disse ao grão-duque que o correio do czar não se achava no palácio.

Nisto deram duas horas. Era o momento aprazado para o ataque simulado dos tártaros.

Ivan Ogareff abriu a janela do quarto e foi colocar-se no ângulo norte do terraço.

Por baixo deste sentia-se o rumor das águas agitadas do Angara ao quebrarem-se de encontro às arestas dos pilares.

Ivan Ogareff tirou da algibeira uma porção de mecha, inflamou-a cautelosamente e acendeu nela depois um morrão impregnado de pólvora, que atirou imediatamente ao rio.

Fora por indicação de Ivan Ogareff que se tinham arrojado para o Angara aquelas torrentes de óleo mineral! Entre a povoação de Poshkavsk e a cidade de Irkutsk, na margem direita do rio, havia grandes nascentes de nafta. Ivan Ogareff resolveu lançar mão deste meio terrível para atear um incêndio em Irkutsk. Apoderou-se, portanto, dos grandes depósitos que continham este líquido combustível. Bastou mandar arrombar uma das paredes daqueles reservatórios para que a nafta se precipitasse em abundante quantidade no rio.

Era esse o facto que tinha sucedido naquela mesma noite, algumas horas antes; e eis a razão porque a jangada onde iam o verdadeiro correio do czar, a filha de Wassili Orlik e os outros fugitivos flutuava sobre uma camada de óleo mineral. Das fendas abertas nos depósitos, que continham milhares de metros cúbicos de nafta, correu impetuosamente este líquido, o qual, seguindo as inclinações naturais do terreno, se espalhou dentro em pouco pela superfície do Angara, onde ficou sobrenadando.

Era assim que Ivan Ogareff entendia a guerra. Aliado dos tártaros, mostrava-se tão cruel como eles, e de mais a mais contra patrícios seus!

O morrão caíra sobre as águas do Angara. No mesmo instante, como se a

corrente fosse composta de álcool, incendiou-se o rio todo com uma rapidez espantosa. De uma para a outra margem começaram a correr espirais de chamas azuladas, lançando imensos vapores fuliginosos, que se estorciam no ar. As raras e diminutas massas de gelo que deslizavam com a corrente, surpreendidas por este líquido inflamado, derretiam-se como cera arremessada à boca de uma fornalha, e a água que se evaporava delas ia-se espalhando em torno com silvos estrondosos.

Ao mesmo tempo sentia-se romper intensa fuzilaria ao norte e ao sul da cidade. As baterias do acampamento do Angara atroavam também o espaço com as repetidas e formidáveis detonações das suas peças. Milhares de tártaros se precipitaram ao assalto das primeiras muralhas. As casas levantadas à beira do rio, todas construídas de madeira, começaram a arder por diversos lados. Um imenso clarão dissipava agora as sombras da noite.

— Chegou enfim o momento! — exclamou Ivan Ogareff com feroz alegria.

E tinha motivos para se alegrar este homem sinistro! Era terrível o ataque por ele imaginado. Os sitiados viram-se colhidos entre a escalada dos tártaros e a devastação do incêndio. Os sinos tocavam a rebate, e não houve um só homem válido na cidade que não corresse, quer a defender os pontos atacados, quer a tentar debelar o fogo, que ameaçava comunicar-se à cidade inteira.

A porta de Bolchaia estava quase abandonada. Apenas lhe tinham deixado alguns defensores. E até por indicação do traidor, e para que o facto da entrega daquela porta se pudesse atribuir depois a ódios políticos e não às suas pérfidas maquinações, os poucos defensores que tinham ali ficado pertenciam ao novo regimento dos exilados.

Ivan Ogareff, depois de consumada a sua obra maldita, retirou-se da janela e entrou para o quarto, brilhantemente iluminado agora pelas chamas do Angara, que já lambiam a balaustrada dos terraços do palácio. Em seguida preparou-se para sair.

Mal, porém, tinha aberto a porta, eis que se lhe precipitou no quarto uma mulher com os cabelos em desalinho e as roupas ensopadas.

— Sangarra! — exclamou Ivan Ogareff no primeiro movimento de surpresa, supondo que aquela mulher fosse a sua fiel tzigana.

Não era, porém, Sangarra que acabava de entrar. Era Nadia.

Quando a filha de Wassili Orlik, ainda sobre o bloco de gelo, soltara um grito de terror ao ver o incêndio alastrar-se por toda a extensão do rio, Miguel Strogoff segurando-a nos braços, mergulhara logo com ela até grande profundidade, a fim de pedir aos recessos do Angara um abrigo momentâneo contra aquelas chamas impetuosas.

Sabe-se que a massa de gelo em que vinham ambos distava apenas meia versta dos cais de Irkutsk.

Depois de ter nadado debaixo de água, Miguel Strogoff conseguira aproximar-se, com a sua companheira, de um dos cais.

O correio do czar terminara a sua viagem. Achava-se finalmente em Irkutsk.

— Ao palácio do governador! — dissera ele a Nadia.

Alguns minutos depois chegavam ambos à entrada do majestoso edifício, cujos pilares as chamas do Angara já lambiam, sem que todavia o fogo se pudesse comunicar aos respetivos aposentos.

Todas as casas espalhadas pela praia ardiam. O incêndio nada poupava.

Miguel Strogoff e Nadia entraram sem dificuldade neste palácio, aberto a toda a gente. No meio da confusão geral ninguém deu por eles, apesar de trazerem as roupas a escorrer.

A sala principal do rés do chão estava ocupada por grande número de oficiais e de soldados, uns esperando as ordens dos seus chefes, outros preparados para executá-las de pronto.

Sucedeu que no meio do imenso tumulto que ali reinava Miguel Strogoff e Nadia se viram de repente separados.

Nadia, aflita e assustada, começou a correr pelas salas daquele pavimento, gritando pelo seu companheiro e pedindo que a levassem à presença do grão-duque.

Ao mesmo tempo abria-se diante dela a porta de um quarto que estava

inundado de luz. Nadia entrou e achou-se, sem saber como, frente a frente com o homem que vira primeiro em Ichim, que vira depois em Tomsk, frente a frente com o miserável que se dispunha naquele mesmo instante a ir franquear as portas da cidade de Irkutsk aos bárbaros de Féofar-Cã!

— Ivan Ogareff! — exclamou Nadia.

O infame estremeceu ao ouvir pronunciar o seu verdadeiro nome. Se naquele momento se soubesse quem ele era realmente, ficariam de todo malogrados os seus planos. Havia só um meio de evitar esse contratempo: matar a pessoa que tivera a imprudência de o reconhecer.

Ivan Ogareff precipitou-se sobre Nadia, mas a filha de Wassili Orlik, puxando pela sua faca e armando-se com ela, encostou-se à parede, muito disposta a defender-se com energia.

— Ivan Ogareff! — continuou a gritar Nadia, convencida de que ao pronunciar este nome odiado não deixaria alguém de vir em seu auxílio.

— Cala-te, víbora! — intimou rancorosamente o traidor, procurando aproximar-se de Nadia.

— Ivan Ogareff! — gritou pela terceira vez a corajosa Nadia, parecendo que o ódio centuplicava a força vibrante da sua voz.

Cego de furor, Ivan Ogareff tirou da cintura um punhal, correu sobre Nadia, obrigando esta a recuar até um canto do quarto.

A denodada rapariga estava irremediavelmente perdida. O miserável Ia cravar-lhe no peito a sua arma traiçoeira quando, empurrado violentamente por um braço de ferro, foi rolar no chão a alguns passos de distância.

— Miguel! Miguel! — exclamou Nadia, profundamente comovida.

Miguel Strogoff tinha ouvido os gritos de Nadia. Guiado pela sua voz, caminhara até ao quarto de Ivan Ogareff, entrando pela porta, que ainda se conservava aberta.

— Não tenhas medo — recomendou Miguel Strogoff, colocando-se entre Nadia e Ivan Ogareff.

— Acautela-te, Miguel — exclamou Nadia. — Lembra-te de que o infame

está armado e, sobretudo, que vê bem!

Ivan Ogareff levantara-se entretanto e, reconhecendo no recém-chegado a sua vítima de Tomsk, não hesitou em se lançar afoitamente sobre ele.

O cego, porém, agarrando com mão vigorosa o braço do traidor, afastou-lhe o punhal e fê-lo de novo beijar o sobrado.

Ivan Ogareff, pálido de raiva e de vergonha, lembrou-se de que trazia consigo uma espada. Desembainhou-a e voltou de novo à carga.

Era um cego que tinha diante de si! Como poderia intimidá-lo uma luta em que as vantagens estavam todas do seu lado?

Nadia, temendo pela sorte do seu companheiro neste combate desigual, acercou-se da porta, bradando por socorro.

— Fecha essa porta, Nadia! — ordenou Miguel Strogoff. — Não chames por ninguém, quero estar só. O correio do czar vai finalmente ajustar as suas contas e as de Marfa Strogoff com o miserável caluniador que pretendeu açoitar a mãe e perder o filho. Anda, vilão maldito!... Avança para mim se ousas!...

Ivan Ogareff, que já se erguera do chão, conservava-se numa postura de tigre, sem proferir uma única palavra. O próprio ruído dos seus passos, o próprio som da sua respiração quisera ele que não chegassem aos ouvidos daquele adversário sem vista. O seu empenho era feri-lo de um só golpe, sem que o cego se apercebesse da sua aproximação. Não era um duelo que o Infame buscava, era apenas um assassínio. O renegado juntava à traição a cobardia. Não contente por usurpar o nome de Miguel Strogoff, queria também roubar-lhe a vida.

Nadia, inquieta por um lado, esperançada por outro, contemplava com uma espécie de admiração esta cena terrível. Dir-se-ia que se lhe comunicava também a serena placidez de Miguel Strogoff. Este só tinha por arma uma faca siberiana, e, circunstância agravante, não via o seu inimigo, que empunhava uma espada. Mas em que se fiaria ele para assim afrontar a sangue-frio um perigo tão iminente? Que auxílio esperaria do Céu contra as ciladas de um adversário tão superior? Porquê tanta impassibilidade e sossego diante daquele homem, que decerto ia matá-lo?

Ivan Ogareff espiava com visível ansiedade a tranquila posição de Miguel Strogoff. Aquela confiança do cego atuava sobre ele, dominando-o. Debalde apelava para a sua razão, dizendo a si próprio que todas as vantagens da luta seriam por ele. Gelava-o a imobilidade de Miguel Strogoff! Entretanto, recobrou ânimo, buscando calcular de antemão o sítio em que devia ferir a sua vítima. Achou-o por fim. Quem seria capaz de lhe suspender o braço?

De repente, deu um salto atirando uma estocada, dirigida ao meio do peito de Miguel Strogoff.

O cego afastou o ferro apenas com um impercetível movimento da sua faca.

Miguel Strogoff nem sequer fora ligeiramente ferido, e parecia esperar com assombrosa serenidade a repetição do ataque.

Do rosto de Ivan Ogareff corria um abundante suor frio. Recuou um passo, depois carregou de novo. Mas, como da primeira vez, foi também repelido este ataque. A faca tornou a rebater com uma ligeira parada o bote vigoroso da lâmina do traidor.

Ivan Ogareff, espumando de raiva e de furor à vista de tanta impassibilidade, fitou o cego com espanto. Os olhos de Miguel Strogoff, que estavam prodigiosamente abertos, pareciam ler o que se passava no fundo daquela alma vil. Estes olhos que não viam, que não podiam ver, exerciam sobre o traidor uma espécie de aterradora fascinação.

De repente, Ivan Ogareff soltou um rugido de pavor! Acabava de lhe atravessar o espírito uma súbita revelação.

— Este homem não está cego! — exclamou Ivan Ogareff. — Este homem vê...

E, como a fera perseguida que busca refugiar-se no seu covil, assim o traidor começou a recuar aterradíssimo até ao fundo da sala.

— É verdade que não estou cego, infame, é verdade que vejo, covarde! — retorquiu Miguel Strogoff. — Vejo a cicatriz com que te marquei na face e vejo também o lugar onde vou ferir-te, nojento réptil. Em guarda! Defende-te, se não queres que te mate como um canalha! É um duelo que te concede por favor

aquele a quem a tua língua malvada acusou de espião russo! Para a espada de um traidor é mais que suficiente a minha faca.

— Deus misericordioso! É possível que Miguel não esteja cego! — exclamava Nadia entre lágrimas.

Ivan Ogareff percebeu que estava perdido. Entretanto, por um esforço da sua vontade, recuperou novos alentos e cresceu sobre o seu impassível adversário.

Cruzaram-se os ferros, mas ao embate da faca de Miguel Strogoff, brandida por aquela mão possante de caçador siberiano, a espada de Ivan Ogareff partiu-se em dois bocados, e o miserável, ferido mortalmente no peito, baqueou por terra, proferindo uma derradeira blasfémia.

A porta do quarto, empurrada pela parte de fora, abriu-se naquele momento. No limiar apareceu o grão-duque, seguido por alguns oficiais.

O grão-duque avançou e reconheceu no cadáver que jazia no chão o homem que até ali fora para ele o correio do czar. Depois, levantando a voz em tom ameaçador, perguntou:

— Quem matou este homem?

— Eu — apressou-se a responder Miguel Strogoff.

Um dos oficiais apontou o revólver à cabeça de Miguel Strogoff, prestes a desfechar contra ele.

— Como te chamas? — perguntou o grão-duque, suspendendo com um gesto o movimento do seu ajudante de campo.

— Pergunte-me antes Vossa Alteza como se chamava o homem que está morto a seus pés — respondeu gravemente Miguel Strogoff.

— Sei quem ele era: um servidor leal de meu irmão. Era o correio do czar.

— Este homem, perdoe-me Vossa Alteza, não era um correio do czar. Este homem era o ex-coronel Ivan Ogareff.

— Ivan Ogareff! — exclamou o grão-duque.

— Ivan, o traidor, Ivan, o infame — acrescentou Miguel Strogoff.

— Mas tu, tu, quem és?

— Sou Miguel Strogoff.

Capítulo XVI — Conclusão

Miguel Strogoff não estava nem nunca tinha estado cego. Um fenómeno puramente humano, físico e moral ao mesmo tempo, havia neutralizado o efeito da lâmina candente que o verdugo de Féofar-Cã lhe passara por diante dos olhos.

Lembram-se ainda todos que Marfa Strogoff assistira ao suplício de seu filho, estendendo-lhe os braços num paroxismo de dor. Miguel Strogoff olhava para ela, como um filho pode olhar para a mãe sabendo que nunca mais tornará a vê-la neste mundo. As lágrimas que lhe subiram em ondas do coração até aos olhos, e que ele, no seu orgulho de homem forte, mal podia disfarçar, foram-se acumulando sob as pálpebras. A estas lágrimas, que se volatilizaram depois em redor da córnea, deveu Miguel Strogoff não ficar cego. As camadas de vapor que elas produziram, interpondo-se entre a lâmina em brasa e as pupilas do supliciado, aniquilaram completamente a terrível ação do calor. Dera-se nesta ocasião um facto semelhante ao que se observa quando um operário fundidor, depois de ter metido a mão em água, pode impunemente lançar-lhe por cima um jato de metal em fusão.

Miguel Strogoff compreendeu logo o perigo que correria se revelasse a alguém o seu segredo. Viu também o partido que lhe seria fácil tirar daquela situação para atingir os seus fins. Se os tártaros o deixavam livre, era porque o supunham cego. Convinha-lhe, pois, ser cego, mas cego para todos, até mesmo para Nadia,, convinha-lhe, finalmente, que nem um gesto sequer pudesse atraiçoá-lo nesta nova fase que tomava a sua viagem. Para convencer todos da sua cegueira deveria arriscar a própria vida, e sabe-se com que abnegação ele se expôs a esta última prova.

Marfa Strogoff era a única pessoa que sabia a verdade. Seu filho prevenira-a no próprio local do suplício, quando, depois de o deixarem só com ela, se abaixara para a cobrir de beijos.

Compreende-se agora que no mesmo momento em que Ivan Ogareff, por um requinte de crueldade, colocou o ofício imperial diante dos olhos do suposto cego, o correio do czar pudesse perfeitamente ler o conteúdo daquele documento, onde se desmascaravam os odiosos tramas do traidor. Daí proveio a grande energia que Miguel Strogoff desenvolveu na segunda parte da sua viagem. Daí o seu invencível empenho em chegar a Irkutsk para dar conta verbal da missão que lhe fora confiada. Ele bem sabia que se procurava entrar na cidade por traição. Ele bem sabia que a vida do grão-duque estava em perigo. A salvação da Sibéria e do irmão do czar dependia exclusivamente da sua dedicada perseverança.

Todas estas peripécias foram em poucas palavras relatadas ao grão-duque, acentuando Miguel Strogoff com visível comoção a grande parte que nelas tinha tido a sua companheira.

— Quem é esta menina? — perguntou o grão-duque.

— É a filha do exilado Wassili Orlik — respondeu Miguel Strogoff.

— A filha do comandante Orlik não pode ser a filha de um exilado — retorquiu o grão-duque. — Em Irkutsk já não há exilados.

Nadia, menos forte na felicidade do que o fora na desventura, deixou-se cair aos pés do grão-duque. Este levantou-a com uma das mãos e estendeu a outra a Miguel Strogoff.

Pouco tempo depois achava-se Nadia nos braços de seu pai.

Miguel Strogoff, Nadia e Wassili Orlik estavam, finalmente, reunidos. Este encontro era para todos eles a suprema compensação de tantas amarguras anteriores.

Entretanto, os sitiados haviam repelido os tártaros no seu duplo assalto contra a cidade. Wassili Orlik, à frente de um pequeno número de exilados fizera retirar com grandes perdas, as forças que se tinham apresentado do lado oriental, confiadas na promessa de Ivan Ogareff, que lhes deveria abrir a porta de Bolchaia. Wassili Orlik, por um instintivo pressentimento, não se afastara daquele ponto nem um momento sequer.

Ao passo que os tártaros eram derrotados em bloco, conseguiam os habitantes de Irkutsk dominar o incêndio. As chamas provocadas pela nafta inflamada na superfície do rio concentraram os seus efeitos destruidores sobre as habitações da praia, poupando os bairros da cidade.

Antes de amanhecer já as tropas de Féofar-Cã se tinham retirado para novas posições, deixando grande número de mortos espalhados pelo campo.

Entre esses mortos achava-se o cadáver da tzigana Sangarra, que tinha inutilmente procurado aproximar-se de Ivan Ogareff.

Durante dois dias os sitiantes não tentaram nenhum novo assalto. A morte de Ivan Ogareff causara-lhes profundo desalento. Este homem era a alma da invasão, e só ele, por meio dos seus planos antecipadamente preparados, conseguira arrastar os cãs e os seus soldados à conquista da Rússia asiática.

Todavia, nem os sitiados afrouxaram de vigilância nem os tártaros deixaram de continuar o cerco.

A 8 de outubro, logo que rompeu a manhã, sentiu-se o troar do canhão sobre as alturas que dominam Irkutsk.

Era o exército auxiliar, comandado pelo general Kisselef, que anunciava ao grão-duque a sua chegada.

Em vista destes reforços, Féofar-Cã deu ordem de retirada às suas colunas. O emir não quis correr o risco de uma batalha debaixo dos muros de Irkutsk.

A capital da Sibéria oriental ia estar livre finalmente!

Com os primeiros soldados russos entraram também em Irkutsk dois amigos de Miguel Strogoff. Eram os inseparáveis Alcide Jolivet e Harry Blount. Antes que as chamas da nafta chegassem a envolver a jangada, ambos tinham saltado para cima de um banco de gelo, conseguindo assim aproximar-se da margem direita do Angara, seguidos por todos os outros fugitivos. A maneira como Alcide Jolivet conseguira escapar de morrer queimado com os seus companheiros tinha-lhe sugerido a seguinte nota no seu livro de lembranças:

«Por um triz não conheci a mesma sorte duma ostra em cima das brasas.»

Foi grande a alegria que tiveram os dois correspondentes quando tornaram a

ver Miguel Strogoff e Nadia, sãos e salvos, sobretudo quando souberam que o seu brioso e valente companheiro de viagem não estava cego. O que levou Harry Blount a registar esta observação no seu bloco-notas:

«Ferro em brasa pode não ser bastante para destruir a sensibilidade do nervo ótico. Ponto a discutir.»

Depois, os dois jornalistas, bem alojados em Irkutsk, começaram a pôr em ordem as suas impressões de viagem, de que resultou a remessa para Londres e Paris de algumas crónicas interessantes com referência à invasão tártara, as quais, caso raríssimo, somente se contradiziam em pequenos pormenores.

A retirada dos tártaros tornou-se funesta para o emir e seus aliados. A invasão, inútil como todas as que se propõem atacar o colosso russo, foi-lhes profundamente desvantajosa. Os tártaros foram vencidos pelas tropas do czar, que reconquistaram uma a uma todas as cidades tomadas por Féofar-Cã, apoderando-se ao mesmo tempo das imensas riquezas do emir, cuja distribuição serviu para indemnizar as vítimas dos invasores. Além disso, o inverno mostrou-se tão rigoroso e os assaltos das tropas fiéis ao czar tão violentos que poucos foram aqueles a quem foi dado tornar a ver as estepes da Tartária.

O caminho de Irkutsk até aos Urais estava novamente desembaraçado. O grão-duque tinha pressa em regressar a Moscovo, mas retardou a partida para assistir a uma cerimónia tocante, que se efetuou alguns dias depois da entrada das tropas russas.

Miguel Strogoff fora procurar Nadia e, diante de seu pai, tinha-lhe perguntado:

— Nadia, minha irmã ainda, quando saíste de Riga para vires ter com teu pai deixaste porventura nessa terra algumas outras saudades que não fossem as de tua mãe?

— Não, meu irmão — respondeu Nadia.

— Tens então a certeza de que o teu coração não te ficou lá preso a nenhum afeto?

— Não ficou, tenho a certeza.

— Nesse caso, Nadia, não creio que Deus nos pusesse em frente um do outro, expondo-nos juntos a tantos perigos e trabalhos, sem que tivesse decretado na Sua sabedoria a nossa união para sempre.

— Ah! — exclamou Nadia, lançando-se nos braços de Miguel Strogoff.

E voltando-se para Wassili Orlik:

— Que diz meu pai? — perguntou ela, fazendo-se muito vermelha.

— Digo que a minha maior alegria será poder chamar-vos meus filhos — respondeu Wassili Orlik, muito comovido.

A cerimónia do casamento realizou-se na catedral de Irkutsk. Muito modesta pela sua simplicidade, tornou-se muito imponente pela categoria dos convidados. Toda a população civil e militar de Irkutsk desejou testemunhar o seu profundo reconhecimento a estes noivos, cuja odisseia se tornara já lendária na cidade.

Alcide Jolivet e Harry Blount não deixaram também de assistir a este enlace, de que desejavam dar circunstanciada notícia aos seus leitores.

— E não lhe faz vontade de os imitar? — perguntou Alcide Jolivet ao seu confrade.

— Qual! Ainda se eu tivesse uma prima!...

— Minha prima já não está em idade de casar — respondeu a rir Alcide Jolivet.

— Tanto melhor — ajuntou Harry Blount —, porque, segundo se diz, vão levantar-se algumas dificuldades entre os governos de Londres e de Pequim. O meu prezado colega não sente desejos de ir ver o que se passa pela China?

— Ora essa, meu caro Blount! — exclamou Alcide Jolivet. — Ia agora mesmo propor-lhe esse passeio.

E aqui está como os dois inseparáveis jornalistas foram dar consigo no Celeste Império!

Alguns dias depois do seu casamento, Miguel e Nadia Strogoff, acompanhados por Wassili Orlik, saíram de Irkutsk em direção à Rússia europeia. Aquela estrada de amarguras na vinda converteu-se num caminho de felicidade no regresso. Os três viajantes corriam agora a bom correr num dos

trenós que percorrem as estepes da Sibéria com a velocidade de um expresso de caminho de ferro.

Ao chegarem, contudo, às margens do Dinka, detiveram-se um dia., Miguel Strogoff tornou a dar com o local onde o pobre Nicolau fora enterrado. Em cima daquela humilde sepultura colocaram os noivos uma cruz de madeira.

Nadia rezou ainda mais uma vez pelo eterno descanso do bom e generoso amigo, que nem ela nem seu marido poderiam esquecer jamais.

Em Omsk, a velha Marfa estava à espera dos noivos, na pequena habitação dos Strogoff. A corajosa siberiana apertou nos seus braços e com extrema ternura aquela a quem, já no íntimo do coração cem vezes chamara filha.

Nesse dia teve ela o ensejo de dizer bem alto que era mãe de Miguel Strogoff, justamente orgulhosa de tal maternidade.

Depois de passarem alguns dias em Omsk, Miguel Strogoff, Nadia e seu pai regressaram à Rússia europeia.

Wassili Orlik foi residir para São Petersburgo e os seus dois filhos só o deixavam quando iam visitar a velha Marfa.

Miguel Strogoff foi recebido com todas as honras pelo czar, que lhe colocou ao peito a Cruz de São Jorge e o empregou no seu serviço particular.

Com o tempo, o antigo correio chegou a desempenhar importantes missões e a ocupar elevados cargos no Império. Mas isso não interessa referir. O que interessa revelar são as provações por que passou e os feitos que cometeu para cumprir o seu dever.

NOTAS

1 — Espécie de carro sem molas feito de travessas de pinho com uma capa de couro, um estribo, um guarda-lama e dois pares de rodas, separados um do outro nove a dez pés.

2 — A versta equivale a 1067 metros pouco mais de 1 quilómetro.

3 — O rublo, moeda de prata, valia 675 réis. O kopek, moeda de cobre, valia aproximadamente 10 réis.

4 — Espécie de bolo folhado.

5 — Caviar é um prato russo que se compõe de ovas salgadas de esturjão.

6 — Gorjetas.

7 — Chama-se dakk este fato, é muito leve e, contudo, absolutamente impermeável.

8 — Moeda de ouro russa, que valia 5 rublos.

9 — Tratamento que se dá aos sultões de Bucara, equivale a “Sire”.

10 — Moeda de ouro persa.

11 — A fantasia é um divertimento equestre e militar, usado pelos árabes, que consiste em lançar o cavalo a todo o galope e depois fazê-lo parar de repente ou descrever círculos, evoluções estas acompanhadas de sucessivos tiros de espingarda.

12 — Espécie de vasilha usada na Rússia para preparar o chá.

13 — Aproximadamente 42 graus abaixo de zero.

14 — Antiga dinastia que reinou na Lituânia e na Polónia e que teve por fundador o grão-duque Jagiel, depois rei da Polónia.